

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELISABETE REGINA BAPTISTA DE OLIVEIRA

**“MINHA VIDA DE AMEBA”: OS *SCRIPTS* SEXO-
NORMATIVOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS
ASSEXUALIDADES NA INTERNET E NA ESCOLA**

São Paulo

2014

ELISABETE REGINA BAPTISTA DE OLIVEIRA

**“MINHA VIDA DE AMEBA”: OS *SCRIPTS* SEXO-
NORMATIVOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS
ASSEXUALIDADES NA INTERNET E NA ESCOLA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo para a
obtenção do Título de Doutora em Educação

Área de Concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.255 Oliveira, Elisabete Regina Baptista de
O48m “Minha vida de ameba”: os *scripts* sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola / Elisabete Regina Baptista de Oliveira; orientação Cláudia Pereira Vianna. São Paulo: s.n., 2014.
225 p. tabs.; apêndices

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Assexualidade 2. Diversidade sexual 3. Educação 4. Educação em sexualidade 5. Relações de Gênero 6. Sexualidade I. Vianna, Cláudia Pereira, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Elisabete Regina Baptista de Oliveira

“Minha vida de ameba”: os *scripts* sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna

Aprovada em: 06/03/2015

Banca Examinadora

Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna (orientadora)

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Instituição: Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

Profa. Dra. Helena Altmann

Instituição: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Profa. Dra. Marília Pontes Espósito

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Vera Silvia Paiva Faccioli

Instituição: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho a todas as maravilhosas pessoas assexuais que tive o privilégio de conhecer, com quem tive a honra de interagir e aprender, e que tanto enriqueceram minha vida ao longo desta investigação.

Estendo a dedicatória, igualmente, a todos/a os/as que lutam por uma sociedade igualitária, acolhedora e respeitosa à diversidade sexual, na qual as diferenças não sejam mais que dimensões da infinita e extraordinária pluralidade humana.

AGRADECIMENTOS

É um privilégio chegar ao final de quatro anos de trabalho de pesquisa e poder agradecer a todos e todas que estiveram direta ou indiretamente envolvidos/as na monumental tarefa de execução deste empreendimento. Embora pareça, o trabalho intelectual não é realizado somente na solidão de nossas leituras e no isolamento de nossas reflexões. É justamente nos momentos de troca com nossos pares, no convívio com amigos/as, nos diálogos com orientadores/as e momentos de lazer compartilhados com a família, é que o trabalho encontra espaço para crescer e florescer. Portanto, minha mais profunda gratidão às pessoas que colaboraram nesse processo.

É com o coração emocionado que agradeço à querida Profa. Dra. Cláudia Pereira Vianna, primeiramente, por ter aceitado o desafio de orientar a pesquisa de um tema ainda incipiente no Brasil, compartilhando tão generosamente seu sólido conhecimento e sua firme experiência. Sua orientação precisa levou-me ao crescimento, não somente como pesquisadora, mas também como pensadora crítica e independente. Agradeço também por sua inabalável amizade, que me sustentou nos momentos difíceis deste percurso, encorajando-me a seguir em frente, nunca me permitindo esmorecer ou desistir diante das dificuldades. A você, Cláudia, meu eterno reconhecimento e profunda gratidão!

Um agradecimento muito carinhoso à estimada Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, minha primeira mentora na pesquisa acadêmica, a qual me acompanhou desde a graduação em pedagogia até a conclusão do mestrado, oferecendo-me inúmeras oportunidades de aprendizagem e amadurecimento. Sem este valioso apoio, sempre paciente, carinhoso e compreensivo, certamente, teria sido muito difícil chegar até aqui.

Ao nosso Grupo de Estudos de Gênero, Educação e Cultura Sexual (EdGES) coordenado pelas professoras Cláudia Pereira Vianna e Marília Pinto de Carvalho na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, especialmente ao querido grupo apelidado de *Orientagênero* - composto pelos orientandos/as de Cláudia Pereira Vianna - pela valiosa experiência de crescimento intelectual, bem como pelo apoio mútuo e solidariedade nos momentos de crises pessoais. As discussões realizadas junto ao EdGES – foram fundamentais no avanço desta pesquisa. Portanto, agradeço profusamente a todos e todas, que ao longo dos anos, contribuíram para este resultado:

Lula Ramires, Edna de Oliveira Telles, Paulo Neves, Maria Cristina Cavaleiro, Carolina Alvarenga, Liane Rizzato, Osmar Garcia, Tati Carvalho, Alexandre Gomes, Adriano Senkevics, Hamilton Vieira, Karina de Souza, Natália da Cruz, Ana Paula Costa, Rosemeire dos Santos Brito, Tamara Grigorowitschs, Karen Ribeiro, Cláudio Silva, Maria José de Freitas e Daniela Finco. Agradecimento especial ao Prof. Dr. Celso João Ferretti, o qual me desafiou – em nossas reuniões do grupo de orientação – a pensar a metodologia para este trabalho como etapa importante para sucesso da pesquisa. Muito obrigada, professor!

À organização não governamental ECOS – Comunicação em Sexualidade, que me proporcionou oportunidades valiosas de amadurecimento como pesquisadora. Meus mais profundos agradecimentos às queridas Sylvia Cavasin, Thais Gava, Sandra Unbehau, Lena Franco, Vera Simonetti, Silvani Arruda, Denize Pereira, Sandra Pessoa e aos queridos Osmar Leite e Teo Araújo. A contribuição oferecida pela ECOS ao meu desenvolvimento no campo da sexualidade, gênero e diversidade sexual foi inestimável; meu agradecimento nunca estará à altura do aprendizado ali adquirido. A ECOS sempre será, para mim, minha casa e minha família.

Agradeço ao GETESE – Grupo de Temas de Sociologia da Educação, coordenado pela Profa. Dra. Marília Pontes Sposito, o qual muito contribuiu com suas discussões para a elaboração de meu projeto de pesquisa. Agradeço também aos membros do grupo, que acompanharam importantes debates: Elias Gomes, Maria Carla Corrochano, Ana Karina Brenner, Marla Oliveira Santos, Fernanda Arantes e Silva, Hamilton Harley, Odete Andrade, Marcos Silva, Regina Cabral, Flávia Souza, Fábio Franco, Marilena Nakano, Elmir de Almeida, entre outros/as colegas queridos/as que compartilharam as discussões teóricas ao longo dos anos.

Meus agradecimentos ao *Asexualities Studies*, grupo virtual formado por corajosos/as e pioneiros/as estudiosos/as da assexualidade do mundo todo, o qual compartilhou comigo a escassa – agora crescente! - literatura sobre a assexualidade. Agradecimentos especiais aos/às colegas pesquisadores/as Andrew Hinderlinter, Mark Carrigan, CJ Chasin, Elzbieta Przybylo e Caroline McClave. Agradeço à jovem antropóloga portuguesa Rita Alcaire – a qual desenvolve pesquisa de doutorado sobre a assexualidade na Universidade de Coimbra - pela interlocução produtiva, por nossas trocas e apoio mútuo.

Minha gratidão ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo por acreditar na viabilidade desta pesquisa. Agradeço à CPG – Comissão de Pós-Graduação pelo apoio nos momentos necessários. Meu reconhecimento é estendido, também, aos/às funcionários/as da Secretaria da Pós-Graduação, os quais, com muita eficiência, conduzem todos os aspectos burocráticos do trabalho dos pós-graduandos, sempre com muita simpatia e solidariedade. Tenho que agradecer aos funcionários de diversas bibliotecas da universidade: Biblioteca da Faculdade de Educação, Biblioteca do Instituto de Psicologia e Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, os quais facilitaram o acesso à bibliografia necessária à realização da investigação.

Muitos e muitas são os/as docentes a quem tenho que agradecer. Da banca de ingresso ao doutorado na FEUSP, agradeço às Professoras Doutoras Denise Trento Rebello de Souza, Maria Victoria de Mesquita Benevides Soares e Flávia Inês Schilling, pelo acolhimento e seriedade com que discutiram meu projeto. Na banca de qualificação, agradeço à Profa. Dra. Vera Silvia Facciolla Paiva, do Instituto de Psicologia - USP e ao Prof. Dr. Júlio de Assis Simões, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, os quais trouxeram contribuições valiosíssimas para a continuidade do trabalho. Adicionalmente, agradeço aos/às docentes responsáveis pelas disciplinas cursadas durante o doutorado: Profa. Dra. Flávia Inês Schilling (FEUSP), Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida (FFLCH-USP), Profa. Dra. Vera Sílvia Facciolla Paiva (IP-USP) e Profa. Dra. Cláudia Vianna (FEUSP).

Nenhuma palavra conseguiria expressar meu agradecimento a meus pais, Sylvia Baptista de Oliveira e Udson Alves de Oliveira, os quais me ensinaram, desde muito cedo, a valorizar a educação como única forma de evoluir como ser humano. À minha querida *mãezinha* e ao meu querido *paizinho*, um abraço muito apertado, carinhoso, agradecido e cheio de amor.

A meus irmãos Pierre e Izilda, meus cunhados Adriana e Paulo Roberto, bem como meus sobrinhos e sobrinhas – Ravenna, Yone, Ruan, Júlio, Santiago, Pierre Júnior, Vinícius e Nicoli - agradeço pelo carinho, compreensão e incentivo. Agradecimentos especiais a meu sobrinho Santiago Vieira e minha sobrinha Yone Mayara Alves de Oliveira pela cuidadosa e dedicada transcrição das gravações das entrevistas presenciais da pesquisa. Vocês enriquecem a minha vida!

Como deixar de agradecer aos/às amigos/as? São eles e elas que ouvem nossas queixas, aturam nossas lamentações, nos apoiam, nos encorajam e cuidam de nós. Muito obrigada, querida Márcia Vieira por sua amizade inabalável, por seu carinho, por seu suporte ao longo dos últimos anos. Ao Fábio Maschio, Sofia e Marcinho pelo acolhimento e afeição em todos os momentos. À força indescritível da doce Cleonice Boati, você tocou minha vida, um beijo enorme no coração. Minha diletta amiga-irmã Estela Vanuchi, longe na distância, mas sempre perto do coração! Prima querida, amiga mais querida ainda: obrigada, amada Fabíola Borges, pelo amparo nos momentos difíceis, pelo carinho e cuidado. Thais Gava e Sylvia Cavasin, o que dizer sobre vocês? Parceiras, companheiras, camaradas, amigas, solidárias, e muito, muito amadas mesmo!

Não poderia deixar de agradecer àqueles e àquelas que assumiram as tarefas que não pude desempenhar durante os meses finais da pesquisa, entre esses, os funcionários do Restaurante Tim Tim que forneceram minhas refeições - sempre deliciosas e caprichadas. Obrigada, Toninho, Maria, Ana Cláudia e aos demais!

Meus mais sinceros agradecimentos às 40 pessoas assexuais entrevistadas, moradoras de diversas partes do Brasil, que aceitaram tão corajosamente meu convite para compartilhar suas experiências, seus sofrimentos e as lutas de seu cotidiano para que esta pesquisa fosse possível. Agradeço a confiança em mim depositada e espero que este trabalho – resultado de um esforço conjunto de pesquisadora e pesquisados/as - contribua para a visibilidade da assexualidade na sociedade, fomentando novas discussões e propiciando mais profundas investigações.

Igualmente, agradeço aos membros da *Comunidade Assexual A2*, nas pessoas de seu fundador, seus administradores/as, moderadores/as e membros, assim como à *Rede Assexual* e a todas aos grupos/comunidades assexuais abrigados/as no *Facebook* e no *Orkut*, cujos membros acreditaram na pesquisa e buscaram contribuir com as discussões.

Espero não ter esquecido ninguém! A todos e todas, minha gratidão é imensurável!

Sou um estrangeiro neste mundo. Sou estrangeiro, e há na vida do estrangeiro uma solidão pesada e um isolamento doloroso. Sou, assim, levado a pensar sempre numa pátria encantada que não conheço, e a sonhar com os sortilégios de uma terra longínqua que nunca visitei. [...]

Sou um estrangeiro, e já percorri o mundo, do Oriente ao Ocidente, sem encontrar a minha terra natal, nem quem me conheça ou se lembre de mim. [...]

Sou um estrangeiro, e não há no mundo quem conheça uma palavra do idioma da minha alma.

Gibran Khalil Gibran, *Temporais*

RESUMO

OLIVEIRA, Elisabete Regina B. “Minha vida de ameba”: os *scripts* sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. 225 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014

O objetivo desta pesquisa de doutorado é compreender as trajetórias de autoidentificação de indivíduos assexuais, com destaque para suas interações sociais na escola durante os anos da educação básica. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica, que se insere nos estudos de diversidade sexual no âmbito escolar, sob a ótica de gênero. A assexualidade é compreendida, neste trabalho, como forma de viver a sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhado pelo desinteresse por relacionamentos amorosos. O desinteresse sexual/amoroso - construído social, histórica e culturalmente como transtorno psicológico ou fisiológico - tem sido ressignificado, a partir do início do século XXI, como forma distinta e legítima de sexualidade, situada no espectro mais amplo da diversidade sexual. A emergência de comunidades assexuais virtuais, com vários graus de mobilização em diferentes países – inclusive no Brasil - tem dado visibilidade a esta categoria e contribuído para fomentar a discussão e os estudos sobre a assexualidade. Para esta pesquisa, foram entrevistadas 40 pessoas autoidentificadas como assexuais - sendo 8 entrevistas presenciais e 32 entrevistas por *e-mail* -, as quais foram contatadas pelo *Blog Assexualidades*, ferramenta virtual de pesquisa criada com o objetivo de facilitar a comunicação com comunidades e indivíduos assexuais brasileiros. A análise teve por base a bibliografia construcionista sobre a sexualidade, com destaque para a *Teoria dos Scripts Sexuais* dos sociólogos norte-americanos John Gagnon e William Simon, bem como a teoria de gênero de Joan Scott, entre outros/as estudiosos/as da sexualidade na perspectiva construcionista. Os resultados da investigação mostram de que modo os *scripts sexonormativos* - diretrizes baseadas em normas sociais que estabelecem o interesse sexual/amoroso como universal e a atividade sexual como compulsória nas relações amorosas, presentes nas construções de sexualidade e gênero - permeiam as experiências de autoidentificação dos/as entrevistados/as, sobretudo, em suas interações na internet e com os pares na instituição escolar. Por um lado, as comunidades virtuais e redes sociais têm um peso significativo na afirmação da assexualidade na contemporaneidade, uma vez que o conceito de assexualidade nasceu e tem se propagado na internet, agregando pessoas do mundo todo em torno da identidade assexual. Por outro lado, a escola se revela local imprescindível para a imposição dos padrões de gênero e sexualidade que chancelam *scripts hetero e sexonormativos*, porém, muito ausente em relação ao debate sobre as especificidades da assexualidade e pouco presente na mediação das tensões que podem garantir ou violar o reconhecimento da diversidade sexual em suas ações no âmbito da educação em sexualidade.

Palavras-chave: assexualidade; diversidade sexual; educação; educação em sexualidade; relações de gênero; sexualidade.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Elisabete Regina B. “My life as an amoeba”: sexual normative scripts and the social construction of asexualities on the internet and in school. 2014. 225 f. Thesis (Doctorate Degree) – Education College, University of São Paulo, São Paulo, 2014

The purpose of this doctoral research is to understand self-identification trajectories of asexual individuals, giving emphasis to their school experiences and interactions during basic education. This is an exploratory qualitative sociological research, part of school sexual diversity studies, under the perspective of gender. In this research, asexuality is understood as a form of sexuality characterized by the disinterest in sexual activity, which may or may not be accompanied by the lack of interest in romantic relationships. Sexual/romantic disinterest - constructed socially, historically and culturally as a psychological or physiological disorder - has been reinterpreted as of the beginning of the 20th century, as a distinct and legitimate form of sexuality, situated within the broader spectrum of sexual diversity. The emergence of online asexual communities, with varying degrees of mobilization in different countries - including Brazil - has given visibility to this category and has contributed to discussion and research about asexuality. For this research, I interviewed 40 self-identified asexual people – 8 face to face interviews and 32 e-mail interviews - who were contacted through *Blog Assexualidades*, an online research tool created to facilitate communication with Brazilian asexual individuals and communities. The analysis was based on the constructionist literature on sexuality, particularly John Gagnon and William Simon’s Sexual Script Theory, as well as Joan Scott’s gender theory, among other constructionist theorists. Research results show how sexual normative scripts – i.e. assumptions based on the universality of sexual/romantic interest and the naturalization of sexual activity in romantic relationships as part of social construction of sexuality and gender - permeate respondents’ self-identification experiences, particularly in their internet interactions and their peer relations during the school years. On one hand, online communities and social networks play a significant role in the affirmation of asexuality in contemporaneity, taking into consideration the fact that asexuality was created and has expanded on the internet, gathering people from all over the world around an asexual identity. On the other hand, research findings show that the school environment has been essential for the imposition of gender and sexuality standards that legitimate sexual and heteronormative *scripts*. However, the school institution has been neglectful about the discussion of the specificities of asexuality and has been doing very little to mediate the tensions that can either guarantee or violate the recognition of sexual diversity in sexuality education initiatives.

Key words: asexuality; sexual diversity; education; sexuality education; gender relations; sexuality

SUMÁRIO

Apresentação	15
Capítulo 1 – Aproximações ao objeto e ao método: meu mergulho no mundo assexual.....	18
1.1 A busca, o encontro, o encantamento e o impasse	20
1.2 Como a espuma encontrou a areia... ..	29
1.3 O <i>Blog Assexualidades</i> : repercussões de um canal de comunicação	35
1.4 Refletindo sobre os rumos da pesquisa	40
Capítulo 2 – Diversidade sexual e educação: as matrizes da sexo-normatividade e a emergência das assexualidades.....	44
2.1 Sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação: algumas considerações iniciais.....	45
2.2 Do essencialismo ao construcionismo: a persistência do paradigma sexo-normativo nas construções de sexualidade e gênero.....	51
2.3 A configuração das assexualidades: o encontro do “paraíso perdido” e a busca pela normalização do desinteresse sexual e amoroso.....	59
2.4 Pensando as assexualidades a partir da Teoria dos <i>Scripts</i> Sexuais.....	72
Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos da pesquisa	79
3.1 Da abordagem metodológica.....	81
3.2 Considerações sobre entrevistas presenciais e por <i>e-mail</i>	85
3.3 Dos procedimentos de coleta de dados	92
3.4 Panorama do campo: perfis dos/as entrevistados/as	98
Capítulo 4 – Biografias Assexuais: vivências na sociedade sexo-normativa	105
4.1 Vladimir: “Eu mentia, falava que tinha uma namoradinha”.....	105
4.2 Gilda: “A prática do sexo para mim era um pedágio social”	109
4.3 Fernando: “Eu diferencio o sexual do afetivo”	111
4.4 Giovana: “Sou mais respeitada quando me veem como doente”	115
4.5 Tiago: “Ser assexual é não fazer questão de sexo”	120
4.6 Clara: “Eu não gosto de sexo e existem outras pessoas assim”	124
4.7 Caetano: “Paixão de 3ª. série, sabe? Estar com a pessoa; só isso”	127
4.8 Rebeca: “Não sou uma pessoal ‘apaixonável’”	131
Capítulo 5 – <i>Scripts</i> sexo-normativos em ação: itinerários de busca, descoberta e identificação	134
5.1 Trajetórias de autoidentificação: percepções, hipóteses e encontros.....	136
5.1.1 A percepção da diferença e construção de hipóteses.....	136
5.1.2 Enfim, o encontro: “ <i>Existem outros como eu!</i> ”	159

5.1.3	O processo de (não) revelação: decisões e contingências	170
5.2	Assexuais na escola: entre a invisibilidade e a incompreensão.....	174
5.2.1	Educação sexual escolar: a ausência da diversidade	178
5.2.2	Perspectivas de inclusão: discutindo as diferentes formas de amar	188
	Considerações finais	202
	REFERÊNCIAS.....	209
	APÊNDICES	221

Apresentação

Escuro e nebuloso é o começo de todas as coisas, mas não seu fim.

Gibran Khalil Gibran, *O Profeta*

Considerado historicamente um distúrbio de ordem psicológica ou fisiológica na literatura médica, bem como um problema no senso comum, o desinteresse sexual e/ou amoroso - ou pelo menos uma parcela deste - ganha novo significado, a partir do início do século XXI, com o surgimento e crescimento de comunidades virtuais que reúnem membros em torno da identidade *assexual*. Neste novo paradigma - reforçado pelos assexuais - o desinteresse sexual e/ou amoroso tem sido compreendido como parte do espectro da diversidade sexual humana, sendo característica de uma forma distinta de vivência da sexualidade, que não se fundamenta no pressuposto do interesse sexual e amoroso universal e compulsório, como ocorre com as sexualidades mais conhecidas e estudadas.

Mas, como analisar e contextualizar uma sexualidade que, por sua própria definição, desequilibra os alicerces do postulado mais importante sobre a sexualidade humana, ou seja, o de que *todas* as pessoas do mundo sentem - ou deveriam sentir - interesse pelo sexo e pelos relacionamentos amorosos? Esta pergunta, feita por Karli June Cerankowski e Megan Milks (2010), descreve com precisão os desafios trazidos pela assexualidade aos estudos de sexualidade neste início de século. Somente um exercício de desconstrução desses pilares - e sua posterior reconstrução sobre novas bases - poderia situar a assexualidade no interior do debate teórico sobre as diversas sexualidades. Este trabalho busca contribuir neste sentido.

O objetivo desta pesquisa de doutorado é compreender as trajetórias de autoidentificação de indivíduos assexuais, com destaque para suas interações sociais na escola, durante os anos da educação básica. A assexualidade é compreendida, nesta investigação, como uma forma de viver a sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhado pelo desinteresse por relacionamentos amorosos.

Nesse sentido, a pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica – que se insere nos estudos de diversidade sexual na instituição escolar -

demonstra que a universalização e a naturalização do interesse sexual e amoroso - bem como a compulsoriedade da atividade sexual nos relacionamentos amorosos - permeiam as construções normativas de sexualidade e gênero, desta forma, patologizando a vivência de pessoas autoidentificadas como assexuais. Apresenta-se dados empíricos colhidos em campo e analisados à luz de fundamentação teórica dos estudos de sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação, na perspectiva sociológica. Por meio de roteiros semiestruturados, foram entrevistadas 40 pessoas autoidentificadas como assexuais, com idades que variam de 15 a 59 anos, moradoras de diversas regiões do Brasil, com o objetivo de conhecer e analisar suas trajetórias de autoidentificação. Das 40 entrevistas, 8 foram realizadas presencialmente e 32 por *e-mail*.

A tese encontra-se dividida em cinco capítulos. Em primeiro lugar, no Capítulo 1, relato os caminhos de construção da investigação, desde o momento em que me deparei com o conceito de assexualidade até a criação do *Blog Assexualidades*, que se tornou uma ferramenta de pesquisa e um canal de interação com indivíduos, grupos e comunidades assexuais do Brasil. No final do Capítulo 1, apresento uma reflexão sobre os rumos da investigação após a criação do *blog*, refletindo sobre meu papel como pesquisadora em minha relação com o campo de investigação. Essa reflexão torna-se necessária uma vez que tanto o *blog* – que promoveu a divulgação da pesquisa – assim como minhas entrevistas à mídia sobre o tema, contribuíram para a produção de discursos sobre a assexualidade no Brasil, impactando o universo pesquisado.

A seguir, no Capítulo 2, primeiramente, busco refletir sobre as intersecções entre sexualidade, diversidade sexual, gênero e educação, destacando a importância da instituição escolar no enfrentamento da discriminação às sexualidades não normativas. Em seguida, recupero as matrizes históricas, culturais e sociais do que denomino *sexo-normatividade*, ou seja, o conjunto de normas sociais que estabelece a universalidade do interesse afetivo-sexual, a compulsoriedade da atividade sexual nas relações amorosas e a centralidade das relações afetivo-sexuais nas construções sociais de sexualidade e gênero. Também neste capítulo, busco um diálogo com autores/as contemporâneos, estudiosos/as da sexualidade, diversidade sexual e das relações de gênero - os quais fundamentam teoricamente as análises dos resultados do campo - com destaque para a Teoria dos *Scripts* Sexuais, de John Gagnon e William Simon (1973). Apresento, também, neste capítulo, o contexto da explosão discursiva que deu origem à categoria *assexualidade* no início do século XXI, mostrando o papel essencial das tecnologias de

informação e comunicação - sobretudo, da internet – na formação e multiplicação de comunidades virtuais de assexuais no mundo todo.

O Capítulo 3 traz o detalhamento dos procedimentos metodológicos do trabalho de campo, explanando o percurso metodológico da pesquisa, o processo de construção dos instrumentos de investigação, a busca de contatos com os/as participantes e a sistematização dos perfis dos/as entrevistados/as. O Capítulo 4 traz as biografias das 8 pessoas entrevistadas presencialmente, buscando oferecer um panorama geral das vivências dos/as participantes, com destaque para o histórico de autoidentificação como assexual e de que modo essa identificação se insere em seu cotidiano nos espaços sociais.

O Capítulo 5 apresenta a análise do material empírico coletado durante o trabalho de campo, buscando um aprofundamento na compreensão do processo de autoidentificação da assexualidade, com ênfase nos anos escolares dos/as 40 entrevistados/as. Para isso, busca-se conhecer os fatores que levaram os/as participantes a perceber que eram diferentes em relação aos pares e que hipóteses construíram, na época, para compreender essa diferença. Em seguida, os/as informantes discorrem sobre sua busca identitária e seu encontro com o conceito de assexualidade, bem como os motivos que os/as levaram a assumir essa identidade e decidir por sua revelação – ou não - em seus círculos sociais. Por último, a partir de suas experiências com a educação sexual escolar, os/as participantes expressam suas expectativas e opiniões sobre a inclusão da assexualidade nas ações da escola no campo da educação sexual.

As Considerações Finais trazem as principais conclusões da análise do material empírico, com destaque para os resultados relevantes para a área de educação. Em primeiro lugar, esta investigação constatou a importância da instituição escolar – sobretudo, da interação com os pares na escola – para a percepção dos/as entrevistados sobre aspectos distintos de sua sexualidade. Em segundo lugar, a ausência da escola – mas também de outras instâncias socializadoras - em acolher a diversidade, levaram-nos a empreender sua busca identitária no espaço virtual, onde “descobriram” e se identificaram com o conceito de assexualidade. Isso indica o fortalecimento das novas configurações do processo de socialização na contemporaneidade e o possível enfraquecimento das instâncias socializadoras tradicionais – especialmente, a família e a escola – sobre as quais discorre Maria da Graça J. Setton (2002; 2005).

Capítulo 1 – Aproximações ao objeto e ao método: meu mergulho no mundo assexual

Para sempre caminharei por estas praias, entre a areia e a espuma.

Gibran Khalil Gibran, *A areia e a espuma*

Se fosse usar a metáfora - frequente em relatos de pesquisa - que chama de *caminho* a sequência de acasos, decisões, sucessos, fracassos e problemas comuns ao longo de uma investigação científica, diria que o caminho seguido por este trabalho traz singularidades quase tão importantes quanto os resultados. Portanto, decidi narrar, neste capítulo introdutório, o caminho trilhado na construção da pesquisa, uma vez que foi sendo tecido simultaneamente à construção do objeto, estabelecendo com este uma relação de interdependência, dada a natureza dos desafios que se colocaram. Início, por conseguinte, relatando os meandros que me levaram a eleger a assexualidade como objeto de investigação.

A presente pesquisa teve sua gênese em 2009 - cerca de um ano antes do ingresso oficial no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Foi quando me deparei com o conceito de assexualidade pela primeira vez, enquanto fazia busca de temas possíveis para pesquisa no campo da diversidade sexual no âmbito da educação. Dois anos antes, havia defendido minha dissertação de mestrado - também na Faculdade de Educação da USP - a qual tratava de experiências de gravidez e maternidade de jovens mulheres de estratos populares do município de São Paulo, sob a ótica de gênero (OLIVEIRA, 2007). Portanto, a sexualidade e as relações de gênero já faziam parte de meus interesses de pesquisa, constituindo territórios de conhecimento já familiares.

Para o doutorado, tinha o objetivo de aprofundar os estudos no campo da sexualidade e educação, porém, desta vez, adentrando a complexa seara da diversidade sexual. A partir das leituras e discussões no grupo de “Estudos de Gênero, Educação e Cultura Sexual” (EdGES), da Faculdade de Educação da USP, o tema da diversidade sexual - em intersecção com a educação e as relações de gênero - passou a me interessar cada vez mais, motivada também por colegas do grupo que desenvolviam, na época, pesquisas sobre homossexualidade na instituição escolar, explorando o grave problema

da homofobia nas escolas. A perspectiva de juntar forças a essas iniciativas investigatórias, definitivamente, me convenceu a buscar inserção nesse nicho.

Acredito que a pesquisa da diversidade sexual seja nada mais que o desdobramento dos estudos das relações de gênero, uma vez que os significados das masculinidades e feminilidades - construídos socialmente em determinados contextos culturais e históricos - determinam as expectativas sociais em relação ao sexo designado socialmente no nascimento. Quando a expressão da sexualidade mostra-se diferente dos padrões normativos esperados socialmente - seja por orientação sexual ou identidade de gênero¹ - o indivíduo em questão passa a correr o risco de discriminação, ou até mesmo de violência, física ou simbólica. Por outro lado, aqueles e aquelas cujos comportamentos e identidades sexuais seguem os padrões socialmente aceitos e valorizados nem sempre conseguem compreender e aceitar a diferença do/a outro/a. A ação educativa da instituição escolar passa a ser crucial como possível mediadora das tensões que podem surgir a partir dessas diferenças.

Para a área de educação, sobretudo para a educação escolar, compreender a diversidade sexual torna-se especialmente importante, uma vez que a escola constitui o cenário de importantes interações sociais na infância, adolescência e juventude, períodos nos quais ocorre o amadurecimento sexual, o relacionamento com os pares será fortalecido e as primeiras experiências amorosas e/ou sexuais poderão desabrochar. Quando as manifestações da sexualidade acontecem fora do contexto normativo esperado, a instituição escolar, bem como seus atores, deve estar preparada para agir no sentido de educar para o respeito e a solidariedade, assegurando o direito de cada aluno/a à educação de qualidade, livre de opressão e discriminação, garantindo sua cidadania e integridade. São esses os motivos que me fizeram acreditar na importância do estudo da diversidade sexual no contexto da educação escolar, e que me levaram - em última análise - ao desenvolvimento desta investigação sobre a assexualidade.

Os pormenores do itinerário percorrido para a construção da assexualidade como objeto desta pesquisa estarão divididos, neste capítulo, em quatro tópicos. Sempre que

¹Neste trabalho, entendo a categoria *orientação sexual*, conforme definição de Lisa Diamond como “padrão de desejo sexual consistente e estável por indivíduos do mesmo sexo, do outro sexo ou por qualquer dos sexos.” (DIAMOND, 2008, p. 12). Para *identidade de gênero*, utilizo a definição dos *Princípios de Yogyakarta* (2007): “experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo [...] e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismo.”

possível, o relato seguirá a ordem cronológica dos fatos, mas haverá algumas exceções, que serão explicadas oportunamente. Convém alertar o/a leitor/a que grande parte deste capítulo narra fatos ocorridos anteriormente ao início oficial da pesquisa na Faculdade de Educação da USP, durante o levantamento de informações para a construção do projeto. Concluí que tais fatos são relevantes para os desdobramentos que viriam a seguir, sendo que seu conhecimento enriquece a compreensão do processo como um todo.

O tópico inicial discorre sobre meu primeiro encontro com o conceito de assexualidade, assim como as dificuldades que me levaram a um impasse sobre a viabilidade da pesquisa. No segundo tópico, narro os acontecimentos inesperados que dissiparam minhas dúvidas e me colocaram no caminho da construção do projeto. A seguir, no terceiro tópico, disserto sobre a criação do *Blog Assexualidades*, ferramenta desenvolvida por mim com objetivo de disponibilizar um canal de comunicação com a comunidade assexual brasileira, facilitando, assim, a aproximação com possíveis interlocutores/as. No último tópico, relato os desdobramentos inusitados que a criação do *Blog Assexualidades* trouxe à investigação, os quais me obrigaram a refletir sobre a imprevisibilidade dos rumos da pesquisa empírica realizada no meio virtual, mas também me mostraram que assumir riscos - e aprender a administrá-los - faz parte do processo de amadurecimento do/a pesquisador/a. Embora tais riscos tenham gerado uma dose substancial de insegurança em alguns momentos - obrigando-me a reforçar os cuidados com os aspectos éticos da investigação - o resultado final me deixa orgulhosa de tê-los assumido.

1.1 A busca, o encontro, o encantamento e o impasse

Uma vez decidido que construiria o projeto de doutorado abordando a diversidade sexual na educação, em 2009 fiz um levantamento informal na Base de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), com o objetivo de traçar um breve quadro da produção da pós-graduação brasileira sobre diversidade sexual e identificar possíveis tópicos emergentes. Os dados revelaram um número crescente de trabalhos defendidos principalmente a partir de meados dos anos 1990 – com grande impulso a partir dos anos 2000. Em minha percepção, grande parte dos trabalhos abordava a homossexualidade - sobretudo,

a homossexualidade masculina - com um discreto, porém constante, crescimento de trabalhos com foco em lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. No campo da educação, a homofobia nas escolas, bem como as diversas experiências com as discriminações por identidade sexual, constituía tema cada vez mais presente no conjunto das pesquisas. Após o breve sobrevoo na produção apresentada pela CAPES, passei a pesquisar a diversidade sexual em mecanismos gerais de busca na internet, mais especificamente, no *Google*² e sua ferramenta voltada à pesquisa científica, o *Google Acadêmico*.

Nesse sentido, com o objetivo de verificar a possível existência de grupos sub-representados da diversidade sexual - ou de ângulos ainda não explorados ou pouco visitados pela educação - fiz uma busca dos termos *diversidade sexual* e *orientação sexual*, em português e inglês. E foi assim que cheguei à palavra *asexuality*, ao assistir a um vídeo no qual uma jovem norte-americana identificava-se como assexual e explicava o conceito de assexualidade. Devo dizer que a descoberta me causou enorme estranhamento - que mais tarde deu lugar ao encantamento - ao ouvir aquela jovem declarando, de modo tranquilo, que não tinha nenhum interesse em relacionamentos sexuais ou amorosos, sendo feliz e realizada em sua vida pessoal voando *solo*. Este vídeo levou-me a outros, também com depoimentos de muitas outras pessoas - quase todas norte-americanas - afirmando que o sexo não fazia parte de suas vidas, e que sofriam a pressão de uma sociedade sexualizada que não as compreendia, pressionando-as a buscar parceiros sexuais e amorosos.

Praticamente todos os depoentes referiam-se à assexualidade como uma orientação sexual - apesar de alguns conflitos conceituais³ - para eles, tão legítima quanto a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade. Revelavam ter em comum o que chamavam de *falta de atração sexual*, porém, alguns/mas declaravam ter

² Ferramenta de busca virtual mais utilizada na internet, de propriedade da corporação *Google Inc.*

³ Embora grande parte dos trabalhos sobre a assexualidade a definam como orientação sexual - seguindo a compreensão do ativismo assexual norte-americano- neste trabalho não adoto esta perspectiva. Entendo, primeiramente, que as construções da categoria *orientação sexual* partem do pressuposto do interesse sexual compulsório por um alvo, sendo esse o principal aspecto que dificulta a compreensão da assexualidade como orientação sexual. Em segundo lugar, as concepções tradicionais de orientação sexual, apesar de contemplarem a possibilidade da ocorrência de sexo sem envolvimento afetivo, não contemplam a possibilidade do envolvimento afetivo sem que haja, simultaneamente, o envolvimento sexual, o que também exclui a assexualidade. Numa tentativa de incluir a assexualidade na categoria de orientação sexual, Stephanie B. Gazzola e Melanie A. Morrison reformularam o conceito de orientação sexual para “aspecto da identidade pessoal e social do indivíduo que indica a existência ou inexistência de um alvo de atração sexual ou comportamento sexual” (GAZZOLA e MORRISON, 2012, p. 23). Embora eu entenda que a assexualidade possa ser compreendida como orientação sexual no aspecto político, neste trabalho, tratarei a categoria como uma forma de sexualidade com especificidades distintas.

interesse na formação de parcerias amorosas - que poderiam ser com pessoas do mesmo sexo, do outro sexo ou de qualquer dos sexos - preferencialmente desvinculadas de atividade sexual. Esta diversidade indicava a imprecisão do tratamento do fenômeno no singular, pois parecia haver tantas assexualidades quanto havia pessoas assexuais.

Diversos/as depoentes nos vídeos mencionavam fazer parte da *Asexual Visibility and Education Network* (AVEN)⁴, comunidade assexual virtual norte-americana, na qual, pessoas interessadas em aprofundar seus conhecimentos sobre a assexualidade poderiam encontrar informações mais detalhadas. Visitei, portanto, o *site* desta comunidade para me familiarizar com seu conteúdo. A importância da AVEN na congregação de indivíduos assexuais do mundo todo - bem como sua contribuição para a “fabricação” do indivíduo assexual na contemporaneidade - será explorada no Capítulo 2.

O aspecto que mais me chamou a atenção nos depoimentos contidos nos vídeos - e também nos fóruns de discussão da assexualidade da AVEN - foi a constatação de que esses indivíduos pareciam constituir uma categoria distinta no espectro da sexualidade: a categoria de pessoas cuja identidade sexual era construída em torno do desinteresse sexual e/ou amoroso, sentimento que parecia acompanhá-los/as ao longo da vida. A cada novo depoimento assistido, minha sensação era de ter atravessado um portal para outra dimensão, um universo paralelo no qual o sexo não tinha o significado atribuído a ele pelos discursos dominantes na ciência, na cultura e nas interações sociais. Parecia um mundo totalmente diferente em sua estrutura, portanto, de compreensão incompatível a partir dos paradigmas epistemológicos conhecidos. O simples desinteresse sexual e amoroso não constitui exatamente uma novidade no debate público. Porém, esse desinteresse tem sido construído socialmente – principalmente pelas ciências médicas - como *desvio* à norma, situado na perspectiva da patologia das chamadas *disfunções sexuais*, de origem fisiológica ou psicológica, as quais demandariam tratamento médico ou psicológico. Esta, definitivamente, não era a compreensão das pessoas autoidentificadas como assexuais que relatavam suas experiências nos vídeos.

À medida que assistia aos depoimentos, ficava cada vez mais evidente a constatação - nunca antes percebida por mim - do pressuposto do interesse sexual e amoroso nas construções sociais de sexualidade, em todas as instituições sociais, de

⁴ Rede de Educação e Visibilidade Assexual. www.asexuality.org

maneira ubíqua, inquestionável e completamente naturalizada. A *heteronormatividade* - conjunto dominante de normas que estabelecem a heterossexualidade como única possibilidade legítima de vivência da sexualidade - não parece suficiente para a compreensão da assexualidade, uma vez que está fundamentada no interesse sexual/amoroso universal. Até mesmo sexualidades não normativas como a homossexualidade e a bissexualidade, por exemplo, também pressupõem o interesse sexual/amoroso como característica irrefutável de sua construção social; portanto, nesse sentido, aproximam-se mais da heterossexualidade do que da assexualidade.

Essa normatividade sexual, pautada pelas normas sociais que estabelecem a universalidade do interesse afetivo-sexual, a compulsoriedade da atividade sexual nas relações amorosas e a centralidade das relações afetivo-sexuais nas construções sociais de sexualidade e gênero, precede a heteronormatividade. Bem cedo na pesquisa, passei a me referir informalmente ao conjunto dessas normas como *sexo-normatividade*, por falta de um termo mais apropriado⁵.

No desenrolar da pesquisa, ao ler o trabalho da pesquisadora feminista Elzbieta Przybylo - da York University, instituição canadense - constatei que ela tinha criado o termo *sexo-sociedade* (*sexusociety*) - que ela explica como o mundo “sexual” - na tentativa de elaborar um conceito paralelo à concepção de *heteronormatividade*, porém, aplicado à assexualidade. Com a criação do termo *sexo-sociedade*, Przybylo pretende indicar textualmente o imperativo sexual, ou seja, a onipresença diluída da sexualidade em nosso mundo contemporâneo ocidental, chamando a atenção para o papel central que o sexo e a sexualidade desempenham em nossa sociedade (PRZYBYLO, 2011). Para a autora, a *sexo-sociedade* está para a assexualidade, assim como o patriarcado está para o feminismo e a heteronormatividade está para o movimento LGBT⁶, ou seja,

⁵ É importante ressaltar que o termo *sexo-normatividade* faz sentido a partir do questionamento e da problematização do interesse por atividade sexual e relacionamentos amorosos como compulsórios e universais, que é justamente a contribuição mais relevante trazida pela assexualidade aos estudos das sexualidades. Na literatura anglófona sobre a assexualidade, alguns/mas pesquisadores/as usam a expressão *sexual normativity* (CARRIGAN, GUPTA e MORRISON, 2014) para se referir à *sexo-normatividade*. As comunidades assexuais – e até mesmo parte da literatura acadêmico-científica sobre o tema – têm ressignificado a palavra *sexual*, transformando-a em antônimo de *assexual*. Semelhantemente à criação da categoria *heterossexual* como diferenciação, e até mesmo oposição binária à categoria *homossexual* (LOURO, 2009), a categoria *sexual* é entendida, no universo assexual, como sinônimo de *não assexual*. O binarismo *sexual/assexual*, neste contexto, diz respeito à existência/inexistência de desejo/interesse sexual por parte do indivíduo. Para fins de maior clareza desta pesquisa, utilizarei a expressão *não assexual*, quando estiver fazendo referência direta a pessoas, comportamentos e identidades situadas fora do universo assexual, na perspectiva das pessoas assexuais.

⁶ GLBT era a sigla utilizada para Gays, Lésbicas Bissexuais e Transgêneros na época da elaboração do *Programa Brasil Sem Homofobia - Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e*

constitui uma força opressora que demanda resistência e luta⁷. O termo *sexo-normatividade* – que vou utilizar ao longo deste trabalho - tem exatamente o mesmo significado atribuído por Przybylo à sexo-sociedade. A diferença é que chamo de *sociedade sexo-normativa* o que Przybylo chama de *sexo-sociedade*⁸.

Uma vez que me familiarizei com o conceito de assexualidade e já considerando a possibilidade de elegê-la como objeto de minha pesquisa, a próxima etapa de meu levantamento buscar referências diretas à assexualidade no Brasil, usando as palavras *assexualidade, assexual e assexuado/a*⁹, em português, nas ferramentas de busca na internet. Cheguei a diversos artigos sobre assexualidade na mídia brasileira, sendo o mais antigo, de 2003. Os/as entrevistados/as brasileiros/as nesses artigos, apresentados/as em depoimentos anônimos e sem fotografias, identificavam-se como *assexuados/as*; o uso da palavra *assexual* era menos frequente, naquela época. Como alguns artigos da mídia faziam referência às comunidades brasileiras de assexuais no *Orkut*¹⁰, o passo seguinte foi explorar algumas comunidades desta rede social.

No *Orkut*, encontrei cinco comunidades ativas e um bom número de outras nas quais não havia movimentação recente. Nas comunidades ativas - nas quais o termo *assexuado/a* era de uso corrente - não havia nenhuma discussão estruturada sobre a assexualidade, nenhuma moderação das discussões, nenhum eixo de orientação dos

de Promoção da Cidadania Homossexual, em 2004. A sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) foi deliberada na I Conferência Nacional do segmento, realizada em 2008, com o objetivo de dar mais visibilidade às lésbicas, as quais, por conta das assimetrias de gênero, permaneciam obscurecidas no movimento. No entanto, conforme Júlio Simões e Regina Facchini (2009), a utilização destas siglas para o movimento é recente – desde o início dos anos 1990 - constituindo um campo de luta política e estando sujeita a mudanças e variações. Ao longo deste trabalho, utilizarei a sigla LGBT, a não ser nos casos em que os autores ou entrevistados/as utilizem de modo diferente.

⁷ Para maior precisão dos termos, vale acrescentar que, além da heteronormatividade, a força social que mais oprime transgêneros, transexuais e travestis - entre outras identidades de gênero - é a *cisnormatividade*, que pode ser definida como o pressuposto de que todas as pessoas designadas como homens ou mulheres ao nascer desenvolverão identidades masculinas e femininas, conforme a expectativa social baseada em seu sexo “biológico” percebido. (BAUER et al., 2009)

⁸ Mais adiante na pesquisa, inspirada pela matriz teórica dos *scripts* sociais de John H. Gagnon e William Simon (1973), passei a pensar a sexo-normatividade como uma matriz produtora de *scripts* sexo-normativos. Conforme meu entendimento, *scripts* sexo-normativos seriam roteiros estruturantes das condutas sociais, sexuais e de gênero, os quais legitimariam - por meio da ação das instâncias socializadoras - a compulsoriedade dos relacionamentos afetivo-sexuais nas trajetórias sociais. Os *scripts* sexo-normativos serão retomados no Capítulo 2 e desenvolvidos ao longo do trabalho.

⁹ Na época em que fiz o primeiro levantamento nas comunidades virtuais brasileiras, a palavra mais utilizada era *assexuado/a*. Optei pelo uso da palavra *assexual* por ser a palavra já utilizada na literatura internacional sobre o tema. Além disso, como a perspectiva das comunidades é a de orientação sexual, a palavra *assexual* segue a mesma formação de outras palavras que nomeiam outras orientações sexuais, como *heterossexual, homossexual e bissexual*. No entanto, mantive a palavra *assexuado/a* nas falas dos/as entrevistados/as que a utilizaram esta forma.

¹⁰ O *Orkut* era uma rede social de propriedade do *Google*, criada em 2004 e extinta em 2014, que fez carreira bem-sucedida no Brasil durante 10 anos.

debates. Tratava-se de amplos conjuntos de postagens aleatórias, as quais, apesar das diferenças de conteúdo, pareciam assemelhar-se em seu discurso sobre as dificuldades da vivência em uma sociedade altamente sexualizada, quando não se tinha interesse por sexo. A comunidade mais antiga e mais ativa que encontrei no *Orkut* tinha sido criada em 2004, e contava com 1.335 membros na época de minha consulta. As postagens traziam relatos sobre desinteresse sexual e/ou amoroso, acompanhados, muitas vezes, por pedidos de ajuda de pessoas que se percebiam diferentes, bem como comentários de outros membros do grupo sobre os problemas colocados. Transcrevo abaixo, a título de exemplo, uma postagem típica destas comunidades, escrita por um jovem:

Tenho 18 anos, o fato é que nunca namorei, nunca "fiquei", nunca beijei na boca, nunca me interessei por ninguém e nunca nem sonhei em pegar alguma menina na escola, por exemplo. Na realidade, a minha cabeça, do ponto de vista sexual, é como a de uma criança: praticamente "imune", "livre" da mentalidade do sexo. [...] Tenho tido muitos problemas por causa disso... Algumas pessoas (inclusive familiares) andam "jogando verde" para tentar saber se sou gay... Nunca trouxe uma garota em casa para fazer outra coisa que não seja trabalho de escola. Mas o fato é que gay eu tenho certeza que não sou: não sinto nada com relação a garotos, nada mesmo, mas também não sinto nada por garotas; então, como é que eu fico?

O relato deste jovem - entre outros semelhantes - revela a confusão mental gerada pela constatação, ou a suspeita, de não se reconhecer em nenhuma forma de sexualidade. Mostra o quanto o interesse sexual e/ou amoroso - sobretudo o interesse heterossexual - é considerado etapa necessária do desenvolvimento humano e parte da transição para a vida adulta. A menção à instituição escolar, presente nesta e em muitas postagens, me chamou a atenção. Os comentários de outros membros da comunidade a esta postagem traziam diferentes interpretações para o “problema” apresentado pelo jovem rapaz, com pistas importantes sobre as regras sociais da sexualidade: alguns diziam que o jovem ainda era muito novo para saber o que queria; outros argumentavam que ele ainda não tinha encontrado a pessoa certa; outros, ainda, sugeriam que ele fizesse sexo para conferir se gostava. Outro grupo, no entanto, identificava-se com as questões apresentadas pelo jovem e declarava estar na mesma situação, sem encontrar resposta a suas indagações sobre seu desinteresse sexual e/ou amoroso. Este tipo de relato de pessoas jovens, bem como a natureza dos comentários dos membros, era frequente em todas as comunidades de assexuais que visitei no *Orkut*. Pelo que pude constatar, as comunidades assexuais daquela rede social praticamente introduziram a discussão sobre assexualidade nas redes sociais brasileiras, mas não constituíam, já naquela época, o único espaço para estas interlocuções.

Fora do *Orkut*, encontrei duas referências relevantes: o *site Refúgio Assexual*, sobre o qual não consegui muitas informações. Em minhas interlocuções com pessoas assexuais durante a pesquisa, soube que o Refúgio Assexual tinha sido criado por uma jovem assexual. A página trazia diversos textos sobre a assexualidade com forte inspiração no conteúdo da AVEN, a comunidade assexual norte-americana. O Refúgio Assexual foi desativado em algum momento entre 2009 (quando fiz as primeiras consultas) e 2010. A segunda referência importante, uma página denominada *Blog Assexualidade*, tinha sido criada em 2009, por um jovem autoidentificado como assexual da região Nordeste do Brasil. Já tinha lido algumas referências a este jovem na mídia, em entrevistas concedidas a canais de televisão, jornais e revistas, nas quais havia a revelação tanto seu nome como fotografias e imagens. Entrei em contato com ele, que me informou que havia iniciado o *blog* alguns meses antes e estava tendo muita dificuldade em reunir pessoas seriamente interessadas em discutir a assexualidade. Este jovem se tornaria um importante interlocutor no desenvolvimento da pesquisa. Algum tempo depois, o *blog* abriu um fórum de discussão e passou a chamar-se *Comunidade Assexual A2*¹¹ e se transformaria, nos anos seguintes, em importante espaço para trocas de experiências entre assexuais no Brasil.

Um ponto notável na Comunidade Assexual A2 era o uso consistente da palavra *assexual*, no nome do *site* e em todo conteúdo - diferente das comunidades do *Orkut*. Soube, depois, que a difusão do uso da palavra *assexual* constituía uma das bandeiras do criador da comunidade em sua tentativa de reunir e educar assexuais e não assexuais brasileiros/as. Havia no *site* um fórum de discussão e uma sala de bate-papo - ambos com pouca movimentação - e diversos artigos escritos pelo administrador, basicamente reflexões sobre a sexualidade, de modo geral, e particularidades sobre a assexualidade. Os artigos, bem redigidos e bem fundamentados, indicavam que o criador da comunidade era um jovem com grande bagagem de leitura crítica na área das ciências humanas, ainda que tivesse somente 19 anos, na época. Apesar de certa sintonia com o ideário da AVEN, era notável sua tentativa de ir além - e de modo mais profundo - na discussão sobre assexualidade, por exemplo, questionando os limites das definições de categorizações propostas pela comunidade norte-americana.

Após traçar um panorama das comunidades de assexuais no Brasil, bem como do conteúdo midiático sobre o tema, chegara a hora de fazer um breve levantamento

¹¹ Comunidade Assexual A2: <http://www.forumassexual.org/>

sobre a literatura acadêmico-científica sobre a assexualidade, com o objetivo de situar teórica e empiricamente uma possível pesquisa na produção existente. Para isso, retornei ao banco de dados da CAPES, desta vez fazendo uma busca específica da assexualidade. Consultei também a Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a *Scientific Electronic Library Online* – ScieLO, mas além dessas fontes, utilizei amplamente as ferramentas gerais de busca na internet, com destaque para o *Google Acadêmico*. O resultado deste levantamento revelou a inexistência de trabalhos publicados sobre a assexualidade no âmbito da pesquisa acadêmica e científica no Brasil¹².

A seguir, fiz novo levantamento, desta vez utilizando a palavra *asexuality*, em inglês, no *Google Acadêmico*, a fim de localizar possíveis produções acadêmico-científicas no exterior. Encontrei alguns resumos de artigos sobre a temática produzidos pela área de psicologia, principalmente, mas também das ciências sociais, estudos feministas e biologia. A referência mais importante que encontrei foi o *site Asexual Explorations*, dedicado à divulgação da pesquisa acadêmica sobre a assexualidade - indício da articulação da comunidade assexual norte-americana - no qual, uma lista de artigos sobre o tema, todos em língua inglesa, encontra-se disponibilizada ao público. A lista trazia, majoritariamente, artigos publicados em periódicos norte-americanos, canadenses e britânicos, bem como alguma produção discente de cursos de pós-graduação, trabalhos apresentados em eventos e capítulos de livros.

Não havia um único livro publicado sobre a assexualidade, naquela época. Além desses trabalhos, a lista trazia uma produção pontual, publicada nos anos 1970 e 1980, a qual, apesar de não tratar a assexualidade na perspectiva da orientação sexual – conforme proposto pelas comunidades assexuais no início do século XXI - pelo menos buscava compreender o desinteresse sexual fora do contexto patológico.

Finalizei o levantamento com uma ideia geral sobre o tema e sobre os recursos disponíveis para o desenvolvimento da pesquisa. O que tinha diante de mim era o fenômeno da explosão discursiva de uma forma de sexualidade ainda pouco conhecida como categoria, que já contava com comunidades virtuais nos Estados Unidos e em diversos outros países - inclusive no Brasil - cuja pesquisa científica estava em seus

¹² A pesquisa acadêmica da assexualidade ainda é incipiente no Brasil, porém, tem avançado nos últimos anos. Em levantamento recente na Plataforma Lattes (CNPq), apurei pelo menos dois trabalhos discentes em andamento em 2014.

primórdios. Estava lidando com um tema pouco conhecido no país - pelo menos na produção acadêmica - com escassa literatura de apoio, número reduzido de pesquisas empíricas, todas realizadas no hemisfério norte ocidental e concentradas no estudo de um número reduzido de comunidades assexuais virtuais. Chegara o momento de decidir se a assexualidade seria meu tema de doutorado, foi quando cheguei a um impasse. Temia que minha fascinação pelo tema turvasse minha visão sobre a exequibilidade do empreendimento de investigação.

Comecei a ter dúvidas sobre a viabilidade de fazer pesquisa sobre a assexualidade naquele momento no Brasil. Tinha certeza de que seria muito difícil fazer entrevistas presenciais com pessoas assexuais. A assexualidade era um conceito nascido na internet; apesar do vasto campo empírico, os indivíduos autoidentificados como assexuais faziam das comunidades virtuais seu *habitat*, como diz CJ DeLuzio Chasin (2009), escondendo-se por trás de pseudônimos e avatares, ocultando suas verdadeiras identidades. Outra preocupação era sobre a real possibilidade de encontrar um/a orientador/a na Faculdade de Educação que aceitasse o desafio de trilhar este caminho comigo. Corria o risco de empenhar-me na preparação do projeto, mas não encontrar um/a docente que reconhecesse a importância deste tema para os estudos de diversidade sexual na escola, afinal, a assexualidade era praticamente desconhecida na academia, abordada ocasionalmente pela mídia, mesmo assim, cercada de muita desconfiança acerca da sua real existência e possibilidade.

Diante deste anonimato, pensei ser possível pesquisar a assexualidade apenas por meio de uma observação de inspiração etnográfica, descritiva das interações entre assexuais nas comunidades. Mesmo assim, tinha muitas dúvidas se tal procedimento poderia responder as perguntas de pesquisa que começavam a saltitar em minha mente. Como tema de pesquisa, a assexualidade estava em seus primórdios nos Estados Unidos, Canadá e Europa. No Brasil, havia um campo empírico, mas não havia base teórica, nenhum caminho trilhado anteriormente. Estas eram as questões que me preocupavam na época. Como ainda tinha algum tempo para decidir, deixei a assexualidade de lado por um tempo e passei a buscar outros possíveis temas de pesquisa no campo da diversidade sexual.

No entanto, não conseguia esquecer as experiências relatadas por assexuais nas comunidades brasileiras, sobretudo a confusão dos/as jovens, os relatos de solidão, sofrimento, incompreensão, isolamento e rejeição social. Perguntas pululavam em

minha mente: quais seriam as experiências desses/as jovens na escola, considerando ser este o espaço onde grande parte das primeiras interações amorosas, as primeiras descobertas sexuais ocorrem? Como seria o relacionamento com os pares no momento destas primeiras descobertas? Quais seriam suas experiências com a educação sexual escolar? Sua autoidentificação como assexual interferia, de alguma maneira, em sua vivência juvenil? Como poderiam ser descritas as feminilidades e masculinidades assexuais? Questões complexas demais para serem respondidas somente a partir da simples observação das interações nas comunidades virtuais. Na verdade, questões complexas demais para uma única pesquisa exploratória, mesmo no âmbito do doutorado.

Portanto, encontrava-me entre o desafio de eleger a assexualidade como tema de pesquisa - e construir conhecimentos em bases quase inexistentes - ou esquecê-la e seguir outro rumo. Por um lado, sentia que é missão do/a pesquisador/a “ir até onde o tema está”, parafraseando uma canção popular de Milton Nascimento. Por outro lado, questionava a viabilidade da pesquisa naquele momento; confesso que fui acometida por uma crise de falta de autoconfiança diante dos desafios. Por fim, um acontecimento inesperado me colocou de forma definitiva e irreversível no caminho da pesquisa da assexualidade. Foi quando a espuma encontrou a areia, como possivelmente diria o grande poeta libanês Gibran Khalil Gibran.

1.2 Como a espuma encontrou a areia...

Sem o objetivo de confundir a ordem dos fatos, mas ao contrário, de esclarecê-la em sua mais absoluta exatidão - convido o/a leitor/a a retroceder comigo no tempo e no (ciber)espaço para cerca de oito meses antes do meu encontro com o conceito de assexualidade, pois naquela época, em algum lugar do mundo virtual, ocorreu um evento decisivo para o desenrolar da investigação, mas que só veio a fazer sentido meses depois: a entrada da jovem libanesa Yasmeen¹³ em minha vida. Foi quando a espuma encontrou a areia.

¹³ Nome fictício.

Conheci Yasmeeen - jovem feminista libanesa e cristã - em um fórum virtual de discussão destinado a fãs do mundo inteiro do seriado norte-americano *Queer as Folk*¹⁴. Durante as discussões sobre a série no fórum, eu havia revelado meu interesse em questões ligadas a gênero, feminismo e diversidade sexual, o que logo nos colocou em comunicação frequente. Ao longo de várias semanas, Yasmeeen compartilhou suas experiências no movimento feminista no Líbano; contou-me sobre as dificuldades das mulheres libanesas em viver numa sociedade tradicional, heteronormativa e patriarcal, na qual ela se sentia completamente alienada. Na época com 32 anos - idade em que a típica jovem libanesa já estaria casada e com filhos - Yasmeeen tinha escolhido ser solteira, morar sozinha e dedicar-se a sua carreira de tradutora - sendo fluente em inglês, francês e árabe.

Além da paixão pelo seriado norte-americano e interesse pelas questões feministas, descobrimos nossa mútua admiração pelo poeta, filósofo e artista plástico libanês Gibran Khalil Gibran¹⁵. Foi quando começamos a nos comunicar regularmente por *e-mail*, trocar fotografias e conversar com mais intensidade. Esta amizade “virtual” - que já dura quase seis anos - sempre foi, para nós, tão real quanto qualquer outra boa amizade que já cultivamos na vida. Percebi o quanto nossa amizade se tornou importante, ao surpreender-me preocupada com a segurança de Yasmeeen e de sua família a cada notícia sobre ações terroristas ou manobras bélicas no Oriente Médio. Passei a ler tudo sobre o Líbano e suas instituições, geografia, história, cultura, relações internacionais, para melhor entender o contexto das questões sociais apresentadas por Yasmeeen. Apesar de nossa correspondência frequente - na qual falávamos sobre música,

¹⁴ Seriado de TV a cabo, que foi ao ar nos Estados Unidos e em vários outros países entre 2000 e 2005, produzido em conjunto pelas redes de canais por assinatura norte-americanas Showtime e Showcase. O seriado retrata o cotidiano de cinco homens gays e duas mulheres lésbicas e suas dificuldades amorosas, sexuais e familiares numa sociedade heteronormativa. A versão norte-americana baseia-se numa produção original, britânica, exibida em 1999 no Reino Unido. A série ainda conta com milhares de fãs no mundo todo, os/as quais promovem discussões sobre o enredo e os personagens – além de encontros esporádicos com os atores e atrizes da série, em convenções realizadas em diversas cidades do mundo - mesmo tendo passado 10 anos do término de sua exibição na televisão.

¹⁵ Gibran Khalil Gibran (1883-1931) nasceu na pequena cidade libanesa de Becharre, o norte do Monte Líbano, mas morou grande parte de sua vida nos Estados Unidos, onde produziu vasta obra de poesia, prosa e pintura. Gibran, morto aos 48 anos, jamais se casou e pouco se sabe sobre relacionamentos amorosos que possa ter tido – a não ser por um amor platônico de juventude - apesar das numerosas referências ao amor romântico em sua obra. As informações sobre sua biografia foram extraídas da seguinte referência: CHALITA, Mansour. **Lutas e triunfos de Gibran**. São Paulo: Catavento, 1978. Sendo o legado de Gibran o nosso ponto de encontro, decidimos, Yasmeeen e eu, bordar este trabalho com pérolas de sua produção. Pedi a Yasmeeen que me ajudasse a selecionar os versos, pois é conhecedora mais antiga da obra de Gibran, e conseguiria captar referências significativas para o trabalho. Tais versos, escolhidos por nós duas, embelezam a epígrafe e abrem cada capítulo da tese. Todas as citações do poeta estão amplamente disponíveis na internet, em páginas dedicadas a sua obra.

poesia, cinema, arte, bem como questões sociais de nossos países - não discorriamos sobre nossas vidas pessoais, o que não me pareceu estranho, afinal, diferenças culturais ditam diferentes regras de privacidade. Eu sabia que ela era tradutora, solteira e que estava de mudança da casa de sua família para um apartamento próprio, mas nunca havia mencionado relacionamentos amorosos, embora sempre falasse de suas amizades. Eu falava sobre meu trabalho na pesquisa educacional, sobre meus estudos no campo de gênero, sexualidade e educação, sem nunca ter mencionado minha intenção de fazer doutorado, ou de estudar a assexualidade.

Avancemos no tempo agora, de volta ao momento em que me encontrava no impasse sobre a viabilidade da pesquisa sobre a assexualidade, pois naquele momento - por uma dessas coincidências oportunas, difíceis de explicar - Yasmeen me revelou sua assexualidade. Esta confidência me foi feita quando eu já estava pensando em desistir de pesquisar este tema, desencorajada pelas dificuldades encontradas. Como nossa amizade já durava por vários meses, a jovem sentiu-se confiante para me contar esta faceta de si. Dizia-me em sua mensagem¹⁶:

Devo revelar a você, neste ponto, que sou assexual. Decidi fazer esta revelação porque você é pesquisadora, quem sabe você pode ajudar a dar visibilidade a este grupo em suas pesquisas. Atualmente, ainda somos tratados como os homossexuais eram tratados antigamente (e ainda são no mundo árabe); a assexualidade é considerada uma doença que pode ser curada, ou como uma fase da vida que vai passar. [...] Não sei qual será sua reação a esta confissão, mas gostaria de saber. Sua opinião vale muito para mim, considerando que é pesquisadora desses temas. [...] Não quero aborrecê-la com detalhes, pode me perguntar o que quiser sobre isto. Eu ainda estou me descobrindo.

Era uma casualidade notável encontrar a primeira pessoa autoidentificada como assexual em meu próprio círculo de amigas, a qual poderia me ajudar a entender este conceito, bem como tomar a decisão sobre a viabilidade ou inviabilidade do projeto. Portanto, minha resposta a esta mensagem começava por assegurá-la de todo o meu apoio fosse qual fosse sua sexualidade, e que coincidentemente, eu estava considerando a possibilidade de fazer da assexualidade meu tema de pesquisa de doutorado. Ela mostrou-se muito feliz com esta notícia e colocou-se à disposição para ajudar no que pudesse. Começou contando-me de que modo o conceito de assexualidade tinha afetado sua vida:

¹⁶Todas as mensagens com Yasmeen eram trocadas em inglês, as quais foram traduzidas para o português por mim para fins deste trabalho. A jovem autorizou-me a reproduzir suas mensagens na tese para ilustrar o tema da pesquisa. Foi com Yasmeen, ainda, que fiz a entrevista-piloto que deu origem aos roteiros de entrevistas semiestruturadas utilizadas na pesquisa.

Não gosto de rótulos, mas sinto como se um grande peso tivesse sido retirado das minhas costas [...] Foi muito bom ter encontrado uma categoria que define pessoas como eu. Antes disto, eu pensava que estava sozinha. É bom saber que existe um nome para definir o que eu sou, o que eu tenho sido por todos esses anos. Eu só espero poder convencer as pessoas que eu amo de que assexualidade não é uma coisa ruim, para que elas parem de tentar me mudar.

Segundo Yasmeeen, um dos problemas enfrentados em seu cotidiano, quando era mais jovem, era que amigos e familiares insistiam em apresentar a ela possíveis pretendentes matrimoniais. Na cultura libanesa, é comum às jovens mulheres desejarem casamento e filhos, ou - no mínimo - buscarem relacionamentos amorosos que possam resultar em casamento e filhos. Neste quesito, Yasmeeen conta que sempre foi diferente de suas irmãs e de suas amigas, pois nunca desejou um relacionamento amoroso ou sexual. Para ela, a diferença entre amor romântico e amizade continua a ser um mistério incompreensível. Mais difícil ainda, segundo ela, é entender por que as pessoas priorizam relacionamentos amorosos em lugar das amizades. Não acredita no casamento como instituição, nem nos relacionamentos amorosos monogâmicos, sendo crítica ferrenha da família tradicional libanesa. Na época, ela estava envolvida com o movimento feminista libanês, o qual lutava também pelos direitos das minorias sexuais.

A jovem compartilhou algumas experiências que a levaram a reconhecer-se como assexual. Na adolescência, quando percebeu que os olhares masculinos viajavam em sua direção, passou a ocultar as formas do corpo em roupas largas e compridas, de modo que não fosse notada. No transporte coletivo, quando um homem sentava-se a seu lado, Yasmeeen fechava o semblante e virava-se para o lado, para desencorajar qualquer contato. Não costumava sorrir em público, quando estava sozinha, para que o sorriso não fosse interpretado como um convite à aproximação masculina. A jovem usava, ainda, uma falsa aliança de noivado para afastar possíveis interessados; chegou a romper a amizade com alguns rapazes que nutriam por ela sentimentos românticos. A possibilidade de um relacionamento amoroso parecia ser mais problemática para Yasmeeen do que um relacionamento sexual. Segundo ela,

a ideia de estar em um relacionamento amoroso me deixa mais apreensiva do que a ideia de fazer sexo. Se eu tivesse que escolher entre sexo ou romance - por exemplo, se tivesse uma arma apontada para minha cabeça e tivesse que escolher - acho que escolheria sexo, pois sexo dura somente alguns minutos e não teria nenhum compromisso. [...] Não consigo imaginar estar num relacionamento amoroso e ter que compartilhar minha intimidade com alguém.

Por cerca de três semanas, troquei várias mensagens por *e-mail* com Yasmeen sobre a assexualidade e fui me sentindo cada vez mais confiante para escrever o projeto tendo a assexualidade como tema. Ela me convenceu, com os relatos sobre sua vida - principalmente sua adolescência e primeiros anos de juventude - que identificar-se como assexual significava trilhar um caminho muito solitário. Em primeiro lugar, não há muita informação disponível, o que dificulta pessoas como Yasmeen - que não se reconhecem nos discursos sobre sexualidade presentes na sociedade - a buscar alternativas de identificação. Em segundo lugar, também por causa da escassez de conhecimento científico produzido, a ignorância gera a patologização, que por sua vez gera o preconceito e a discriminação às pessoas que não se enquadram nas sexualidades normativas. E terceiro, esses e essas jovens vão passar por este questionamento e por esta busca muito provavelmente durante os anos escolares; portanto, a escola deve se preparar para acolhê-los/as em suas diferenças. Foi pensando nestas questões - e inspirada por Yasmeen - decidi aceitar o desafio, enfrentar as dificuldades e escrever o projeto de pesquisa de doutorado com este tema, ainda sem muita clareza dos objetivos e metodologia de trabalho.

Meu projeto inicial era modesto: previa a observação, descrição e análise das interações nas comunidades assexuais brasileiras, considerando que a assexualidade - como parte do espectro da diversidade sexual - deveria estar contemplada pelos estudos de educação, do mesmo modo que outras sexualidades estavam sendo inseridas. O projeto original não previa entrevistas com assexuais. Desde o levantamento prévio, como já mencionei, observei que nas matérias da mídia sobre o tema, as fontes assexuais eram sempre anônimas, o mesmo ocorria nas comunidades que discutiam a assexualidade. Concluí que seria muito difícil localizar colaboradores/as dispostos/as a se expor. Além disso, o número pequeno de assexuais - bem como sua distribuição geográfica esparsa - também constituía barreira para a realização de entrevistas presenciais. Desse modo, considerei mais sensato não prometer o que julgava de difícil cumprimento, deixando que a pesquisa seguisse seu rumo.

Após a aprovação do projeto no processo de seleção do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP - durante o qual, felizmente, fui aceita por minha orientadora - o doutorado foi iniciado no segundo semestre de 2010. Já no mês de outubro do mesmo ano, fui convidada por uma revista feminina para conceder uma entrevista sobre a pesquisa. Esta foi a primeira de muitas entrevistas que seriam

concedidas a jornais, revistas e redes de TV nos anos seguintes, sinal do crescimento do interesse da mídia pela assexualidade¹⁷. A resposta a esta exposição da pesquisa na mídia pela comunidade assexual brasileira foi muito positiva.

Como pesquisadora de um tema pouco conhecido no meio acadêmico brasileiro, senti a necessidade de buscar o diálogo com pesquisadores de outros países para a troca de informações e literatura. Deste modo, cadastrei-me na lista do grupo internacional e multidisciplinar *Asexuality Studies*, composto por pesquisadores/as interessados/as na pesquisa acadêmica da assexualidade. O objetivo do grupo é a divulgação de estudos científicos sobre a assexualidade, bem como o compartilhamento e discussão de questões relativas às pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo. Graças à ajuda desta equipe, tive acesso a boa parte da literatura publicada, até mesmo aquela não disponível na internet, como artigos apresentados em conferências e capítulos de livros, mantidos pelo grupo em uma pasta específica compartilhada numa plataforma virtual.

No primeiro semestre da pesquisa - enquanto continuava a observar as interações nas comunidades assexuais brasileiras - concluí a leitura da escassa produção internacional sobre a assexualidade, esta proveniente principalmente da psicologia, mas já com alguma contribuição das ciências sociais. Considerando a inexistência, na época, de literatura acadêmico-científica sobre o tema no Brasil, comecei a pensar em uma forma de compartilhar minhas leituras dessa produção com o público brasileiro. Decidi criar um espaço virtual no qual pudesse publicar resenhas desses trabalhos, disponibilizando-os em português e em linguagem não acadêmica para pessoas interessadas no tema no Brasil. Dessa forma, nascia o *Blog Assexualidades*, recurso metodológico que viria a reconfigurar o escopo da pesquisa.

¹⁷Um fato importante, ocorrido no primeiro semestre de 2010 – portanto durante o processo seletivo de admissão para o doutorado – foi a inclusão de um personagem assexual na novela adolescente *Malhação ID*, da Rede Globo. O personagem adolescente, chamado Alexandre, entra em crise existencial ao perceber que não sentia interesse sexual nem por meninas e nem por meninos. Durante esta busca, ele chega a se relacionar com meninas e também com meninos, mas foi só na terapia que um psicólogo apresentou a assexualidade como possibilidade de identificação, desta forma, acabando com sua angústia. Este personagem fictício muito contribuiu para a disseminação do conceito de assexualidade no Brasil - principalmente entre adolescentes e jovens - e foi citado por alguns/mas entrevistados/as como fator que os levou à investigação da assexualidade na internet.

1.3 O *Blog Assexualidades*: repercussões de um canal de comunicação

O *Blog Assexualidades* - propositalmente no plural - foi o nome escolhido por mim a partir da constatação da diversidade entre as pessoas assexuais, tendo sido criado em dezembro de 2010, cerca de quatro meses após o início oficial do doutorado. Seu principal objetivo, como já mencionado, foi divulgar no Brasil a pesquisa acadêmico-científica sobre a assexualidade publicada no exterior. Não havia, naquele momento, nenhum outro objetivo pensado para o desenvolvimento deste espaço, mas o tempo mostrou o tremendo poder de replicação da internet, mesmo para um tema que, teoricamente, seria de interesse limitado a um grupo minoritário. De forma não planejada, a criação do *blog* disparou um processo de divulgação da pesquisa que chegou à mídia e me transformou em personagem - poderia dizer, talvez, protagonista - produtora de discursos sobre a assexualidade, o que me deixou preocupada com os aspectos éticos da investigação.

A criação de um canal de comunicação com possíveis alvos de pesquisa não constitui recurso metodológico inédito. O pesquisador Fernando Seffner, em seu doutorado – que aborda as representações de masculinidade bissexual no Brasil - criou uma rede via postal, a *Rede Bis-Brasil*, denominada por ele de “operação estratégica e política que configurou um determinado recurso de método para esta pesquisa” (SEFFNER, 2003, p. 25). A rede criou um canal de comunicação com seu público-alvo, os homens bissexuais, produzindo, segundo o pesquisador, “um conjunto de verdades acerca da masculinidade bissexual brasileira” (SEFFNER, 2003, p. 23), que devem ser compreendidas no contexto do dispositivo de produção utilizado como estratégia de pesquisa; ou seja, tivesse sido outro o dispositivo, também seriam outras as verdades. Essa reflexão é importante para a contextualização da presente pesquisa.

Com periodicidade aproximadamente mensal, passei a disponibilizar no *Blog Assexualidades* resenhas de artigos e capítulos de livros da produção estrangeira sobre a assexualidade. O *blog* continha meu perfil acadêmico, com um breve currículo e *e-mail*, o que permitia aos/às leitores/as o contato comigo. Aos poucos, leitores/as identificados com a proposta do *blog* passaram a fazer comentários às resenhas, ou entrar em contato comigo por *e-mail*. Recebi grande quantidade de mensagens de leitores/as durante os anos da pesquisa. O número de visualizações aumenta toda vez que publico uma nova resenha, ou concedo uma entrevista à mídia, ou quando o *blog* é mencionado em algum

outro veículo midiático. Em abril de 2012, por exemplo, o *blog* foi citado por um grande portal da internet, o que gerou um recorde de visualizações de 9.000 acessos em três dias. Junto com esse aumento de visualizações, recebi dezenas de *e-mails* de pessoas pedindo ajuda com seus problemas de ordem sexual¹⁸. Apesar de a maioria dos acessos ter sido feita por internautas em território brasileiro, o *blog* conta com cerca de 10% de leitores de outros países, como Estados Unidos e Canadá, na América do Norte, Portugal e outros países europeus, países da África lusófona – como Moçambique e Angola - bem como países asiáticos, como China e Japão¹⁹.

A criação do *blog* trouxe um fôlego bem-vindo e inesperado à pesquisa. Rapidamente, o *blog* tornou-se referência para assexuais e demais interessados no tema no Brasil. Diria que foram cinco as consequências mais impactantes da criação do *blog* para a investigação: 1) a abertura de um canal de diálogo com leitores/as sobre o conteúdo do *blog*; 2) convites para palestras e apresentações sobre a assexualidade em eventos sobre diversidade sexual; 3) o fortalecimento da comunicação com a mídia; 4) o estabelecimento de comunicação pessoal com alguns/as leitores/as, o que favoreceu a possibilidade de entrevistas presenciais; 5) por último, a procura de estudantes - sobretudo de graduação - manifestando o desejo de desenvolver trabalhos acadêmicos sobre o tema da assexualidade. Os desdobramentos gerados pela criação do *blog* serão explanados a seguir.

Desde a criação do *blog*, leitores e leitoras assexuais ou não, têm manifestado sua satisfação em contar com um recurso em português para ampliar seus conhecimentos sobre o tema. Esse fato mostrou que a criação do *blog* veio a preencher uma lacuna na divulgação de conhecimentos sobre a assexualidade no Brasil. Os comentários ao *blog* - deixados por leitores no campo reservado a comentários - bem como os *e-mails* enviados a mim por alguns, basicamente, parabenizam-me pela iniciativa, revelando seu contentamento ao saber da existência de uma pesquisa sobre assexualidade em andamento em uma universidade prestigiada. Muitos, ainda, diziam que a simples existência da pesquisa dava-lhes esperanças de que um dia a assexualidade não fosse mais considerada uma “aberração”.

¹⁸ As dezenas de mensagens recebidas - enviadas por homens, mulheres e pessoas transexuais - descreviam as mais diversas disfunções sexuais: frigidez, falta de desejo, disfunção erétil, incapacidade de chegar ao orgasmo, entre outras, seja pelo remetente ou por seus/suas parceiros/as. Todas estas pessoas queriam saber se os problemas descritos eram “sintomas” de assexualidade. Para todas mandei uma mensagem dizendo que não era médica, nem psicóloga e que tais problemas – que poderiam ter origem fisiológica ou psicológica - deveriam ser avaliados por profissional competente.

¹⁹ Estatísticas do *Google Analytics*, recurso de estatística disponível para *blogs* em atividade no *Google*.

Entre as diversas mensagens que chegavam regularmente por *e-mail*, havia algumas de pessoas que abriam suas vidas, contando-me episódios de muito sofrimento em família, na escola, no trabalho, enfim, em todos os espaços sociais, por serem percebidas como doentes, “esquisitas”, estranhas, anormais. Por um lado, sentia-me orgulhosa da pesquisa, pois esta possivelmente poderia contribuir com a redução da angústia destas pessoas, embora de forma indireta e limitada. Por outro lado, tinha o desafio de não permitir que minha solidariedade turvasse meu julgamento e objetividade na coleta e tratamento dos dados de campo, nem tampouco colocasse em risco aspectos éticos importantes em pesquisas com seres humanos. Receber mensagens de tantas pessoas, por outro lado, me convenceu de que estava no caminho certo para oferecer uma colaboração relevante no campo da diversidade sexual à produção brasileira.

A partir da criação do *Blog Assexualidades*, como mencionado, passei a receber convites de associações e institutos universitários para palestras em eventos e aulas - sobretudo eventos no campo da diversidade sexual ou educação sexual escolar. Outra consequência da criação do *blog* foi facilitar o contato com a mídia, que tem demonstrado interesse crescente neste tema. De novembro de 2010 a outubro de 2014 fui entrevistada por jornais e revistas nacionais que publicaram matérias sobre a assexualidade ou sobre o desinteresse por sexo, bem como por três canais de televisão - Rede TV, TV Cultura e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) - o que mostra o crescimento do interesse da mídia popular nesta temática²⁰. Se por um lado a divulgação da pesquisa na mídia constituía uma consequência positiva do *blog*, por outro, havia o risco de impacto sobre campo da pesquisa, o que se mostrou uma preocupação justificada na etapa seguinte, a fase das entrevistas.

Em abril de 2012, postei no *Blog Assexualidades* uma chamada para pessoas autoidentificadas como assexuais, maiores de 18 anos, para participação da pesquisa. Em resposta, recebi diversos *e-mails* de voluntários/as manifestando interesse em contribuir. É importante destacar que quase a totalidade dos/as entrevistados/as soube da pesquisa por meio do *Blog Assexualidades*, sendo que alguns/mas me viram primeiramente em entrevista na televisão, ou em jornais e revistas, em seguida, fez busca na internet e chegou ao *blog*. À medida que crescia minha exposição na mídia, crescia o número de visualizações do conteúdo do *blog*. Transcrevo abaixo, para

²⁰ A relação de minhas entrevistas e participações na mídia encontra-se no Apêndice 5.

exemplificar, algumas respostas ao meu convite para participação na pesquisa, postado no *Blog Assexualidades*:

Quando eu li sobre sua pesquisa, eu me senti obrigado a me voluntariar, pois a quantidade de assexuados que se identificam como tal é bem pequena e sem uma boa parcela de voluntários, uma pesquisa sobre o assunto se torna bem difícil.

Quem dera na minha época de adolescência tivesse um site como esse para eu poder me identificar e tirar minhas dúvidas. Posso dizer que é super reconfortante saber que tem alguém que nos entende (ou tenta entender rs) e nos apoia. Gostaria de te ajudar, de alguma forma, na tua pesquisa.

Tenho 25 anos, e sou assexual. Me disponho a participar das pesquisas para desmistificar nosso modo de vida. Obrigada por tentar esclarecer que não somos anormais.

Fiquei muito contente em ver o foco de sua pesquisa, pois me considero assexuada e sempre pensei que não havia pessoas que compartilhassem esse modo de ser comigo. Bom, gostaria de me colocar à disposição para participar da sua pesquisa. Ficaria muito feliz em contribuir para este estudo.

Gostaria de parabenizá-la pelo seu trabalho de pesquisa e divulgação da assexualidade. E estou enviando este e-mail apenas para informá-la que, caso necessite, estou à disposição para responder pesquisas sobre o tema.

Uma constatação que fica bastante clara na leitura destas respostas é que os/as voluntários/as parecem acreditar que a pesquisa vá contribuir para a desconstrução do desinteresse sexual como patologia, e foi isso que os/as motivou a oferecerem sua colaboração. Portanto, as expectativas dos/as entrevistados/as estavam presentes em suas falas durante as entrevistas. Estas pessoas - como a pesquisa constataria no processo de coleta de dados - carregam um histórico de inadequação social, de julgamento, rejeição e preconceito por parte de seus círculos sociais. Minhas resenhas, publicadas no *blog*, são de trabalhos que tentam estudar a assexualidade fora do contexto patológico, daí também - além de minhas entrevistas à mídia - o sentimento dos/as entrevistados de que minha pesquisa pensa a assexualidade a partir de uma perspectiva positiva, tendo como objetivo ouvir as pessoas autoidentificadas como assexuais, conhecer suas histórias e dar-lhes a visibilidade que ainda não tiveram. Portanto, acredito que o *Blog Assexualidades* tornou-se, não intencionalmente, um espaço de acolhimento dessas vozes e parte da intervenção promovida por mim no campo da pesquisa.

Por fim, uma última consequência inesperada do *Blog Assexualidades* foi despertar o interesse pela assexualidade em estudantes de graduação de universidades públicas e privadas, dispostos/as a estudar o tema a partir de suas áreas de conhecimento para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou trabalhos de disciplinas da graduação,

até mesmo mestrado. Os estudantes me escrevem pedindo referências bibliográficas sobre assexualidade e orientação sobre possíveis tópicos de pesquisa dentro do tema. A maioria desses/as estudantes/as pertence a cursos no âmbito da comunicação social, como jornalismo, rádio e TV, relações públicas e publicidade, mas também da área da psicologia e do direito²¹. Alguns/mas desses/as estudantes me solicitaram entrevistas, as quais foram concedidas presencialmente - com gravação de vídeo – ou por telefone, e-mail ou Skype²². Essas consultas geraram trabalhos acadêmicos, os quais, por sua vez, também contribuíram para a visibilidade da assexualidade, seguindo seus próprios caminhos.

Para além do *Blog Assexualidades*, um resultado concreto da pesquisa foi a inclusão da assexualidade nas *Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro - Tópicos e Objetivos de Aprendizagem*²³, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2014²⁴. Trata-se de uma adaptação para o Brasil de um guia internacional, destinado à formulação de políticas públicas de educação em sexualidade para as áreas de educação e saúde. Este documento - também elaborado para utilização por educadores/as - tornou-se o primeiro material didático destinado à educação em sexualidade a incluir a assexualidade no Brasil.

O *Blog Assexualidades* se tornou uma ferramenta de pesquisa, embora não tenha sido inicialmente pensado com este objetivo. Teve um grande impacto na divulgação e desenvolvimento da pesquisa, bem como na fomentação do interesse pela assexualidade como tema de investigação no meio acadêmico. Com isso, foi possível realizar 40 as entrevistas; em contrapartida, a cooperação de pessoas que já conheciam meu discurso sobre o tema, exigiu uma análise ainda mais criteriosa das entrevistas.

²¹ Esta monografia foi concluída e defendida, no final de 2012, como Trabalho de Conclusão de Curso do bacharelado em Direito, pela aluna Gabriela N. C Palma, sob a orientação do Prof. Ms. Marcos Noboru Hashimoto, da Universidade Estadual de Maringá. O título do trabalho é “Assexuais e a possibilidade de anulação do casamento com base em erro essencial.” A autora discorre sobre como o conceito de assexualidade pode encontrar alguns problemas na legislação brasileira relativa ao casamento, uma vez que esta instituição está fundamentada no pressuposto da ocorrência de relações sexuais entre os nubentes.

²² Software criado pela Microsoft que permite a comunicação por texto, voz e imagem via internet.

²³ Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro – tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014

²⁴ Fiz parte da equipe responsável pela adaptação do documento para o Brasil, atuando com a organização não governamental ECOS – Comunicação em Sexualidade. A ECOS - juntamente com a UNESCO e a REGES (Rede de Gênero e Educação em Sexualidade) - submeteu o documento à apreciação de especialistas em educação em sexualidade de diversas universidades, organizações da sociedade civil e entidades governamentais, em reuniões realizadas em Brasília (2010), Recife (2010) e São Paulo (2011).

1.4 Refletindo sobre os rumos da pesquisa

Chegando ao final da narrativa sobre o caminho, vale refletir sobre os rumos que a pesquisa tomou a partir da criação do *Blog Assexualidades* até o momento da escrita da tese, com o objetivo de esclarecer e justificar algumas decisões e escolhas metodológicas. Por este ser este um trabalho que se realiza, em grande parte, nos domínios da internet, foi importante avaliar todos os benefícios e riscos que isto implica. Para Linda Finlay (2002), a reflexividade na pesquisa qualitativa - compreendida como processo pelo qual o/a pesquisador/a engaja-se numa meta-análise de seu trabalho - deixou de ser apenas um exercício introspectivo, individual e solitário, evoluindo para a reflexão crítica, realista e subjetivista, cada vez mais, tema de investigação em si mesma. No entanto, ainda segundo Finlay, no que se refere às práticas, o processo de reflexividade pode ser um terreno perigoso e ambíguo, pois requer do/a pesquisador/a o exercício de selecionar os pontos mais relevantes, avaliar-se, identificar e reconhecer seus erros e acertos, bem como dar conta de compreender sua forma de interpretar os fatos apurados em campo e o quanto de si mesmo o relatório final da pesquisa incorpora. Pensar sobre o processo torna-se necessário, considerando que todo/a pesquisador/a é responsável pelas consequências sociais de sua produção, pois: “Ao escrever, um autor deve preocupar-se com a possibilidade de que seu discurso venha a ser apreendido por aquele que dele necessita” (MARTINS, 2004, p. 299).

A presente pesquisa constitui um produto da explosão discursiva sobre a assexualidade nos últimos anos - no Brasil e no mundo - no contexto da problemática foucaultiana da articulação de discursos e da produção de saberes e sua relação com os poderes. Assim como coloca Michel Foucault (2005), a história da sexualidade é a história da produção discursiva sobre a sexualidade. As sexualidades são construídas pelos discursos, e não foi diferente com a assexualidade. Embora pessoas desinteressadas por sexo e por relacionamentos amorosos sempre tenham existido, foi somente a partir da profusão dos discursos sobre a categoria *assexual* - no início do século XXI - é que a assexualidade foi “fabricada” como categoria identitária, trazendo à tona indivíduos que passaram a se identificar como *assexuais*. Nesse sentido, a própria existência da presente pesquisa e de seus métodos - criados intencionalmente ou não, para sua concretização - fazem parte do processo de visibilidade da assexualidade como categoria identitária, assim como fazem os demais discursos e dispositivos da

sexualidade produzidos pela mídia, pelas instâncias socializadoras e pelas instituições. Este processo de configuração de uma categoria sexual é muito mais acelerado e muito mais amplo na contemporaneidade, devido ao estágio avançado das tecnologias de informação e comunicação, que por si só, merecem estudos investigativos.

Num mundo no qual os indivíduos são cada vez mais responsáveis por sua formação identitária, a criação e o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação, ao longo de todo o século XX, certamente contribuíram para promover uma revolução nos modos de formação identitária na contemporaneidade. Essas tecnologias permitem ao indivíduo o acesso não só a um gigantesco e variado cabedal de informações, mas também a possibilidades de discussão, articulação e exploração de identidades, sobretudo as identidades marginalizadas, entre elas, as identidades sexuais não normativas. A possibilidade de questionamento, reformulação e ressignificação das identidades, à medida que o indivíduo tem acesso a novas informações ou vive novas experiências, conferem alto grau de reflexividade ao indivíduo contemporâneo.

Para Anthony Giddens, a reflexividade é uma “característica definidora de toda ação humana” (1991, p. 43). Com *reflexividade*, o autor quer dizer que “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informações renovadas sobre essas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45). Ao mesmo tempo em que vivemos num mundo onde o conhecimento é reflexivamente aplicado, nunca estaremos seguros de que os conhecimentos são definitivos, ou seja, todo conhecimento é passível de revisão com a produção e circulação de novos conhecimentos e a articulação de novos discursos. As tecnologias de informação e comunicação tornaram esse processo muito mais rápido e abrangente na contemporaneidade. Isso é particularmente importante para os/as assexuais, sujeitos em busca de uma identidade que vai se construindo à medida que novas experiências individuais são compartilhadas, novos estudos são publicados e novas discussões são promovidas nas comunidades virtuais e grupos de discussão. Num mundo globalizado e tecnologizado, a busca de si também envolve altos graus de reflexividade. Novas identidades, como a assexualidade, surgem a cada dia na rede mundial de computadores e, em pouco tempo, reúnem indivíduos de todo o mundo que entendem fazer parte daquele grupo. Identidades reais nascidas nos meios virtuais; basicamente, esta ideia resume a emergência social da assexualidade.

Assim, o *Blog Assexualidades* serviu como mais um dispositivo que, ao produzir discursos sobre a assexualidade, contribuiu também para a “fabricação” social do indivíduo assexual. No Brasil, como dispositivo, o *Blog* tornou-se um recurso disponível aos processos de reflexividade de seus/suas leitores/as. Da mesma forma, minha participação em diversos canais de comunicação - televisão, revistas, jornais e internet e o *Blog Assexualidades* - discutindo aspectos do trabalho, contribuiu para a consolidação da confiança na pesquisa e na pesquisadora pelos/as voluntários/as que foram entrevistados/as. Acredito que essa credibilidade tenha sido um fator decisivo àqueles que decidiram contribuir. Na perspectiva da reflexividade, os indivíduos têm acesso a ampla gama de informações que lhes permite selecionar, agrupar, comparar, refletir, aderir, rejeitar informações, conceitos, explicações e conteúdos, construindo conhecimento de modo ativo e autônomo, num processo que Danilo Martuccelli (2002) chama de *bricolage*, ou seja, de autonomia e agência no processo de construção de si. Portanto, acredito que o impacto da produção da pesquisa no campo - embora digna de problematização - não invalida seus resultados.

Refletindo sobre os rumos que esta pesquisa tomou ao longo de sua realização, lembro-me das várias mensagens que recebi de pessoas de todo o Brasil me agradecendo pela realização da pesquisa, cujos exemplos foram mencionados anteriormente neste capítulo. Muitas dessas pessoas declararam que o simples fato de uma pesquisa sobre a assexualidade estar sendo realizada no Brasil - independente de seus resultados - dava-lhes esperanças de serem consideradas “normais,” tirando-as da marginalidade de uma existência social isolada, legitimando seu modo de viver. Este resultado não teria sido possível se a pesquisa tivesse sido realizada somente na clausura de uma biblioteca, no confinamento da pesquisa virtual não interativa, no isolamento da interlocução individual com os/as entrevistados/as e com os pares da academia, ou no diálogo com paradigmas teóricos - embora tudo isso tenha sido importante.

Conforme mostra a narrativa do caminho, nem todas as etapas da pesquisa foram pensadas e planejadas. A partir da criação do *Blog Assexualidades*, meu envolvimento no campo acabou por ser muito mais abrangente do que jamais planejei, devido à resposta positiva do público assexual à pesquisa e aos conteúdos do *blog*. As vezes que se levantaram, para mostrar sua existência e oferecer sua colaboração, deixaram claro que a pesquisa poderia contribuir para direcionar o foco da discussão sobre diversidade sexual para a assexualidade, sobretudo, para o processo de autoidentificação da

assexualidade. Dessa maneira, além dos objetivos acadêmicos já expostos, o caminho metodológico trilhado conferiu à investigação um propósito social, além de reforçar os cuidados éticos necessários para sua conclusão. Constatado que faço parte da produção local da assexualidade a partir de meu envolvimento no campo. Por outro lado, não acredito que a pesquisa teria sido possível, em seu formato e em sua profundidade, se essa intervenção não tivesse ocorrido. Os indivíduos entrevistados são pessoas que estavam em processo de busca identitária quando chegaram ao *blog*, ou pessoas que já se identificavam como assexuais, a partir de suas próprias buscas na internet, e encontraram no *blog* subsídios do campo científico para refletirem sobre si.

Por último, é importante observar que as pessoas que se identificam como assexuais chegaram ao conceito de assexualidade do mesmo modo como eu cheguei: pela internet, onde os discursos sobre a temática estão escancarados, expostos e disponíveis. O que o *Blog Assexualidades* fez foi disponibilizar, em português e de forma acessível, uma parte dos discursos sobre assexualidade, situada no âmbito dos estudos acadêmico-científicos sobre este tema. Com isso, a pesquisa passou a produzir reflexões durante todo o período de sua realização. Entretanto, os resultados apresentados nesta tese de doutorado ultrapassam o caráter fragmentado e pouco analítico das reflexões divulgadas no *blog*. Nesse sentido, considerando as consequências da produção discursiva gerada pelo *Blog Assexualidades*, os resultados dessa pesquisa - semelhantemente à pesquisa de Seffner (2003) - devem ser contextualizados no âmbito do dispositivo utilizado como ferramenta de investigação.

Uma vez exposto o caminho, no capítulo a seguir apresento o percurso teórico por meio do qual busquei situar a assexualidade como fenômeno da contemporaneidade - refletindo sobre sua emergência e inserção nos estudos de diversidade sexual e educação. No capítulo seguinte, introduzo também a base teórica utilizada para a análise do campo empírico, ou seja, a Teoria dos *Scripts* Sexuais, de John Gagnon e William Simon (1973), a qual contribui para a compreensão da sexo-normatividade como matriz das sexualidades normativas e não normativas.

Capítulo 2 – Diversidade sexual e educação: as matrizes da sexo-normatividade e a emergência das assexualidades

Nasci de novo quando meu corpo se apaixonou por meu ser e acabaram se casando.

Gibran Khalil Gibran, *A areia e a espuma*.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma construção teórica, ainda que breve, sobre o objeto desta pesquisa e sua articulação com o campo de estudos sobre a diversidade sexual, gênero e educação. A intenção é refletir sobre de que modo a sexo-normatividade – normas sociais que estabelecem a universalidade do interesse afetivo-sexual, a compulsoriedade da atividade sexual nas relações amorosas e a centralidade das relações afetivo-sexuais nas construções sociais de sexualidade e gênero – contribuem para a estigmatização das assexualidades, sobretudo na instituição escolar. Nesse sentido, o primeiro tópico trará uma reflexão sobre as intersecções entre sexualidade, gênero diversidade sexual e educação escolar, apresentando os conceitos que serão utilizados ao longo do trabalho. O tópico seguinte apresenta uma breve reflexão sobre os caminhos históricos trilhados pelos discursos sobre sexualidade - do essencialismo ao construcionismo social - de modo a mostrar que a sexo-normatividade se mantém como matriz nesses discursos, o que continua a patologizar o desinteresse sexual/amoroso, situando-o fora do contexto das sexualidades.

Em seguida, discorro acerca da explosão do aparato discursivo sobre a assexualidade no início do século XXI, a qual deu visibilidade aos sujeitos assexuais e colocou novos desafios às concepções tradicionais de sexualidade. Nesse sentido, as novas tecnologias de informação e comunicação tiveram papel fundamental na criação e multiplicação das comunidades virtuais de assexuais pelo mundo - portanto, foram fundamentais para a proliferação dos discursos sobre a assexualidade. O crescimento da pesquisa sobre a assexualidade no hemisfério norte ocidental também tem contribuído enormemente para o fenômeno da explosão discursiva.

Por último, reflito sobre a Teoria dos *Scripts*²⁵ Sexuais - elaborada pelos sociólogos norte-americanos John H. Gagnon e William Simon - os quais serão utilizados como inspiração teórica para pensar as assexualidades. O trabalho de Gagnon e Simon (1973) tem sido considerado pioneiro nos estudos de sexualidade na perspectiva construcionista, tido como referência por direcionar o foco para o caráter cultural das condutas sociais, retirando a sexualidade do domínio essencialista. Dentro do quadro teórico de Gagnon e Simon, busco elementos que contribuam para a reflexão da assexualidade como parte da diversidade sexual presente, de algum modo, nas relações escolares, considerando ser a escola um cenário importante na formação identitária e construção da cidadania.

2.1 Sexualidade, gênero, diversidade sexual e educação: algumas considerações iniciais

Antes de avançar em direção ao objetivo da pesquisa - o de compreender os processos de autoidentificação da assexualidade - faz-se necessário situar as perspectivas teóricas que serão utilizadas ao longo do trabalho, bem como refletir sobre a importância da escola como cenário da inclusão da diversidade sexual, da qual a assexualidade faz parte.

A escola é uma das primeiras e mais importantes instâncias socializadoras, que oferece a crianças, adolescentes e jovens a coexistência com a diversidade social, sobretudo, a escola pública. Enquanto a vida familiar oferece possibilidades limitadas de convívio com diferentes estilos de vida, classes sociais, diversidade racial e sexual, entre outras, a escola amplia esses horizontes ao tentar acolher essas diferenças. Porém, apesar dos benefícios da expansão dos horizontes sociais, a escola tende a reproduzir as desigualdades, ao abrigar também as relações de poder desiguais presentes na sociedade mais ampla, como por exemplo, as relações de gênero.

Neste trabalho, a sexualidade é compreendida como “série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas” (WEEKS, 2001. p. 43). Essa abordagem contrasta com as perspectivas

²⁵ Assim como Paiva (2008), optei por manter a palavra *script*, e não traduzi-la por *roteiro*. Como aponta a pesquisadora, a palavra *script* está incluída nos dicionários de língua portuguesa e indica “mais diretamente a inspiração dramaturgica e ao mesmo tempo a noção de prescrição que mantém em inglês” (PAIVA, 2008, p. 648).

essencialistas presentes nos paradigmas sexológicos que dominaram os estudos da sexualidade até as últimas décadas do século XX (GAGNON, 2006). Busca-se, aqui, refletir sobre o caráter social da sexualidade, sobretudo, sobre as interseções entre sexualidade, gênero e a instituição escolar no contexto da diversidade sexual. A discussão sobre sexualidade na escola tem sido um campo de disputa caracterizado por avanços e retrocessos.

Para Helena Altmann (2001) a escola brasileira tem sido compreendida como instituição que deve acolher a educação sexual desde as primeiras décadas do século XX, porém, como espaço de educação preventiva, em momentos específicos, para enfrentar questões distintas. A pesquisadora ressalta o caráter controlador e disciplinador da escola no que se refere “aos mecanismos do dispositivo da sexualidade” (ALTMANN, 2001, p.578). Nesse sentido, ao longo da história, a escola lidou de diferentes modos com as demandas sociais, conforme Altmann:

Se olharmos para a escola a partir de uma perspectiva histórica, poderemos ver as diferentes formas como ela foi conclamada a colocar a sexualidade em discurso e como tais questões estão ligadas a fatos constituídos como problemas sociais no contexto e no momento em que estão situados. Estratégias pedagógicas foram criadas de modo a administrar a sexualidade e a vida social. Assim, as intervenções sobre a sexualidade na escola passaram por diferentes focos de atenção, como o onanismo, as DSTs, a aids, a chamada gravidez na adolescência e agora o respeito à diversidade sexual. (ALTMANN, 2013, p. 73)

As questões de sexualidade colocadas como desafio à escola são fortemente atravessadas pelas desigualdades de gênero, conceito essencial para sua reflexão. A historiadora norte-americana Joan Scott (1995), já bastante citada na área da educação, pode novamente contribuir com sua definição de gênero como “elemento constitutivo das relações de poder baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, constituindo, ainda, “uma forma primária e dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Com esta demarcação, Scott tenta estabelecer a distinção entre as características biológicas de homens e mulheres e as construções sociais do feminino e masculino que são significadas a partir dessas características. As relações sociais de poder advindas dessas construções são de hierarquização dos homens sobre as mulheres, do masculino sobre o feminino.

Semelhantemente, Jeffrey Weeks (2001) utiliza o conceito de gênero para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres, reforçando que o gênero não é somente uma categoria analítica, mas também uma relação de poder. Teresita de

Barbieri (1991) ressalta que o conceito de gênero surge como resposta à necessidade teórica de se explicar o fenômeno social da subordinação das mulheres ao patriarcado. O processo de incorporação de valores e regras associados às diferenças percebidas entre os sexos, a socialização de gênero, é um processo permanente e nunca concluído (TRAVERSO-YÉPEZ E PINHEIRO, 2005), sobre o qual a escola pode agir no sentido de promover a igualdade social e a cidadania.

As relações desiguais de gênero estão na base da discriminação por diversidade sexual - seja por orientação sexual ou identidade de gênero - pois determinam as expectativas sociais de identidades, atitudes, comportamentos e papéis, que deverão ser reproduzidos socialmente conforme o sexo biológico socialmente designado. Ao reproduzir modelos cristalizados de masculinidades e feminilidades, a escola - além de outras instâncias sociais -, promove o preconceito e a discriminação a quem não segue tais modelos. A homofobia²⁶ nas escolas, por exemplo, é um problema grave que tem ganhado visibilidade nas últimas décadas, sobretudo, como resultado das lutas por direitos dos movimentos LGBT, conforme alerta Rogério Junqueira:

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT – muitos dos quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autoculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado. (JUNQUEIRA, 2009, p. 15)

As tentativas de inserção das temáticas de gênero e de diversidade sexual nas escolas fazem parte de um longo e complexo contexto no qual se articulam as transformações sociais em curso no país, especialmente a partir dos anos de 1980, as quais exigiam a produção de conhecimentos capazes de subsidiar políticas públicas, bem como apoiar os movimentos na conquista e consolidação de direitos para grupos pertencentes a sexualidades não normativas. A emergência da Aids, nos anos 1980, foi

²⁶ Daniel Borrillo define *homofobia* como “atitude hostil às pessoas homossexuais, sejam homens ou mulheres” sendo “uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal” (BORRILLO, 2001, p. 13, tradução minha). A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT define homofobia como: “o medo, a aversão, ou o ódio irracional aos homossexuais, e por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heteronormativos” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS; MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, 2010, p. 21) Embora a definição da ABGLT entenda a homofobia como discriminação tanto às orientações sexuais como às identidades de gênero, os termos *lesbofobia*, *bifobia* e *transfobia* têm sido utilizados pela militância e também pela academia como tentativa de destacar as diferenças e especificidades das discriminações a lésbicas, bissexuais e transgêneros, respectivamente.

um dos fatores que tornou urgente a discussão aberta da sexualidade em sua diversidade, para que ações na área de saúde e educação pudessem ser implantadas com o objetivo de reduzir a proliferação da epidemia.

Nos anos 1990, o Brasil foi signatário de tratados internacionais importantes para a promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, com destaque para a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento – conhecida como Conferência do Cairo, realizada em 1994 – e a IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Pequim, em 1995. Tais conferências, além de contribuir para fomentar o debate sobre a sexualidade no cenário mundial, foram importantes para consolidar os conceitos de saúde sexual, direitos sexuais e direitos reprodutivos, os quais serviriam de base à formulação das políticas públicas demandadas pela sociedade brasileira nos anos que viriam. Há que se reconhecer a importância do movimento feminista e dos estudos de gênero para o fortalecimento da discussão dos direitos das populações de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros:

[...] a luta feminista conferiu sustentação à discussão política do movimento LGBT e densidade aos estudos da diversidade sexual. Ou seja, a passagem da discussão focada na mulher para o direito e a saúde sexuais significou ampliá-la, incluindo a orientação homossexual, a bissexual, e as experiências transexual e travesti. (SIMÕES et al., 2011, p. 72)

Conforme Vianna et al. (2011), na área da educação, as temáticas de gênero se intensificaram a partir de meados dos anos 1990, como demanda de movimentos sociais e da resposta do Governo Federal brasileiro aos compromissos internacionais assumidos pelo país na criação de políticas públicas destinadas a combater a discriminação às mulheres, além de compromissos assumidos junto às Metas do Milênio (2000), Conferência de Dacar (2000), entre outras (VIANNA et al., 2011). Com o lançamento do *Programa Brasil Sem Homofobia - Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*, em 2004, a diversidade sexual passou a fazer parte da agenda das políticas públicas brasileiras - incluindo políticas de educação - de forma mais consistente.

O Governo Federal brasileiro, em respostas às demandas da sociedade civil, tem se empenhado na criação de políticas de proteção a esta população vulnerável²⁷,

²⁷Apesar da resistência de setores políticos conservadores brasileiros em admitir a relevância da implantação de iniciativas relativas a sexualidade e gênero no campo educacional, algumas políticas públicas federais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), de 1997; o programa *Saúde e*

promovendo a criação de materiais educativos e cursos de capacitação para educadores/as, destinado ao combate da homofobia no espaço escolar. No entanto, essas iniciativas encontram muitas resistências, entre elas, as de grupos conservadores e/ou religiosos, que utilizam seu poder político para impedir que tais temas sejam discutidos nas escolas, dificultando o avanço das ações. É nesse campo de tensões, conflitos e lutas que assistimos ao crescimento da pesquisa acadêmica educacional sobre a diversidade sexual - somada à ampliação dos estudos sobre as temáticas de gênero e sexualidade no campo da educação - bem como às respostas e recusas do Governo Federal às demandas dos movimentos sociais (VIANNA et al., 2011).

No estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira nas áreas de educação, ciências sociais e serviço social - o qual mapeou a produção discente de 1999 a 2006 - somente 9,32% do total de trabalhos traz como tema *sexualidade e gênero* no contexto da juventude. Desses, a área de educação é a que apresentou um número maior de trabalhos (57% do total), seguida pelas ciências sociais, com 29%, e o serviço social, com 14% (SPOSITO, 2009, p. 23, 25 e 26). A superioridade numérica de trabalhos discentes sobre sexualidade e gênero na área de educação, indica ser esta uma área que tem se empenhado na produção de conhecimentos na tentativa de compreender questões complexas que chegam à escola. Dos trabalhos produzidos na área de educação - divididos em 6 subtemas - 26% trata da educação sexual, 14% aborda as masculinidades e feminilidades; 14% analisa o fenômeno da parentalidade juvenil; 14% tem enfoque na educação formal; 12% trata das DST/Aids; e 11% se concentra nas sexualidades. Conforme a análise dos dados, o subtema “educação formal” foi o que contribuiu de forma mais significativa com a produção de conhecimentos sobre as diversas discriminações enfrentadas no espaço escolar, entre elas, o clima hostil enfrentado por estudantes homossexuais (CARVALHO, SOUZA e OLIVEIRA, 2009).

Embora a assexualidade ainda seja um tema pouco pesquisado nos programas de pós-graduação brasileiros – e nesse sentido a presente pesquisa busca contribuir - não poderia deixar de mencionar os dados colhidos no âmbito de uma pesquisa que trata das trajetórias sociais e reprodutivas de jovens brasileiros em três capitais do Brasil²⁸

Prevenção nas Escolas (SPE), de 2003; o *Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual - Programa Brasil Sem Homofobia*, de 2004; e o programa *Gênero e Diversidade nas Escolas* (GDE), de 2006, têm somado esforços na promoção da discussão desses temas no âmbito educacional.

²⁸Pesquisa GRAVAD – Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil (HEILBORN et al., 2006)

(HEILBORN et al., 2006), os quais fornecem pistas interessantes para o estudo da assexualidade. No universo juvenil da referida pesquisa (um total de 4.634 jovens de ambos os sexos, de 18 a 24 anos) foram apurados 588 jovens (cerca de 12,5% do total) que se declararam virgens, fenômeno denominado pelos/as pesquisadores como *iniciação sexual tardia* (BOZON e HEILBORN, 2006, p. 186).

As análises das tabelas quantitativas da referida pesquisa trazem duas significativas indagações a esses/as jovens: o motivo da não iniciação sexual, e o que os/as amigos/as pensam sobre sua virgindade. Mencionarei somente os resultados mais relevantes numericamente às duas interpelações: 50% das mulheres e 34% dos homens responderam que ainda não tinham feito sexo por *não terem encontrado o/a parceiro/as ideal/adequado/a*; 38% das mulheres e 29% dos homens afirmaram que *pretendem casar virgem*. A pesquisa aponta, também, que 5% das mulheres e 6% dos homens assinalaram a opção *Outro* entre as alternativas oferecidas para ainda não terem iniciado a vida sexual. Quanto às opiniões dos/as amigos/as sobre sua virgindade, 21% das mulheres e 50% dos homens afirmou *não conversar com os amigos sobre sua virgindade*; 58% das mulheres e 27% dos homens responderam que *o momento da primeira relação sexual é uma decisão unicamente sua*.

Os resultados - marcados pelas diferenças de gênero - parecem indicar a grande pressão sofrida pelas mulheres para que a iniciação sexual ocorra no contexto do relacionamento amoroso, daí, sua espera - ou busca - pela *pessoa certa*. Entre os/as que afirmaram querer manter a virgindade até o casamento, a porcentagem de mulheres também é maior. Cruzando dados da pesquisa, Michel Bozon e Maria Luiza Heilborn apresentam a hipótese de que a decisão pela virgindade até o casamento é fortemente marcada por convicções religiosas, principalmente para os homens.

A respeito da interlocução com os pares sobre sua virgindade, o percentual de homens que não conversa com os amigos sobre esse assunto é muito superior ao percentual de mulheres, o que revela a pressão sofrida pelos homens para a iniciação da vida sexual, e o quanto a revelação da não iniciação aumentaria essa pressão. Segundo os pesquisadores, “não conversar sobre o assunto é uma forma de resistir a tal pressão” (BOZON e HEILBORN, 2006, p. 187). Por último, os dois pesquisadores concluem que a justificativa de que a *iniciação sexual é uma decisão individual* constitui um argumento moderno para explicar uma conduta tradicional, considerando que o indivíduo da contemporaneidade tem autonomia para tomar suas próprias decisões.

Independente dos motivos para o adiamento ou para a não iniciação sexual, o percentual de jovens virgens no grupo de idade 18-24 anos apurado pela pesquisa é considerável e traz desafios importantes para a educação, sobretudo, para a educação sexual escolar.

Apesar da constatação de que sexualidade, gênero e diversidade sexual são temáticas que, de algum modo, têm avançado nas políticas públicas na produção acadêmica na área da educação, ainda são inseridas sob a égide da pouca compreensão do conjunto de normas sociais sexo-normativas que estabelecem o interesse sexual e o interesse amoroso como universais e do silenciamento das assexualidades, sobretudo na instituição escolar.

2.2 Do essencialismo ao construcionismo: a persistência do paradigma sexo-normativo nas construções de sexualidade e gênero

“Precisamos *mesmo* de um sexo verdadeiro?” Com esta indagação, o filósofo francês Michel Foucault abre a introdução de *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita* (FOUCAULT, 1980, p. VII, tradução minha, grifo meu), memórias de uma jovem francesa do século XIX, nascida com a genitália ambígua, criada como mulher, que vem a cometer suicídio por não ser capaz de se adaptar à identidade masculina, conforme determinado pelas instituições jurídicas, médicas e religiosas de sua época. Com esta pergunta, Foucault traz à tona o quanto a sexualidade costuma ser interpretada como a dimensão humana que, por excelência, carrega a “verdade” sobre cada um de nós: “Acreditamos que é no campo do sexo que devemos buscar as verdades mais secretas e profundas sobre o indivíduo; lá, poderemos descobrir o que ele é, bem como o que o define” (FOUCAULT, 1980, p. X, tradução minha). A crença na existência dessa verdade, que supostamente a sexualidade carregaria, moveu, ao longo da história, ciência, religião e Estado na busca dos saberes que pudessem resultar em controle e poder sobre os corpos.

Ao contestar a existência de uma suposta hipótese repressiva, que conforme se acreditava, mantinha o sexo no domínio do silêncio e do controle no século XVII, Foucault afirma que, ao contrário, o que houve, a partir desta época, foi uma explosão discursiva sobre o sexo, sobretudo a partir do século XVIII (FOUCAULT, 2005). Esta profusão de discursos acontecia não somente no contexto clerical – onde a confissão religiosa constituía prática importante para a “produção da verdade” – mas,

adicionalmente, o sexo passou a ser objeto de numerosos estudos de diferentes campos do conhecimento, que deram origem à área interdisciplinar que seria, mais tarde, conhecida como sexologia. Ciências como a biologia, medicina, epidemiologia, demografia, psicologia - com papel fundamental da psicanálise, no século seguinte - debruçaram-se sobre o sexo, esmiuçando-o a seus elementos fundamentais. Segundo Foucault, a busca pela verdade sobre o sexo seguia duas abordagens principais:

Por um lado, as sociedades - e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabe-muçumanas - que se dotaram de uma *ars erotica*. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência. [...] Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação, é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral que é a confissão. (FOUCAULT, 2005, p. 57-58)

O legado da *scientia sexualis* no Ocidente fez com que a busca pela “verdade” sobre o sexo ocorresse num contexto extremamente essencialista, no qual a investigação científica do corpo e da mente buscava extrair a “essência” concreta do sexo a partir do estudo das práticas sexuais e do desejo sexual, conforme explica Weeks:

O essencialismo é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos (WEEKS, 2001, p.43).

Essa abordagem essencialista cuidava de ressaltar diferenças relevantes entre os corpos sexuados, pelo menos nos tratados médicos ao longo da história, conforme revelam os estudos de Thomas Laqueur (2001). A partir do exame de tais tratados, Laqueur observou a persistência do paradigma do *sexo único* ao longo de séculos. Nessa perspectiva, não haveria dois sexos - como mais tarde se compreenderia - mas somente um, o masculino, sendo o corpo feminino uma versão inacabada e incompleta, o qual não teria chegado à perfeição do homem. Esta compreensão sobre os corpos sexuados perdurou nos tratados até o século XVIII, sendo substituída pelo paradigma dos dois sexos, não devido aos avanços das ciências - como seria de se esperar - mas por transformações políticas, econômicas e sociais que “criaram o contexto no qual a articulação de diferenças radicais entre os sexos se tornou culturalmente imperativa” (WEEKS, 2001, p.57).

Os estudos sobre a sexualidade humana no Ocidente já surgiram sob a égide da sexo-normatividade, pois partiam do pressuposto de uma força sexual estruturante das diferentes sexualidades, inerente aos corpos, embora de forma diferenciada para homens e mulheres. A partir do início do século XIX, começou-se a expandir um campo de conhecimento sobre a sexualidade – com base em dados demográficos e levantamentos estatísticos de índices de natalidade, fecundidade, entre outros - cujo objetivo era o controle, a normalização e a disciplina. Para Anne Fausto-Sterling, este caráter disciplinar apontado por Foucault tinha duplo significado:

De um lado, implicava uma forma de controle ou punição; de outro, referia-se a um corpo acadêmico de conhecimentos - a disciplina história ou a biologia. O conhecimento disciplinar desenvolvido nos campos da embriologia, endocrinologia, cirurgia, psicologia e bioquímica estimularam os médicos a tentarem controlar o gênero mesmo do corpo - inclusive suas capacidades, gestos, movimentos, localização e comportamentos. Ao ajudarem o normal a assumir a precedência em relação ao natural, os médicos também contribuíram para a biopolítica populacional. Tornamo-nos, escreve Foucault, “uma sociedade da normalização. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 26)

Ocorreu, sobretudo, no fim do século XIX, no contexto europeu, “um movimento cultural em moldes médico-científicos, que questionou diretamente as crenças anteriormente sustentadas sobre o papel da sexualidade na vida humana” (GAGNON, 2006 p. 70). Os pioneiros desses estudos, ainda segundo John Gagnon, foram importantes para trazer a sexualidade das sombras obscuras da anormalidade e do pecado e introduzi-la - assim como seus atores - no centro da vida social. No tocante à diversidade sexual - aqui, falando sobre a orientação do desejo sexual - alguns cientistas se dedicaram ao estudo da homossexualidade, mas ainda sob a ótica da patologia, conforme explica Míriam Adelman:

A intensa produção discursiva sobre a sexualidade não era monolítica nem livre de contradições. A “sexologia”, nova ciência do século XIX que se debruçou sobre a tarefa positivista de classificar os “tipos” e comportamentos sexuais, contribuiu para *produzir* a homossexualidade. Em grande parte, isto significou *produzi-la como condição patológica*. No entanto, houve também uma abordagem sexológica que tentava justificá-la, argumentando que se tratava de uma *natureza* diferente que algumas pessoas possuíam. (ADELMAN, 2000, p. 165)

A legitimidade do discurso científico na compreensão da sexualidade humana como uma força instintiva biológica e incontrolável pode ser apontada como um dos fatores para o estabelecimento do paradigma sexo-normativo, não somente nos estudos que viriam em seguida, mas também na cultura sexual. Importante enfatizar que estes primeiros estudos sobre a sexualidade, tinham, entre seus objetivos, a tentativa de

explicar práticas sexuais não normativas – como, por exemplo, as práticas homossexuais - construídas socialmente com como pecado e aberração, sobretudo, pelos discursos proferidos pelas religiões.

Adelman prossegue pontuando que a tônica desses primeiros estudos do final do século XIX era a do desejo sexual “natural” como fator de ameaça à ordem social. Por outro lado, alguns avanços foram alcançados no estudo da diversidade, como por exemplo, os estudos do psiquiatra austríaco Richard von Kraft-Ebing, que classificava a homossexualidade como uma condição congênita. Esta perspectiva, no mínimo, tira a homossexualidade da esfera da escolha moral, perversa e pecadora, alçando-a ao estado de produto da natureza. Já o alemão Karl Heinrich Ulrichs, com obra produzida entre 1864 e 1879, concebia a homossexualidade a partir de um modelo de “inversão sexual natural”, na qual homens em corpos masculinos, por conta de uma “inversão” possuíam desejos sexuais femininos (ADELMAN, 2000).

Grande impacto sobre as construções de sexualidade - que permaneciam biologizadas e essencializadas pelos pioneiros da sexologia, apesar dos avanços - teve a obra do médico neurologista Sigmund Freud, que desenvolveu a psicanálise. A contribuição de Freud, segundo Adelman (2000) foi o redirecionamento do enfoque biológico para uma compreensão da sexualidade mais voltada aos fatores culturais. Freud promoveu a desnaturalização da heterossexualidade e da homossexualidade, sugerindo a possibilidade de uma pré-disposição do ser humano à bissexualidade. Apesar de este enfoque ainda constituir uma abordagem essencialista, a teoria psicanalítica de Freud - jogou novos desafios para se pensar a sexualidade, na opinião de Gagnon:

Os primeiros pesquisadores da sexualidade, embora tenham servido para retirá-la da frieza vitoriana e introduzi-la no centro do desenvolvimento humano, basearam suas visões da sexualidade em modelos de controle/repressão de impulsos. A tradição freudiana foi de especial influência nas questões intelectuais em geral, e é provável que tenha sido a mais importante no desenvolvimento das ideologias sexuais do século XX. (GAGNON, 2006, p. 65-66)

Ao longo da primeira metade do século XX, é possível identificar dois marcos importantes – ambos nos Estados Unidos - que teriam impacto tanto nos estudos de sexualidade como na cultura sexual. O primeiro foi o biólogo norte-americano Alfred

Kinsey²⁹, o qual empreendeu um levantamento abrangente em nível nacional, com o objetivo de conhecer as práticas sexuais dos norte-americanos. Gagnon afirma que o trabalho de Kinsey, além de ter feito um mapeamento importante sobre a sexualidade dos norte-americanos, influenciou “as atitudes populares, a política pública e os interesses das pesquisas” nas décadas seguintes (GAGNON, 2006, p. 66). O segundo marco importante foi o trabalho do casal William Masters e Virginia Johnson, que segundo Gagnon (2006), foram importantes para promover o estudo da anatomia e da fisiologia sexuais, trazendo o sexo para o laboratório, testando respostas sexuais a estímulos e quantificando níveis de excitação.

Fenômeno respeitável observado ao longo da vigência do paradigma sexológico - mas que prossegue mesmo após seu enfraquecimento - é a *medicalização* da sexualidade. De modo geral, a medicalização descreve o processo pelo qual problemas não médicos são definidos e tratados como se fossem distúrbios de ordem médica, geralmente em termos de doenças ou transtornos (CONRAD, 1992). A medicalização caracteriza os processos pelos quais determinada sociedade, em dado momento histórico, elege um objeto como pertencente ao domínio da medicina. Nesse sentido, o conceito de saúde é ampliado para outras dimensões da existência humana além do corpo biológico, de modo que comportamentos e identidades também sejam normalizados conforme paradigmas estabelecidos pela área médica. Para Fabíola Rohden (2009) o processo de medicalização deve ser compreendido como um fenômeno amplo, que vai desde a definição em termos médicos de comportamentos “desviantes”, passando pelas descobertas científicas que legitimam os “desvios”, os tratamentos recomendados, bem como a intrincada rede de interesses sociais, econômicos e políticos presentes no processo.

Michel Bozon (2002) concorda que os discursos e as práticas da medicina e da psicologia clínica têm um papel fundamental nas construções de sexualidade da contemporaneidade, mas representam apenas uma parte de um processo mais abrangente de medicalização da sociedade, que consiste em “atribuir uma natureza médica a representações, práticas e problemas que, até então, não eram apreendidos

²⁹ O biólogo norte-americano Alfred Kinsey, em seus famosos e polêmicos estudos sobre as práticas sexuais da população dos Estados Unidos, publicados nos anos 1940 e 1950, apurou que cerca de 1% dos/as respondentes não manifestava nenhum interesse pela atividade sexual, sendo que a esse segmento, Kinsey deu o nome de *Grupo X*. A conhecida *Escala Kinsey*, que lista os diferentes graus de direcionamento do desejo sexual, não reserva um lugar para o Grupo X, uma vez que só contempla orientações sexuais caracterizadas pela efetiva atividade sexual, ou seja, a heterossexualidade, a homossexualidade e diferentes graus de bissexualidade.

nesses termos” (BOZON, 2002, p. 141). O pesquisador prossegue apontando algumas consequências sociais desse processo:

Dessa redefinição de uma realidade já existente como um problema médico, decorrem desdobramentos clínicos sob a forma de exames, diagnósticos e tratamentos. E quando o problema médico toma o seu lugar no espaço coletivo e suscita um problema de saúde pública destinado a reorientar as condutas da população, um patamar suplementar da medicalização é alcançado. (BOZON, 2002, p. 141)

Muitos fatores podem ser apontados para o crescente domínio da área médica na esfera da sexualidade, mas talvez o próprio fato de os pioneiros da chamada sexologia norte-americana no século XX terem sido biólogos, médicos e psicólogos - como Alfred Kinsey e o casal Masters e Johnson - tenha contribuído para a consolidação da medicina como produtora de conhecimentos sobre sexualidade. As abordagens que dominaram os estudos sobre sexualidade nos primeiros 80 anos do século XX, caracterizadas pela preocupação em descobrir e descrever a “natureza” da resposta sexual - trouxeram algumas consequências benéficas, segundo Vera Paiva:

Na esfera da sexualidade, importante ressaltar, uma das grandes contribuições do período sexológico para a mudança social foi naturalizar o prazer no mundo de tradição judaico-cristã, legitimar a sexualidade independente da reprodução, separação que a pílula anticoncepcional massificou. (PAIVA, 2008, p. 644)

Jane Russo (2004) argumenta que as últimas décadas do século XX assistiram a uma importante transformação no campo psiquiátrico. O marco dessa mudança foi a publicação, em 1980, da terceira versão do DSM, sigla em inglês para o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais*, a “bíblia” da psiquiatria nos Estados Unidos, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. De uma visão psicossocial dos transtornos mentais, presente nas edições anteriores, passou-se a uma perspectiva estritamente biológica. O que nos interessa para a contextualização da assexualidade é o *Desejo Sexual Hipoativo* (HSDD, na sigla em inglês), definido pelo Manual como “deficiência ou ausência de fantasias sexuais e desejo de ter atividade sexual.” Segundo Rohden (2009), já na década de 1980, a partir das alegações de terapeutas sexuais no contexto norte-americano, a falta de desejo sexual constituía metade dos diagnósticos clínicos, sendo que “em 1980, a American Psychiatric Association reconhece o desejo sexual hipoativo como entidade clínica e o inclui no DSM-III” (ROHDEN, 2009, p. 96).

Russo (2004) destaca que, ao referir-se à “deficiência de fantasias” ou “baixo desejo”, o Manual sugere que existe um nível “normal” de fantasias e desejos, e que estar abaixo desse nível significa ser portador de um distúrbio. Portanto, na definição do DSM, a assexualidade se inscreve como transtorno sexual, embora a palavra *assexualidade* não conste do Manual. Apesar de o texto do Manual deixar claro que a falta de desejo sexual só deve ser interpretada como transtorno se traz sofrimento ao indivíduo, a patologização e a estigmatização da assexualidade - bem como a pressão social pela atividade sexual e relacionamentos amorosos - podem constituir fatores externos de angústia (BEDLEY, 2009).

A indústria da saúde e do bem-estar, incluindo a sexualidade, cresce anualmente, movimentando verdadeiras fortunas nas economias de alguns países. Um exemplo de produto da indústria farmacêutica que revolucionou a forma como se percebe o desempenho sexual masculino foi o lançamento, em 1998, da droga *citrato de sildenafil*, conhecida comercialmente com o nome de *Viagra*, a qual prometia o fim da disfunção erétil. Rohden (2009) lembra que o lançamento do *Viagra* consolidou uma nova era no processo de medicalização da sexualidade, sobretudo pelo poder da indústria farmacêutica na oferta de produtos relacionados à melhoria do desempenho sexual. Os produtos e serviços comercializados por esta indústria vão muito além do alívio à dor ou ao desconforto provocado por algum mal físico ou psicológico, criando novos paradigmas e expectativas para o exercício da atividade sexual “normal.”

Os discursos sobre sexualidade proferidos pelas áreas médica e farmacêutica, e difundidos pelos meios de comunicação, destacam a atividade sexual como elemento essencial para a boa saúde. Ainda que os riscos inerentes à atividade sexual sejam sempre lembrados - haja vista a epidemia de aids no início dos anos 1980, que também contribuiu para o avanço da medicina no campo da sexualidade - a ideia de que o sexo promove a saúde física e psicológica dos indivíduos é fortemente destacada. Nesses discursos, são inúmeros os benefícios do sexo; por exemplo, o aumento da imunidade a doenças, elevação da autoestima, alívio para o estresse, queima de calorias, aparência mais jovem e saudável, entre outros. Esses propagados benefícios da atividade sexual se fundamentam numa concepção essencialista da sexualidade, a qual situa o desejo sexual e sua satisfação no corpo biológico, desconsiderando outros elementos importantes de sua construção social.

Fazendo a crítica das abordagens sexológicas, Gayle Rubin (1999) destaca que tal perspectiva essencialista da sexualidade apresenta o sexo como uma força natural, pré-existente à vida social, sendo, nesse sentido, imutável, associal e ahistórico. A autora prossegue afirmando que o estudo acadêmico do sexo - empreendido principalmente pela psiquiatria e pela psicologia - continua a reproduzir esse essencialismo. Revendo a literatura sobre sexualidade produzida pela sexologia, Weeks (2001) observa que existe em grande parte desses escritos, uma ênfase no sexo como um instinto, uma energia vulcânica que exige satisfação. Em seus estudos, Weeks faz a leitura da sexualidade a partir de uma perspectiva que considera as construções históricas, sociais e culturais dos significados atribuídos ao corpo e à sexualidade e das relações de poder embricadas nesses significados. Essa abordagem, denominada por ele - bem como por outros/as estudiosos/as do tema - como *construccionismo social*, provocou a ruptura do paradigma sexológico na segunda metade do século XX, palco de profundas transformações sociais e culturais, incluindo o fortalecimento das lutas por direitos civis, liberdade sexual e a emancipação feminina. Para Sterling, “as teóricas feministas concebem o corpo não como uma essência, mas como um suporte vazio no qual o discurso e a performance constroem um ser completamente aculturado.” (STERLING, 2001, p. 22). A perspectiva crítica dos estudos de sexualidade de base essencialista tem sido enriquecida pela contribuição dos estudos feministas e estudos de gênero, sobretudo, a partir dos anos 1980.

Os estudos sobre sexualidade ganharam o reforço da perspectiva sociológica nos anos 1970, a partir do trabalho dos sociólogos John Gagnon e William Simon, os quais contribuíram para o rompimento com paradigma essencialista e a aproximação com a perspectiva construcionista social - com base no interacionismo simbólico de George Mead e colaboradores. Desse modo, os sociólogos buscam compreender a sexualidade como fenômeno social, com destaque para o papel da cultura na modelagem das condutas sociais. Neste sentido, os comportamentos sexuais seriam o resultado de aprendizagem, realizada por meio das interações sociais. Os dois sociólogos criaram a Teoria dos *Scripts* Sexuais, numa metáfora emprestada do teatro e do cinema para explicar de que maneira os indivíduos apreendem, significam e agem com base em mensagens presentes no meio cultural. Carol Haefner explica a relevância desse corpo teórico:

A Teoria dos *Scripts* sociais de Gagnon e Simon representou um esforço para se deixar de reduzir a sexualidade à biologia, afastando-se de uma visão essencialista,

para articular de forma mais clara o impacto do meio social nos comportamentos sexuais e de identidade sexual, se aproximando da visão construcionista social. A Teoria dos Scripts Sexuais permite aos pesquisadores explorar as maneiras pelas quais indivíduos são influenciados por mensagens culturais nos níveis interpessoais e intrapsíquicos. (HAEFNER, 2011, p. 33, tradução minha)

No entanto, a abordagem essencialista da sexualidade continua a existir paralelamente às perspectivas construcionistas, e tem sido responsável pelas representações de sexualidade culturalmente disponíveis. Quanto mais a dimensão biológica é definida como estruturante da sexualidade como um todo, mais se consolida o domínio das áreas médicas neste campo de conhecimento, entre outras áreas que emergem, conforme ressalta Stevi Jackson:

Ainda não vencemos a batalha contra o determinismo biológico. [...] Na verdade, o determinismo biológico vem ganhando força com a psicologia evolucionista, as teorias sobre cérebros de mulheres, homens e gays e a crescente medicalização da sexualidade. Parte do encanto das perspectivas biológicas é que elas “fazem sentido” no tocante à visão do indivíduo sobre si mesmo. Este é um dos paradoxos de nossa modernidade tardia: cada um insiste que é um indivíduo único, mas vive suas preferências de sexualidade e gênero como se estas fossem fixas e pré-determinadas. (JACKSON, 2007, p. 4, tradução minha)

A Teoria dos *Scripts* Sexuais, de John Gagnon e William Simon - utilizada como inspiração para a reflexão teórica sobre a assexualidade neste trabalho - será aprofundada no último tópico deste capítulo.

2.3 A configuração das assexualidades: o encontro do “paraíso perdido” e a busca pela normalização do desinteresse sexual e amoroso

Assim como outras sexualidades, a assexualidade sempre existiu, mas diferentemente da homossexualidade, por exemplo, nunca foi ilegal, imoral ou controversa, tendo passado praticamente despercebida ao longo da história, tanto na percepção da sociedade quanto no interesse da ciência. A assexualidade não ganhou visibilidade em nenhuma outra época da história ocidental, pelo menos não como uma categoria específica (PRZYBYLO, 2012), sendo que as lutas políticas por direitos de outras sexualidades não normativas, ao longo de todo século XX, pavimentaram o caminho para que o desinteresse sexual pudesse ser percebido e reivindicado como uma categoria específica, no início do século XXI.

Antes da popularização da internet, as pessoas assexuais viviam socialmente isoladas, sem dar-se conta de que havia outras pessoas com experiências e dificuldades similares às aquelas enfrentadas por eles e elas, como por exemplo, a pressão de uma sociedade que valoriza o sexo e os relacionamentos amorosos como prioridade e principal objetivo de vida. Por constituir um grupo de proporções reduzidas, a probabilidade de interação face a face de forma não planejada entre pessoas assexuais é estatisticamente pequena, devido, entre outros fatores, a sua esparsa distribuição geográfica. Portanto, a chamada *comunidade assexual*, em seus primórdios, tem sido, predominantemente, virtual (CHASIN, 2009).

Se a internet inaugurou um novo modo de construção e circulação de informações e conhecimentos, também criou novas formas de organização social, uma forma “transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços” (COSTA, 2005, p. 246). Comunidades virtuais e redes sociais são dois exemplos de formas de organização social proporcionadas pelas tecnologias disponíveis na contemporaneidade, as quais têm atraído pessoas que se autoidentificam como assexuais.

Assim, a partir da expansão do acesso à rede virtual, diversos grupos estigmatizados puderam se encontrar, promovendo a troca de experiências e o apoio identitário mútuo. Isso contribuiu para o fortalecimento de movimentos construídos sobre bases identitárias sexuais e de gênero, por exemplo, já ativos no cenário social - como os grupos LGBT - colaborando também para o surgimento de novos agrupamentos. Kristin Scherrer (2008) lembra que a internet tornou viável a membros de identidades marginalizadas a possibilidade de juntar-se em comunidades, reduzindo seu isolamento e sua falta de interação, além de possibilitar a troca de experiências e o apoio emocional do grupo. Ainda segundo Scherrer (2008), a relativa privacidade oferecida pela internet também facilitou a formação de comunidades fundamentadas na identidade assexual, nos primeiros anos do século XXI.

Zygmunt Bauman chama a atenção para o teor idílico da palavra *comunidade*: “é como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. [...] Comunidade é, nos dias de hoje, outro nome do paraíso perdido” (BAUMAN, 2003, p. 7 e 9). Embora o filósofo polonês não esteja, aqui, se referindo às comunidades virtuais da internet, sua metáfora do “paraíso perdido” - representado pela ideia de comunidade - também se aplica este tipo de

agrupamento na contemporaneidade. CJ DeLuzio Chasin (2009) define comunidade como um grupo de pessoas com interesses, objetivos ou identidades comuns, compartilhando um espaço, físico ou não. Por meio do compartilhamento de experiências, bem como a satisfação de necessidades específicas, os membros de uma comunidade constroem uma experiência subjetiva de pertencimento. Embora muitos aspectos das comunidades tradicionais - quando comparados às comunidades virtuais - sejam claramente diferentes, o sentimento de pertencimento nos dois tipos de comunidade ocorre de forma similar. Portanto, para este estudioso, faz sentido abordar as comunidades virtuais considerando-as comunidades *reais*, como qualquer outra comunidade tradicional. Apesar de seu desprendimento de tempo e lugar, as comunidades virtuais proporcionam a seus integrantes uma proximidade intelectual e emocional que transcende a mera proximidade física e geográfica, característica das comunidades tradicionais.

A partir da formação das comunidades virtuais e das consequentes trocas, as pessoas assexuais passaram a construir uma experiência identitária coletiva, apropriada e ressignificada por cada um/a, a exemplo do que já ocorria com gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. Conforme tem sido destacado ao longo do trabalho, a assexualidade é fruto da contemporaneidade, não só porque sua emergência está atrelada aos recursos tecnológicos do século XXI, mas também porque surge na esteira de outros movimentos identitários fundamentados na sexualidade que se desenvolveram e se consolidaram ao longo de todo o século XX. As identidades não são construídas na clausura e no isolamento, necessitam da interação com outros indivíduos, grupos e instituições (MUNÁRRIZ, 2010); nesse sentido, as tecnologias da contemporaneidade têm facilitado esse processo para os indivíduos assexuais.

Não constitui tarefa simples tentar elaborar uma “história” da assexualidade, ainda que breve, principalmente porque esta história encontra-se por demais fragmentada e pulverizada no ciberespaço - em comunidades, *blogs*, *podcasts*, páginas desativadas, algumas ainda resgatáveis no Internet Archive³⁰. Mesmo apresentando muitas lacunas, essas informações conseguem, minimamente, esboçar um quadro, ainda precário, na tentativa de dar coerência e iluminar a gênese desse fenômeno. O estudante

³⁰*Internet Archive* é uma biblioteca digital, fundada em 1996 pelo engenheiro de computação norte-americano Brewster Kahle, com o objetivo de tornar-se o arquivo da internet, para preservar a cultura produzida pela humanidade. Sua missão é viabilizar o acesso universal a todo conhecimento. Este serviço permite acesso aos arquivos da internet, sobretudo a grande número de páginas que não estão mais disponíveis. Internet Archive: <https://archive.org/index.php>

norte-americano Andrew Hinderliter³¹ escreveu um artigo disponibilizado em seu *site Asexual Explorations* - espaço virtual que busca disseminar a pesquisa acadêmica da assexualidade - no qual relata os resultados de seu próprio levantamento sobre a evolução do conceito. Esse escrito constitui uma rara fonte que contém informações relevantes sobre esta história, portanto, será utilizado como referência.

A curta história da assexualidade - que é também a história da explosão discursiva sobre o tema - basicamente possui três marcos, sempre lembrando que esses marcos ocorreram, principalmente, no contexto cultural e acadêmico da América do Norte e Europa, tendo reverberado pela internet para os outros países, entre eles, o Brasil. Em primeiro lugar, existe uma escassa e esparsa produção acadêmico-científica sobre o desinteresse sexual fora do contexto patológico, entre as décadas de 1970 e 1990. Em segundo, a fundação da AVEN - *Asexual Visibility and Education Network*, em 2001, comunidade virtual norte-americana que impulsionou a discussão da assexualidade como sexualidade legítima (OLIVEIRA, 2013), além de ter inspirado o surgimento de outras comunidades assexuais. E por último, temos o crescimento da investigação acadêmico-científica da assexualidade, a partir de meados dos anos 2000, fomentada pela visibilidade da assexualidade promovida pela AVEN³² e por outras comunidades similares, sobretudo no hemisfério norte. A emergência da militância assexual nas comunidades virtuais em conjunto com o florescimento da pesquisa científica sobre a temática - episódios devidamente explorados e disseminados pela mídia, principalmente a televisão e a internet - foram os fatores que contribuíram enormemente para o alastramento da produção discursiva sobre a assexualidade em nível planetário.

Como primeiro marco, temos, portanto, a discussão sobre o desinteresse sexual fora do contexto patológico, promovida por uma esparsa produção acadêmico-científica

³¹Andrew Hinderliter, membro da AVEN e doutorando do Departamento de Linguística da Universidade de Illinois (2012), é também ativista pelos direitos assexuais nos Estados Unidos. É o criador do *site Asexual Explorations* (www.asexualexplorations.net), no qual disponibiliza artigos de sua autoria e mantém um registro constantemente atualizado da produção acadêmica sobre assexualidade. Seus escritos são fundamentados não somente em seus levantamentos e estudos, mas também em diálogos com pessoas que tiveram papel importante na explosão discursiva sobre a assexualidade.

³² Juntamente com a AVEN, outras comunidades assexuais virtuais foram criadas, como por exemplo, a *Livejournal Ace Community* (<http://asexuality.livejournal.com/>) e a *A-Positive* (<http://www.apositive.org/>), as quais também cresceram ao longo dos anos 2000. Porém, a AVEN continua a ser a comunidade com maior número de membros, a mais influente na mídia e nos eventos sobre sexualidade nos Estados Unidos, bem como a mais organizada, do ponto de vista político. Seus conteúdos são acessados e reproduzidos em diversos países, inclusive no Brasil. Importante também destacar a proliferação de diversos *sites* de encontros para pessoas assexuais que desejam relacionamentos amorosos, como por exemplo, *Asexual Lesbians*, *Platonic Partners*, *Acebook*, *Asexual Pals*, entre outros.

espalhada ao longo dos últimos 25 anos do século XX. Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, alguns poucos artigos e capítulos de livros referem-se a sexualidades desassociadas do desejo sexual, sem classificarem estas sexualidades como patologia³³. Przybylo (2012) - que se refere a esses estudos mais antigos como a “pré-história” da assexualidade - afirma que a principal característica dessa produção é o total desinteresse dos/as pesquisadores/as pelo conceito. Ou seja, os trabalhos apresentam a assexualidade, mas não mostram interesse em seu aprofundamento. Essa característica fica evidente quando se comparam esses primeiros trabalhos à produção mais recente - iniciada a partir de meados dos anos 2000 - a qual trata a assexualidade como um tema novo, como sexualidade distinta e merecedora de investigação. Um breve resumo do conjunto dos trabalhos mais antigos contribui para perceber essa diferença.

Utilizando dados obtidos em cartas escritas por mulheres aos editoriais de revistas femininas dos anos 1970, Myra T. Johnson (1977) publica o capítulo intitulado “Mulheres assexuais e autoeróticas: dois grupos invisíveis” num livro sobre sexualidades não normativas. Para a autora, mulheres *assexuais* são aquelas que não sentem interesse por sexo e não praticam a masturbação; aquelas que praticam a masturbação, mas não se interessam por sexo com parceiro, são denominadas pela pesquisadora como *autoeróticas*. Note-se que esta compreensão da assexualidade diz respeito somente ao comportamento sexual. Este parece ser o mais antigo trabalho que se tem notícia a tratar a falta de desejo sexual fora do contexto da disfunção sexual e a empregar os termos *asexuality* e *asexual* para definir a ausência de desejo/interesse sexual e os indivíduos que se enquadram nessa condição, respectivamente.

Também por volta desta época, dois artigos sobre orientação do desejo sexual e identidade sexual (SHIVELY e DE CECCO, 1977; STORMS, 1980) apresentam a assexualidade como experiência de parte dos sujeitos pesquisados. Michael D. Storms (1980) publica em seu artigo uma escala de quatro orientações sexuais que acomoda a assexualidade, além da heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Esta escala considera diferentes graus de atração erótica por diferentes alvos. Assim, homossexuais são aqueles que apresentam alto grau de erotismo pelo mesmo sexo e baixo grau a outro sexo; heterossexuais apresentam alto grau de erotismo direcionado a outro sexo e baixo grau ao mesmo sexo; bissexuais apresentam alto grau de erotismo

³³ Torna-se importante ressaltar o primoroso trabalho de Hinderliter não só na recuperação desses trabalhos mais antigos em seus levantamentos, mas também na disponibilização das referências em seu site, *Asexual Explorations*, o que torna bem menos complexo o trabalho de pesquisadores/as deste tema.

direcionado a qualquer dos sexos; e assexuais apresentam baixo grau de erotismo por qualquer dos sexos. Alguns anos mais tarde, Paula S. Nurius (1983) empreende um levantamento que visa quantificar e caracterizar jovens universitários em relação à orientação do desejo sexual, concluindo que certa parte dos indivíduos pesquisados revelou baixos níveis de atividade sexual e desejo sexual por qualquer dos sexos. Em 1990, Braden R. Berkey, Terri Perelman-Hall e Lawrence A. Kurdek publicam um artigo propondo uma escala multidimensional da sexualidade, incluindo a assexualidade como uma das orientações sexuais possíveis.

Em 1993, Esther D. Rothblum e Kathleen A. Brehony publicam o livro *Boston Marriages – romantic but asexual relationships among lesbians*. Trata-se de um conjunto de ensaios teóricos e histórias pessoais, tendo como foco relações afetivas e estáveis entre mulheres lésbicas, que excluem o sexo de suas práticas, levando ao questionamento do postulado de que a atividade sexual teria necessariamente lugar privilegiado e indispensável na formação e manutenção de relacionamentos íntimos e duradouros. O livro levanta questões interessantes sobre o papel do sexo nos relacionamentos amorosos. As autoras de *Boston Marriages* recuperam esta expressão antiga³⁴ para referir-se a casais lésbicos da contemporaneidade, os quais, por diferentes motivos, não praticam o sexo, mas mantêm o relacionamento amoroso. É bom notar que aqui não se está falando de mulheres assexuais, mas de relacionamentos assexuais. No início da década de 1990, quando o livro foi publicado, ainda não se falava em assexualidade do modo como falamos hoje. Os relatos pessoais descrevem relacionamentos entre lésbicas que são absolutamente iguais a qualquer relacionamento amoroso, exceto pela inexistência de atividade sexual.

Após os registros desses primeiros trabalhos abordando o desinteresse pelo sexo fora do contexto patológico, a produção acadêmico-científica sobre este tema parece ter cessado temporariamente, sendo retomada somente a partir de meados dos anos 2000. No entanto, é importante lembrar que essas décadas intermediárias assistiram ao

³⁴ A expressão *casamentos de Boston* – que dá título ao livro de Rothblum e Brehony – diz respeito a um tipo de arranjo doméstico comum no nordeste dos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, no qual duas mulheres sem relação de parentesco dividiam a mesma casa, sem a ajuda financeira de um homem. Essas mulheres permaneciam solteiras, não namoravam, tinham seus empregos e eram independentes, diferentemente da maioria das mulheres dessa época, destinadas ao casamento e ao cuidado com os filhos. Não há registros de que tais arranjos envolvessem relações sexuais. Aparentemente, tratava-se de um tipo de amizade próxima com certo grau de compromisso duradouro, que pressupunha o compartilhamento não somente das despesas e tarefas domésticas, mas também dos momentos de lazer e dos planos de vida conjunta, daí a utilização da palavra *casamento* – e não *amizade* – para nomear este tipo de relação.

crescimento e fortalecimento do movimento feminista e do movimento LGBT, bem como os primórdios e crescimento dos estudos de gênero, e mais adiante, dos estudos *queer*. Portanto, as transformações sociais promovidas tanto por esses movimentos sociais como pelos estudos de sexualidade e gênero moldaram o cenário social que tornou possível a emergência da assexualidade como categoria no início do século XXI.

O segundo marco importante para a explosão discursiva sobre a assexualidade foi a emergência das comunidades assexuais virtuais. Com o avanço das tecnologias e da expansão do acesso à internet, ao longo dos anos 1990, começam a aparecer algumas postagens esparsas no ciberespaço, descrevendo experiências sobre a falta de interesse pelo sexo em espaços de discussão sobre sexualidade. De acordo com o levantamento de Hinderliter, é possível encontrar alguns relatos postados em diversos espaços virtuais destinados à discussão da sexualidade, ao longo dos anos 1990, os quais descrevem um modo de ser bastante semelhante à assexualidade, conforme compreendida na atualidade. Em 1997, um breve artigo pessoal intitulado *My life as an amoeba*³⁵ é postado, discorrendo sobre a vida do/a autor/a, declarando seu desinteresse por sexo. Como havia campo para comentários de leitores/as, alguns relatos com teor semelhante foram acrescentados. Esse parece ter sido o espaço virtual mais antigo a reunir assexuais, embora não tivesse as características – nem os recursos – que as comunidades virtuais e redes sociais oferecem na contemporaneidade.

Ainda disponível na internet está o grupo *Haven for the Human Amoeba*³⁶, fundado em outubro do ano 2000 no portal *Yahoo!*³⁷ A movimentação neste grupo intensificou-se de 2001 a 2003, entrando em declínio a partir de 2004, provavelmente por conta da migração de seus membros para as comunidades assexuais que começavam a surgir. Sobre o desinteresse por sexo, também no ano 2000 surge a página virtual *The Official Non Libidoist Society*, a qual iniciou sua atividade como *The official asexual society*, mas também se encontra desativada. No início dos anos 2000, portanto, os

³⁵ O título de minha tese foi inspirado por este artigo.

³⁶ O grupo *Haven for the Human Amoeba* (Refúgio da Ameba Humana) formado em outubro de 2000, é o espaço virtual mais antigo de que se tem notícia a reunir assexuais na internet – já com algumas características de comunidade virtual. Nos primórdios do surgimento das comunidades assexuais, a ameba – organismo unicelular que se reproduz por meio da divisão – era uma espécie de mascote para os assexuais, daí ser sempre citada com referência à assexualidade. No entanto, o surgimento de outros símbolos da assexualidade tem enfraquecido essa referência.

³⁷ O *Yahoo!* é um portal virtual fundado em 1994, que entre diversos recursos, oferece ferramenta para formação de grupos de discussão via *e-mail*.

discursos sobre a assexualidade começam a se intensificar na internet, sobretudo, no universo anglófono.

Hinderliter relata que, em 2001, o jovem estudante californiano David Jay juntou-se ao mencionado grupo *Haven for the Human Amoeba*. As discussões promovidas pelo grupo levaram David Jay a criar sua própria comunidade, à qual deu o nome de AVEN - Asexual Visibility and Education Network, iniciada no mesmo ano. A comunidade começou como um fórum de discussão e evoluiu para um espaço de construção de conhecimento. A partir do compartilhamento e sistematização de experiências e vivências assexuais dos membros, o conhecimento construído é disponibilizado, modelando, de certa forma, a representação de assexuais membros da comunidade sobre si mesmos e sobre a própria assexualidade. A comunidade afirma ter como objetivos a promoção da discussão pública sobre a assexualidade, bem como o reconhecimento social da assexualidade como orientação sexual.

Considerando a importância do ideário e do vocabulário criado pela AVEN para descrever as pessoas assexuais - disseminado pelo mundo todo por comunidades em diversos idiomas - torna-se relevante conhecer seus princípios, os quais podem ser facilmente identificados nos discursos sobre assexualidade nas comunidades assexuais brasileiras e nas falas das pessoas entrevistadas para esta pesquisa. Para a AVEN, assexuais são pessoas que “não experimentam atração sexual”, sendo que a assexualidade é uma orientação sexual como qualquer outra, e como tal, não é uma escolha. Parece existir uma diferenciação entre a compreensão de *desejo sexual* – que seria a resposta do corpo ao estímulo – e *atração sexual*, que seria o direcionamento desse desejo em direção a um alvo, sendo que a assexualidade, para a AVEN, é a ausência de *atração*, não necessariamente da resposta do corpo ao estímulo. No ideário da comunidade, a assexualidade não diz respeito ao comportamento sexual dos indivíduos, portanto, a masturbação ou própria atividade sexual não entram em conflito com o conceito de assexualidade, definida somente pela inexistência de *atração* sexual por outras pessoas.

Pessoas assexuais, conforme a AVEN, podem ou não ter interesse amoroso, que é desvinculado de interesse sexual, existindo, portanto, uma desconexão entre atração sexual e atração amorosa. Pessoas assexuais sem interesse amoroso são chamadas de *assexuais aromânticas*. Para aqueles/as que têm interesse amoroso - chamados/as

românticos/as - o sexo biológico/gênero do alvo do interesse amoroso os classificará como *homorromânticos*, *heterorromânticos*, *birromânticos* ou *panromânticos*.

Segundo a AVEN, existem pessoas que se autoidentificam como assexuais, porém, afirmam ter a capacidade de sentir atração sexual em condições específicas, embora não frequentes; esses/as são chamados de *demissexuais* ou *Gray-As* e estariam situados na zona *cinza* entre a sexualidade e a assexualidade. Também fazem parte da comunidade pessoas com histórico de desejo/atração sexual no passado, mas que, em algum momento, perderam totalmente o interesse por sexo, sem que isso represente um incômodo. As categorias que incluem a possibilidade de atração sexual não estão contempladas pela definição de assexualidade da AVEN, apesar de estarem presentes na comunidade.

A partir do reconhecimento de que sua definição não acolhe todas as assexualidades, a AVEN deixa claro em seu *site* que, assexual é todo aquele/a que se reconheça nesta identificação, independente da definição da comunidade. As classificações identitárias por ela criadas - bem como o vocabulário específico elaborado no sentido de descrever as experiências das pessoas assexuais que se tornaram membros da comunidade - passaram a ser disseminadas na internet ao longo dos anos 2000, chamando a atenção da mídia e de pesquisadores/as. O fundador da AVEN, David Jay, assim como outros membros da comunidade, participam esporadicamente de programas de entrevistas de televisão, rádio e internet nos Estados Unidos, trazendo informações sobre a assexualidade e contribuindo para a sua visibilidade. Esta nova exposição favoreceu a popularização do debate sobre a assexualidade nos meios de comunicação norte-americanos, situando-a na cultura popular.

A militância da AVEN para retirar a assexualidade do contexto patológico tornou-se explícita durante a participação de membros da comunidade em diversos programas de televisão norte-americanos em 2006 e 2007, onde foram confrontados por sexólogos, terapeutas sexuais e psicólogos clínicos (OLIVEIRA, 2012). Em resposta às colocações sobre a assexualidade feitas pelos/as participantes assexuais nos programas, os/as terapeutas televisivos/as empregavam o já conhecido discurso médico biologizante para tentar provar que a assexualidade não existe, classificando a falta de interesse por sexo como transtorno sexual. Nesse sentido, a socióloga Kristin Scherrer aponta uma contradição interessante no próprio discurso assexual sobre a assexualidade. De um

modo geral, com o objetivo de legitimar a assexualidade como orientação sexual, as pessoas assexuais entrevistadas nos meios de comunicação tentam, primeiramente, desconstruir a ideia essencialista de que o interesse sexual e/ou amoroso seja natural e universal, considerando que parte da população não compartilha esta experiência. No entanto, descrevem sua assexualidade como “natural” e “inata”, partindo, portanto, do mesmo essencialismo que tentam desconstruir (SCHERRER, 2008), num movimento denominado por Richard Miskolci como *essencialismo estratégico*, muito comum no discurso político da militância LGBT (MISKOLCI, 2010).

O terceiro e último marco significativo, que contribuiu para o fortalecimento da explosão discursiva sobre a assexualidade, foi o renascimento revigorado da produção acadêmico-científica a partir de meados dos anos 2000. Essa retomada certamente foi impulsionada pelo fenômeno do crescimento das comunidades virtuais assexuais, bem como pela crescente visibilidade da assexualidade na mídia. O que mais diferencia essa nova produção daquela desenvolvida nas últimas três décadas do século XX, é que os escritos publicados a partir de meados dos anos 2000 já partem do conceito de assexualidade, conforme criado, sistematizado, estabelecido e disseminado pelas comunidades assexuais, sobretudo a AVEN, avançando teoricamente na análise das questões propostas por esta nova categoria.

Atualmente, a maior parte dos trabalhos publicados sobre a assexualidade é produzida por pesquisadores filiados a universidades canadenses, norte-americanas e europeias, com destaque para as áreas de psicologia - sobretudo, a psicologia clínica - e ciências sociais e estudos culturais. A produção caminhou timidamente lentamente entre 2004 e 2009, mas tem se multiplicado consideravelmente a partir de 2010, com a publicação de artigos, livros, coletâneas e números especiais de periódicos dedicados à assexualidade. Considero importante destacar o trabalho pioneiro do psicólogo Anthony Bogaert, os escritos da pesquisadora Lori Brotto e equipe, bem como uma bem-vinda produção proveniente das ciências sociais e estudos culturais, com ênfase para a área interdisciplinar dos estudos feministas.

O psicólogo Anthony Bogaert³⁸ inaugurou o estudo científico da assexualidade pós-AVEN, com um estudo de dados demográficos pré-existentes em amostra probabilística feita com 18.000 cidadãos britânicos, apurando um percentual de 1,05% para indivíduos que responderam afirmativamente à alternativa “Eu nunca senti atração

³⁸ Brock University, Professor Associado, Departamento de Psicologia, Canadá.

sexual por ninguém” numa pergunta sobre orientação sexual (BOGAERT, 2004). Nos anos seguintes, o psicólogo busca refletir sobre semelhanças e diferenças entre a assexualidade e transtornos sexuais como o Desejo Sexual Hipoativo e a aversão sexual (BOGAERT, 2006; BOGAERT, 2008). Em 2012, o psicólogo publica o primeiro livro totalmente dedicado à assexualidade, no qual sumariza seus estudos anteriores e problematiza aspectos polêmicos como a masturbação, identidade, sexo e gênero (BOGAERT, 2012). Ainda no campo psicológico, a pesquisadora Lori Brotto³⁹ e sua equipe têm se destacado no estudo da assexualidade no contexto da psicologia clínica, com diversas publicações, que aprofundam aspectos psicológicos, marcadores biológicos, transtornos sexuais e a saúde mental de pessoas autoidentificadas como assexuais, em especial, as mulheres (BROTTO, 2009; BROTTO et al., 2010; BROTTO e YULE, 2011; YULE, BROTTO, GORZALKA, 2013).

Adicionalmente, trabalhos provenientes das áreas de ciências sociais têm somado conhecimentos à literatura sobre assexualidade (SCHERRER, 2008; BEDLEY, 2009; SCHERRER, 2010; POSTON Jr. e BAUMLE, 2010; MUNÁRRIZ, 2010; CARRIGAN, 2011; GAZZOLA e MORRISON, 2012), os quais tratam, entre outros tópicos, do caráter identitário proposto pela assexualidade e também das experiências de pessoas assexuais vivendo numa sociedade sexualizada. A área interdisciplinar dos estudos feministas também tem contribuído com estudos que apresentam reflexões sobre aspectos políticos que associam a assexualidade às relações de gênero e poder, bem como sobre as novas questões que a assexualidade coloca ao feminismo (FAHS, 2010; CERANKOWSKI e MILKS, 2010; KIM, 2010; KIM, 2011; PRZYBYLO, 2011; PRZYBYLO, 2012; PRZYBYLO, 2013). Uma coletânea recente de ensaios críticos sobre a assexualidade (CERANKOWSKI e MILKS, 2014) amplia o debate ao trazer os recortes de gênero, raça, deficiência, entre outros, bem como ao aprofundar a crítica aos discursos médicos sobre o desinteresse sexual, sob a perspectiva feminista e sob a ótica *queer*.

A AVEN constitui o campo empírico de grande parte das pesquisas sobre a assexualidade desenvolvidas nos trabalhos citados. Nesse sentido, os/as administradores/as da comunidade criaram - e disponibilizaram em seu *site* - uma série de regras e procedimentos a serem seguidos por pesquisadores/as para entrevistas com membros da comunidade, Os/as pesquisadores/as interessados/as devem submeter à

³⁹ British Columbia University, Departamento de Obstetrícia e Ginecologia, Canadá

apreciação dos/as administradores/as informações sobre filiação institucional, objetivos de pesquisa e metodologia, bem como documentos que garantam o anonimato e privacidade dos membros participantes. A AVEN apoia e acompanha de perto a produção da literatura acadêmica sobre assexualidade, não sendo raras as discussões dessa produção por seus membros, no fórum da comunidade. Importante ressaltar que a comunidade conta com pesquisadores/as assexuais entre seus membros, o que facilita o diálogo com a comunidade acadêmica.

Os três marcos, brevemente explorados neste tópico, mostram que a explosão discursiva sobre a assexualidade tem sido potencializada, principalmente, pelo ativismo das comunidades assexuais norte-americanas - com aparições na mídia, participação em eventos e apoio à pesquisa. Przybylo (2012) pondera que à medida que a pesquisa científica confere legitimidade à assexualidade, também modela os limites e possibilidades do conceito, bem como sua operacionalidade. A pesquisadora afirma que a ciência sozinha não está configurando a assexualidade; porém, em conjunto com outras forças sociais, a ciência está definindo o que é assexualidade. De qualquer modo, os resultados dos estudos existentes ainda são especulativos e incipientes, considerando a necessidade de criação de novos paradigmas e reorganização de conhecimentos prévios sobre sexualidade. A assexualidade coloca desafios aos postulados históricos construídos sobre a sexualidade humana, os quais deverão ser revistos e reelaborados à luz desse novo conceito.

Conforme relatei no Capítulo 1, quando conheci o conceito de assexualidade, a produção acadêmica no hemisfério norte estava se multiplicando e as comunidades assexuais, sobretudo nos Estados Unidos, encontravam-se em plena militância pela visibilidade da assexualidade. Nos espaços de discussão brasileiros - majoritariamente os grupos do *Orkut* - as repercussões da explosão discursiva das comunidades estrangeiras, incluindo suas definições de assexualidade e o vocabulário empregado, já eram conhecidas, na época, trazidas pela mídia e também pela exploração do conteúdo da AVEN por internautas brasileiros/as. O *Blog Assexualidades* contribuiu para a fomentação do debate trazendo parte da produção acadêmica do hemisfério norte, e também pela visibilidade que gerou para a presente pesquisa.

No entanto, conforme minhas observações durante os anos da pesquisa, e também a partir da interlocução com pessoas que se identificam como assexuais - tanto entrevistados/as como outras que atuam ativamente nas comunidades assexuais

brasileiras - a assexualidade, como fenômeno social, desenvolve-se por aqui de modo distinto, na comparação com os Estados Unidos. Membros das comunidades assexuais norte-americanas, por exemplo, promovem e apoiam ações de visibilidade, sobretudo, buscando aproximação com o movimento LGBT. Além disso, existe organização política e construção de uma pauta de reivindicações - embora a visibilidade assexual ainda esteja no centro das ações das comunidades. Um exemplo de ação política da comunidade assexual nos Estados Unidos é o diálogo da AVEN com a Associação Americana de Psiquiatria - responsável pela publicação do Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM) - no sentido de contribuir, a partir da perspectiva assexual, com as novas edições do Manual. Um dos pontos de discussão é a alteração da descrição que o Manual propõe para o *Desejo Sexual Hipoativo*, o qual, em sua elaboração atual, patologiza a assexualidade.

No Brasil, existem diversos grupos assexuais na rede social *Facebook*⁴⁰ - que cresceram em número com o enfraquecimento e extinção do *Orkut* - nos quais se discute, majoritariamente, questões pessoais enfrentadas pelos membros em seu cotidiano. A Comunidade Assexual A2 - uma das poucas que existem fora das redes sociais - passou, ao longo dos anos, por períodos de maior ou menor atividade, tendo promovido encontros de assexuais no espaço público. Segundo o criador da A2, apesar de seus esforços desde a fundação da comunidade, em 2009, o espaço nunca conseguiu agregar um número significativo e estável de membros, o que o leva a acreditar que haja diferenças importantes entre o público norte-americano e o brasileiro no que se refere à participação em comunidades virtuais, de um modo geral. Fazer parte esporadicamente de um grupo no *Facebook* ou *Orkut*, por exemplo, não requer um esforço maior dos indivíduos na construção do senso de comunidade, nem requer a aprendizagem e uso dos recursos necessários para a atuação em comunidade virtual. Durante os anos de pesquisa, nunca soube, tampouco, de nenhuma ação de grupos assexuais brasileiros para se aproximar do movimento LGBT, como ocorre nos Estados Unidos, nem da construção de qualquer agenda, a não ser a visibilidade, mesmo assim, de forma limitada. As particularidades das pessoas autoidentificadas como assexuais no Brasil, serão aprofundadas no Capítulo 5.

⁴⁰ Rede social virtual - com base nos Estados Unidos - fundada em 2004 por Mark Zuckerberg, na época, aluno da Universidade de Harvard. Tornou-se, ao longo dos anos, a maior e mais importante rede social do mundo, congregando mais de um bilhão de usuários em 2014.

2.4 Pensando as assexualidades a partir da Teoria dos *Scripts* Sexuais

Em sua tentativa de explicar a importância do trabalho intelectual de John Gagnon para os estudos de sexualidade, a partir da segunda metade do século XX, Michael Kimmel (2007) retoma a reflexão do físico e filósofo Thomas Kuhn sobre os estágios iniciais do processo de mudança dos paradigmas científicos. Nessa perspectiva, os primeiros sinais que levam à mudança paradigmática, não raramente, vêm de jovens pesquisadores visionários, ainda não corrompidos ou seduzidos pelo prestígio das autoridades científicas mantenedoras do paradigma vigente. Como *outsiders*, frequentemente esses pesquisadores são ignorados ou criticados pela comunidade científica estabelecida, que os vê como uma ameaça à solidez dos paradigmas vigentes, cuja construção e manutenção consumiram boa parte das carreiras de seus membros. Ao constatar em suas investigações a existência de resultados *anômalos* - não passíveis de compreensão por meio dos quadros teóricos existentes - esses inconformados cientistas “dissidentes” percebem a necessidade da elaboração de novos modelos epistemológicos que deem conta de explicar esses fenômenos. E desta forma, Kimmel contextualiza o impacto do trabalho John Gagnon na história dos estudos sobre sexualidade humana.

Num artigo autobiográfico, originalmente publicado em 1990, Gagnon – nascido em 1931 em uma pequena cidade do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos - faz uma análise de sua trajetória de jovem pobre de família proletária, vivendo a época da Depressão norte-americana, em contexto de privações materiais e falta de oportunidades (GAGNON, 2006). Ser “dado à leitura,” segundo ele, levou-o à Universidade de Chicago na juventude, onde cursou o bacharelado na primeira metade dos anos 1950. Kimmel (2007) afirma que a Universidade de Chicago era um verdadeiro paraíso para o jovem Gagnon, não tanto pelo brilho de seu corpo docente - mas pela riqueza de sua biblioteca, da qual o jovem se tornou usuário voraz. Chegou à área de sociologia para cursar a pós-graduação, após uma passagem rápida pelas áreas de medicina e psicologia, em um momento em que o prestígio da famosa Escola de Chicago – *alma mater* de George Hebert Mead e Hebert Blumer - já fazia parte do passado, segundo Kimmel.

Contratado pelo Instituto Kinsey de Pesquisas sobre a Sexualidade para trabalhar em um projeto do instituto sobre criminosos sexuais, Gagnon mudou-se para a cidade de Bloomington, no estado de Indiana, em 1959, onde passou os anos seguintes trabalhando na pesquisa sobre crimes sexuais, que resultou no livro *Sex Offenders*,

publicado em meados dos anos 1960. Nesta época, o instituto estava “agonizando, da maneira serena como morre a maioria das instituições, reencenando suas velhas rotinas” (GAGNON, 2006, p. 52). Muitos dos pesquisadores pioneiros estavam deixando o instituto e as equipes de pesquisa estavam sendo reduzidas.

A carreira de Gagnon no Instituto Kinsey tomou um novo rumo quando, em 1965, juntou-se à equipe de pesquisa o sociólogo William Simon, colega de Gagnon da pós-graduação na Universidade de Chicago. Segundo ele, “a chegada de Bill Simon [...] fez o foco das atividades do Instituto voltar-se de dentro para fora, dos arquivos do passado para novas pesquisas e para as várias disciplinas” (GAGNON, 2006, p. 56). Os dois sociólogos, então, iniciaram uma parceria colaborativa que seria intensa nos anos seguintes. Segundo Kimmel (2007), Gagnon e Simon constantemente se deparavam com dados empíricos que não podiam ser compreendidos a partir do paradigma teórico desenvolvido por Alfred Kinsey, por este ser demasiadamente focado nos aspectos biológicos da sexualidade. A frustração por não conseguir conciliar sua visão da sexualidade como fenômeno social com o modelo *behaviorista kinseyneano*, levou Gagnon e Simon a romper com este paradigma e buscar outro caminho, também distanciado da proposta psicanalítica e mais próxima do interacionismo simbólico. Stevi Jackson destaca a possibilidade de mudança como vantagem da abordagem de Gagnon e Simon sobre a psicanálise:

A psicanálise, com sua ênfase no inconsciente desconhecido diz pouco sobre a sexualidade cotidiana. A abordagem de Gagnon e Simon também permite a agência e mudança no sujeito sexual: não está fundamentada sobre a trajetória irreversível dos traumas de infância, mas é constantemente modificada ao longo da vida. Sua mutabilidade não é consequência de erupções imprevisíveis do inconsciente, mas é vista como um processo reflexivo em curso, no qual existe uma relação de mão dupla entre passado e presente. (JACKSON, 2007, p. 4, tradução minha)

A proposta era reivindicar “para a sociologia um aspecto da vida social que parecia determinado pela biologia ou pela psicologia” (GAGNON, 2006, p. 56-57). Os dois sociólogos buscaram, portanto, compreender de que modo a vida sexual era determinada por fatores sociais, incluindo a reflexão sobre os efeitos das relações de gênero na organização social da sexualidade. A partir desta ótica, o comportamento sexual seria, em grande medida, social, e a identidade sexual, construída por meio do sexo, estaria no centro das identidades humanas (KIMMEL, 2007).

Como resultado deste esforço, Gagnon e Simon produziram, nos anos seguintes, um conjunto de trabalhos composto por artigos, comunicações de pesquisa, livros e apresentações, culminando com a publicação do livro *Sexual Conduct – The social sources of human sexuality*, publicado nos Estados Unidos em 1973, o qual traz a teoria que se tornaria a mais conhecida em sua obra intelectual: a Teoria dos *Scripts* Sexuais (*Sexual Scripts Theory*), cujos fundamentos - juntamente com outros/as teóricos que trabalham nessa perspectiva - inspiram a análise do material empírico desta pesquisa sobre assexualidade.

Para Jackson, o trabalho de Gagnon e Simon constitui a primeira abordagem construcionista social da sexualidade, a qual enfatiza seu caráter cotidiano “fazendo-nos questionar a ideia da sexualidade como um instinto intenso e entender que a conduta sexual pode ser guiada por motivações não sexuais” (JACKSON, 2007, p. 5, tradução minha). No entanto, Gagnon (2006) afirma que não se vê adepto do construcionismo social, situando-se mais próximo do que chama de tradição pragmática americana, mais ligada ao cotidiano dos fenômenos. Para Gagnon e Simon, o termo *script* (roteiro) “pode ser utilizado para descrever praticamente todo o comportamento humano, uma vez que muito pouco deste comportamento pode ser chamado de espontâneo” (GAGNON e SIMON, 1973, p. 19, tradução minha). Na introdução do livro que trouxe para o Brasil os primeiros textos de Gagnon traduzidos para o português, Jeffrey Escoffier chama a atenção para

O fato de a maior parte da carreira de Gagnon ter-se desenrolado sob a égide de Alfred Kinsey é tão compreensível quanto irônico: compreensível porque ele iniciou suas pesquisas sobre a sexualidade e, com Bill Simon, desenvolveu a teoria dos *scripts* sexuais enquanto fazia parte da equipe do Instituto Kinsey; mas irônico porque a teoria social que ele e Simon elaboraram é rigorosamente oposta à abordagem naturalista proposta por Kinsey e seus colaboradores (ESCOFFIER, 2006, p. 15)

Segundo Gagnon e Simon (1973) os *scripts* são metáforas conceituais para a compreensão da produção das condutas na vida social. Para os autores, os *scripts* operam em três níveis inter-relacionados e interdependentes. O primeiro nível é formado pelos *cenários culturais*, contexto produtor dos *scripts culturais*, que constituem diretrizes para a conduta social na vida coletiva. O segundo, denominado pelos autores como *scripts interpessoais* - construídos a partir do cenário cultural - são convenções construídas e compartilhadas pela coletividade, que tornam possível a atribuição de significados às condutas sociais. O terceiro e último nível, os *scripts*

intrapsíquicos, representam a dimensão mais individual dos sujeitos sexuais, uma vez que aqui ocorrem as “roteirizações” e “ensaios” das condutas aprendidas nos cenários culturais e significadas nos *scripts* interpessoais, que permitirão a ação de cada indivíduo. Nas palavras de Gagnon e Simon:

Nossa utilização do termo *script* no sentido sexual tem duas dimensões principais. Uma diz respeito ao externo, ao interpessoal – o script como a organização de convenções mutuamente compartilhadas, que permite dois ou mais atores participar num ato complexo envolvendo dependência mútua. O segundo aspecto diz respeito ao interno, ou seja, os elementos intrapsíquicos e motivacionais que produzem a excitação, ou no mínimo, o comprometimento com a atividade.” (GAGNON e SIMON, 1973, p. 20, tradução minha).

Nessa perspectiva, os indivíduos aprendem a ser homens, mulheres, crianças, adultos, jovens, idosos, assimilam os códigos de relacionamento, as diferenças de expectativas no contexto da amizade, do namoro, do casamento, roteirizando suas condutas a partir dos *scripts* culturais disponíveis no contexto de socialização. Os *scripts* tanto podem ser explicitados por meio de discursos proferidos ou prescritos pelas diferentes instâncias socializadoras – como a mídia, a escola, a família, as religiões, entre outras – mas também são aprendidos por meio da observação de modelos de conduta em seu meio social e cultural. Em lugar do poder do discurso, base do pensamento de Foucault, Gagnon e Simon enfatizam as atuações e interações nos espaços sociais (PAIVA, 2008). Paiva ressalta, ainda, a valiosa contribuição de Gagnon e Simon para a mudança do paradigma epistemológico da sexologia para o construcionismo social, considerando que os dois sociólogos já tinham desenvolvido a teoria dos *scripts* sexuais antes da publicação do primeiro volume da *História da Sexualidade* de Foucault. Embora Foucault seja mais lembrado por seu papel na ruptura do paradigma sexológico, seria injusto atribuir esse evento somente a seus esforços, segundo Paiva.

Conforme observação de Carol Haefner (2011), os cenários culturais, construídos socialmente, são externos a cada indivíduo, sendo que a sexualidade é aprendida a partir de mensagens culturalmente disponíveis nesses cenários, produzidas por agentes socializadores, como a família, igreja, escola, mídia, as artes, entre outros. Estas mensagens trazem consigo as “regras” do que é socialmente aprovado e valorizado - ou reprovado e desvalorizado - nas relações sociais. Estes *scripts* culturais são aprendidos, modificados e adaptados por cada indivíduo em sua vida cotidiana. Como coloca Gagnon, “a tarefa do ator é ligar, adaptar, transformar e estabilizar

continuamente o interpessoal e o cultural, mantendo a plausibilidade do eu” (GAGNON, 2006, p. 413).

Tais *scripts* culturais mudam ao longo da história e conforme a cultura, não sendo totalmente preditivos da conduta. Nas palavras de Kimmel: “Somos menos criaturas movidas pelo instinto e mais atores segundo *scripts* sexuais. Os contextos culturais normativos que conferem significado ao sexo que nos capacita a identificar parceiros apropriados e saber o que fazer com eles quando os escolhemos” (KIMMEL, 2007, p. XI, tradução minha).

Ensaando uma articulação da teoria dos *scripts* com a definição de gênero de Joan Scott (1995), o interesse sexual/amoroso - tal como o gênero - se manifesta nos símbolos culturalmente disponíveis na sociedade sexualizada, dando origem a *scripts* normativos que, por sua vez, engendram normas, regras e doutrinas que estão na base das estruturas sociais e constituem a identidade subjetiva dos indivíduos. *Scripts* sexuais e de gênero estariam atrelados a contextos socioculturais, sendo articulados a outras variáveis sociais como raça, classe, entre outras (BELLENZANI, BLESSA, PAIVA, 2008). Michael Wiederman (2005) destaca que homens e mulheres seguem *scripts* de gênero distintos - ainda que sobrepostos e muitas vezes complementares - sendo que os *scripts* reduzem a ansiedade e a incerteza, conferindo certa previsibilidade e controle sobre as situações.

Do mesmo modo que Manuel Castells (1999, p. 169) afirma que “o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas”, o mesmo pode ser dito em relação à sexo-normatividade, que está na base das identidades sexuais e de gênero, bem como das orientações sexuais. Ainda parafraseando Castells, o patriarcado precisa do interesse sexual/amoroso compulsório para sobreviver - talvez mais ainda do que precisa da heterossexualidade compulsória - considerando a importância do interesse sexual universal na construção social das masculinidades e do interesse amoroso naturalizado na construção social das feminilidades.

Como exemplo, para pensar as assexualidades, podemos dizer que se tornar “sexual” é um processo de aprendizagem que ocorre no âmbito da cultura. Nesse sentido, atração sexual e orientação sexual são socialmente construídas e aprendidas. Podemos falar em *scripts culturais heteronormativos*, os quais ditam não somente as regras sociais esperadas para relações afetivo-sexuais - que incluem a

heterossexualidade compulsória como padrão de sexualidade - mas também o interdito, a reprovação ou a rejeição a sexualidades fora desta norma. Como bem pontua Haefner (2011), os *scripts* heteronormativos - chamados por ela de *scripts heterossexuais* - são tão naturalizados, que sequer são questionados, tornando-se praticamente invisíveis na vida social. Tal processo tem impacto sobre as demais formas de sexualidade, inclusive a assexualidade. Adicionalmente, podemos pensar em *scripts sexo-normativos*, os quais determinam a universalidade do interesse sexual e amoroso, patologizando a assexualidade. Podemos ir além e afirmar que os *scripts* sexo-normativos são *scripts* dominantes, pois estão na base das chamadas orientações sexuais, determinando a compulsoriedade de relações sexuais e amorosas de forma universal. Assim como os *scripts* heteronormativos, os *scripts* sexo-normativos também são naturalizados, não questionados.

Os *scripts* heteronormativos são dominantes entre as orientações sexuais fundamentadas no pressuposto do interesse sexual e/ou amoroso obrigatório, no entanto, também afetam de modo profundo a vivência assexual. Como os *scripts* heteronormativos - presentes nas leis, na religião, na mídia, na literatura, entre outros meios - estabelecem o que é socialmente esperado nas trajetórias afetivo-sexuais, desde os critérios de parceria sexual e amorosa até formações familiares - pessoas assexuais veem-se instadas a seguir o padrão heteronormativo. Além disso, os *scripts* heteronormativos também determinam as construções de masculinidades e feminilidades presentes nos *scripts* culturais, afetando a socialização

A Teoria dos *Scripts* Sexuais mostra-se, portanto, uma matriz flexível que ajuda a compreender a conduta humana, que engloba comportamentos, identidades e práticas como construções sociais que nascem partir das interações sociais e significados compartilhados, em contextos que mudam histórica e culturalmente. Portanto, acredito que este quadro teórico possa dar este suporte a esta pesquisa, no entanto, sem perder de vista que

As teorias são sistemas ideais de crença, provisoriamente aceitos por uma comunidade de atores que exploram seus pontos de contato com o mundo. Constituem um mapa que deseja transformar-se no mundo, mas que continua a ser um mapa no qual não se deve acreditar, ou ao qual não se deve aderir com ardor exagerado, e que não deve ser imposto a mais ninguém. Elas são mais uma forma de interpretar ou inventar o mundo do que e descobri-lo. (GAGNON, 2006, p. 213)

Uma vez explanado o quadro teórico no qual a assexualidade será pensada neste trabalho, no capítulo seguinte passo a narrar o percurso metodológico percorrido, detalhando as etapas, procedimentos e reflexões necessárias à realização da coleta dos dados empíricos que serviram de base a esta investigação.

Capítulo 3 – Procedimentos metodológicos da pesquisa

Não digais: 'encontrei a verdade.' Dizei, preferencialmente: 'encontrei uma verdade.'

Gibran Khalil Gibran, *O Profeta*

Uma pesquisa, segundo Rosália Duarte, constitui “um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados” (DUARTE, 2002, p. 140), ressaltando que o olhar diferente e original do/a pesquisador/a para o fenômeno - bem como o modo como este/a se apropria do conhecimento a partir da experiência - trará elementos pessoais ao processo da construção do conhecimento. Duarte reforça, neste sentido, a importância de o/a pesquisador/a narrar as etapas do processo que permitiu a realização do produto final, caso contrário,

É como se o material no qual nos baseamos para elaborar nossos argumentos já estivesse lá, em algum ponto da viagem, separado e pronto para ser coletado e analisado; como se os “dados da realidade” se dessem a conhecer, objetivamente, bastando apenas dispor dos instrumentos adequados para recolhê-los. [...] A definição do objeto de pesquisa, assim como a opção metodológica, constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora no final. (DUARTE, 2002, p. 140)

Com o intuito de relatar os procedimentos práticos adotados, neste capítulo, detalharei o desenvolvimento do trabalho empreendido em campo - reflexões metodológicas prévias, elaboração dos instrumentos de pesquisa, localização e chamada dos/as participantes, realização das entrevistas e tratamento dos dados - bem como as considerações metodológicas necessárias ao recorte do objeto no universo estudado.

Esta é uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica, que se insere nos estudos de diversidade sexual e tem como objetivo compreender as trajetórias de autoidentificação de indivíduos assexuais, com destaque para suas interações sociais na escola, durante os anos da educação básica. Os anos escolares geralmente propiciam - nas trocas com os atores escolares, sobretudo os pares - a apreensão das regras sociais da sexualidade e das relações de gênero. Os processos de autoidentificação dos/as entrevistados/as revelam de que modo os *scripts* sexonormativos pautam suas experiências. Com este intuito, foram realizadas 8 entrevistas aprofundadas presenciais e 32 entrevistas via *e-mail* com pessoas que se identificam

como assexuais com o objetivo de situar suas experiências no quadro mais amplo da sexualidade e das relações de gênero, buscando a construção de conhecimentos que possam ser relevantes para a área de educação.

A pesquisa é exploratória, no sentido de tratar de um fenômeno social que começou a ser estudado muito recentemente, na primeira década do século XXI. Toda literatura sobre a assexualidade produzida na atualidade - majoritariamente nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido - ainda é bastante descritiva, produzindo resultados ainda incipientes, preliminares, fortemente associados aos contextos culturais e sociais nos quais se inserem. Antônio Carlos Gil (1991; 2008) caracteriza a pesquisa exploratória como aquela que busca proporcionar maior familiaridade com determinado fenômeno - ainda pouco conhecido e pouco explorado - com o objetivo de torná-lo mais explícito para futuras investigações. Para Anol Bhattacharjee (2012), três são as principais justificativas para os estudos exploratórios:

Em geral, a pesquisa exploratória é realizada em áreas inéditas de investigação, com o objetivo de (1) determinar a magnitude ou extensão de um fenômeno, problema ou comportamento específico; (2) produzir conhecimentos iniciais (ou “palpites”) sobre tal fenômeno; ou (3) avaliar a viabilidade da realização de estudos mais abrangentes sobre o fenômeno. (BHATTACHERJEE, 2012, p.6, tradução minha)

A presente pesquisa, portanto - sendo uma das primeiras a desenvolver um estudo empírico com sujeitos autoidentificados como assexuais no Brasil - busca colaborar para a construção de uma maior intimidade com o novo tema, contribuindo para a elucidação da emergência do fenômeno da assexualidade, bem como para a indicação de possíveis caminhos para novas explorações. Neste sentido, torna-se importante o reconhecimento dos limites de uma pesquisa de caráter exploratório em responder ao conjunto geral de perguntas sobre seu objeto, uma vez que, frequentemente, o cabedal teórico existente pode não acomodar as particularidades do novo fenômeno e direcionar o/a pesquisador para a elaboração de novas ferramentas metodológicas e à busca - ou construção - de outros caminhos teóricos.

3.1 Da abordagem metodológica

Como já mencionado, o fenômeno da assexualidade tem se propagado na internet, nos últimos anos, a partir da criação de comunidades virtuais que congregam pessoas que afirmam seu desinteresse pela prática sexual e/ou por relacionamentos amorosos. Apresenta-se como uma nova possibilidade no vasto espectro da diversidade sexual humana, não havendo ainda, pesquisas quantitativas que deem conta de mapear estatisticamente sua magnitude ou de apontar sua diversidade, principalmente porque se trata de um conceito ainda muito recente. A presente pesquisa segue na mesma direção das investigações realizadas ou em andamento no exterior, ou seja, de tratar o fenômeno da assexualidade no âmbito da pesquisa qualitativa. “A palavra *qualitativa*, é, em si mesma, um campo de investigação” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 16), por abarcar diferentes tradições, campos e disciplinas, e por trazer significados diferentes em diferentes momentos da história da ciência.

Heloísa Martins (2004) caracteriza as metodologias qualitativas como aquelas que “privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais” (MARTINS, 2004, p. 292). Para a autora, a generalização dos resultados não deve fazer parte das preocupações do/a pesquisador/a, pois, na pesquisa qualitativa, “o que a caracteriza é o estudo em amplitude e em profundidade, visando a elaboração de uma explicação válida para o caso, (ou casos) em estudo, reconhecendo que o resultado das observações são sempre parciais” (MARTINS, 2004, p. 295). O significado que os seres humanos atribuem a suas próprias ações constitui parte do quadro matricial por meio do qual a pesquisa sociológica qualitativa interpreta seus sujeitos:

A abordagem qualitativa [...] parte da premissa de que a ação humana tem sempre um significado (subjetivo ou intersubjetivo) que não pode ser apreendido somente do ponto de vista quantitativo e objetivo. [...] O significado subjetivo diz respeito ao que se passa na mente consciente ou inconsciente da pessoa [...] e o significado intersubjetivo se refere ao conjunto de regras e normas que favorecem o compartilhamento de crenças por grupos de pessoas inseridas em determinado contexto sociocultural. (FRASER e GONDIM, 2004, p. 141)

A capacidade de identificar e trabalhar estes significados faz do/a pesquisador/a peça-chave nas abordagens qualitativas, pois este/a está inserido/a no contexto social e humano de seus/as entrevistados/as, o que pode dificultar o exercício da propagação da *neutralidade* e *objetividade* necessárias ao trabalho científico, considerando que “a

análise do comportamento humano é feita por um observador humano falível e tendendo a distorcer os fatos” (MARTINS, 2004, p. 291). Nesse sentido, “as teorias sobre as quais o conhecimento científico é fundamentado não são mais que explicações de um determinado fenômeno, conforme interpretação do cientista” (BHATTACHERJEE, 2012, p. 3, tradução minha). Uma vez que o produto final resulta, em grande parte, da interpretação do/a cientista, talvez o instrumento mais importante do processo seja o/a próprio/a pesquisador/a (BRODSKY, 2008). Para Anne Brodsky, o sentido é construído e interpretado na interação entre pesquisador/a e objeto de estudo:

Pesquisadores/as diferentes podem, por exemplo, experienciar e interpretar os dados de forma diferente, com base em suas próprias experiências, habilidades, interesses. [...] Não se trata de uma competição de verdades, mas de uma questão de histórias múltiplas e verdades que existem simultaneamente e são cocriadas pelo próprio empreendimento da pesquisa. (BRODSKY, 2008, p. 766, tradução minha)

A autora também reforça que os estágios finais da pesquisa - aqueles nos quais o relato da investigação é elaborado - são marcados por alto grau de ação individual do/a pesquisador/a. A análise, interpretação e atribuição de sentido vêm do/a pesquisador, por meio do uso de suas habilidades, formação, experiência, conhecimento, usados como instrumentos para “produzir um quadro autêntico e coerente da pesquisa do modo como o/a pesquisador a vivenciou” (BRODSKY, 2008, p. 766, tradução minha).

Um dos procedimentos de coleta de dados mais utilizados nas abordagens qualitativas - também selecionada para a presente pesquisa - é o procedimento da entrevista. Svend Brinkmann (2008) argumenta que a entrevista na pesquisa qualitativa tornou-se uma das práticas centrais na produção de conhecimento nas ciências sociais, embora tenha amargado um longo período de marginalização. A entrevista propicia um encontro de subjetividades entre pesquisador/a e informante, e não se trata de ferramenta de fácil utilização, como muitos querem fazer parecer. Duarte (2004) ressalta que ainda persiste, no meio acadêmico, a ideia de que a entrevista, enquanto instrumento de coleta de dados, é demais subjetiva, pouco confiável e utilizada com menor rigor do que outras ferramentas de investigação, o que é uma percepção equivocada desta ferramenta. Ao privilegiar a fala dos atores sociais, a entrevista “permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo” (FRASER e GONDIM, 2004, p. 140).

A entrevista, na pesquisa qualitativa, direciona o foco para o discurso do/a entrevistado/a na elaboração de seu pensamento, exposição de suas ideias, a construção de sua narrativa, num trabalho que é relacional e dialético entre pesquisador e pesquisado/a, ambos influenciando-se mutuamente, e que traz benefícios também para o/a entrevistado/a. Segundo Duarte,

Entrevista é sempre troca; [...] ao mesmo tempo em que coleta informações, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertence, as tradições de sua comunidade e de seu povo. Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. (DUARTE, 2004, p. 220)

A presente pesquisa utilizou roteiros para entrevistas semiestruturadas, os quais direcionam o/a entrevistado/a discorrer sobre os temas circunscritos no âmbito dos objetivos da investigação, porém, conferindo espaço para a espontaneidade nas respostas, permitindo que o/a entrevistado/a ressaltasse fatos ou eventos considerados mais importantes em sua narrativa. Como mencionei no Capítulo 1, meu projeto de pesquisa original não previa entrevistas, por dificuldades que me pareciam intransponíveis, como por exemplo, a pequena porcentagem de pessoas autoidentificadas como assexuais, sua existência sediada quase exclusivamente no meio virtual, sua distribuição esparsa pelo país, o estigma que conduz ao anonimato, o receio da patologização, entre outras. Porém, com a criação do *Blog Assexualidades*, a possibilidade das entrevistas se materializou em um número significativo de pessoas dispostas a contribuir com o estudo. Uma vez que estas se prontificaram, tinha que decidir de que modo realizaria estas interações.

Minha primeira intenção era fazer todas as entrevistas pessoalmente, ainda que tivesse que viajar para desempenhar esta tarefa. Isso se mostrou inviável diante da constatação de que os/as potenciais participantes localizavam-se em diferentes regiões, estados e municípios brasileiros. Outro fator que evidenciou a dificuldade de fazer todas as entrevistas face a face foi a resistência de alguns/mas participantes em revelar-se pessoalmente. Quando mencionei que poderia viajar ao Rio de Janeiro, por exemplo, para entrevistar uma jovem, ela me perguntou se a entrevista não poderia ser feita por *e-mail*. O mesmo ocorreu com um jovem de Belo Horizonte, e outra, ainda, de Florianópolis. Portanto, considerei necessário oferecer aos/às participantes mais distantes geograficamente de São Paulo a opção da entrevista por *e-mail* - para que

puddesse acolher todos os depoimentos, considerando que a diversidade das experiências traria maior riqueza à pesquisa. Uma vez divulgada esta possibilidade no *Blog Assexualidades*, o número de interessados/as se multiplicou.

Busquei entrevistar presencialmente os/as voluntários/as que estavam em São Paulo e proximidades, e que se mostraram receptivos/as ao contato presencial. Alguns/mas informantes, mesmo morando em São Paulo, me pediram que a entrevista fosse feita por *e-mail*, ao que atendi prontamente. No final do processo, 8 participantes concordaram em conceder entrevistas aprofundadas presenciais, todos/as tendo como local de residência o município de São Paulo, municípios da Grande São Paulo e cidades do interior do Estado, próximas à capital. Dois informantes vieram a minha casa; para as demais seis entrevistas, me desloquei até o local indicado pelos/as entrevistados/as.

Ao tomar a decisão de acrescentar o *e-mail* como ferramenta de coleta de dados, ainda não tinha clareza de que modo equalizaria a análise das entrevistas por *e-mail* e das entrevistas aprofundadas presenciais do ponto de vista metodológico, considerando as diferenças entre as duas modalidades. Sabia que seria necessário recorrer à literatura especializada para refletir melhor sobre essas diferenças e buscar uma forma de superar - ou, pelo menos, minimizar - possíveis disparidades na análise.

Ao passo que as entrevistas aprofundadas presenciais me eram familiares - pois constituíram a ferramenta de pesquisa de meu mestrado - o mesmo não ocorria com as entrevistas por *e-mail*. Muitas inquietações se colocaram: seriam roteiros diferentes para as entrevistas presenciais e por *e-mail*? As entrevistas por *e-mail* seriam feitas em uma única etapa, ou em forma de diálogo com os/as entrevistados/as? Como assegurar que as pessoas entrevistadas por *e-mail* estariam dispostas a escrever detalhadamente sobre suas experiências? Como analisar uma entrevista na qual não houve um encontro presencial entre pesquisadora e entrevistado/a, no qual teria sido possível observar o olhar, os gestos, o tom da voz, que trariam outras informações relevantes? Quais os cuidados na análise de cada tipo específico de entrevista? Para tentar responder estas perguntas, busquei o diálogo com a produção acadêmica sobre o tema.

3.2 Considerações sobre entrevistas presenciais e por *e-mail*

As entrevistas por *e-mail*, segundo Jennifer Egan (2008) emergiram no final dos anos 1990 como um entre outros métodos qualitativos de pesquisa na internet. Enquanto a literatura metodológica sobre entrevistas qualitativas presenciais – também chamadas de *face a face* - é numerosa, a literatura sobre entrevistas por *e-mail* - apesar da consolidação das tecnologias mediadas por computador nas últimas décadas - ainda é escassa (MEHO, 2006; HUNT e McHALE, 2007; BURNS, 2010). Na literatura específica, os/as autores/as costumam problematizar os dois tipos de entrevista, relacionando as vantagens e desvantagens das duas modalidades, que devem ser analisadas criteriosamente antes da decisão por uma delas ou a combinação das duas. Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) ressaltam alguns aspectos das duas modalidades de entrevista, as presenciais - ou face a face - e das entrevistas mediadas por recursos tecnológicos:

A primeira se refere àquela modalidade em que entrevistador e entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (o que é dito ou perguntado), às não verbais (comunicação cronêmica – pausas e silêncios -, cinésica – movimentos corporais -, e paralinguística – volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor. A segunda modalidade inclui as entrevistas feitas por telefone, por computador e por questionários, que também estão sujeitas às mesmas influências verbais e não verbais, mas de modo diferenciado, em especial quando não permitem a visualização das reações faciais do interlocutor. (FRASER e GONDIM, 2004, p. 143)

Raymond Opdenakker (2006) e Jennifer Egan (2008) ressaltam que a principal característica das entrevistas por *e-mail* é que são assíncronas, ou seja, independem de tempo e espaço - diferentemente das entrevistas síncronas, como a entrevista face a face, por telefone, ou até mesmo de outras formas de interlocuções mediadas por computador, como o MSN ou *Skype*. Na comparação, a entrevista face a face é caracterizada pela comunicação sincronizada no tempo e no espaço, ou seja, exige a presença do entrevistador e do/a entrevistado/a ao mesmo tempo no mesmo local geográfico, ou conectados/as a um canal de comunicação a distância, no caso das entrevistas por telefone ou *Skype*. As entrevistas por *e-mail*, por outro lado, são caracterizadas por comunicação assincronizada no tempo e no espaço, o que dispensa o agendamento de horário e local entre entrevistador/a e entrevistado/a. Uma das consequências desta diferença é que as entrevistas presenciais proporcionam dados para

análise tão logo sejam realizadas e gravadas, enquanto as entrevistas por *e-mail* podem levar dias - até mesmo semanas - para que os dados completos sejam disponibilizados pelo/a entrevistado/a ao/à pesquisador/a (MEHO, 2006). Na medida em que as entrevistas por *e-mail* rompem com as barreiras de tempo e espaço entre entrevistador/a e entrevistado/a, a interlocução pode se desenvolver ao longo do tempo, dentro da conveniência de cada um (SELWYN e ROBSON, 1998; OPDENAKKER, 2006; EGAN, 2008; BURNS, 2010).

As entrevistas presenciais permitem sua realização em ambiente familiar ao/à informante - uma vez que, geralmente, o/a entrevistador deixa a cargo do/a entrevistado/a a escolha do local da entrevista - de modo que este/a se sinta mais à vontade, com maior controle para compartilhar suas experiências (MEHO, 2006). Acredito que esta característica das entrevistas presenciais - apontada por Lockman Meho como vantagem sobre as entrevistas mediadas por tecnologias de comunicação - possa ser estendida também às entrevistas por *e-mail*, uma vez que o/a entrevistado/a provavelmente também estará em ambiente familiar ao responder às perguntas do/a entrevistador/a por meio da tecnologia.

Uma das vantagens oferecidas pelo uso de *e-mail* como ferramenta de pesquisa é o acesso a amostras em larga escala - superando limites geográficos e fusos horários - com baixos custos administrativos (BURNS, 2010). Com isto, pode-se entrevistar um número muito maior de sujeitos, de diferentes localidades e culturas do que permitiria a entrevista presencial. A comunicação via *e-mail* também permite ao/à pesquisador/a entrevistar indivíduos ou grupos com características específicas, muitas vezes inalcançáveis pela entrevista presencial, como por exemplo, executivos ocupados, celebridades, pessoas com algum tipo de deficiência ou doença, ou indivíduos localizados em regiões distantes ou esparsas geograficamente, ou ainda, pessoas vivendo em contextos politicamente instáveis e/ou socialmente perigosos (MEHO, 2006; EGAN, 2008).

Adicionalmente, Nigel Hunt e Sue McHale (2007) ressaltam que, enquanto as entrevistas presenciais só podem ser realizadas uma de cada vez por um/a mesmo/a pesquisador/a, o recurso do *e-mail* permite a realização de vasto número de entrevistas simultaneamente, o que pode ser apontado como vantagem da última modalidade. No entanto, o que pode parecer a princípio uma vantagem, pode tornar-se um problema

quando o número excessivo de entrevistados/as gera uma quantidade de dados maior do que o/a pesquisador tem condições de trabalhar e analisar.

O fato de as entrevistas por *e-mail* já se apresentarem na forma escrita, também é apontado como vantagem pelos/as estudiosos/as, pois torna desnecessária a aquisição de equipamento de gravação, propicia ganho de tempo e elimina os custos financeiros da transcrição, bem como possíveis equívocos no processo (SELWYN e ROBSON, 1998; MEHO, 2006; HUNT e McHALE, 2007; EGAN, 2008; BURNS, 2010). O material para análise é o texto produzido pelo/a próprio/a informante - o que apresenta a vantagem de ser construído conforme o fluir de sua própria articulação, e também a desvantagem de ser o único conjunto de dados para análise, desprovido de outras fontes de observação por parte do/a pesquisador/a (MEHO, 2006). Ademais, as entrevistas por *e-mail* eliminam a necessidade de despesas com transporte, alimentação e estadia do/a pesquisador/a, entre outras, muitas vezes, necessárias para a realização das entrevistas face a face (MEHO, 2006; HUNT e McHALE, 2007; EGAN, 2008; BURNS, 2010).

Uma desvantagem das entrevistas por *e-mail* - bem como de outras modalidades mediadas pelo uso do computador - é que exigem, tanto do entrevistado/a como do entrevistador/a, habilidades no manejo das tecnologias de comunicação e informação (MEHO, 2006; EGAN, 2008), além de só poderem ser realizadas com a população que tem acesso à internet, o que pode imprimir um recorte de idade, renda, gênero e raça, por exemplo, restrito à faixa da população que têm acesso à internet (SELWYN e ROBSON, 1998; EGAN, 2008). As entrevistas por *e-mail* - vistas por Egan (2008) como antidemocráticas, por serem restritas a determinado segmento populacional - são vistas por Meho (2006) como modalidade que favorece a democratização e a internacionalização da pesquisa científica, uma vez que tem o potencial de alcançar sujeitos que não seriam atingíveis pela entrevista face a face.

No caso dos sujeitos da presente pesquisa, uma das características da comunidade assexual é que esta nasce e se consolida no ambiente virtual. Portanto, grande parte de meus/minhas entrevistados/as presenciais soube da pesquisa pela internet, principalmente pelo *Blog Assexualidades*. Dificilmente alguém se identificaria como assexual não tendo tido acesso ao conceito de assexualidade, nascido e propagado no ambiente virtual. Mesmo assim, estou ciente de que esse recorte possa ter influenciado características de renda, faixa etária, escolaridade e raça/etnia dos/as participantes.

Como mais uma desvantagem das entrevistas por *e-mail*, Neil Selwyn e Kate Robson (1998) apontam a efemeridade deste tipo de comunicação, o que pode comprometer sua eficácia como ferramenta de pesquisa. Mensagens por *e-mail* podem ser facilmente apagadas e descartadas, portanto, a entrevista pode ser perdida no processo. Meho (2006) acrescenta que, durante o período da entrevista, o/a entrevistado/a pode mudar de endereço eletrônico, ou de provedor de internet e não avisar o/a pesquisador/a, que perderá o contato, e por consequência, a entrevista.

Outra desvantagem, apontada por Opdenakker (2006) - e corroborada por Selwyn e Robson (1998), Meho (2006) e Hunt e McHale (2007) - é que as entrevistas por *e-mail* não oferecem possibilidade de se captar as sutilezas da comunicação não verbal, denominadas *pistas sociais* pelo pesquisador. As pistas sociais - como, por exemplo, os gestos, a entonação da voz e a linguagem corporal - oferecem ao/à entrevistador/a muitas informações adicionais, além de permitir maior contato com os sentimentos, crenças e valores dos/ entrevistados/as. Elementos tácitos da comunicação face a face - que podem ser relevantes - são perdidos pela falta de contato pessoal. No entanto, Opdenakker ressalta que nem sempre essas pistas sociais são importantes para uma pesquisa. Nos casos em que a entrevista é feita com um especialista em algum tópico, somente como fundamentação para a análise das entrevistas com os principais sujeitos de uma pesquisa, as pistas sociais tornam-se menos importantes. Quando a entrevista é feita diretamente com o sujeito da investigação, o qual, em sua especificidade é insubstituível, as pistas sociais tornam-se fundamentais para uma melhor apreensão daquilo que se quer saber.

Em outra perspectiva, Meho (2006) e Hunt e McHale (2007) destacam que, justamente por não se tratar de uma entrevista face a face, a entrevista por *e-mail* pode eliminar - ou, ao menos, reduzir - problemas relacionados a diferenças de pertencimento racial, escolaridade, classe social, gênero, deficiências, entre entrevistado/a e entrevistador/a, as quais podem interferir no sucesso da entrevista. Martins ressalta que, na interação presencial entre entrevistador/a e entrevistado/a não é possível subestimar a influência “da história biográfica, da educação, interesse e preconceitos do pesquisador” (MARTINS, 2004, p. 292), o que torna a relação entre as partes não somente social, mas também política. Esse fator pode ser reduzido na entrevista por *e-mail*. Meho também lembra que a entrevista por *e-mail* pode alcançar entrevistados/as tímidos/as,

introvertidos, que não conseguiriam expressar-se em uma entrevista presencial, mas sentem-se mais confiantes com a entrevista por *e-mail*.

Do ponto de vista do/a entrevistado/a, a entrevista por *e-mail* confere maior grau de anonimidade do que uma entrevista presencial, embora não o seja (EGAN, 2008). A sensação de anonimidade pode encorajar o/a informante a ser mais aberto, espontâneo e desinibido/a em suas respostas escritas, de um modo que não seria, caso a entrevista fosse presencial (HUNT e McHALE, 2007; EGAN, 2008). Este pressuposto da anonimidade, segundo Meho (2006), pode explicar por que alguns/mas informantes estão mais dispostos/as a conceder entrevista por *e-mail* do que presencialmente. Por outro lado, é mais frequente nas entrevistas por *e-mail* - em comparação com as entrevistas presenciais - que alguns/mas entrevistados/as desistam da participação no meio da entrevista, sem avisar o/a entrevistador, ou mostrem-se hostis ao/à pesquisador, quando se sentem pressionados/as a responder. Neste caso, o/a entrevistador/a deverá tomar uma decisão ética sobre a utilização ou não do material incompleto (HUNT e McHALE, 2007). Opdenakker (2006) observa também que, ao contrário da entrevista face a face - na qual o/a entrevistado/a pode sentir-se constrangido em responder alguma pergunta de forma socialmente indesejável, por assim dizer, buscando atender às expectativas do/a entrevistador/a - a entrevista por *e-mail* reduz essa possibilidade. Por outro lado, a espontaneidade oferecida pela entrevista face a face é perdida na entrevista por *e-mail* (EGAN, 2008).

Um cuidado importante a ser considerado nas entrevistas por *e-mail*, ainda segundo Opdenakker (2006), é que cada pessoa tem um estilo próprio de se expressar. O/a entrevistador/a deverá se familiarizar com o estilo de escrita do/a entrevistado/a, de modo a captar as mensagens contidas nas entrelinhas, o que pode ser bastante difícil tendo-se como base somente o texto escrito. Além disso, o fator que parecia uma vantagem inicial das entrevistas por *e-mail* - a economia de tempo - pode se revelar falso, considerando que numa entrevista assíncrona, o/a entrevistado/a pode levar dias, ou até semanas para responder as perguntas. Isso aumenta o risco de o/a entrevistado/a perder o foco ou o interesse pela entrevista no processo (HUNT e McHALE, 2007).

Meho (2006) ainda lembra que, ao passo que muitos indivíduos têm dificuldade com a expressão escrita - o que pode confundir o/a entrevistador em sua tentativa de compreender o que o/a entrevistado/a quis dizer - outros/as expressam-se com mais eficiência na forma escrita do que na expressão oral. Na entrevista por *e-mail*, o/a

entrevistado/a tem tempo para refletir, pesquisar e construir sua resposta, sem que o/a entrevistador/a conheça o processo de formulação de sua escrita (OPDENAKKER, 2006; EGAN, 2008). Hunt e McHale (2007) lembram que nas entrevistas por *e-mail* tanto o/a entrevistado/a como o entrevistador/a têm maior tempo para refletir sobre o que foi dito; por estar na forma escrita, ambos podem retomar qualquer parte da entrevista no texto antes de prosseguir com o diálogo, o que não é possível na entrevista presencial.

Meho (2006) observa que entrevistas assíncronas no meio virtual - geralmente realizadas via *e-mail* - são, por natureza, semiestruturadas e envolvem múltiplas trocas de *e-mails* entre entrevistador/a e entrevistado/a durante longo período de tempo. Considerando que o número de minhas entrevistas por *e-mail* é quatro vezes superior ao número das entrevistas presenciais, concluí que seria inviável gerenciar tamanha quantidade de entrevistas, se tivesse que fazer esta troca de mensagens por estendido período de tempo. Entrevistas aprofundadas, segundo Cook (2008), são entrevistas

nas quais os/as participantes são encorajados a falar em profundidade sobre o tópico em investigação, sem que o/a entrevistador/a tenha que interrompê-lo/a com perguntas curtas e focadas. O pesquisador não precisa preparar uma lista de perguntas muito abrangente. [...] As entrevistas aprofundadas são adequadas para a coleta de dados em diferentes tipos de metodologias [...] e são frequentemente usadas como método único e coleta de dados. (COOK, 2008, p. 422, tradução minha)

Neste sentido, estabeleci que as entrevistas presenciais seriam aprofundadas, e as entrevistas por *e-mail* seriam feitas em uma única etapa de perguntas. Deste modo, seriam enviadas as perguntas aos/às participantes, que as responderiam de uma única vez, sendo que eu entraria em contato posterior somente se percebesse que o/a entrevistado/a não tinha compreendido alguma pergunta, ou que deixara de preencher algum dado importante na Ficha de Cadastro.

Edgar Burns (2010) argumenta que as tecnologias de comunicação emergentes não diminuem a importância das formas mais tradicionais de coleta de dados em pesquisas qualitativas, mas enriquecem o leque de ferramentas investigativas disponíveis para a pesquisa social na atualidade. Burns (2010) e Hunt e McHale (2007) ressaltam, ainda, que as entrevistas por *e-mail* podem ser utilizadas como modalidade não exclusiva de coleta de dados, ou seja, podem ser empregadas como complementação a outras formas de entrevistas, como as entrevistas presenciais, por

exemplo. Isso ocorreu na presente pesquisa. Uma vez concluídas as entrevistas presenciais, dúvidas foram esclarecidas e questões foram aprofundadas por meio da troca de *e-mails* com meus/minhas participantes presenciais.

Um ponto importante, observado em minhas entrevistas por *e-mail*, é que os/as entrevistados/as mostraram-se mais objetivos/as em suas respostas, mantendo-se dentro dos limites das perguntas. Nas entrevistas face a face, existe uma grande probabilidade de divagação do/a informante - e até mesmo do/a entrevistador/a - dependendo do rumo do diálogo e de seu grau de informalidade. Observei isso em minhas entrevistas aprofundadas presenciais. Dos oito participantes presenciais, três concederam a entrevista em 1 hora, e cinco levaram até 2 horas para elaborar suas respostas. A diferença de tempo está associada à quantidade de informações, ao nível de aprofundamento dos relatos, à forma de elaboração do pensamento e à expressão oral de cada informante.

Na análise geral do material de campo, busquei levar em conta todos os fatores elencados sobre as duas modalidades na literatura especializada. Basicamente, nesta pesquisa, a característica principal das entrevistas presenciais é que estas oferecem um panorama geral da vida do/a entrevistado/a, abrangendo, de modo mais profundo, o processo de autoidentificação da assexualidade e seus desdobramentos no contexto mais amplo da biografia dos indivíduos. Nesse sentido, o/a entrevistado/a presencial discorreu, em ordem cronológica, sobre sua infância, adolescência, vida adulta, até o momento da entrevista, situando suas percepções sobre sua autoidentidade assexual nos espaços sociais dos quais fez e faz parte. Os/as entrevistados por *e-mail* relataram, de modo mais direto seu processo de autoidentificação, não necessariamente detalhando os desdobramentos desse processo ao longo de suas vidas. Porém, alguns/as entrevistados/as por *e-mail* foram surpreendentemente minuciosos em seus relatos, quase ao ponto de detalhamento oferecido pelos/as entrevistados/as presenciais.

Minha ideia inicial era utilizar os conteúdos das entrevistas presenciais como fonte principal, utilizando as entrevistas por *e-mail* como complementares, como fontes de apoio. Porém, diante da riqueza de todas as entrevistas, decidi organizar as biografias dos/as entrevistados/as presenciais no Capítulo 4, para que o/a leitor/a tenha uma ideia geral de suas trajetórias e de como a identificação da assexualidade se insere em seus percursos. Desse modo, ao ler as biografias, o/a leitor/a poderá avaliar a relevância (ou

não) da autoidentificação como assexual no conjunto de experiências em sociedade desses/as 8 entrevistados/as ao longo da vida.

Já as 32 entrevistas realizadas por *e-mail* serão somadas às entrevistas presenciais, na análise desenvolvida no Capítulo 5 com o objetivo de captar similaridades, diferenças, contrastes, aproximações, distanciamentos, consonâncias e dissonâncias das experiências de todos/as os/as participantes.

3.3 Dos procedimentos de coleta de dados

Como mencionei no Capítulo 1, ao iniciar a pesquisa, no segundo semestre de 2010, um de meus primeiros passos foi frequentar as comunidades virtuais de assexuais, a fim de tentar categorizar os tópicos discutidos, com o objetivo de levantar as questões da pesquisa, dentro dos objetivos propostos. Como consequência, a partir da leitura constante dos tópicos, em pouco tempo estava familiarizada com o vocabulário utilizado, com as questões discutidas e as problematizações trazidas pelos membros das comunidades. Essa observação, associada às leituras sobre a assexualidade - tanto na literatura acadêmica internacional como em publicações da mídia - foram fundamentais à construção do objeto de estudo, bem como à posterior elaboração dos instrumentos de coleta de dados.

Uma vez que a possibilidade de entrevistas aprofundadas presenciais e entrevistas por *e-mail* se concretizou por meio do *Blog Assexualidades*, o passo seguinte foi a elaboração dos roteiros de entrevista. Para esta tarefa, primeiramente elaborei um roteiro de perguntas completo e detalhado, o qual foi utilizado para a entrevista-piloto. Para entrevista-piloto, convidei Yasmeen, a jovem assexual libanesa - mencionada no Capítulo 1 - com a qual já mantinha amizade antes da redação do projeto de doutorado. As perguntas foram elaboradas em inglês, e a entrevistada respondeu na mesma língua. O roteiro respondido - bem como os comentários da jovem ao roteiro e diálogos com minha orientadora - ajudou-me a simplificar e reduzir o número de perguntas que seriam feitas no roteiro preparado para os/as participantes brasileiros/as.

Como resultado deste trabalho, foram elaboradas cinco perguntas para o roteiro semiestruturado, buscando cobrir dois grupos de indagações: 1) o processo de autoidentificação como assexual; e 2) a vivência como assexual nos diferentes espaços

sociais, com destaque para as experiências durante os anos da educação básica. O conteúdo das cinco perguntas da pesquisa é o mesmo para entrevistados/as presenciais e por *e-mail*, sendo que o roteiro de perguntas por *e-mail* traz o detalhamento necessário a esta modalidade, para evitar que possíveis dúvidas atrasassem as respostas dos/as informantes. Meho (2006) observa que as perguntas em uma entrevista por *e-mail* devem ser autoexplicativas, com maior nível de pormenorização do que aquelas colocadas ao/à entrevistado/a presencial, a fim de reduzir a possibilidade de má comunicação ou má interpretação e a consequente perda de tempo com a troca de um maior número de *e-mails*. Os dois roteiros finais (para entrevista por e-mail e entrevista aprofundada presencial) encontram-se, respectivamente, nos Apêndices 1 e 2.

Adicionalmente ao roteiro de perguntas, elaborei também uma Ficha de Cadastro (Apêndice 3) que buscou traçar um perfil geral dos/as entrevistados/s, incluindo idade, nível de escolaridade, ocupação, religião, estado civil, renda familiar, entre outras informações. Foram acrescentadas também algumas perguntas relativas aos hábitos de lazer e acesso aos meios de comunicação.

O terceiro e último documento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 4), foi elaborado em consonância com as normas descritas na Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Ministério da Saúde, com base no respeito pela dignidade humana, proteção e autonomia dos participantes, bem como observação rigorosa às questões de ordem ética, entre outras orientações contidas na Resolução. Adicionalmente, foram observadas as orientações contidas no Código de Ética da USP (Resolução No. 4871, de 22 de outubro de 2001), bem como no documento Padrões Éticos na Pesquisa em Educação: Primeiro Documento, elaborado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos/as os/as 40 participantes desta pesquisa. Adicionalmente, os responsáveis pelas duas pessoas menores de 18 anos também assinaram o documento.

Segundo Duarte (2002), nas metodologias qualitativas o número de sujeitos entrevistados raramente pode ser definido antes que algumas entrevistas sejam feitas, sendo que o número final dependerá das informações obtidas, bem como da quantidade de recorrências e divergências trazidas pelos depoimentos: “Enquanto estiverem aparecendo ‘dados’ originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso, as entrevistas precisam continuar a ser feitas” (DUARTE, 2002,

p. 144). O processo deve continuar até atingir-se o chamado *ponto de saturação*, pois, a partir deste momento, torna-se possível

identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo (DUARTE, 2002, p. 144)

Márcia Fraser e Sônia Gondim (2004) reforçam que, como o leque de opiniões é limitado num contexto social específico, as respostas dos/as entrevistados/as começam a se repetir ao se atingir o ponto de saturação. Neste caso, “novas entrevistas não oferecem ganho qualitativo adicional para a compreensão do fenômeno estudado” (FRASER e GONDIM, 2004, p.147). Considerando estes fatores - e também o número reduzido de pessoas que se identificam como assexuais - considerei prudente acolher todos/as os/as interessados em conceder entrevistas presenciais. Quanto aos/às participantes por *e-mail*, recebi contribuições até determinada data, quando ficou claro que os depoimentos não traziam mais dados originais.

A chamada de pessoas interessadas em participar da pesquisa foi feita por postagem no *Blog Assexualidades*, estabelecendo dois critérios: pessoas autoidentificadas como assexuais com idade igual ou superior a 18 anos. Optei por estabelecer como critério etário somente a idade mínima de 18 anos, considerando a possível dificuldade em obter consentimento de pais, mães e responsáveis por pessoas de menor idade – sobretudo numa pesquisa sobre diversidade sexual. No entanto, um adolescente de 15 anos manifestou o desejo de participar, garantindo que a mãe assinaria o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que, de fato ela fez, quando fiz a entrevista presencial. Posteriormente, uma adolescente de 17 anos também me escreveu pedindo para participar da pesquisa por *e-mail*. Junto com o roteiro de entrevista preenchido, esta adolescente me mandou o TCLE assinado por sua mãe, acompanhado de cópia da carteira de identidade, para conferência de assinatura. Decidi não estabelecer idade máxima para os/as participantes da pesquisa, considerando o número reduzido da população de assexuais, e também vislumbrando que depoimentos de pessoas em diferentes momentos da vida poderia enriquecer o escopo da pesquisa.

Após a postagem da chamada de possíveis entrevistados/as no *Blog Assexualidades* - e por convites a pessoas autoidentificadas como assexuais que manifestaram interesse - diversas pessoas escreveram para pedir detalhes sobre a

pesquisa. Após o esclarecimento das dúvidas, cerca de quatro pessoas desistiram da participação, ao saber que precisariam se identificar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pois não desejavam revelar seus nomes verdadeiros. Alguns/mas pediram as informações sobre a pesquisa, mas depois não deram prosseguimento à participação.

Nas 8 entrevistas aprofundadas presenciais, 2 entrevistados foram convidados por mim quando vieram falar comigo após palestras que proferi sobre o tema da pesquisa. Um entrevistado entrou em contato comigo quando soube da pesquisa por um conhecido mútuo, oferecendo-se para participar. Uma entrevistada me contatou após assistir a uma entrevista minha na televisão e, posteriormente, uma palestra que proferi. Os/as demais quatro entrevistados/as presenciais souberam da pesquisa pelo *Blog Assexualidades* e mandaram-me mensagens dispondo-se a participar. Todas as 32 pessoas entrevistadas por *e-mail* souberam da pesquisa pelo *Blog Assexualidades*, embora algumas tenham chegado ao *Blog* após ler alguma matéria ou assistir a alguma entrevista minha na mídia.

Ao longo dos anos da pesquisa, conforme mencionado no Capítulo 1, recebi dezenas de mensagens de pessoas que chegaram ao *Blog Assexualidades* e me escreviam para agradecer por estar fazendo a investigação, contando um pouco de sua história e desejando-me êxito no empreendimento. Algumas mensagens continham pedidos de ajuda de pessoas que relatavam episódios de sofrimento, discriminação, sentimentos de inadequação a uma sociedade que espera e exige a atividade sexual e os relacionamentos amorosos - ou a constante busca dos mesmos - como condição compulsória à felicidade e à normalidade. Nenhuma dessas mensagens ficou sem resposta. Dentro de meus conhecimentos e possibilidades, buscava relatar alguns dados preliminares da pesquisa em andamento, no sentido de mostrar que essas experiências eram comuns a muitas outras pessoas, além de indicar comunidades para troca de experiências com outros/as assexuais. Quando percebia um tom de desespero nas mensagens, sugeria também uma consulta com psicólogo de confiança que pudesse ouvir e oferecer uma opinião qualificada.

Por estar envolvida com o estudo da diversidade sexual, recebi também muitas mensagens de homens e mulheres homossexuais, bissexuais, transexuais, pessoas envolvidas em relacionamentos abertos, livres, múltiplos, colocando perguntas fora do

campo de minha pesquisa. Para estes e estas, expliquei que meu foco de pesquisa não era aquele, orientando-os/as a buscar ajuda com profissionais especializados.

Outro tipo de mensagem comum era de jovens e adolescentes gays envolvidos/as em contextos familiares ou religiosos complexos de rejeição e discriminação, perguntando-me o que fazer, ou ainda, indagando se eles poderiam ser assexuais, apesar de sentirem atração sexual e amorosa pelo mesmo sexo. O pressuposto de que ser assexual é mais aceitável socialmente e mais fácil do que ser homossexual parece ser generalizado nas discussões sobre assexualidade com pessoas não assexuais. Entre os/as assexuais, é comum a queixa de que seus/suas amigos/as e colegas acreditam que pessoas assexuais não sofrem discriminação nem rejeição - afinal de contas, não apresentam nenhum comportamento considerado ofensivo pela sociedade - portanto, concluem que deve ser mais fácil ser assexual do que homossexual ou bissexual. Algumas pessoas assexuais relataram, também, que foram perguntadas por pessoas não assexuais qual era o procedimento para se “tornarem” assexuais, geralmente após finais traumáticos de relacionamentos.

Voltando aos procedimentos metodológicos, após o contato inicial das pessoas interessadas em participar da pesquisa por *e-mail*, respondia agradecendo pelo interesse, listando os procedimentos necessários para participação, para obter sua concordância. Em anexo, mandava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 4), explicando que era uma exigência dos comitês de ética em pesquisa para garantir a confidencialidade das entrevistas e o tratamento ético dos/as entrevistados/as.

Aos/às participantes por *e-mail*, ofereci a opção de envio do TCLE pelo correio, ou, caso eles/as dispusessem de impressora, *scanner* ou câmera digital, poderiam mandar o documento assinado por *e-mail*. Àqueles que não dispunham de impressora, *scanner* ou câmera digital, pedi um endereço de correspondência e enviei o TCLE por correio, incluindo um envelope autoendereçoado e pré-selado para devolução do documento assinado. Com estes procedimentos foi possível obter o TCLE assinado de todos/as os/as 32 entrevistados/as por *e-mail*. Após receber o TCLE preenchido e assinado pelo/a participante, enviava, por *e-mail*, a Ficha de Cadastro (Apêndice 3) e o roteiro de perguntas (Apêndice 1). Alguns/mas entrevistados/as, na devolução, afirmaram o quanto a experiência de escrever sobre sua assexualidade tinha sido benéfica para eles/elas, que, pela primeira vez, tinham feito esta reflexão.

As 32 entrevistas por *e-mail* foram realizadas no período de julho de 2012 a março de 2014. A média entre o tempo de envio das perguntas e o recebimento da resposta foi de cerca de uma semana. Os textos gerados pelos/as entrevistados/as por *e-mail* somam 99 páginas. A maioria das entrevistas por *e-mail* foi realizada em uma única etapa. Um pequeno número exigiu que eu entrasse em contato posterior para esclarecimentos. Nenhum/a dos/as 32 entrevistados/as por *e-mail* entrou em contato comigo posteriormente para relatar acontecimentos após as entrevistas, no entanto, vez por outra, recebo alguma mensagem de pessoa entrevistada perguntando como está o andamento da pesquisa.

As 8 entrevistas aprofundadas presenciais foram realizadas no período de julho de 2012 a janeiro de 2013. A média de duração das entrevistas foi de uma hora e meia. Os diálogos foram gravados, com a ciência e consentimento dos/as participantes e posteriormente transcritos para análise. As transcrições das 8 entrevistas presenciais somam 313 páginas. As entrevistas aprofundadas presenciais foram realizadas na localidade de preferência dos/as entrevistados/as: residência do/a participante ou a minha, local de trabalho ou estudo do/a entrevistado/a, um café e um *shopping center*. Chegando para a entrevista, agradecia os/as entrevistados/as pela contribuição, pedindo a eles/as para preencherem a Ficha de Cadastro. Posteriormente, pedia que lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondendo eventuais dúvidas sobre a pesquisa. Em seguida, explicava o objetivo da pesquisa e passava às perguntas do roteiro. No período de sistematização dessas entrevistas, surgiram dúvidas, que foram esclarecidas pelos entrevistados/as por *e-mail*.

Esta interação pós-entrevista presencial foi importante, pois acabou por estimular alguns/mas entrevistados/as presenciais a relatar acontecimentos em suas vidas ocorridos após as entrevistas, acontecimentos julgados por eles/as importantes para o desdobramento das análises. Por exemplo, o entrevistado Tiago foi diagnosticado como transexual masculino e iniciou o processo de transição após a entrevista, sendo que para ele era importante que eu considerasse sua nova identidade de gênero na pesquisa. O entrevistado Fernando, virgem à época da entrevista, teve experiências sexuais em período posterior, e também considerou importante que eu conhecesse o significado destas experiências em sua trajetória. O entrevistado Vladimir, após a entrevista, decidiu se assumir como assexual para o filho, o que para ele foi um evento relevante em seu processo de autoidentificação. Estes desdobramentos pós-entrevistas

foram importantes para mostrar que tinha se estabelecido uma relação de confiança entre entrevistadora e entrevistados/as, e também para me conscientizar das expectativas dos/as entrevistados/as em relação ao impacto da pesquisa em suas vidas.

3.4 Panorama do campo: perfis dos/as entrevistados/as

A seguir, apresento as tabelas que detalham os perfis dos/as 40 participantes da pesquisa, conforme dados obtidos e informações constantes na Ficha de Cadastro, começando pela **Tabela 1**, que mostra a distribuição dos entrevistados/as nas duas modalidades de entrevista, presencial e via *e-mail*:

Tabela 1 – Distribuição de participantes por modalidade de entrevista

Modalidade de entrevista	Quant.	%
Presencial	8	20
<i>E-mail</i>	32	80
Total	40	100%

A **Tabela 2** mostra a distribuição geográfica dos/as 40 entrevistados/as, por regiões e Estados brasileiros. Relaciono a seguir os municípios representados. Os 40 participantes têm origem em 4 regiões brasileiras, 13 estados e 31 municípios. No Estado de São Paulo: municípios de São Paulo, Guarulhos, Mogi das Cruzes, São Bernardo do Campo, Santo André, Mairinque, Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba, Vargem Grande do Sul e São Carlos. No Estado do Rio de Janeiro: município do Rio de Janeiro. No Estado de Minas Gerais: municípios de Belo Horizonte, Montes Claros, Patrocínio e Juiz de Fora. No Estado do Espírito Santo: município de Vitória. No Estado do Rio Grande do Sul: municípios de Porto Alegre, Santa Maria e São Borja. No Estado de Santa Catarina: municípios de Florianópolis e São José. No Estado do Paraná: municípios de Ponta Grossa e Quedas do Iguaçu. No Estado da Bahia: municípios de Salvador e Vitória da Conquista. No Estado do Ceará: município de Fortaleza. No Estado da Paraíba: município de João Pessoa. No Estado de Pernambuco: município de Garanhuns. No Estado do Piauí: município de Dirceu Arcoverde. No Distrito Federal: município de Brasília.

Tabela 2 – Distribuição de participantes por regiões e Estados do Brasil

Região Brasileira	Estado Brasileiro	Municípios por Estado	Participantes por Estado
SE	SP	11	17
	RJ	1	3
	MG	4	4
	ES	1	1
S	RS	3	4
	SC	2	2
	PR	2	2
NE	BA	2	2
	CE	1	1
	PB	1	1
	PE	1	1
	PI	1	1
CO	DF	1	1
Total		31	40

A **Tabela 3** mostra a distribuição dos/as participantes por sexo/gênero, conforme sua autoidentificação na Ficha de Cadastro. Com exceção das duas pessoas transexuais entrevistadas, nenhuma outra mencionou nada em relação à sua identidade de gênero. Entrevistadas autoidentificadas como do sexo feminino constituem mais da metade do total de entrevistados/as (60%), enquanto pessoas identificadas como de sexo masculino constituem 40% do total.

Tabela 3 – Distribuição de participantes por sexo/gênero

Sexo/Gênero	Quant.	%
Feminino	24	60
Masculino	16	40
Total	40	100%

Na contagem final, os/as entrevistados/as tinham entre 15 e 59 anos nas datas das entrevistas. A **Tabela 4** mostra a distribuição dos/as entrevistados/as por grupos

etários. A maioria dos/as entrevistados/as (53%) encontra-se na faixa etária de 20 a 29 anos.

Tabela 4 - Distribuição de participantes por grupos etários

Grupos etários	Quant.	%
15-19	8	20
20-29	21	53
30-59	11	27
Total	40	100%

A tabela seguinte mostra o nível de escolaridade dos/as entrevistados/as, conforme a Ficha de Cadastro. 75% do total possui ensino superior completo ou em andamento, o que mostra uma escolaridade alta para o conjunto dos/as entrevistados/as. Entre os/as que têm ensino superior completo, três alcançaram a pós-graduação: uma participante concluiu o mestrado; um está cursando o mestrado, e um está cursando o doutorado.

Tabela 5- Distribuição de participantes por nível de escolaridade

Escolaridade	Quant.	%
Ensino superior completo ou em andamento	30	75
Ensino médio completo ou em andamento	10	25
Total	40	100%

Os/as entrevistados/as na pesquisa são majoritariamente solteiros/as (87%). Somente quatro entrevistados/as declararam-se casados/as, e uma pessoa afirmou já ter sido casada, estando separada há vários anos. Dos 40 entrevistados, 7 (cerca de 17%) declararam ter filhos (2 homens e 5 mulheres; todos/as no grupo etário 30-59 anos). A **Tabela 6** mostra os números por estado civil.

Tabela 6 - Distribuição de participantes por estado civil

Estado civil	Quant.	%
Solteiro/a	35	87
Casado/a	4	9
Separado/a	1	4
Total	40	100%

A **Tabela 7** mostra a cor ou raça dos/as entrevistados/as, conforme escolha feita por eles e elas entre as alternativas apresentadas na Ficha de Cadastro (inspiradas nas categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE⁴¹). Os resultados mostram que os/as entrevistados/as são majoritariamente brancos/as (82%).

Tabela 7 - Autoidentificação de participantes por cor ou raça conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Cor ou Raça	Quant.	%
Branca	33	82
Parda/Preta	6	15
Amarela/asiática	1	3
Total	40	100%

Em relação à renda familiar, 58% dos entrevistados/as encontra-se na faixa mais elevada de renda entre as opções oferecidas (acima de R\$ 3.000), conforme mostra a **Tabela 8**.

Tabela 8 - Distribuição de participantes por renda familiar

Renda Familiar	Quant.	%
de R\$ 350,00 a R\$ 1.500,00	8	20
de R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00	9	22
Acima de R\$ 3.000,00	23	58
Total	40	100%

⁴¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (www.ibge.gov.br)

Entre as ocupações citadas pelos/as entrevistados/as estão: estudante/estagiário/a, bancário/a, dentista, comerciante, consultor/a empresarial, farmacêutico/a, médico/a veterinário/a, fisioterapeuta, nutricionista, advogado/a, web designer, dona de casa, ajudante de supermercado e desempregado/a. Existe grande quantidade de estudantes do ensino superior que exclusivamente estudam, ou estudam e fazem estágio. Somente dois entrevistados mencionaram estar desempregados. Um deles acabou de se formar no ensino superior e está se preparando para a entrada no mercado de trabalho.

Uma constatação que me surpreendeu no conjunto de entrevistados/as diz respeito às suas inclinações religiosas. Somando-se o número de entrevistados/as ateus, agnósticos e pessoas que se declaram *sem religião*, chegamos ao percentual de 52%, que constitui mais da metade do total⁴². A **Tabela 9** lista as crenças ou não crenças apontadas pelos/as entrevistados/as.

Tabela 9 - Distribuição de participantes por religião

Religião	Quant.	%
Nenhuma/ateu/agnóstico	21	52
Católica	7	17
Espírita	6	15
Protestante/cristã/evangélica	3	8
Budista/Santo Daime/Hare Krishna	3	8
Total	40	100%

Por último, o quadro a seguir, apresenta a lista completa de todos/as 40 participantes da pesquisa, contendo nome fictício, sexo, idade e modalidade de entrevista.

⁴² O Censo de 2010 do IBGE apurou que as pessoas sem religião (incluindo ateus e agnósticos) perfazem cerca de 8% da população brasileira. Fonte: IBGE: <http://censo2010.ibge.gov.br>

Lista completa de participantes

Nome	Sexo	Idade	Modalidade de Entrevista	
01	Caetano	M	24	presencial
02	Clara	F	32	presencial
03	Fernando	M	23	presencial
04	Gilda	F	59	presencial
05	Giovana	F	27	presencial
06	Rebeca	F	49	presencial
07	Tiago	M	15	presencial
08	Vladimir	M	46	presencial
09	Alice	F	39	<i>e-mail</i>
10	Amanda	F	29	<i>e-mail</i>
11	Anita	F	51	<i>e-mail</i>
12	Carolina	F	25	<i>e-mail</i>
13	Catarina	F	23	<i>e-mail</i>
14	Celina	F	19	<i>e-mail</i>
15	Cristiano	M	19	<i>e-mail</i>
16	Denise	F	24	<i>e-mail</i>
17	Diogo	M	22	<i>e-mail</i>
18	Edson	M	35	<i>e-mail</i>
19	Eduardo	M	25	<i>e-mail</i>
20	Evandro	M	29	<i>e-mail</i>
21	Gilberto	M	24	<i>e-mail</i>
22	Gina	F	20	<i>e-mail</i>
23	Guilherme	M	22	<i>e-mail</i>
24	Helena	F	34	<i>e-mail</i>
25	Irene	F	48	<i>e-mail</i>
26	Jorge	M	21	<i>e-mail</i>
27	Kelly	F	24	<i>e-mail</i>
28	Laura	F	35	<i>e-mail</i>
29	Lenita	F	17	<i>e-mail</i>
30	Liliane	F	22	<i>e-mail</i>
31	Loreta	F	19	<i>e-mail</i>
32	Ludmila	F	29	<i>e-mail</i>
33	Marcelo	M	19	<i>e-mail</i>
34	Miriam	F	28	<i>e-mail</i>
35	Rafaela	F	25	<i>e-mail</i>
36	Ricardo	M	18	<i>e-mail</i>
37	Selma	F	22	<i>e-mail</i>
38	Sidney	M	18	<i>e-mail</i>
39	Simone	F	28	<i>e-mail</i>
40	Tereza	F	44	<i>e-mail</i>

Todas as pessoas entrevistadas têm acesso à internet, sendo que declararam acessar regularmente redes sociais (85%), *e-mails* (92%), ferramentas de busca (52%) e comunidades virtuais (27%). Como fontes de informação e entretenimento, 50% costuma ler jornais e revistas; 75% assiste televisão, sendo que os conteúdos mais consumidos são filmes e noticiários (47%), programas de entrevistas (40%), e os menos acessados são as novelas e programas esportivos (15%) e programas de auditório (12%). Seriados, documentários, desenhos e programas de entretenimento foram citados por alguns/mas entrevistados/as como conteúdos acessados via internet, não pela televisão.

Em relação a seus hábitos de lazer, 32% dos/as entrevistados/as declarou praticar algum tipo de atividade esportiva; 17% vai regularmente ao cinema; 12% costuma viajar. Menos de 1% costuma frequentar teatros. Diversos/as entrevistados/as relataram ocupar seu tempo livre em atividades como leitura, passeios turísticos, encontros com os amigos/as, *shows* e *hobbies*.

Em síntese, o grupo de entrevistados/as vive em quatro regiões do Brasil, é majoritariamente feminino, tem idade entre 15 e 59 anos, é composto, em sua maioria, por pessoas solteiras, sem filhos/as, brancas, não religiosas, possuindo alta escolaridade e renda também elevada.

O Capítulo 4, a seguir, traz as biografias dos participantes que concederam entrevistas presenciais, as quais oferecem um panorama geral das trajetórias, destacando suas experiências de autoidentificação da assexualidade. Nos relatos, busquei dar ênfase aos pontos considerados mais importantes para cada informante, mostrando a diversidade das experiências.

Capítulo 4 – Biografias Assexuais: vivências na sociedade sexonormativa

*Silencioso foi nosso amor, e com véus tem estado coberto.
Agora, porém, ele grita, chama-te em alta voz e quer revelar-se a ti.*
Gibran Khalil Gibran, *O Profeta*

4.1 Vladimir: “Eu mentia, falava que tinha uma namoradinha”

Tendo sido informado sobre a pesquisa pelo *Blog Assexualidades*, Vladimir, de 46 anos, escreveu-me oferecendo-se para colaborar. O entrevistado declara-se ateu, é casado e pai de um filho de 21 anos, é formado no ensino superior e trabalha como comerciante. A entrevista foi realizada em um café, onde nos encontramos numa tarde de julho de 2012. Após os procedimentos iniciais, Vladimir me explicou por que decidiu participar da pesquisa:

Eu acho de extrema importância, para dar visibilidade à assexualidade, pensando em mim e em muitas outras pessoas, jovens que passam pelo que eu passei. [...] Pensei em doença, pensei em tudo, menos que aquilo era normal. [...] Eu sempre fui assim, não foi uma coisa que aconteceu de repente, com uma certa idade. Sou assim desde que me conheço por gente.

Em seguida, passou a relatar sua história. Quando criança, Vladimir não gostava de ser tocado; conta que sempre se afastou de brincadeiras que implicassem contatos físicos. Era uma criança tímida, mas teve uma infância tranquila. O entrevistado fez o ensino fundamental em colégio católico salesiano e o ensino médio em escola técnica estadual. Sempre teve notas altas, era interessado e dedicado aos estudos, sendo sempre elogiado e premiado por seu bem-sucedido desempenho escolar. O sentimento de ser diferente de seus colegas ficou mais evidente na adolescência, quando se fortalecem as interações com os pares na escola. O entrevistado conta que seus amigos passaram a se interessar pelas meninas de um modo diferente, pensando em namoro e sexo. Esse interesse não foi experimentado por ele, que se questionava por que era diferente.

O sentimento de estranhamento em meio aos pares tinha origem na falta de identificação com as conversas sobre sexo de seu grupo de amigos. Nessas ocasiões, Vladimir adotava a estratégia de não se pronunciar, ou de criar situações fictícias para

que o grupo não percebesse esta falta de identificação com os temas discutidos: *“Parecia que eu não fazia parte daquilo, me forçava pra não ficar tão destoante do grupo, mas era artificial. Eu mentia, falava que tinha uma namoradinha. Mas, não tinha nada.”*

Vladimir me contou que, durante a adolescência, tentava aproximar-se das meninas - por conta de sua imagem na escola: *“Eu tive duas ‘paixonites’ na adolescência. As duas foram totalmente platônicas, sem esse desejo de sexo. Uma foi mais ou menos aos 13 e depois outra aos 18.”* Na escola católica salesiana na qual fez o ensino fundamental - entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 - os princípios morais rígidos eram não só valorizados, como esperados, exigidos e vigiados. Na adolescência, o entrevistado chegou a pensar em ser padre, pois o celibato compulsório imposto pela Igreja Católica aos clérigos seria a justificativa perfeita para sua falta de vida sexual ativa. Porém, apesar de apreciar o estilo de vida monástico e recluso dos padres, Vladimir não acreditava em Deus.

Por tratar-se de uma escola religiosa, não é surpresa o fato de que a educação sexual ministrada pelos padres fosse voltada aos princípios dogmáticos da Igreja Católica, os quais determinam que a atividade sexual seja restrita à procriação, e que o desejo sexual seja reprimido na vida cotidiana. Vladimir denomina a educação sexual que teve como *“educação heterossexual.”* Os conteúdos eram discutidos de modo cientificista, biologicista e técnico, pois os padres só falavam em concepção e reprodução; jamais tal educação abordou aspectos da diversidade sexual, prazer, desejo ou relacionamentos amorosos. Embora a iniciativa tenha contribuído para sanar dúvidas técnicas sobre a reprodução, não ajudou Vladimir a compreender sua sexualidade.

Na busca por entender melhor seu desinteresse pelo sexo - considerando que não encontrava respostas à suas dúvidas na escola - Vladimir leu diversos livros de biologia, bem como textos da psicanálise de Sigmund Freud, entre outros estudiosos. Naquela época, não havia a internet, portanto, as possibilidades de pesquisa se restringiam às enciclopédias e livros específicos, quando disponíveis. O jovem pensava que podia ter algum tipo de problema fisiológico ou psicológico que fazia com que um suposto desejo sexual estivesse sendo reprimido e substituído por seu intenso interesse por música e literatura. Segundo ele, na época, nenhum livro trazia esclarecimentos sobre a falta de interesse por sexo fora do contexto biológico ou patológico: *“Ou falava de reprodução*

assexuada, ou falava de doença, anormalidade. Eu me sentia constrangido, mal, diminuído, sabe?”

Devido a seu desinteresse em relacionamentos amorosos e sexuais na adolescência e juventude, além de não se identificar com as interações com seus pares, Vladimir percebia que pairava nos espaços que frequentava - sobretudo na escola - a suspeita de que ele fosse homossexual. Estes comentários não o incomodavam muito, pois sabia que o problema não era este. Além dos pares, Vladimir era pressionado também pela família e pelos parentes, que sempre perguntavam quando iam conhecer sua namorada. O interesse maior do jovem estava voltado para a música, ao estudo de violão clássico, interesse que compartilhava com um amigo, pelo qual sentia profunda amizade. Os boatos sobre sua homossexualidade também corriam por conta de sua proximidade com este amigo, que era heterossexual.

Vladimir sabia que não era homossexual, mas sentia-se deslocado em meio às sexualidades socialmente conhecidas. O discurso médico patologizante sobre a falta de interesse por sexo era um dos fatores que deixavam o jovem angustiado. Esse discurso - que considera o desejo sexual como compulsório e universal - fazia com que Vladimir se situasse fora do quadro da normalidade: *“Muitos médicos falavam que podia ser algum problema de hormônio, ou depressão ou estresse. E eu ficava também pensando nisso, entendeu?”* Por conta dessas dúvidas sobre algum possível problema de saúde, por volta dos 17 anos Vladimir consultou um médico, contou a ele sobre sua falta de interesse por sexo e fez exames completos de saúde, inclusive testes de dosagem hormonal. Quando todos os resultados foram considerados normais pelo médico, Vladimir ficou ainda mais confuso e frustrado. Sentir-se diferente dos amigos - e não compreender a razão para esta diferença - reforçava o sentimento de inadequação do jovem na sociedade.

Após o término do ensino secundário, quando Vladimir entendeu que a falta de fé em Deus constituía um obstáculo intransponível para a carreira na Igreja Católica, começou a cursar o ensino superior. Durante os anos de faculdade, tornou-se um *“intelectual moralista”*, segundo suas palavras, que buscava situar sua existência num plano moral superior, do qual o sexo não fazia parte. Por meio da eloquência erudita, buscava convencer seus amigos e familiares de que o desejo sexual era um sentimento inferior, superável com a elevação moral e intelectual. Hoje, Vladimir reconhece que

aquele discurso moralista da juventude era uma máscara usada para protegê-lo da discriminação social.

Durante o tempo de faculdade, Vladimir envolveu-se com uma jovem e foi neste momento que experimentou seu primeiro e único relacionamento amoroso. Este relacionamento trouxe benefícios à vida social do entrevistado, diminuindo a pressão familiar e a suspeita da homossexualidade por parte dos amigos. O entrevistado gostava dos momentos que compartilhava com a nova namorada: *“Achava legal, ter uma companhia pra ir almoçar, pra ir tomar um café, mas eu nunca pensei em casar com ela, tinha horror de pensar nisso, por causa do sexo, que eu não queria, né?”* Apesar da apreensão, o sexo acabou acontecendo entre o casal depois de algum tempo de namoro. A experiência, que segundo ele, só ocorreu por insistência da namorada, comprovou que Vladimir não apreciava a atividade sexual. A introdução do componente sexual no relacionamento trouxe uma consequência inesperada: a gravidez da namorada. A decisão de casar-se foi tomada considerando o filho que ia nascer, mas também a possibilidade de estabelecer-se num arranjo familiar aceito pela sociedade. O jovem Vladimir fez questão de deixar claro à noiva que não gostava de sexo, mas ela o assegurou de que isso não seria problema.

O entrevistado conta que o casamento mudou sua vida, pois fez cessar toda e qualquer pressão de família e amigos sobre sua falta de vida sexual ativa, bem como desfez qualquer suspeita que pudessem ter em relação a sua masculinidade ou heterossexualidade, foi a melhor decisão na época, porém, *“se fosse hoje, eu não sei se teria casado; acho que não, tendo agora a consciência de que a assexualidade existe.”* Embora se sinta protegido do julgamento alheio pelo casamento, Vladimir conta que nas rodas masculinas, quando os amigos falam sobre mulheres - principalmente quando se referem aos corpos femininos como objetos - ele ainda se sente desconfortável e não vê o sentido desses comentários.

Segundo o entrevistado, o fato de não gostar de sexo tomava, por vezes, tom de acusação quando tinha algum desentendimento com a esposa: *“Quando eu realmente me negava a sexo, a minha mulher dizia: ‘Eu acho que você é gay’. Isso me machucava muito porque nunca me passou pela cabeça ser homossexual, entendeu?”* Quando completou 40 anos de idade - com seu filho já adolescente - Vladimir decidiu que era hora de cessar definitivamente a atividade sexual com a esposa, uma vez que o sexo lhe

gerava desconforto e apreensão. Deixou a esposa livre para decidir se queria a separação, ou se queria ter outra pessoa. Ela decidiu prosseguir o casamento.

Tendo passado a vida sentindo-se inadequado socialmente, por não conseguir identificar-se com as sexualidades conhecidas, para Vladimir, a “descoberta” do conceito de assexualidade, ocorrida por volta dos 44 anos, foi uma espécie de libertação, uma experiência de encontro de uma “verdade” sobre si, que lhe trouxe paz e alívio. O entrevistado chegou ao conceito por meio de uma matéria sobre o assunto numa revista - o que o levou às comunidades assexuais da internet - e identificou-se prontamente: *“Quanto a gente conhece o conceito de assexualidade com as comunidades, tudo se encaixa tão perfeitamente.”* A partir do momento da “descoberta”, Vladimir passou a reinterpretar os acontecimentos passados em sua vida e dar-lhes sentido à luz dessa nova autoidentificação.

Uma das dificuldades enfrentadas por Vladimir no relacionamento com o filho era seu constrangimento em conversar com o adolescente sobre sexo. Não se sentia preparado para orientá-lo, como seria função de um pai, segundo ele. O filho sempre reclamou dessa ausência, mas pensava que a omissão do pai tivesse origem em seu moralismo. Cerca de um mês após a realização da entrevista presencial, Vladimir entrou em contato telefônico comigo para me informar que, após nosso encontro, resolveu assumir-se como assexual para seu filho, por se sentir mais confiante, estruturado e mais consciente de sua própria sexualidade.

4.2 Gilda: “A prática do sexo para mim era um pedágio social”

Meu encontro com Gilda ocorreu em agosto de 2012 em um *shopping center* de São Paulo. A entrevistada - de 59 anos, agnóstica, separada, com uma filha adulta - tem três cursos de graduação concluídos e um título de mestrado, atuando profissionalmente no campo empresarial. Gilda foi diagnosticada como mulher transexual em 1997, época em que terminou o casamento e iniciou os procedimentos de transição para o sexo feminino. Gilda assistiu a uma de minhas palestras e aceitou meu convite para participar da pesquisa: *“Aceitei participar porque é um trabalho acadêmico. Todo trabalho acadêmico, eu julgo que seja um trabalho sério, de interesse coletivo, interesse social e interesse cidadão.”*

Gilda vem de família evangélica, sendo que a sexualidade não era um assunto abordado no seio familiar. Frequentava a igreja evangélica na infância e adolescência, estudava a Bíblia, mas ao longo dos anos, depois de constatar a hipocrisia das crenças religiosas, segundo ela, hoje diz *estar* agnóstica. A entrevistada fez o ensino fundamental em escola pública, o qual interrompeu por alguns anos, retornando posteriormente para concluir o curso secundário. Coursou o ensino médio numa entidade não governamental filantrópica, a qual lhe conferiu habilidade técnica no campo das artes. Seus três cursos de graduação, bem como o mestrado *strictu sensu*, foram cursados em faculdades privadas. Gilda sempre foi boa aluna, muito estudiosa, estando suas notas entre as melhores da classe. *“A única companhia que eu tinha, era a companhia dos livros; na época, não existia a internet. A internet me ajudou a descobrir a identidade de gênero. Foi a partir da internet que eu fui buscar ajuda.”*

O lado positivo de crescer num lar evangélico é não sofrer pressão para iniciar a atividade sexual na adolescência por parte da família ou da igreja. Mesmo assim, Gilda sempre se sentiu incomodada com sua sexualidade, por desconhecer, na época, a possibilidade da transexualidade. Porém, crescendo nos anos 1950 e 1960, não havia informação disponível que pudesse ajudá-la a explorar seu conflito identitário. Na adolescência, a escola do tempo do regime militar também não contribuiu com programas de educação sexual. Por fim, acabou se casando e constituindo família, conforme o modelo majoritário na sociedade, acreditando que o casamento colocaria um fim a sua angústia de identidade de gênero, e ao mesmo tempo, garantiria uma situação aceitável socialmente: *“A prática do sexo para mim era o pedágio obrigatório. [...] Nem masturbar, eu me masturbo. O sexo não faz parte da minha vida, da minha necessidade. E isso não me traz nenhum desconforto, não me traz nada.”*

Ao longo da vida, a orientação sexual nunca tinha sido uma preocupação para Gilda, pois seu grande problema sempre foi aceitar sua própria identidade de gênero. A transexualidade – bem como a vivência masculina compulsória – ocultou qualquer possibilidade de identificação em alguma orientação sexual. O diagnóstico da transexualidade colocou uma resolução na crise de identidade experimentada desde criança. Embora Gilda já tivesse conhecimento do conceito de assexualidade por meio de conteúdos da internet e da mídia, só se conscientizou de que o conceito poderia ser aplicado a si ao assistir uma de minhas palestras, a qual apresentava o conceito e falava de estudos sobre a assexualidade sendo feitos em outros países e do início da pesquisa

sobre o tema no Brasil. Portanto, na experiência da entrevistada, somente após o diagnóstico da identidade de gênero - e sua posterior transição – a orientação sexual passou a ser uma questão ainda em disputa: *“Tive experiências heterossexuais e homossexuais; tentei, mas não consegui, de jeito nenhum, sentir interesse.”*

Na época da transição, Gilda teve o acompanhamento de um terapeuta, o qual pensava que quando ela estivesse totalmente adaptada à vivência feminina, poderia descobrir-se heterossexual, bissexual ou homossexual. Porém, ao longo dos anos que se seguiram à transição, Gilda tomava consciência de seu total desinteresse tanto por sexo como por relações amorosas. Ela percebe a assexualidade com uma orientação sexual, a qual, a exemplo de outras, acolhe diferentes identidades de gênero. A entrevistada acredita que a descoberta da assexualidade pode ser mais problemática para pessoas jovens, pois a juventude é o momento do auge dos relacionamentos amorosos e sexuais. Jovens assexuais, na comparação com seus pares, podem pensar que são doentes por não experimentar este interesse. Por outro lado, Gilda observa que pessoas de sua faixa etária não sofrem tanta pressão social neste sentido, por já estarem numa fase de *“declínio sexual”*, segundo ela.

A vida de Gilda é mais centrada no trabalho. Ela participa, também, de terapias em grupo com outras pessoas transexuais, nos quais são discutidas as dificuldades enfrentadas por essas pessoas na sociedade. Em relação à assexualidade, Gilda não sente nenhuma necessidade de fazer parte de comunidades ou movimentos, pois não é um aspecto de sua vida que lhe traga qualquer desconforto. Por outro lado, a transexualidade, sim, é uma preocupação, pois afeta todos os aspectos da vida da pessoa transexual, como trabalho e educação, por exemplo. Quando Gilda fez a transição, já tinha concluído sua escolaridade, já tinha estabelecido uma carreira sólida, já tinha constituído família. Portanto, não experimentou os problemas sociais que jovens transexuais de hoje - que assumem cedo sua transexualidade - enfrentam, pois passou grande parte de sua vida vivendo conforme o sexo designado socialmente.

4.3 Fernando: “Eu diferencio o sexual do afetivo”

O jovem Fernando - 23 anos, pesquisador, solteiro, sem filhos, ateu agnóstico, com curso superior completo, - chegou a mim ao conhecer o *Blog Assexualidades*,

numa busca pela ferramenta *Google*, quando me escreveu oferecendo-se para colaborar com a pesquisa: *“Quero contribuir com a pesquisa para ajudar outros assexuados. Nem tanto para a sociedade reconhecer, mas para outros assexuados saberem que existe, saberem que eles são normais.”* Marcamos nossa entrevista para um final de tarde de setembro de 2012, quando o entrevistado veio a minha casa.

Fernando fez a educação básica em escolas particulares, quase todas de orientação católica. Usa a palavra *nerd* para descrever seu comportamento na escola: tímido, poucos amigos, sempre o mais quieto da sala de aula e um dos melhores alunos da classe. Suas interações na escola eram majoritariamente com os alunos mais estudiosos. A timidez de Fernando sempre foi obstáculo para a formação de laços de amizade, inclusive na escola. Tinha poucos amigos, tinha medo de conversar com os colegas, fugindo das meninas que pareciam interessadas romanticamente por ele, sobretudo durante o ensino fundamental. *“Eu ainda não me identificava como homossexual nessa época, mas eu acho que as pessoas tinham essa visão minha, que eu era gay. Perdiam o interesse porque achavam que eu era gay.”*

No fim da puberdade, Fernando começou a perceber que sentia atração por meninos. Essa atração ainda era um mistério para o jovem; ele sabia que era uma atração diferente da atração que outros meninos sentiam pelas meninas: *“Nessa época, comecei a me sentir atraído por um amigo, o que me levou a pensar que eu era homossexual, mas não era muita atração, eu não sei explicar.”* O amigo, objeto da paixão de Fernando, era heterossexual e nunca correspondeu aos sentimentos do jovem. Embora tivesse consciência de sua homossexualidade antes mesmo da adolescência, sexualidade não era um assunto que Fernando discutisse com a família, apesar de seu pai e sua mãe serem abertos nesse sentido. O jovem tem certeza que sua mãe desconfiava de sua homossexualidade desde que ele era pequeno. Relata que, por volta da 5ª série, quando seus colegas de escola começaram a interessar-se por sexo, por relacionamentos com as meninas, foi um período de muita confusão para ele, pois não conseguia se situar no grupo.

A educação sexual de Fernando foi basicamente uma jornada solitária. O jovem buscava na internet informações que pudessem ser importantes para ele, sobretudo o aspecto biológico do sexo. Mesmo as informações disponíveis na internet não eram suficientes para sanar todas as suas dúvidas, principalmente no tocante às questões afetivas dos relacionamentos. Na escola, os programas de educação sexual dos quais

participou tratavam superficialmente do sexo - principalmente nas aulas de ciências - priorizando os aspectos biológicos de reprodução e doenças, ou seja, traziam conteúdos que Fernando já conhecia a partir de suas pesquisas pessoais. Uma queixa de Fernando em relação à educação sexual escolar é a ausência da discussão da diversidade sexual. O sexo só era trazido no contexto da reprodução e da biologia, o que parece em conformidade com a orientação católica da maior parte das escolas em que o jovem estudou.

Fernando conta que o fato de não se interessar por sexo o confundia, pois pensava que esse desinteresse estava ligado à rejeição da própria homossexualidade. Foram processos distintos de autorreconhecimento e autoaceitação. Ao assistir à série de TV americana *Queer as Folk* - já mencionada no Capítulo 1 - o jovem diz que entendeu que a homossexualidade é “normal”, passou a compreender as diversas formas de ser gay, passando a aceitar-se como tal. Posteriormente, o conhecimento do conceito de assexualidade ajudou-o a situar sua homossexualidade no espectro assexual.

O jovem afirma que sempre pesquisou temas relacionados à homossexualidade na internet, mas a pesquisa sobre assexualidade só fez bem mais tarde. Ele faz questão de deixar claro que nunca sentiu que havia algo de errado com ele, mas pensava que havia algo de errado no modo como era percebido pela sociedade. Suas pesquisas sobre a homossexualidade o levaram a constatar que, apesar de reconhecer-se homossexual, sentia que não se encaixava completamente no mundo gay propagado nos espaços virtuais. Em suas reflexões, Fernando também avalia as diferenças entre ser homem ou mulher assexual na sociedade: *“Eu acho que a mulher assexual é mais bem vista, por causa do machismo, tanto que chamam a mulher que gosta de sexo de vadia. [...] Agora, o homem não; o homem é o machão, é o cara. Eu acho que o homem assexual sofre mais preconceito.”*

Ao iniciar a busca por conteúdos relacionados à ausência de interesse por sexo, Fernando chegou ao conceito de assexualidade. Fez parte de uma comunidade no *Orkut* para pessoas que se identificavam com a ideia do amor sem sexo, mas esta comunidade não empregava a palavra *assexualidade*. Posteriormente, o jovem chegou a outros conteúdos, inclusive ao *Blog Assexualidades*. Fernando diz que se identifica com o conceito de assexualidade, porém, em sua versão *cinza*, como costuma-se dizer no universo assexual. Isso significa que ele não descarta a possibilidade de se interessar por sexo - embora isso não tenha ainda ocorrido em seus 23 anos de vida - mas somente

num contexto de total envolvimento emocional e afetivo. Fernando sente interesse amoroso exclusivo por outros rapazes. Apesar de já ter experimentado paixões platônicas ao longo da adolescência, o jovem ainda não tinha tido a experiência de um relacionamento amoroso ou sexual, na época da entrevista. Reconhece-se como homossexual desde a pré-adolescência. Acrescenta que nunca se identificou com interesses geralmente associados ao universo masculino como futebol, carros, entre outros.

Ao refletir sobre a própria assexualidade, o jovem Fernando diz ter dificuldades em explicar o tipo de atração que sentiria por um possível parceiro romântico. Para ele, é uma atração desvinculada do desejo sexual, diferente da atração presente nos relacionamentos amorosos predominantes na sociedade: *“Eu sinto vontade de estar com a pessoa, só não sinto vontade de fazer sexo. Não sei explicar.”* Continuando esta reflexão, Fernando chega a se perguntar o que define o que as pessoas chamam de sexo? A partir de que momento, a relação física entre duas pessoas pode ser chamada de sexo? Em que momento termina? É igual para todo mundo? E nesse ponto, sua mente de biólogo domina suas reflexões: *“A assexualidade é biológica? Como biólogo, acho que seria interessante encontrar qual o gene responsável.”*

Somente depois do ensino médio, já na faculdade, Fernando passou a fazer parte de um grupo de amigos gays, isso facilitou suas interações sociais. O entrevistado não gosta de festas e baladas, prefere ficar em casa lendo um livro, assistindo a um filme, ou sair com os amigos para uma caminhada ou passeio. Ele avalia que sua virgindade e sua falta de interesse por sexo interferiram em sua vivência com outros jovens no passado. Diz que não gosta de planejar o futuro, mas consegue se imaginar em um relacionamento duradouro com um homem. Diz também que, após o nascimento do sobrinho, passou a pensar na possibilidade de ter um filho, preferencialmente por meio da adoção.

Num contato feito posteriormente com o entrevistado para esclarecer alguns detalhes de nossa conversa, ele me contou que, depois da entrevista, tentou fazer sexo em três ocasiões, com três parceiros distintos, mas as experiências não foram satisfatórias. A primeira vez, com um rapaz desconhecido, contatado pela internet; na segunda, com um jovem conhecido, de seu círculo de amigos; e a terceira, com um jovem também conhecido, apaixonado pelo entrevistado. Não conseguiu consumir o ato sexual em nenhuma das três vezes e não sentiu nenhum prazer, somente desconforto.

Mesmo assim, entende que “perdeu” a virgindade, mas não teve significado algum, segundo suas palavras.

4.4 Giovana: “Sou mais respeitada quando me veem como doente”

Giovana é uma jovem de 27 anos, solteira, sem filhos, estudante, aluna do curso de filosofia em uma universidade pública. Identifica-se como budista, mas deixa claro que o budismo, para ela, não é exatamente uma religião, mas uma filosofia de vida que a ajuda a suportar as adversidades cotidianas. Em 2012, por indicação de uma amiga, a jovem chegou ao *Blog Assexualidades*, tomou conhecimento da pesquisa e decidiu me escrever. Trocamos alguns *e-mails*, no qual ela manifestava sua satisfação em saber que uma pesquisa sobre a assexualidade estava em andamento:

Fiquei surpresa em saber, que existe alguém que escolheu pesquisar de forma séria essa questão; isso já me dá um alívio existencial, em saber que pelo menos eu existo e não sou mais um mito pra sociedade. [...] Grata de coração pela iniciativa em uma pesquisa genuína nesse país!

Após um período de troca de mensagens, convidei Giovana a colaborar com a pesquisa e ela aceitou. A entrevista foi realizada na casa da jovem numa tarde de julho de 2012, onde ela me contou aspectos importantes de sua biografia. Até o final da adolescência, a jovem morou com o pai e a mãe, tendo sofrido o trauma de ter perdido o irmão mais velho, que morreu de leucemia. Essa perda foi muito marcante para a entrevistada, que considerava o irmão sua referência. Além disso, ao longo de toda a fase de crescimento, a jovem sofreu com o pai alcoólico, o qual ela descreve como autoritário e violento, que destruía os desenhos que ela gostava tanto de fazer. Com o apoio da mãe, a jovem saiu de casa, foi morar sozinha, trabalhou, fez estágios, acabou ingressando no ensino superior público, indo morar numa república de estudantes próxima ao campus da universidade.

Giovana fez o ensino fundamental em escola pública, em zona rural, uma escola muito desestruturada, segundo ela. Devido às condições precárias da escola - como grade incompleta de disciplinas básicas, por exemplo - ela avalia o ensino fundamental que recebeu como muito ruim. A deficiência do ensino, somada ao sofrimento causado pelas constantes brigas dos pais, teve impacto negativo no processo de escolarização da

jovem. Ela diz que, desde pequena, era uma criança que gostava de ficar sozinha, não tinha vontade de brincar com outras crianças. Esta busca por isolamento - associada à sua aparência andrógina - sempre foi motivo de provocação por parte dos colegas de escola, durante todo o período de escolarização básica.

Foi na escola, durante o ensino fundamental, que Giovana foi tomando consciência de que ela era diferente de outros meninos e meninas, sobretudo em sua preferência por não se relacionar romanticamente com ninguém. Ela conta que desde a 3^a. e 4^a. séries, as crianças já começavam as brincadeiras de “namoricos.” Ela ficava apavorada, corria e se escondia para não ser alvo dessas brincadeiras.

Graças a seu esforço em buscar conhecimentos fora da escola, Giovana conseguiu uma bolsa integral para o ensino médio em uma escola particular, a qual oferecia treinamento técnico em informática. Seu esforço pessoal também foi o responsável por seu ingresso em uma universidade pública. Durante o ensino médio, a jovem passou a refletir mais detidamente sobre sua sexualidade, a partir da interação com seus colegas na instituição escolar. Devido às provocações dos colegas de escola, ela pensa ter sido vítima de *bullying*.

Um aspecto que ficou muito claro na entrevista com Giovana é que, apesar do desconforto de viver numa sociedade que não compreende as pessoas diferentes, a jovem parece muito bem resolvida em relação a sua sexualidade. Ela diz que sempre viveu “*fora do armário*”, nunca fingiu, nunca mentiu sobre sua sexualidade para ninguém que pergunta, mesmo que isso signifique certo grau de isolamento social: “*Por isso que eu falo, eu existo socialmente agora, porque tem alguém estudando pessoas como eu. Para os outros, não existe a possibilidade da pessoa ser feliz, sem necessidade sexual.*”

A jovem Giovana identifica-se como assexual desde 2009, mas a consciência de seu desinteresse por sexo e relacionamentos a acompanha desde a tenra idade. O traço mais marcante no processo rumo à autoidentificação não foi a percepção da falta de interesse pela atividade sexual, mas a percepção de nunca ter tido nenhum interesse amoroso por ninguém. Em vários momentos de nossa conversa, ela declarou que entende o interesse amoroso quando ocorre com os outros, mas não tem essa experiência. Convivendo sempre com outros jovens, foram muitas as vezes que alguém se aproximou de Giovana com interesse amoroso ou sexual, mas foi rejeitado/a por ela, que diz sentir-se muito desconfortável nessas situações. Por conta disso, muitos amigos

se afastaram, quando perceberam que ela não tinha nenhum interesse além da amizade: *“Quando vejo que alguma pessoa tá com uma intenção sexual, isso me oprime. Comecei a criar um sistema de defesa, por não poder corresponder àquilo. A sociedade para mim é opressora.”*

As experiências de Giovana com a educação sexual vieram de sua mãe e da escola. A mãe, por trabalhar na área de saúde, buscou fornecer à filha as informações e recursos de que dispunha, desde a pré-adolescência da jovem. A mãe, constantemente perguntava à Giovana se ela tinha namorado, quando começaria a namorar, mas como a vida sexual e amorosa da jovem era inexistente, não havia um diálogo sobre esse assunto. Ela pensa que a mãe a vê da mesma forma que os amigos, como uma pessoa doente, que tem algum problema, não como uma pessoa plenamente satisfeita em relação à sua falta de interesse sexual: *“Ela já perguntou se eu já gostei de alguém, pelo menos. Eu sempre sou sincera, falo: ‘Não, até hoje eu nunca consegui gostar de alguém.’”*

Segundo Giovana, a educação sexual escolar partia sempre do princípio de que tudo começava com *gostar de alguém*. Esse pressuposto, para ela, era o mais problemático, porque ela nunca soube que tipo de *gostar* era esse propagado nas palestras, e a forma didática que a escola abordava o sexo não atiçava sua curiosidade. Não havia um programa sistemático de educação sexual; alguns temas eram abordados nas aulas de ciências e biologia; às vezes acontecia alguma palestra: *“Eu sempre compreendi o sexo de uma forma didática. Eu nunca tive uma curiosidade sequer para isso, né? [...] Coisa mecânica e didática.”* Embora pensasse que os conteúdos de educação sexual não lhe agregavam nada de prático, Giovana reconhecia que era importante, no mínimo, conhecer como a maioria das pessoas vivia sua sexualidade: Numa das palestras que ouviu sobre sexualidade na escola, chegou a fazer perguntas ao palestrante sobre a diversidade, expondo o despreparo desses profissionais no trato com esta temática. Nunca obteve uma resposta que a ajudasse a se compreender, segundo ela.

Para Giovana, a lacuna na abordagem da assexualidade nos programas de educação sexual escolar estende-se também a todas as orientações sexuais destoantes da heterossexualidade e identidades de gênero fora do padrão cisnormativo. Para ela, para que a assexualidade viesse a ser abordada na escola, seria necessária uma abertura para

a discussão da diversidade sexual como um todo, para então incluir as particularidades de uma pessoa assexual.

Quando pensa em seus amigos e amigas, em seus relacionamentos amorosos e sexuais, Giovana acredita que deve ser muito difícil viver em conformidade com uma sociedade altamente sexualizada, tendo que agir e pensar dentro de determinado conjunto de valores normativos: *“Eu não consigo imaginar como essas pessoas conseguem sobreviver numa sociedade que cobra isso compulsoriamente. É condicionado nas pessoas, até pra se legitimar como indivíduos numa sociedade.”* Ao ingressar no ensino superior, Giovana enfrentou as mesmas questões que se repetem toda vez que ela adentra um novo espaço social, um novo círculo de amigos: explicar sua falta de interesse em relacionamentos que não sejam a amizade. O convívio com colegas da universidade trazia a possibilidade de atividades de lazer conjunto. Após recusar muitos convites para *baladas* com amigos/as, Giovana decidiu que tinha que se testar, formar uma opinião sobre essas atividades de lazer. Portanto, resolveu aceitar um desses convites. Gostou da experiência, porém, foi necessário se proteger dos olhares e investidas de pessoas interessadas.

Os produtos culturais disponíveis - como novelas e filmes que abordem relacionamentos românticos - também não atraem Giovana. Ela não consegue se identificar com personagens envolvidos nesses relacionamentos. Acredita que a indústria cultural apresenta o amor e o sexo como produtos de consumo: *“Se eu assistir um filme romântico, tenho que me esforçar pra ficar acordada. Até acho bonito, mas não me vejo na cena. Até filme pornô. Compreendo didaticamente, mas não consigo sentir nada.”*

A mesma abertura que Giovana sempre demonstra nos espaços sociais dos quais faz parte também se faz presente nos ambientes profissionais. Com o tempo de convívio no trabalho, é comum que colegas perguntem sobre relacionamentos afetivos. Ela diz que não usa a palavra *assexual* para se descrever, pois as pessoas desconhecem tal termo. Ao ser questionada, diz simplesmente que não tem, nem nunca teve, relacionamentos amorosos ou sexuais, o que gera espanto em seus/suas interlocutores/as. Certa vez, tentou introduzir a palavra *assexual*, numa tentativa de apresentar às pessoas uma classificação de si: *“Eu falei: ‘Eu sou assexual.’ Perguntaram: ‘Que é isso? Você é alguma ameba?’ De novo, a coisa da ameba; apelidinho infame.”*

Pedi a Giovana que me contasse como conheceu o conceito de assexualidade e de que modo decidiu definir-se dessa forma. Ela conta que tinha uma conta na rede social *Orkut*, e uma vez, buscou a palavra *assexuado* e chegou a diversas comunidades dedicadas ao tema. Primeiramente, ficou feliz em descobrir que havia muitas outras pessoas que se identificavam como assexuais, conseguiu perceber algumas semelhanças de suas experiências com as vivências de alguns usuários. Embora muitos depoimentos nas comunidades do *Orkut* relatassem experiências de falta de interesse sexual que eram familiares a Giovana, sua falta de interesse em relacionamentos amorosos não encontravam eco tão frequente nos relatos. Esta constatação de que, mesmo encontrando um grupo com o qual se identificava, ainda faltava alguma coisa, incomodava a jovem. Ela esperava encontrar uma explicação do porquê de seu desinteresse por relacionamentos amorosos: *“Eu não sinto interesse amoroso por ninguém, será que eu vou conseguir sobreviver na sociedade sendo assim?”*

Esse questionamento foi amenizado com o tempo, a partir do aprofundamento de Giovana em conteúdos sobre a assexualidade na internet. Hoje, ela sabe que, embora em menor número, existem outras pessoas assexuais que, como ela, também não têm interesse por relacionamentos amorosos. Mas o ponto mais importante em conhecer o conceito de assexualidade para Giovana foi poder nomear um modo de ser que a acompanhou ao longo da vida. Considerando que o conceito de assexualidade ainda é pouco conhecido - e que o desinteresse sexual ainda é considerado patologia, ainda que não seja nomeado como assexualidade - Giovana tem consciência de que as pessoas em seu círculo social pensam que ela é doente: *“Parece que eu sou mais respeitada quando eles me veem como doente. É mais fácil, para estas pessoas me verem como doente, do que como uma pessoa conscientemente satisfeita com a minha não necessidade sexual.”*

Giovana não consegue se imaginar constituindo uma família convencional, nem se vê como mãe no futuro. Para ela, mais importante do que ser considerada “normal” é ser respeitada como pessoa assexual; o reconhecimento e o respeito vêm em primeiro lugar. Ela diz que não espera que a sociedade aceite, mas que respeite. A jovem se sente oprimida pela sociedade, pois até mesmo nas relações de amizade, a possibilidade de sexo não está completamente descartada: *“Hoje existe até esse negócio aí de sexo amigo. [...] Eu não consigo funcionar nesse padrão de relações.”* Outro ponto importante para Giovana, é ser reconhecida como uma pessoa que pode contribuir socialmente, pois muitos pensam que uma pessoa assexual não tem conhecimento nem

experiência para falar sobre sexo. Ela acredita que pode contribuir nas discussões a partir de sua própria perspectiva de pessoa assexual.

4.5 Tiago: “Ser assexual é não fazer questão de sexo”

Quando Tiago - estudante de 15 anos, solteiro, de fé espírita - entrou em contato comigo se propondo a colaborar com a pesquisa, respondi que a idade mínima para participação era de 18 anos. Ele, então, me garantiu que sua mãe assinaria uma autorização que permitisse sua participação. Diante desta possibilidade, concordei. A entrevista foi realizada no fim da tarde de um dia de julho de 2012 na casa do entrevistado. Sua mãe assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e nos deixou a sós para a entrevista. Tiago me falou sobre suas expectativas em relação à pesquisa: *“Quem tomar conhecimento dessa pesquisa, vai poder ler as mais variadas histórias dos entrevistados, vai ter aquele sentimento de não ser único.”*

Cabe ressaltar que quando o primeiro contato entre pesquisadora e entrevistado foi feito, Tiago se apresentou com um nome feminino. Somente meses após a entrevista, soube que Tiago estava em processo de transição, fazendo tratamento hormonal e psicológico, com planos de fazer uma mastectomia. Havia adotado, também, um nome masculino. Nosso encontro ocorreu antes da transição, mas o jovem me solicitou, posteriormente, que tratasse sua entrevista no contexto de sua identidade masculina.

Tiago é filho de pais separados e vive com a mãe. Sempre estudou em escola particular e cursava o primeiro ano do ensino médio numa escola protestante, na data da entrevista. O ensino fundamental foi feito numa escola de orientação espírita. Ele me conta que sempre preferiu estudar mais em casa do que na escola, mas sempre foi bom aluno, suas notas figurando entre as mais altas da classe. Tiago nasceu na era digital, tem bastante proficiência no uso das tecnologias e da internet. Sua desenvoltura em pesquisas no meio virtual - além da fluência em inglês - o levou à AVEN e outras comunidades assexuais no Brasil e no exterior. Estas habilidades ficaram bem claras na objetividade de seus comentários e a familiaridade com que discorre sobre seus conhecimentos sobre a assexualidade, e também com o uso do vocabulário sobre sexualidade - sobretudo assexualidade e transexualidade - que circula nos espaços virtuais que discutem as diversas sexualidades.

A mãe de Tiago é seu maior apoio. Sempre mostrou-se aberta para entender o filho, buscando informações que a ajudassem nessa compreensão, sempre o acolheu em suas dúvidas e necessidades. Sua mãe também fez a comunicação sobre a nova identidade de gênero de Tiago ao restante da família - que também aceitou, sem maiores objeções - além de cuidar para que o filho fosse tratado com respeito na instituição escolar. Adaptou-se rapidamente a tratá-lo pelo novo nome, fazendo as devidas flexões na linguagem: *“Desde quando eu achava que eu era lésbica, ela já era mente aberta e já me aceitou. E aí, quando eu entrei com a assexualidade, ela também me aceitou. Com a transexualidade, também. Ela nunca me criticou, nunca me julgou.”*

Em relação a sua crença religiosa, o espiritismo, Tiago pensa que os princípios doutrinários desta crença não elaboram julgamentos em relação à sexualidade de seus seguidores, tampouco condena comportamentos, estilos de vida ou linhas de pensamento. Portanto, para ele, sua assexualidade e sua transexualidade não constituem obstáculos para o pertencimento à religião. A busca por compreender sua sexualidade levou Tiago a muitos recursos na internet e também à reflexão sobre seus sentimentos, seus relacionamentos e suas interações com pessoas de sua idade. Embora a atração amorosa fizesse parte - até certo ponto - das experiências do jovem, a sexualidade ainda era um mistério. A simulação de sentimentos amorosos era usada como estratégia por Tiago para manter sua imagem na escola e nos grupos de amizade durante algum tempo. O jovem diz que tinha certeza de que não experimentava atração por meninos, mas sua atração por meninas ainda não era muito clara para ele.

A partir da certeza de que não sentia atração por meninos, por eliminação, Tiago concluiu que era lésbica, mas a experiência com meninas também ainda deixava dúvidas. O jovem passou a duvidar de que a atração que sentia por algumas meninas era mesmo atração amorosa. Mas, fazer parte do grupo era um esforço de Tiago, por ainda estar se descobrindo: *“Faz pouco tempo que eu me declarei como assexual, antigamente eu tava botando fé que eu era lésbica. Porque se eu não era hétero, pra mim só tinha sentido ser lésbica.”* À medida que suas dúvidas sobre sua sexualidade se aprofundavam, Tiago chegou a pensar que era portador de algum transtorno que pudesse estar afetando sua capacidade de sentir o desejo sexual que seus amigos e amigas sentiam: *“Pensei que tinha problema hormonal. E quando eu vi depoimentos de outros assexuais, eu percebi que não era um problema, entendeu? Foi quando eu finalmente me senti parte de alguma coisa, porque eu tava completamente perdido.”*

Quando passou a identificar-se como assexual, Tiago também decidiu que devia assumir essa nova identificação para sua mãe e para seus amigos. Ele diz que as pessoas estranham quando ele se declara assexual, mas entende que é um conceito que a maior parte das pessoas ainda desconhece. Portanto, tem sempre muita paciência para explicar o que isso significa: *“Tem umas coisas absurdas que eu ouço até hoje tipo: ‘Algum doutor te diagnosticou?’ Ai, eu pergunto assim: ‘Algum doutor te diagnosticou como heterossexual?’”*

A pesquisa sobre a assexualidade na internet faz parte da rotina do jovem, que praticamente já explorou grande parte do conteúdo existente no Brasil, como as comunidades no *Orkut* - com as quais não sentiu afinidade - entre outros espaços que começam a surgir. Nas comunidades, Tiago conheceu muitas pessoas com as quais compartilhava sentimentos e experiências. A partir da reflexão sobre leituras, experiências e trocas com pessoas autoidentificadas como assexuais em comunidades e outros espaços da internet, Tiago elabora sua definição de assexualidade e acredita tratar-se de uma orientação sexual. Para ele, ser assexual *significa “não fazer questão de sexo, não colocar o sexo como prioridade na vida.”*

O jovem Tiago diz que está há pouco tempo na atual escola - que é de orientação protestante - portanto, ainda não teve nenhum programa de educação sexual. No entanto, já participou de algumas iniciativas nesse sentido em sua escola anterior, na qual cursou o ensino fundamental. Segundo ele, nenhum desses programas abordou a assexualidade, nem sequer tratou do desinteresse pelo sexo, ou de qualquer tipo de diversidade sexual. Os conteúdos de educação sexual apresentados pela escola não eram úteis para Tiago, segundo o jovem, pois não traziam uma abordagem abrangente sobre os diversos aspectos da sexualidade. Apesar das diversas críticas de Tiago à educação sexual escolar, ele ficava calado durante estes programas, evitando situações constrangedoras.

O entrevistado ressalta que as palestras de educação sexual das quais participou no ensino fundamental apresentavam o sexo como compulsório e prioritário na vida de todo/a adolescente e jovem, partindo do princípio de que todos/as teriam sua iniciação sexual na adolescência. Tais palestras nunca incluíram a assexualidade – nem mesmo o celibato – como formas de se viver a sexualidade, portanto, Tiago se sentia excluído e desconfortável durante essas iniciativas. Ademais, a transexualidade também nunca foi

abordada. O jovem considera pouco provável que a assexualidade seja incluída nos conteúdos de educação sexual num futuro próximo.

Na atual escola, Tiago passou quase dois anos lutando para ter sua identidade masculina aceita e respeitada. Sua mãe esteve na escola diversas vezes, levou um laudo psiquiátrico que atestava a transexualidade do jovem, para que este pudesse gozar seu direito ao reconhecimento do nome social e uso do banheiro masculino - bem como textos de projetos de leis que buscam assegurar direitos às pessoas transexuais. Nada adiantou; a escola mostrou-se irredutível. O posicionamento da direção da escola mudou somente quando a mãe de Tiago ameaçou contratar um advogado e acionar a justiça para que os direitos do filho fossem respeitados. Segundo Tiago, a partir daí, seu nome social foi incluído nas listas de chamada, mas teve que negociar esse direito com diversos professores e funcionários da escola. Foi instruído a utilizar o banheiro masculino somente quando não houvesse nenhum outro aluno. Tiago ressalta que enfrenta mais desafios como transexual do que como assexual.

No convívio com os amigos – a maioria de meninos – o que incomoda Tiago é que seus pares falam muito sobre sexo, deixando-o desconfortável nessas interações. Isso afeta, de certa forma, sua vivência juvenil, principalmente nas atividades de lazer: *“Saio em grupo de amigos. [...] Os meninos falam demais de sexo, e eu não me sinto à vontade. Prefiro andar com meninas porque elas não são tão atacadas.”* Embora Tiago seja o único jovem transexual em sua escola, pelo menos tem um colega na instituição que também se identifica como assexual, diminuindo parte de seu isolamento: *“Esse menino da minha sala é chamado de gay direto, só porque não se interessa por sexo.”* A discriminação sofrida pelo colega também faz parte das experiências de Tiago tanto por se identificar como assexual, como por ser transexual: *“Já passei por homofobia. Porque as pessoas já me julgam pela aparência, já achando que eu sou lésbica. E ainda quando eu falo que eu sou assexual, então, nossa!”*

Tiago diz que a readequação de seu corpo à sua identidade masculina faz com que se sinta muito mais à vontade com sua sexualidade - e com sua assexualidade. Entre a primeira entrevista e os contatos posteriores por *e-mail*, diz que experimentou o sexo, confirmando que, de fato, não gosta: *“O meu problema com assexualidade era o ódio extremo por sexo, agora que eu convivo melhor comigo mesmo, aceito bem mais a minha assexualidade.”* Quando pensa no futuro, Tiago acredita que possa relacionar-se afetivamente com mulheres, embora reconheça que sua assexualidade possa constituir

obstáculo para a construção de um relacionamento profundo e duradouro: *“Quando eu entro em um relacionamento romântico, já deixo claro que eu sou assexual. Se a pessoa quer continuar comigo, continua desse jeito; se não quer, eu respeito.”*

Por todas as dificuldades de um relacionamento para uma pessoa assexual, Tiago diz que não faz tanta questão de estar num relacionamento amoroso. Mas se isso acontecesse, não teria problemas em formar uma família, até mesmo em criar filhos de uma eventual companheira, ou filhos adotivos. Caso isso não aconteça, não teria problemas em viver sozinho, tendo somente amizades: *“Eu gosto bastante de amizades. Eu gosto de estar com pessoas, mas não faço questão de estar desse jeito.”*

4.6 Clara: “Eu não gosto de sexo e existem outras pessoas assim”

A entrevistada Clara - 32 anos, solteira, com uma filha, ensino médio técnico completo - divide a moradia com a filha e a mãe. A entrevistada diz não professar nenhuma religião, apesar de ter certa simpatia pelo espiritismo. Ela me procurou após chegar ao *Blog Assexualidades* e aceitou meu convite para participar da pesquisa. A entrevista foi realizada em minha casa, numa tarde de janeiro de 2013. Após os procedimentos iniciais, perguntei a Clara por que ela decidiu aceitar meu convite e participar da pesquisa: *“Quis contribuir de alguma forma. O impacto já vem acontecendo, desde que você iniciou a pesquisa, com as entrevistas que deu. Aos poucos a assexualidade está sendo conhecida. Vamos mostrar que existimos e somos normais.”*

A jovem conta que cresceu numa família muito fechada, na qual não havia diálogo, carinho físico ou emocional, apoio ou orientação. Seus pais eram, ao mesmo tempo, rigorosos - pois esperavam determinado comportamento austero dos filhos - mas também negligentes, pois não ministravam nenhuma orientação sobre a vida em sociedade, principalmente sobre sexualidade, namoros e relacionamentos de modo geral. Portanto, Clara e seus irmãos cresceram sem o afeto que ela percebia fazer parte dos relacionamentos familiares de seus amigos. Quando reflete sobre a própria sexualidade, Clara diz que sua primeira hipótese para sua falta de interesse por sexo e relacionamentos amorosos era a frieza no seio familiar.

Com uma criação rigorosa e punitiva, Clara cresceu, de certo modo, alheia aos relacionamentos afetivos, principalmente os relacionamentos amorosos. Na escola, tinha poucos amigos, mas foi no ambiente escolar que a jovem foi introduzida na discussão sobre relações amorosas, no convívio com outros adolescentes. Clara tinha, na adolescência, um grupo de amigas fora da escola. Sendo uma das mais novas do grupo, a jovem viu, uma a uma, as amigas mais velhas começarem a namorar, mas ela não tinha interesse em namoros. Em seu cotidiano, conta que procurava ocultar o corpo com roupas largas, de modo a não chamar a atenção dos rapazes. Para não ser rejeitada pelo grupo, a jovem fazia parte das atividades de lazer conjuntas, que por vezes incluíam algum contato físico com meninos.

A entrevistada fez o ensino fundamental e o primeiro ano do ensino médio em escola pública. Na escola, Clara participou de programas de educação sexual nas aulas de ciências, no ensino fundamental e biologia, no ensino médio. Era um ensino voltado para a parte reprodutiva e doenças sexualmente transmissíveis, não abordando questões que poderiam tê-la ajudado a se compreender. Ela diz que os programas de educação sexual escolar não mencionam a existência de pessoas que não desejam fazer sexo, ou que preferem deixar o sexo para mais tarde, tratando a atividade sexual como uma etapa compulsória na trajetória de jovens e adolescentes: *“Eu acho que tinha que ter um comentário, também, de que existe outro grupo que não desenvolve essa tendência, porque negar que existe isso, é pior, você está negando que aquela pessoa exista.”* A ausência da discussão sobre a diversidade sexual, para Clara, afeta mais os assexuais do que pessoas de outras sexualidades, porque a assexualidade é desconhecida pelos professores que ministram as palestras.

Por volta dos 20 anos, Clara foi expulsa de casa por estar namorando um rapaz pardo, relacionamento desaprovado pelos pais. Sem saber o que fazer, sem certeza de seus sentimentos, foi viver com o rapaz. Já na primeira noite, virgem, foi forçada a fazer sexo. A experiência, segundo ela, não trouxe nenhum prazer, foi um ato mecânico. No entanto, Clara entendia que deveria ceder aos desejos do companheiro, por estar sendo sustentada por ele. A gravidez aconteceu algum tempo depois. A notícia foi recebida com alegria, apesar das circunstâncias precárias de sua união. Ela acredita que fazer concessões faz parte da vida, principalmente das mulheres: *“Toda mulher chega um momento na vida que abre mão de alguma coisa para ter um filho, seja de um emprego, seja uma amizade, a gente está sempre abrindo mão de alguma coisa.”*

O relacionamento conturbado tornou-se o preço a pagar pelo prêmio da gravidez. Após o nascimento da filha, a situação conjugal, marcada pela violência, não melhorou. Clara, então, deixou o companheiro, conseguiu um trabalho e voltou a estudar para concluir o ensino médio. Durante este período, teve alguns relacionamentos, mas nunca levou nenhum a sério, por ter outras prioridades. Para ela, seu casamento não tinha dado certo por que tinha sido forçado. Portanto, sua segunda hipótese para o desinteresse por sexo era não ter encontrado a pessoa certa.

Clara diz que viu pela primeira vez a palavra *assexuado*, ao ler um romance espírita, enquanto fazia um curso de neurolinguística, cerca de 4 anos antes da entrevista. As reflexões sobre o livro, juntamente com os conceitos aprendidos o curso, levaram a jovem a promover diversas mudanças em sua vida. Vale destacar que, em seu processo de autoidentificação, Clara nunca formulou a hipótese de que poderia ter uma doença, nunca procurou um médico, como é comum em relatos nas comunidades virtuais. Para ela, o livro foi o elemento propulsor de sua identificação como assexual, conceito que se tornou sua terceira e última hipótese para seu modo de viver a sexualidade. Após a leitura do livro, Clara já começou a identificar-se como assexual, usando esta identificação como justificativa para não fazer sexo com ninguém. Ao pesquisar a assexualidade na internet - com a intenção de descobrir a existência de comunidades e pessoas assexuais em sua cidade - a jovem chegou a algumas referências que a ajudaram a entender melhor o conceito.

Clara diz que as informações que encontrou na internet, bem como as discussões sobre assexualidade nas comunidades confirmaram seu sentimento de pertencimento a esta categoria. Ajudaram-na também a elaborar sua definição de pessoa assexual: *“Assexual é alguém que não dá importância ao sexo. Eu falo que são pessoas que não são chegadas a sexo. Eu me identifico como assexual para as pessoas que perguntam.”*

Tornou-se bastante envolvida com as comunidades assexuais. Ela diz que o que mais a incomoda em pertencer a um grupo sexual ainda pouco conhecido, é ter que explicar a toda hora o que é assexualidade e enfrentar a descrença e o desrespeito dos interlocutores: *“Como as pessoas não entendem, elas acabam não respeitando porque todo mundo quer classificar que o normal é aquilo que você é. O outro é o problema, o outro está doente.”*

Ela não se assumiu como assexual para a família, pois sexualidade nunca foi um tema discutido no seio familiar. Mas, identifica-se como assexual para seus amigos, no

ambiente profissional ou para possíveis pretendentes, para que não haja mal-entendidos em relação à sua indisponibilidade para o sexo. Em contato posterior à entrevista presencial, a entrevistada me contou que estava em um relacionamento amoroso e que estava se aproximando da fé espírita.

4.7 Caetano: “Paixão de 3ª. série, sabe? Estar com a pessoa; só isso”

O jovem Caetano - 24 anos, solteiro, sem filhos, espírita Kardecista - estava cursando o último ano do curso de pedagogia na data da entrevista, que ocorreu numa tarde de julho de 2012, nas instalações da faculdade do entrevistado. Esta biografia foi escrita com base em duas fontes: a entrevista presencial e um relato escrito que ele me autorizou a utilizar. Caetano conta que se identificou com o conceito de assexualidade a partir do personagem assexual da novela *Malhação ID*, da Rede Globo e de uma palestra minha sobre a pesquisa; porém, seu desinteresse por relacionamentos amorosos e sexuais o acompanha por toda a vida. Ele me contou que aceitou ser entrevistado para a pesquisa para ajudar outros jovens que desconhecem o conceito de assexualidade, além de *“para poder conversar com você, precisava conversar sobre isso. Você mais me ajudou que eu te ajudei. Participar dessa entrevista, acho que vai me dar coragem para me assumir, vai servir como uma alavanca importante pra minha vida.”*

Caetano é filho de pais separados e conta que pertence a uma família composta por médicos, advogados, engenheiros, arquitetos - que já perdia parte de seu prestígio e fortuna na época que ele nasceu. É o mais novo de três filhos. Após a separação dos pais, passou a morar com a mãe e uma irmã, enquanto seu irmão mais velho foi morar com o pai. Sempre estudou em escola pública, onde era excelente aluno, sempre ajudando colegas nos estudos. No entanto, Caetano não se identificava com atividades ou interesses tidos como “normais” para meninos em sua trajetória escolar.

Caetano conta que sempre foi muito comunicativo, o que facilitou a formação de bons círculos de amizades durante os anos escolares. No entanto, sua falta de identificação com os esportes praticados na escola – principalmente o futebol, levavam os colegas a questionar sua masculinidade nas aulas de educação física: *“Por eu ser um adolescente bem franzino, isto piorou ainda mais esta minha imagem.”* Na 5ª. série, percebeu em uma carteira da sala de aula o escrito *Caetano Veado*, que não fez sentido

para ele. Já na adolescência, quando quase todos os seus amigos manifestavam interesse por alguma menina, isso não ocorria com Caetano. Sua relação com as jovens era, por vezes, problemática, pois, ou não correspondia ao interesse manifestado por algumas delas, ou se correspondia, não se sentia motivado a agir. *“Paquerava muito bem, mas na hora do beijo, este não saía por nada. Com 14 anos, me encontrava praticamente alheio a tudo que se referia a relacionamentos; gostava de ler, passear e ir ao cinema.”*

Caetano diz que teve diversos amores platônicos por meninas, mas tinha grande dificuldade em estabelecer um relacionamento, pois sabia que não poderia atender às expectativas das potenciais namoradas em relação aos contatos físicos. Para ele, o importante era somente estar junto, trocar ideias, conversar. Seu modo de apreciar a beleza física das meninas era apenas contemplativo. Esta ideia de amor platônico desejada por Caetano não encontrava eco em seu grupo de amigos, nem mesmo na indústria cultural, pois filmes, novelas e séries televisivas abordam majoritariamente o amor afetivo-sexual: *“Quanto assisto filme de romance, eu penso, estas pessoas podiam estar juntas, ser amigas, sem essa coisa do sexo, sabe?”* Quando estava nos grupos de amigos, o jovem fazia comentários sobre as meninas, para acompanhar as conversas dos colegas, mas era uma estratégia de inclusão, ou pelo menos, uma estratégia de não rejeição. Essas experiências serviam para o jovem refletir sobre aquilo que gostava ou não: *“Achava, sim, beleza, mas nunca me importava com peito e bunda, com o perdão das palavras. [...] Também não gostava de contato físico. Ter pessoas, de ambos os sexos, me abraçando, beijando me incomodava, até hoje incomoda.”*

Caetano chegou a pensar que seu distanciamento do pai após a separação familiar poderia ser responsável por sua falta de “treinamento” para os relacionamentos românticos. Em outra hipótese, pensou, também, que a religião poderia ser o motivo de seu acanhamento em relação aos relacionamentos amorosos e sexuais e também um diferencial que orientava o modo como era percebido pelos amigos: *“O espiritismo é muito aberto em questões da sexualidade. Hoje percebo que a minha relação com a religião foi também um meio de justificar o meu modo de ser diferente.”*

Em seu aniversário de 15 anos, Caetano recebeu um grupo de amigos e amigas em casa para a comemoração. Um dos amigos disse a ele que seu presente de aniversário seria seu primeiro beijo, dado por uma das meninas. Isso gerou ansiedade no jovem Caetano; mas, ao mesmo tempo, pensava que finalmente estaria no mesmo

patamar que outros jovens de sua idade. A experiência, porém, não foi agradável para ele. O jovem descreve a cena do primeiro beijo da seguinte forma:

Eis que o primeiro beijo surgiu, para mim foi um momento totalmente diferente, uma sensação que nunca havia experimentado; o tempo não passava. No momento, não estava sentindo nenhum prazer, nem havia me desligado do exterior. [...] Simplesmente não havia gostado, senti-me incomodado ao pensar na possibilidade de ter aquela sensação novamente. Eu não senti nada, é meio estranho o que eu vou falar, eu até senti... um pouco nojento. Eu pensava que... Assim, rola língua, baba de outra pessoa. [...] Conversei com meus amigos e perguntei se era normal, eles disseram que sim, pois o primeiro beijo é sempre ruim, tudo é uma questão de treino. Ora, então eu teria que treinar algo que não havia gostado?

A experiência do primeiro beijo foi muito marcante para Caetano, como uma iniciação às práticas elementares da vida sexual que comprovou seu desgosto. Ele se perguntava o porquê deste desgosto, se todos os seus amigos e amigas pareciam apreciar a prática. As dúvidas do jovem sobre relacionamentos amorosos - beijo incluso - também não eram esclarecidas nos programas de educação sexual escolar que, segundo ele, traziam uma abordagem heterossexual e biológica do sexo. Ele diz que se sentia desconfortável nessas palestras, ficava constrangido para fazer perguntas porque os palestrantes não falavam nada sobre a diversidade sexual humana.

No ensino médio, Caetano observou que não sofreu tanto julgamento social como no ensino fundamental, pois, segundo ele, esta é uma etapa escolar na qual alguns padrões de comportamento já estão consolidados, estando os jovens mais maduros: *“Lembro que uma das meninas era muito bonita, né? Os meninos comentavam, olha a bunda dela, peito isso. Mas pra mim, eu vejo o ser humano, compreendo que o corpo de cada um tem a sua forma única.”* Se antes, no ensino fundamental, ouvir os colegas falando sobre beijo o deixavam apreensivo, no ensino médio as conversas evoluíram para o sexo. Ele observa que não conseguia nem entender as piadas de cunho sexual que eram contadas nas rodinhas. Aos 17 anos, os amigos começaram a pressioná-lo para que perdesse a virgindade em uma boate noturna: *“Utilizando da religião, me justifiquei, falei que não poderia frequentar estes tipos de ambiente, pois não ofereciam a vibração que eu necessitava. [...] Aos 18 anos, muitos falavam sobre a minha virgindade.”*

Após o ensino médio, Caetano iniciou o cursinho pré-vestibular, no qual fez mais amizades e via crescer seu desconforto nos grupos por nunca estar envolvido numa relação amorosa. Foi no cursinho que o jovem passou a se preocupar com a ideia de não pertencimento a nenhuma identificação sexual. Deixava-o confuso o fato de que, apesar

de não sentir interesse amoroso nem sexual por ninguém, praticava a masturbação, desassociada de fantasias com qualquer pessoa, sendo somente um ato mecânico.

Ter ingressado no curso de pedagogia desagradou sua família, que não considerava a carreira adequada para homens. Na faculdade, conheceu uma jovem da qual imediatamente se tornou amigo. Os colegas de classe começaram a comentar que a menina estava apaixonada por ele, mas Caetano a via somente como amiga, o que aguçou ainda mais suas dúvidas sobre sua heterossexualidade: *“Uma menina bonita praticamente se atirou em mim e eu neguei, será que sou gay? Sempre esperei conhecer a menina ideal que despertasse o desejo em mim, e quando ela aparece, eu não o sinto.”* Apesar de confuso, o jovem não acreditava que fosse homossexual, pois não sentia nenhum interesse por homens. Ele declara que o principal problema que sempre o afligiu é ser percebido como homossexual nos espaços sociais, quando sabe que não é.

Foi somente no segundo ano de faculdade que Caetano conheceu o conceito de assexualidade. A partir daí, passou a pesquisar a assexualidade na internet. O conhecimento do conceito fez com que repensasse sua trajetória e tudo começou a fazer sentido, segundo ele. Chegou a pesquisar as comunidades do *Orkut*, mas não faz parte de nenhuma comunidade. Contou-me que tem dúvidas se a assexualidade pode ser considerada uma orientação sexual, pois todas as orientações sexuais conhecidas têm um objeto de atração sexual; a assexualidade, não.

Caetano se assumiu como assexual para si mesmo e para algumas pessoas, somente aquelas que ele sentia que entenderiam, principalmente membros de sua religião espírita. Mas está tomando coragem para que essa identidade seja conhecida pelas pessoas que estão em sua vida. Até a data da entrevista, não tinha ainda se revelado para a família: *“A minha mãe sabe, mas não sabe. Uma vez passou uma entrevista sua na TV, e ela falou assim: ‘Você não é assexual, não?’”*

Quando pensa no futuro, Caetano acredita que será muito difícil encontrar uma companheira que compreenda e aceite seu modo de ser, com quem pudesse ter um relacionamento somente amoroso, uma parceria de vida. Ao passo que casamento e filhos sejam possibilidades remotas para o jovem, ele acredita que, como educador, terá vários alunos que para ele serão como filhos: *“Eu quero ter vários filhos dentro da educação. [...] Me vejo também adotando, independente de estar ou não com alguém.”*

4.8 Rebeca: “Não sou uma pessoaal ‘apaixonável’”

A entrevistada Rebeca entrou em contato comigo, oferecendo-se para colaborar com a pesquisa, após assistir a uma entrevista minha na televisão, por entender que o conceito de assexualidade se aplicava a ela. Rebeca - 49 anos, solteira, com dois filhos adultos, curso superior, estagiária - afirma não professar nenhuma religião. A entrevista foi feita numa tarde de julho de 2012 no local de trabalho da entrevistada. Ela explica que decidiu participar porque gosta de contribuir para *“ações que promovem o desenvolvimento, como as pesquisas fazem.”*

Rebeca deixou claro que, apesar de identificar-se com algumas características da assexualidade - como, por exemplo, o desinteresse sexual – não adota rótulos, pois para ela, esta é somente mais uma forma de viver a própria sexualidade, simplesmente uma faceta do comportamento humano. Na entrevista, ela conta que nunca fez nenhuma pesquisa sobre a assexualidade, nunca sentiu necessidade de buscar informações, pois, apesar de sentir-se diferente, nunca se sentiu *“anormal ou doente”*. Ela prefere dizer que não é *“induzida”* para a sexualidade: *“Acho que a sexualidade das pessoas só interessa a elas. [...] Me sinto desencaixada, mas não busco identificação com algum grupo. Não entendo por que os assexuais se importam com visibilidade.”*

Ao longo de toda a vida, a entrevistada informou ter tido poucos relacionamentos amorosos, sendo que somente dois foram marcantes – aos 19 anos quando perdeu a virgindade, e mais tarde, com o futuro pai de seus filhos, de quem veio a se separar. Na data da entrevista, Rebeca informou que não tinha tido nenhum relacionamento amoroso ou sexual nos últimos 20 anos e que também não pratica a masturbação. Durante toda nossa conversa, ela usou diversas vezes a expressão *“óculos da sexualidade”* para tentar caracterizar a perspectiva da sociedade sobre os relacionamentos: *“Eu não enxergo o mundo com os óculos da sexualidade.”* Para ela, isto significa não captar os sinais da sexualidade presentes nas conversas, nas atitudes, nas intenções, na apreensão da realidade, como faz a maioria das pessoas: *“Acho que as pessoas usam os óculos da sexualidade o tempo todo, quando elas estão olhando seja pro que for, elas interpretam a situação encaixando a sexualidade. Eu não sou assim.”*

A entrevistada nasceu e cresceu em uma cidade litorânea, onde morou com os pais e irmãos até a adolescência, quando mudou de cidade. Estudou em escolas públicas e afirmou que nenhuma delas ofereceu palestra ou programa de educação sexual.

Rebeca, desde cedo, sentia-se incomodada com os olhares masculinos sobre seu corpo. Sentia que sua visão do corpo, dos relacionamentos e do sexo era diferente de suas colegas. Mesmo assim, a questão do corpo - e seu significado social - era problemática para ela desde cedo, principalmente por viver no litoral, onde as vestimentas costumam ser mais reduzidas que na cidade e criam um padrão cultural que gera a expectativa da exposição do corpo. Rebeca tinha suas estratégias: *“Eu não gostava de ser olhada, me incomodava muito. Cheguei a usar vestidos mais compridos pra não chamar atenção. [...] Até hoje, minhas roupas são masculinas, folgadas.”*

Aos 19 anos, Rebeca conheceu o rapaz com quem viria a ter sua primeira relação sexual. Ela conta que a ansiedade, somada à dor que sentiu, não permitiu que a primeira vez fosse prazerosa. O relacionamento não prosseguiu, pois Rebeca não desenvolveu sentimentos amorosos pelo rapaz. Ela diz que o que a fez experimentar o sexo com ele foi a curiosidade, pois não sentia o interesse do qual ouvia tanto falar.

Tempos depois, Rebeca conheceu o homem que se tornaria seu companheiro e pai de seus dois filhos. Ela conta que, quando o conheceu, sentiu-se atraída por sua personalidade, por sua forma de se relacionar com o mundo. Não havia interesse sexual por parte dela, mas havia uma atração emocional, uma admiração que veio a transformar-se em amor. Neste novo relacionamento, Rebeca experimentou, pela primeira vez, o prazer sexual. A atração surgiu a partir da intimidade e da formação de um laço emocional com o parceiro. Interessante enfatizar que, aparentemente, o contato físico por meio do beijo foi o elemento disparador do desejo sexual de Rebeca. Ela descreve a experiência sexual com o companheiro quase como transcendental, com algo de *“sagrado.”*

O relacionamento durou 11 anos, ocorrendo em fases de separação e união. Rebeca diz que, apesar de ter uma boa vida sexual com o companheiro, às vezes era cobrada por não estar sempre disponível para o sexo: ou por não expressar seu desejo pelo companheiro: *“Às vezes, numa briga, ele dizia: ‘Você não tem tesão por mim.’ Eu não tenho tesão por ninguém, por nada, não rola isso comigo.”*

Rebeca diz que a primeira vez que ouviu a palavra “assexual” foi quando o companheiro comentou sobre a esposa de um tio dele, que era assexual, e que o sexo não acontecia no casamento. Ela diz que, mesmo entendendo o significado desta palavra no comentário, não fez nenhuma associação com sua sexualidade: *“Quando ouvi isso, não identifiquei nada comigo. [...] A primeira vez que eu ouvi falar de assexualidade,*

com a possibilidade de ter vida sexual, foi na sua entrevista na televisão.” Perguntei à Rebeca quais foram os aspectos de minha entrevista com os quais ela se identificou. Segundo ela, a possibilidade de apreciar no sexo no contexto de um “*relacionamento sério*” e também a ideia de que, para a pessoa assexual, não há um direcionamento do desejo sexual para ninguém foram os dois fatores que a levaram a identificar-se com o conceito.

Apesar de ter se identificado com certos aspectos do conceito de assexualidade, a entrevistada deixa claro, que para ela, assexualidade não é um rótulo, é apenas uma forma de enxergar o mundo e viver a vida. Rebeca acredita que o sexo ocupa um espaço muito grande na vida da maioria das pessoas, enquanto existem outros aspectos que são negligenciados, por conta disso. Ela, por exemplo, se dedica ao trabalho, aos filhos, aos estudos, às amizades, sentindo-se feliz com sua vida, mesmo não compartilhando seu cotidiano com um parceiro amoroso. Ela não descarta completamente a possibilidade de se envolver romanticamente, porém, não está em busca de um relacionamento, tendo vivido os últimos 20 anos sem esta parceria.

Capítulo 5 – *Scripts* sexo-normativos em ação: itinerários de busca, descoberta e identificação

A beleza não estava em seus grandes olhos, mas na luz que deles emanava; nem em seus lábios vermelhos, mas na doçura de suas palavras; nem em sua forma perfeita, mas na nobreza do seu espírito.

Gibran Khalil Gibran, *Asas partidas*

Neste capítulo, apresento a análise do material colhido em campo, tendo como inspiração os *scripts* sexuais, matriz teórica desenvolvida pelos sociólogos norte-americanos John Gagnon e William Simon (1973). Como já mencionado, os sociólogos utilizam a metáfora teatral dos *scripts* para explicar de que modo são produzidas as condutas sociais, entre elas, as condutas sexuais. Os *scripts* são roteiros socialmente construídos, variáveis cultural e historicamente, os quais - significados coletivamente e assimilados pelos sujeitos - fornecem diretrizes para as condutas sexuais, sendo apropriados individualmente de formas diversas. A teoria se fundamenta no pressuposto de que os “indivíduos seguem *scripts* internalizados, atribuindo sentido a suas condutas, respostas e emoções.” (WIEDERMAN, 2005, p. 496, tradução minha). Os *scripts* são operacionalizados nos modelos e discursos produzidos pelas instâncias socializadoras - como família, escola, pares, mídia, instituições - fornecendo prescrições sobre as formas desejáveis de interação nas trajetórias sexuais e de gênero, conforme o que é considerado normativo em cada cultura.

Nesse sentido, a matriz teórica dos *scripts*, neste trabalho, será articulada à definição de gênero de Joan Scott - ou seja, gênero como “elemento constitutivo das relações de poder baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” - no sentido de identificar as distinções de gênero presentes nas experiências trazidas pelos/as participantes entrevistados/as. Esta articulação teórica permite salientar que os *scripts* masculinos e femininos, além de contribuir para a demarcação da heteronormatividade, mostram-se, igualmente, estruturantes na naturalização da sexo-normatividade. Como assevera Michael Wiederman (2005), as diferenças nas condutas sociais de homens e mulheres indicam que ambos seguem *scripts* separados, porém, sobrepostos e complementares. Por meio da socialização diferenciada, baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, essas assimetrias são reproduzidas, conforme aponta Vianna:

Nossa socialização interfere na forma como nós - homens e mulheres - nos relacionamos, interfere nas profissões que escolhemos e na maneira como atuamos. Não se trata de afirmar que sempre foi assim ou que é inerente à nossa “natureza”. Trata-se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, às subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto. (VIANNA, 2001, p. 90)

As expectativas sociais incorporadas pelos *scripts* - atreladas às diferenças percebidas entre os sexos - geram angústia e frustração em pessoas que se identificam como assexuais, uma vez que impõem padrões de masculinidades e feminilidades, nem sempre atingíveis por pessoas que se reconhecem nessa categoria. Conforme Wiederman (2005), no nível individual, os *scripts* contribuem para reduzir a ansiedade e a incerteza, conferindo um sentimento de previsibilidade e controle sobre as interações sociais, uma vez que modelam as expectativas, ações e reações.

Utilizando a metáfora teatral de Gagnon e Simon como exemplo, se os atores e atrizes em cena atuarem exatamente conforme os *scripts* aprendidos e ensaiados, a peça seguirá sem imprevistos, conforme a ordem e a estrutura do enredo. Cada ator/atriz conhece suas falas e as falas dos/as demais personagens, sendo que os *scripts* são complementares, ou seja, cada ator/atriz sabe o que esperar do/a outro/a durante a apresentação. Certamente, cada intérprete terá liberdade e autonomia para personalizar a representação de seu personagem e fazer escolhas. Paiva lembra a importância da competência do indivíduo na tomada de decisões diante das opções do cotidiano:

“Dos atores, portanto, se exige agilidade para, em cada situação concreta, escolher linhas de ação diante de crescentes possibilidades no mundo público, e para dar conta da integridade de suas fantasias (que chamaram de *scripts intra-psíquicos*)” (PAIVA, 2008, p. 648).

No contexto da sexo-normatividade, existe a busca pela conformação aos *scripts* que valorizam o interesse sexual na adolescência - sobretudo pelos rapazes - e naturalizam o interesse amoroso como componente intrínseco das trajetórias de jovens mulheres. Ao explicitar formas padronizadas de condutas masculinas e femininas aceitáveis socialmente no contexto da sexualidade e das relações de gênero, tais *scripts* geram ansiedade, sentimento de patologia ou inadequação social em pessoas assexuais, sobretudo, em suas tentativas de conformação aos padrões estabelecidos. Portanto, esses/as atores e atrizes estão em cena, conhecem o texto, não obstante, entendem que sua atuação satisfatória não ocorrerá sem custo pessoal.

Neste trabalho, defendo que os *scripts* sexo-normativos circunscrevem as vivências sociais de pessoas autoidentificadas como assexuais, pautando suas trajetórias de autoidentificação. Nesse sentido, no contexto da sexo-normatividade - como argumenta Guacira Lopes Louro - a sexualidade seria uma característica intrínseca de todo ser humano:

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos “naturalmente.” Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado pela natureza”, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. (LOURO, 2001, p. 11)

Essa compreensão essencialista, que fundamenta os *scripts* sexo-normativos - bem como os *scripts* heteronormativos - ficará mais clara nas falas das pessoas entrevistadas para esta pesquisa. Busquei, neste capítulo, organizar os relatos de modo a responder à questão principal da pesquisa, ou seja, de que modo ocorreu - nas trajetórias dos/as entrevistados/as - sua autoidentificação como assexual. As interações na instituição escolar serão priorizadas, uma vez que foi neste espaço que ocorreu a percepção da diferença para quase a totalidade dos/as participantes, além de evidenciar a ausência da instituição no reconhecimento e acolhimento das demandas não somente deste público, mas também do alunado que não se reconhece nas sexualidades consideradas normativas.

5.1 Trajetórias de autoidentificação: percepções, hipóteses e encontros

5.1.1 A percepção da diferença e construção de hipóteses

Este tópico discorrerá sobre os modos por meio dos quais os/as participantes perceberam sua falta de identificação com os *scripts* sexo-normativos para suas condutas sociais, sexuais e de gênero. Às experiências dos/as participantes entrevistados/as presencialmente, cujas biografias foram narradas no Capítulo 4 - serão acrescentadas as vivências dos/as informantes entrevistados/as por *e-mail*, com o objetivo de mostrar assonâncias e dissonâncias nas experiências relatadas. A

modalidade de entrevista estará indicada em cada fala, de modo que o/a leitor/a possa referir-se às biografias.

Aqui, torna-se importante destacar que a percepção da diferença em relação aos pares deu-se, majoritariamente, durante os anos escolares, na instituição escolar. Foi em suas interações na escola que os/as entrevistados/as primeiramente observaram as transformações comportamentais dos/as colegas, sua “metamorfose” de crianças em adolescentes, seu súbito desinteresse pelas brincadeiras e o interesse repentino pelos relacionamentos afetivo-sexuais. Nesse processo, portanto, as relações com os pares são de fundamental importância, pois estes organizam socialmente os marcos que conduzem à sexualidade adulta (BOZON e HEILBORN, 2006).

A falta de identificação com as transformações dos pares foi o principal elemento que gerou o conflito identitário e, em seguida, o processo de formulação de hipóteses para a diferença. Hipóteses fundamentadas em pressupostos sexo-normativos foram construídas, adotadas, repensadas, descartadas; novas hipóteses as substituíram - ou se juntaram às antigas - num processo contínuo de busca por autocompreensão, nas experiências relatadas pelas pessoas entrevistadas.

No entanto, devido às diferenças geracionais entre os/as entrevistados/as, e considerando que o conceito de assexualidade começou a ser difundido somente no início dos anos 2000, o processo de autoidentificação da assexualidade ocorreu em fases diferentes da vida para cada um. Os/as entrevistados/as de maior idade - como Gilda (59 anos), Rebeca (49 anos), Vladimir (46 anos), Tereza (44 anos), entre outros/as - passaram a se identificar desta forma já na fase adulta, alguns/mas já casados/as ou separado/as, com filhos/as e a vida social estabelecida. No outro extremo, os/as oito entrevistados/as mais jovens, com idade de 15 a 19 anos - Marcelo, Loreta, Cristiano, Celina, Sidney, Ricardo, Lenita e Tiago - assumiram a identidade assexual ainda na adolescência, considerando o acesso às informações, facilitado pelas tecnologias de informação e comunicação disponíveis em seu período de juventude.

Independente da fase da vida na qual ocorreu a identificação como assexual, basicamente, todos/as os/as participantes - com exceção de Gilda, de 59 anos, cuja trajetória inclui também o processo de identificação da transexualidade - iniciaram seu questionamento a partir das interações com pares na instituição escolar. Isso faz da escola o locus privilegiado para ações destinadas à discussão da diversidade sexual para redução do preconceito e da discriminação às diferenças. Mais adiante na análise, serão

apresentadas as experiências dos/as entrevistados/as com a educação sexual escolar, bem como suas opiniões sobre os modos de inclusão da assexualidade em programas para a integração da diversidade sexual.

Mark Carrigan (2011) relata que, em seu levantamento com assexuais das comunidades norte-americanas, a adolescência foi apontada por seus entrevistados como período no qual a divergência com as experiências dos pares fez emergir o autoquestionamento. Semelhantemente, os/as informantes da presente pesquisa relatam que na pré-adolescência ou adolescência - portanto, durante os anos escolares - perceberam peculiaridades em seu modo de compreender e de se apropriar das regras sociais da sexualidade que se tornam mais evidentes nesta fase. Estas regras, presentes em *scripts* sexo-normativos contidos em condutas e discursos veiculados pela mídia e demais instâncias socializadoras - como família, escola, igreja, grupos de pares - apresentam o interesse sexual e a formação de parcerias afetivo-sexuais como expectativas sociais para adolescentes. Os *scripts* sexo-normativos incorporam *scripts* de gênero - que reforçam sua heteronormatividade - os quais estabelecem o que é apropriado ou inapropriado nas relações afetivo-sexuais, conforme mostrarão as experiências dos/as participantes.

A falta de sintonia entre suas próprias expectativas e as regras sociais foi percebida pelos/as entrevistados/as em suas interações sociais, sobretudo, pela observação das condutas de outros indivíduos de seu círculo social na escola. Esta percepção inicial mostra a compreensão de viver numa sociedade caracterizada por um cenário sexo-normativo - e igualmente heteronormativo - pré-existente, cujo repertório prescritivo das condutas sociais e sexuais torna-se especialmente explícito na juventude, mais especificamente, na adolescência. Os/as entrevistados/as relatam que, embora os comportamentos sociais esperados ou reprovados para meninos e meninas já tivessem sido percebidos desde a infância, foi somente na adolescência que se deram conta da compulsoriedade de adesão às normas fundamentadas nestas expectativas. Como observam Cláudia Vianna e Daniela Finco (2009, p. 273): “Meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades a fim de corresponder às expectativas de um modo singular e unívoco de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade.” Essas expectativas são representadas pelos *scripts* diferenciados de gênero.

Para a maior parte dos/as participantes nas duas modalidades de entrevista, as diferenças percebidas na puberdade ou adolescência passaram despercebidas na infância, por ser esta uma fase na qual não se espera manifestações sexuais, embora as manifestações amorosas sejam toleradas e compreendidas como “coisa de criança.” Três entrevistados por *e-mail* - Cristiano, Jorge e Eduardo - exemplificam esta percepção em suas falas, a seguir:

Durante a infância, praticamente isso passou despercebido, já que não é mesmo uma idade de vivência sexual, o que pouco me diferenciava das outras crianças. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

A infância para mim foi normal. [...] Eu não consigo lembrar nada relacionado à sexualidade durante a infância, pois sequer pensava no assunto. (Jorge, 21 anos, entrevista por e-mail)

Começou pela adolescência, porque na infância não sabia dessas coisas. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

Entrevistadas por *e-mail*, Carolina, Anita e Kelly revelam que desde muito cedo perceberam sua falta de identificação com os relacionamentos amorosos, mesmo antes de entenderem a expectativa do sexo nesses relacionamentos. Segundo Carolina, os adultos acreditam que toda criança passe pela fase de rejeitar a ideia dos relacionamentos amorosos até que a maturidade, necessariamente, mude este posicionamento:

Desde pequena eu sempre dizia que não pretendia namorar ou casar quando crescesse, mas isso era considerado comum. Recebia dos adultos respostas do tipo: “Eu também falava isso com a sua idade, depois você muda de ideia.” A questão é que não mudei. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Percebi algo diferente em mim quando ainda sequer compreendia o que vinha a ser um “ato sexual”. Observava as festas de casamentos e muito precocemente percebi que eu não me casaria, pois não via finalidade alguma naquilo. [...] Apesar de achar os meninos bonitos, não desejava que eles me tocassem. (Anita, 51 anos, entrevista por e-mail)

É a partir da infância que as pessoas começam a identificar sua sexualidade, lembro que ainda criança eu já tinha amigas que começavam a paquerar, a se interessar por meninos, aquele flerte entre crianças que não leva a nada, mas que já é uma ideia do que virá a acontecer futuramente. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

Dois entrevistados, Eduardo e Ricardo, e uma entrevistada, Kelly, afirmaram que o início da adolescência não fez com que perdessem seus interesses de infância, mesmo percebendo que seus amigos e amigas passaram a priorizar as interações afetivo-sexuais. A sexualidade é socialmente compreendida como pertencente à esfera do mundo adulto - ou pelo menos marcadora de uma passagem da infância para a

maturidade - sendo esperado um rompimento com práticas consideradas próprias do mundo infantil. Nas experiências destes/as participantes, essa mudança ou não ocorreu em seu cotidiano, ou ocorreu de forma mais branda, simultaneamente à manutenção de seus interesses de infância:

Eu era uma pessoa que não estava nem aí, gostava mais de jogar videogame e jogar futebol, vôlei, tênis de mesa. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

Nunca gostei de ficar falando das meninas como meus amigos gostavam, preferia andar de bicicleta e jogar bola na rua. (Ricardo, 18 anos, entrevista por e-mail)

Embora estivesse entrando na adolescência, ainda me sentia muito criança e o meu maior interesse era assistir desenho animado e brincar. Eu achava os meninos bonitos, mas nunca me interessei por nada. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

É importante ressaltar que antes da percepção dos marcadores sexo-normativos de transição para a maturidade - como o desinteresse pelas brincadeiras infantis e o interesse em interações afetivo-sexuais - alguns/mas participantes declararam que pensavam ser heterossexuais, pois sua sexualidade ainda não era uma questão a ser pensada. Os *scripts* heteronormativos repousam no pressuposto da heterossexualidade compulsória, universal e naturalizada. As falas de Sidney, Edson e Kelly mostram a naturalização da heterossexualidade, que não é questionada, a não ser que surja uma razão concreta que demande reflexão:

Tinha a falsa percepção de que eu era heterossexual e que, por isso, não precisava me preocupar com a minha sexualidade. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Antes da assexualidade, eu me imaginava heterossexual. (Edson, 35 anos, entrevista por e-mail)

Na verdade, sempre me considerei heterossexual, já que nós não crescemos com outra forma de identificação. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

A percepção de ser diferentes de seus pares fez com que muitos/as passassem a questionar sua heterossexualidade e construir outras hipóteses, como será aprofundado mais adiante neste tópico. Porém, antes disso, acreditavam estar em sintonia com os *scripts* heteronormativos. A experiência do relacionamento amoroso e da atração amorosa por alguém do outro sexo reforçava, para Cristiano e Lenita, sua heterossexualidade. Lenita, no entanto, usa a expressão *heterossexual estranha* para descrever sua autoidentificação, uma vez que, conforme estabelecem os *scripts* sexo-normativos, a atração amorosa necessariamente deve estar atrelada à atração sexual:

Eu dizia que era hétero, afinal, eu havia namorado uma garota, mesmo que por um curto período de tempo. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Acreditava que fosse uma heterossexual estranha, pois já havia sentido atração romântica por um garoto. (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail)

O sentimento de diferença para os/as entrevistados/as foi se solidificando com as modificações comportamentais observadas nos pares. Alguns/mas participantes relataram que as mudanças observadas em seus amigos e amigas - bem como de seu foco de interesse - não ocorreu de forma gradativa. Ao contrário, conforme sua percepção, tal transformação ocorreu de forma repentina e inesperada, trazendo estranhamento e confusão, como relatam duas entrevistadas e um entrevistado:

Eu achei muito estranho porque, de repente, todas as minhas colegas só pensavam em ficar com garotos. Eu simplesmente não via sentido nisso. Emocionalmente, parece que não mudei tanto. Me sentir atraída por alguém, isso nunca aconteceu. (Ludmila, 29 anos, entrevista por e-mail)

As coisas foram mudando no começo da adolescência (12-13 anos) em que o interesse de meninas em meninos e vice-versa, mudou bruscamente. As meninas começavam a falar de namoradinhos, do tal temido e esperado primeiro beijo. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

Os amigos de rua, de uma hora para outra, começaram a falar de sexo, foi muito engraçado, eu percebi essa mudança deles. Eram amigos de rua, brincávamos juntos, de repente, começaram a crescer e só queriam saber de festa, de meninas. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Foi no fim da puberdade ou no início da adolescência, conforme relatos, que os/as informantes passaram a compreender a expectativa social sobre o interesse compulsório por relacionamentos amorosos e sexuais - heterossexuais, vale destacar - mas que também estivessem à procura por tais relacionamentos. Nesse sentido, as relações sociais desenvolvidas na escola tiveram importância fundamental. Segundo o entrevistado Vladimir, a partir do início da adolescência, seus colegas passaram a incluir o sexo com frequência como tema de suas conversas, o que constrangia o rapaz:

Eu não conseguia participar daquelas conversas entre os meninos sobre sexo, eu ficava calado naquelas conversas. Então, eu me sentia muito estranho, porque é uma coisa que não me tocava, sabe? Parecia que eu não fazia parte daquilo. [...] Meus amigos começaram a namorar, a procurar meninas tal, e eu não sentia essa necessidade. Só que eu me achava estranho por não ter este ímpeto, né? (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Bozon e Heilborn (2006) observam que não falar sobre sexo com os colegas é uma estratégia de autoproteção dos rapazes, uma vez que a rede masculina de pares exerce pressão para que a iniciação sexual de cada membro ocorra. Além das conversas sobre sexo, havia também os comentários sobre as meninas - especialmente, sobre seus

corpos - bem como a busca por interações afetivo-sexuais por parte dos meninos, o que levou Vladimir a sentir-se isolado em relação ao grupo. Já não sentia a mesma identificação de anos atrás com os colegas, o que foi reafirmando para o entrevistado a ideia de que era diferente. Para não destoar das conversas - e se manter no âmbito dos *scripts* sexo-normativos e heteronormativos - Vladimir concordava com os comentários, ria das piadas, mesmo que não entendesse, com o objetivo de manter-se no círculo de amigos.

“Diferente” é a palavra mais utilizada pelos/as entrevistados/as para descrever a si mesmos/as em relação ao que observavam nas experiências de seus pares na adolescência. Como exemplo, transcrevo, a seguir, as falas do entrevistado Sidney e das entrevistadas Selma e Gina, que contribuíram concedendo entrevistas por *e-mail*. Sidney relata seu estado de confusão por identificar sua diferença, mas não conseguir compreendê-la. Selma não compreendia o desejo de outras meninas de estar em relacionamentos amorosos, e Gina confessa sua falta de paciência em ouvir as questões colocadas por suas amigas:

Logo no início da minha adolescência, eu comecei a perceber que era diferente em comparação aos outros meninos, mas o meu maior problema, durante muitos anos, foi tentar entender em que sentido se constituía essa minha diferença. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Sempre fui diferente de todas as meninas. Não me interessava por meninos, nem gostava de ficar falando sobre eles. Não me imaginava casada e com filhos, muito menos tinha aquela imagem de uma noiva de branco entrando na igreja. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Durante a puberdade eu comecei a perceber que era diferente das minhas amigas quando o assunto eram os garotos. Sempre tive um pouco de “preguiça” pra sentar com minhas amigas e ouvi-las falar sobre os homens; se eram bonitos, feios, atraentes, se elas ficariam ou não com eles; não me interessavam esses assuntos. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

Além das conversas dos colegas sobre sexo na adolescência, o entrevistado Caetano também se lembra dos comentários dos rapazes aos corpos femininos, como “*olha a bunda dela, olha o peito; o pessoal falando, e eu tendo que concordar.*” (Caetano, 24 anos, entrevista presencial). A objetificação do corpo feminino faz parte do repertório masculino, sendo parte importante das masculinidades valorizadas socialmente entre os pares. Nesse sentido, Caetano mencionou a prática de seus amigos de trazer para os encontros revistas com fotografias de mulheres nuas para apreciação do grupo masculino: “*Quando eu tinha 12 anos, tinha um grupo de amigos lá, e queriam me forçar a ver uma revista de mulher pelada, mas nem a mulher pelada eu*

conseguia ver.” Experiências semelhantes com conteúdos eróticos ou pornográficos na adolescência também foram mencionadas por Gilberto e Evandro:

Um exemplo prático: na adolescência, é bastante comum algum garoto trazer fotos de uma mulher bonita e pelada para mostrar pros colegas da escola, porém, sempre fui indiferente em relação a isso. Ver mulher pelada não me causava alguma excitação sexual ou psicológica. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Com primos, que viviam de assistir filmes pornográficos, fui incentivado a ver também, mas havia a sensação de culpa advinda da formação cristã. Eu me incomodava em ver, no entanto, não demonstrava, porque os primos não entenderiam minhas objeções. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

O compartilhamento de materiais eróticos e pornográficos parece constituir um recurso socializador comum no período de adolescência masculina, tendo sido mencionados por alguns homens entrevistados como materiais frequentemente trazidos por colegas para as rodas de conversas durante a adolescência. O caráter socializador da pornografia por jovens foi explorado no contexto religioso evangélico por Elias Evangelista Gomes. O pesquisador constatou que a “pornografia aparece nas experiências sociais dos jovens, mais entre os meninos do que entre as meninas” (GOMES, 2010, p.170), embora sua pesquisa tenha apurado que a experiência com a pornografia acontece em algum momento para ambos os sexos no universo investigado.

A partilha de materiais eróticos e pornográficos não foi mencionada por nenhuma das participantes da presente pesquisa. Embora nenhuma entrevistada tenha mencionado revistas adolescentes, estas costumam ser um recurso importante na socialização das meninas, constituindo fontes de informações relevantes para este universo, com destaque para namoro, sexo, moda, beleza e celebridades, conforme fartamente explorado pela literatura acadêmica (MIRANDA-RIBEIRO e MOORE, 2002; COUTO e MENANDRO, 2003; SANTOS e SILVA, 2008; BOZON e HEILBORN, 2006; LIRA 2009).

Os relatos dos/as entrevistados/as mostram forte diferenciação de gênero em suas interlocuções com os pares: enquanto materiais eróticos e pornográficos - incluindo as representações hierarquizadas e diferenciadas de gênero que estes carregam - fazem parte das rodas masculinas de interlocução na adolescência, as meninas conversam sobre possíveis relacionamentos românticos com meninos reais de seu círculo social. É possível observar, nessas práticas, que os *scripts* masculinos são direcionados à atividade sexual, à objetificação do corpo feminino, enquanto os *scripts* femininos são

orientados ao romance, ao relacionamento afetivo. Vale observar que tanto os *scripts* masculinos como os *scripts* femininos partem do pressuposto do interesse sexual/amoroso compulsório; sexual, para os meninos; afetivo, para as meninas. Homens e mulheres que participaram da presente pesquisa afirmaram não se identificar com tais *scripts*, conforme será exemplificado pelas falas ao longo deste capítulo.

Para Caetano, a desidentificação com as conversas dos amigos, aliada à falta de curiosidade pelas fotografias eróticas compartilhadas por eles, evidenciavam sua diferença em relação aos demais. O jovem afirma que seu mal-estar com fotografias e filmes que mostram a nudez - seja feminina ou masculina - permanece até a presente idade. Repetindo um pressuposto amplamente disseminado nos discursos sobre sexualidade, Caetano destaca a importância dos *hormônios* neste momento de curiosidade juvenil pelo sexo.

Ao dialogar com o conceito de *scripts* de James Gagnon e William Simon, Vera Paiva inclui a noção de *cenário sexual*, que remete à “experiência cotidiana da sexualidade” (PAIVA, 2006, p.24) também explorada por Maria Cristina Cavaleiro (2009) na análise dos *scripts* sexuais presentes em relatos de alunas de uma escola pública e suas percepções sobre sexo, gênero e sexualidade, especialmente dirigidos à lesbofobia. A partir das análises dos *scripts* sexuais, tanto Vera Paiva (2006; 2008), quanto Maria Cristina Cavaleiro (2009) destacam a força do discurso biologizante dos *hormônios* como justificativa para determinados comportamentos juvenis, bastante presente nas falas de jovens e professores/as entrevistados por Maria Cristina Cavaleiro:

Articulando o fundamento da sexualidade universal e biologicamente determinado, os *hormônios* entram em ação, reduzindo-a a uma essência interior, uma pulsão. Atravessada por sutilidades e deslizando mecanismos de disciplinarização da sexualidade, a ordem dos *hormônios* produz alusões, citações e significações que orientam condutas e ações. (CAVALEIRO, 2009, p.120)

Prosseguindo com os relatos sobre a percepção da diferença dos/as entrevistados/as, a informante Rebeca percebeu que era diferente em relação às amigas ao sentir-se incomodada com os olhares masculinos sobre seu corpo. Ela conta que enquanto as amigas vestiam roupas curtas, justas ou insinuantes para atrair os olhares dos rapazes, ela cobria-se com roupas largas e “masculinas” que não chamassem a atenção. A percepção desta diferença de si ocorreu também na adolescência:

Não sei em que momento da adolescência eu percebi que eu não tinha a mesma reação que as meninas tinham, em relação aos garotos, por exemplo, em relação

ao próprio corpo, tinha alguma coisa de diferente. (Rebeca, 49 anos, entrevista presencial)

Rebeca diz que não conseguia compreender o comportamento “atirado” de suas amigas em suas interações com possíveis parceiros amorosos e sexuais. Ela percebia que essas amigas viam o mundo de forma distinta, uma vez que ela própria não enxergava as pessoas e os relacionamentos pela ótica sexual. Enquanto suas amigas seguiam *scripts* de gênero aprendidos sobre modos valorizados de sedução pelo corpo - mesmo que tais *scripts* determinassem também a recusa às investidas masculinas - Rebeca buscava pontos de identificação no “jeito,” na personalidade e no intelecto de possíveis pretendentes amorosos. Essa diferença fazia com que ela não aprofundasse relações de amizade com as meninas que julgava “atiradas,” por sentir que não tinha nada em comum com elas. Meninas percebidas como “atiradas” podem ser julgadas negativamente pelos pares por apresentar um comportamento não condizente com a expectativa social do recato e do controle feminino, enquanto os meninos são julgados positivamente pelo mesmo comportamento, sendo essa conduta naturalizada como parte “natural” de sua masculinidade.

Semelhantemente, a entrevistada Clara também estranhava o comportamento das colegas quando o assunto era atração amorosa: *“Elas falavam: ‘Você viu menino tal?’ Eu olhava assim: ‘Poxa, mas por que estão olhando tanto? O que tem de diferente? É normal.’”* A jovem deu-se conta das particularidades de sua sexualidade durante a adolescência na interação com colegas da mesma idade:

Quando eu fui mesmo me deparar com alguma coisa foi no começo da adolescência, que eu caí em um grupo. [...] Todas começaram a namorar e tal, e eu não via o porquê de estar namorando, ficava na minha, e eu não queria saber disso. (Clara, 32 anos, entrevista presencial)

Para Clara, fazer parte de um grupo de meninas que começavam a expressar seu desejo por relacionamentos amorosos na adolescência forçou-a a buscar estratégias de não ser excluída pelo grupo. Embora não se sentisse motivada a buscar relacionamentos amorosos, quando saía com as amigas, sempre “ficava” com algum menino, como estratégia de pertencimento ao grupo: *“E tinha aquele negócio de ficar empurrando: ‘Por que você não fica com o amigo dele? O amigo dele é bonito’. Mas, eu não sentia vontade de procurar nem mesmo para namorico, nem nada.”* Segundo Bozon e Heilborn (2006) estar acompanhada por algum menino em um evento e trocar, no

mínimo um “selinho” faz parte das práticas comuns de meninas adolescentes. Clara seguia o padrão por sentir que era o que todo mundo fazia, portanto, era o que tinha que fazer, apesar da falta de vontade. Experiência semelhante descreve a entrevistada por *e-mail* Ludmila:

A minha situação quanto ao sexo sempre me intrigou. Porque eu via a importância que as pessoas davam a ele. E isso sempre foi algo que simplesmente parecia não fazer parte da minha vida. Eu simplesmente não olhava para outro rapaz e pensava: “Que gato!” E isso não acontecia com moças também, então, não é questão de ser lésbica. E isso era algo tão comum e corriqueiro para as pessoas e parecia simplesmente não acontecer comigo. E eu achava estranho as pessoas considerarem tão importante algo que eu considero totalmente dispensável. (Ludmila, 29 anos, entrevista por e-mail)

O que sempre intrigou a entrevistada Giovana desde o início de sua adolescência era o sentimento relatado pelas amigas de *gostar de alguém*. Ela conta que nunca, em seus 27 anos de vida, conseguiu entender o que significa *gostar* de alguém num contexto amoroso, pois nunca experimentou este sentimento. A partir da observação dos relacionamentos de outros/as jovens a sua volta, conseguiu entender que este *gostar de alguém* era diferente do gostar da família ou de um amigo, aceitando que o tal gostar fazia parte da experiência da maioria das pessoas:

A sensação que já era bem clara pra mim na pré-adolescência, adolescência e tal, é que eu compreendia perfeitamente que gostar de outra pessoa era normal, mas sempre foi uma compreensão para os outros. [...] Eu não conseguia sentir a mesma coisa. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Catarina, Carolina e Lenita, entrevistadas por *e-mail*, revelam experiências semelhantes à de Giovana, pois desde cedo ouviam falar do “gostar de um menino” como experiência compartilhada por todas suas amigas, esperando que elas também gostassem de algum menino. Para Catarina, a dificuldade era entender as particularidades dessa forma de sentimento. Esta fase evidenciou para Carolina sua diferença em relação às demais e mostrou para Lenita a extensão de sua falta de identificação com seus pares:

Foi nessa idade que todas as minhas coleguinhas começaram a “gostar” de alguém, e queriam saber de quem eu “gostava”. Porém, eu não gostava de nenhum garoto daquela maneira. Gostava de todos eles como meus amigos. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

E a partir da adolescência fui percebendo que era diferente das minhas amigas, porque eu nunca tinha gostado de ninguém, nunca tinha tido vontade de ficar ou namorar com ninguém. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

As outras meninas estavam sempre conversando sobre qual menino elas gostavam e me perguntando de qual eu gostava, já que, segundo elas, era impossível que eu não gostasse de nenhum. (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail)

Portanto, o aspecto que levou tanto Giovana, Catarina, Carolina e Lenita à conclusão de que eram diferentes de seus pares não foi somente seu desinteresse por sexo, mas a ausência deste *gostar*, *script* normativo que começa pela atração por uma pessoa específica – preferencialmente de outro sexo - que leva ao interesse amoroso e, muitas vezes, à atividade sexual. Diferenciar este sentimento da amizade foi mencionado como dificuldade para o jovem Marcelo, entrevistado por *e-mail*. Marcelo relata ter percebido que o *gostar* amoroso era não só diferente da amizade, mas também prioritário nas experiências de seus amigos:

Já na adolescência, percebia que meus amigos tendiam a gostar e desejar outros (tanto meninas como meninos) de uma forma que transcendia os limites da amizade, o que até o momento, para mim era o mais importante e que deveria perdurar para sempre. (Marcelo, 19 anos, entrevista por e-mail)

Giovana não se lembra de ter vivenciado este sentimento amoroso sequer uma vez, e por este motivo, não sabe dizer se a falta desta experiência impediu que ela desenvolvesse qualquer tipo de interesse sexual por quem quer que seja. A jovem reconhece que tal sentimento constitui parte importante nas experiências das pessoas de seu convívio, conclusão a que chegou após observação e interação com os pares:

Nunca tive assim, realmente essa coisa do gostar, acho que dificilmente vou ter alguma atração romântica. [...] Embora seja simples de eu entender isso pros outros, eu não sei o que seria romântico pra mim. Nunca tive uma coisa de, “ah! gostar de alguém.” Eu falo que é estranho porque no normal, parece que as pessoas têm isso corriqueiramente, e eu não tive, né? (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Diferente da maioria dos/as entrevistados/as presenciais, a ausência de interesse amoroso ou sexual nunca fez com que Giovana se sentisse fora do quadro da “normalidade” apesar das exigências sociais para que fosse diferente. Em lugar disso, a jovem pensa que não tem que se conformar a uma sociedade que determina que sexo e relacionamentos sejam prioritários na vida de todas as pessoas:

Sempre fui vista como perdedora, reprimida, ameoba, sempre foram os apelidos mais recorrentes. Havia a opressão, essas pessoas me colocaram como uma pessoa abaixo da normatividade social. Porque eu não correspondo sexualmente a nada, né? Então, eu sempre fui vista como menos. Não me faz sofrer tanto hoje porque a cada dia que passa, e eu sei que o mundo é tal como é, eu não me arrependo de ser o que eu sou. Não me arrependo mesmo, e eu não tenho por que

me sujeitar a nada, por não corresponder a nada. Eu gosto de ser eu. (Giovana, 27 anos, entrevistada presencial)

Se a identificação da assexualidade parece um processo intrincado por si, quando existem, adicionalmente, outras questões da sexualidade que demandam compreensão – como, por exemplo, orientação afetiva ou identidade de gênero diferente dos padrões normativos – o processo torna-se ainda mais labiríntico. As quatro experiências a seguir – dos entrevistados Fernando e Tiago e das entrevistadas Miriam e Gilda – mostram esta complexidade. Os relatos de Fernando, Miriam e Tiago evidenciam a necessidade da desvinculação entre *orientação sexual* e *orientação afetiva* para a compreensão de seus sentimentos. Gilda afirma só ter compreendido a própria sexualidade após resolver a angústia que a acompanhava ao longo da vida quanto a sua identidade de gênero. Seguem os pormenores dessas três trajetórias.

O processo de autoidentificação sexual do jovem entrevistado Fernando começou, também por volta da adolescência, primeiramente, com o sentimento de que era homossexual: *“Desde 14, 13 anos, na pré-adolescência mesmo, foi quando eu comecei a descobrir que eu gostava de meninos. Basicamente, eu me identificava como homossexual”* (Fernando, 23 anos, entrevista presencial). O jovem suspeitava de que sua sexualidade abrigava um aspecto distinto, para além da atração por rapazes. Em suas palavras: *“Não era muita atração, não sei explicar.”* Esta atração existente, ainda que débil, impedia que o jovem assumisse integralmente sua homossexualidade, pois o *script* homossexual também é sexo-normativo, sendo compreendido no contexto do desejo sexual compulsório. Nas construções sociais da masculinidade – sobretudo da masculinidade homossexual – o desejo sexual voraz e a busca por sua satisfação constituem parte indissociável das representações sobre homossexualidade.

A autoidentificação como homossexual, ainda que não completamente compreendida, era o principal motivo pelo qual Fernando não se identificava com as conversas que circulavam em suas rodas de amigos: *“Eu sabia que eu era diferente porque eu não conseguia pensar como os meus amigos pensavam, da forma como eles enxergavam as meninas, nas conversas e tal”* (Fernando, 23 anos, entrevista presencial). Esta falta de identificação com os jovens de sua idade, aliada à timidez, fazia com que Fernando evitasse a companhia de tais colegas, aproximando-se mais de pessoas que compartilhassem seu gosto pelos estudos, sua curiosidade pela pesquisa e sua apreciação por atividades culturais. Porém, apesar de ter certeza sobre sua atração

por rapazes, o jovem tinha muitas dúvidas sobre a natureza desta atração, uma vez que também sabia que não tinha interesse pela atividade sexual. Fernando relatou, também, seu medo, na adolescência, em se tornar um homossexual “efeminado,” estereótipo também bastante presente – sendo muitas vezes desvalorizado nas representações de homossexualidade masculina.

A confusão experimentada por Fernando - que sentia que era homossexual, mas ao mesmo tempo não tinha interesse por sexo - é uma experiência comum nos fóruns virtuais de discussão sobre assexualidade. Esses indivíduos ficam ainda mais confusos do que aqueles que percebem somente o desinteresse sexual, pois descobrem a existência de uma orientação afetiva que entra em conflito com esse desinteresse. Tanto Fernando como Tiago - entrevistado analisado a seguir - já tinham se identificado com a homossexualidade quando conheceram o conceito de assexualidade. Porém, no caso de Tiago, além da orientação sexual e orientação afetiva, ainda se colocava a questão da transexualidade como componente importante em sua autoidentificação.

O conflito entre homossexualidade e assexualidade também foi mencionado pela entrevistada por *e-mail* Miriam, de 28 anos, a qual buscou, primeiramente, a compreender sua atração por mulheres, pesquisando um “site lésbico”, antes da autoidentificação como assexual, da qual ela ainda não está segura, conforme seu relato.

Tiago, de 15 anos, deparou-se com elementos - distintos, porém, sobrepostos - em seu processo de autoidentificação: a orientação sexual/afetiva diferente dos padrões heteronormativos e sexo-normativos e identidade de gênero diferentes dos padrões cisnormativos. Esta sobreposição fez com que o jovem se identificasse primeiramente como lésbica – uma vez que sentia atração por meninas quando ainda se identificava como menina – e posteriormente como assexual, por concluir que a atração que sentia era puramente amorosa e não sexual. Tiago diz que sempre soube que não era heterossexual, portanto, por eliminação, concluiu que só poderia ser homossexual, pois a assexualidade não se apresentava como alternativa naquele momento:

Sempre tive uma atração por uma menina que eu considerava minha melhor amiga quando criança, mas achei que era só uma grande amizade. Quando criança, não achei que fosse possível uma menina gostar romanticamente de outra. Aí, eu falei: “Tá, eu sou lésbica então, pronto, eu sei o que eu sou.” Aí, eu comecei experiências com meninas, só que depois de um tempo, também perdeu a graça, e aí eu não entendi o que tava acontecendo. (Tiago, 15 anos, entrevista presencial)

Embora a percepção da diferença tenha se dado na comparação com comportamentos e identidades dos pares – principalmente na escola – bem como pela desidentificação com *scripts* sexuais e de gênero presentes nos cenários sociais, Tiago empregou sua proficiência no uso das tecnologias para fazer pesquisas na internet, que o levaram a um maior conhecimento sobre a transexualidade e a assexualidade. A apropriação desses conhecimentos o levou à autoidentificação como *homem transexual assexual heterorromântico* – ou seja, homem que sente atração puramente afetiva por mulheres - que substituiu a identificação anterior de mulher lésbica.

Enquanto as trajetórias de Tiago, Fernando e Miriam passaram primeiramente pela busca da identificação da orientação sexual – lembrando que pesquisas na internet tiveram extrema importância para os três jovens no processo - para Gilda, a transexualidade era o ponto a ser resolvido em primeiro lugar. A entrevistada, de 59 anos, cresceu numa época em que não havia internet, não se falava de sexo na família, na escola ou em qualquer espaço público. A percepção da falta de interesse sexual ficou clara somente quando a transexualidade foi assumida, já na idade adulta. Gilda passou a infância, adolescência, juventude e grande parte da vida adulta lutando com o sentimento de estar “*num corpo que não fazia parte de mim*”; portanto, a direção do desejo sexual não era uma questão com a qual ela se preocupasse. Essa questão só surgiu poucos anos antes da entrevista, quando a entrevistada assumiu sua identidade feminina e passou a viver socialmente como mulher. Nesse momento, quando finalmente, corpo e mente estavam em sintonia, ela percebeu que não tinha interesse pela atividade sexual e nem mesmo por relacionamentos amorosos:

Quando descobri a transexualidade, percebi que essa questão da sexualidade estava em conflito, porque eu era obrigada a exercer um papel masculino, o qual eu não desejava por causa da minha identidade feminina. Quando eu pude deixar de exercer esse papel masculino obrigatório, percebi que eu não tinha nenhuma vontade, nenhum desejo, libido nenhuma. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

Gilda viveu infância, adolescência e juventude em uma época na qual a discussão sobre sexualidade não era aberta na sociedade, seja sobre orientação sexual ou identidade de gênero. Ela sentia que sua sexualidade não poderia ser definida pelos discursos da época: “*Só se falava da heterossexualidade; não tinha bissexualidade, não tinha homossexualidade, não tinha transexualidade; então, o que eu era? Eu era uma outsider.*” Esta declaração de Gilda mostra a importância do discurso na construção

social das sexualidades. Em sua época de juventude, a ausência do aparato discursivo sobre a transexualidade e a assexualidade não permitia que ela se reconhecesse nessas categorias. Portanto, ela só passou a existir como mulher e como assexual a partir das transformações sociais que permitiram a emergência dessas sexualidades.

Como passou boa parte da vida adulta vivendo como homem casado, Gilda não experimentou a pressão social pelo interesse sexual, pois *scripts* sexo-normativos estabelecem o pressuposto da atividade sexual presumida para indivíduos em situação conjugal. A entrevistada diz ter se compreendido como mulher transexual a partir da angústia que sentia desde pequena, porém, “*só fui diagnosticada em 1997, por um terapeuta que me diagnosticou como transexual feminino.*” Dessa forma, tendo passado grande parte da vida em crise de identidade de gênero, a questão da direção do desejo sexual ficou oculta, emergindo somente com a resolução do conflito:

Eu queria ser uma mulher. Então, eu não tinha nem fantasias, nem nada. Simplesmente eu queria sair do corpo que eu estava; então, a parte sexual era uma parte que não aparecia, não sei se viria depois. O que eu queria era abandonar o corpo que eu estava; então, eu não sentia; era só com relação à identidade de gênero. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

A partir da percepção e questionamento da diferença de sentimentos e comportamentos em relação aos pares, não tendo conhecimentos e informações que os/as para lidar com este conflito, grande parte dos/as entrevistados/as passou por uma fase de elaboração de hipóteses explicativas esta diferença. Estas hipóteses são, em geral, explicações e conclusões provisórias apropriadas pelos/as participantes na adolescência para permiti-los/as prosseguir suas interações na sociedade sexo-normativa, de modo a proteger-se de um conflito interno ainda mais profundo. Estas hipóteses não são excludentes, estando presentes em diferentes momentos das trajetórias, de forma sequencial – sempre que uma era descartada, outra tomava seu lugar - ou mesmo de forma simultânea, construindo um conjunto de possibilidades explicativas para a diferença.

Entre as hipóteses mais recorrentes formuladas pelos/as informantes para explicar sua falta de interesse por relacionamentos sexuais e/ou amorosos estão a imaturidade, a timidez, a religiosidade, elevação moral, não ter encontrado a pessoa certa, a possibilidade de problema fisiológico ou psicológico e o pressuposto da homossexualidade, esta última experimentada por grande parte deles/as. Estas hipóteses são construídas não somente a partir da reflexão dos/as próprios/as entrevistados/as,

mas também a partir de argumentos e expectativas de seu círculo social - principalmente a família e grupos de pares - que revelam os pressupostos sexo-normativos presentes nos discursos sobre o interesse sexual e amoroso.

Entre os/as entrevistados/as, existe um grupo que atribui sua falta de interesse amoroso e/ou sexual na adolescência à sua imaturidade, considerando que tais interesses são vistos como etapa de transição para a vida adulta, sendo que esta transição pode acontecer mais cedo ou mais tarde para indivíduos com experiências diferentes. Esta possibilidade de “florescimento” precoce ou mais tardio faz parte dos *scripts* culturais sexo-normativos, os quais estabelecem um período mínimo ou máximo socialmente aceitável para que o interesse amoroso e sexual seja despertado em pessoas jovens, estabelecendo também diferenças de gênero sobre estas regras. Às mulheres é concedido um período mais amplo para que o interesse por sexo evolua - preferencialmente no contexto de amor romântico; dos homens é esperado o desenvolvimento mais precoce do interesse sexual, que pode vir ou não acompanhado do interesse amoroso. A hipótese da imaturidade aparece, por exemplo, nas falas das entrevistadas Carolina, Fernando e Miriam:

Eu sempre fui um ano adiantada na escola; então, justificava pra mim mesma que essa diferença se devia ao fato de eu ser mais nova que as outras meninas, por isso ainda não estava interessada. Mas no ano seguinte, eu ainda não estava interessada. Quando minha irmã, 2 anos mais nova, começou a namorar, eu comecei a pensar que, então, o problema deveria ser eu. [...] O fato de eu nem pensar em sexo me fazia ser vista pelas outras meninas da escola como infantil. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Sempre fui considerado o mais infantil da turma, por não ter interesse em assuntos sexuais. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Quando adolescente, saía com minhas amigas e não paquerava ninguém. Eu era a “criança” do grupo. (Miriam, 28 anos, entrevistada por e-mail)

A timidez foi mencionada por alguns/mas entrevistados/as, como justificativa para seu modo de ser e também como explicação para a não discussão sobre sexualidade com colegas da mesma idade. Não tendo o mesmo interesse e ímpeto que os pares para buscar interações amorosas e/ou sexuais, interpretam sua conduta como uma característica da personalidade, retraída e mais “sossegada.” “Achei que fosse por causa da minha timidez e/ou imaturidade para o sexo, já que tinha 15 anos de idade, mas o tempo passou e nada mudou.” (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail). Os entrevistados por e-mail Evandro, Gilberto e Tereza também mencionaram o

comportamento introspectivo como característica de suas personalidades, no caso de Evandro, responsável por situações de intimidações na instituição escolar:

Na escola, tive poucas amizades. Sempre fui muito tímido e tinha medo de que os colegas percebessem meu modo diferente de ser. Sofri bullying durante todo o meu ensino fundamental. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Na época do colégio, fui uma pessoa bastante tímida e retraída. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Além disso, era extremamente tímida e quieta. (Tereza, 44 anos, entrevista por e-mail)

Embora mais da metade dos/as entrevistados não professem nenhuma crença religiosa - entre ateus, agnósticos e sem religião - alguns/mas mencionaram ter cogitado que suas crenças fossem responsáveis por seu comportamento desinteressado em interações sexuais e/ou amorosas, ou pela discussão da sexualidade com os pares - conforme relatos, a seguir, dos entrevistados Caetano, Eduardo e Evandro, e da entrevistada Rafaela:

O espiritismo é muito aberto no que se refere às questões da sexualidade. Segundo a religião, espíritos que já evoluíram não têm mais a necessidade da energia sexual. [...] Hoje, percebo que a minha relação com a religião foi também, nesta fase, um meio de justificar o meu modo de ser diferente dos padrões impostos. (Caetano, 24 anos, entrevista presencial)

Como jovem, eu apenas era antissocial, eu não “ficava” com nenhuma guria, até porque sou religioso, sempre fui. E esse termo “ficar” é vazio. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

Fui muito católico, depois muito evangélico - isto me fez evitar conversas mais profundas sobre sexualidade. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Sou cristã protestante, e este é um conceito um pouco mais profundo que eu não gostaria de aceitar, não por acreditar que isto pressupõe sacerdócio, mas o celibato é um facilitador de uma missão, que acredito que eu não tenha. (Rafaela, 25, entrevista por e-mail)

Dois entrevistados - Cristiano e Vladimir - revelaram ter passado por uma fase, durante a adolescência, na qual, a ideia de entrar para a carreira religiosa na Igreja Católica oferecia-se como uma possibilidade. Porém, os dois - que se declararam ateus na data da entrevista - reconhecem que seu desejo pela batina estava relacionado com a possibilidade de ocultar seu desinteresse sexual por meio do celibato exigido dos padres:

Durante essa época, eu tinha uma forte postura católica, e minhas intenções eram seguir para um seminário e depois para a batina oficialmente, e portanto, a falta de desejo não seria um problema, mas até mesmo um alívio. [...] Conforme passava o tempo caía a minha religiosidade até me tornar ateu, de forma que a aparente serventia que a falta de desejo teria, ou mesmo um dom, deixou de fazer sentido. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Eu estudei o primeiro grau em escola de padres. Escola católica de padres. Eu sempre gostei da estética da religião católica. Eu tinha uns 15 anos, cheguei a pensar em ser padre, primeiro, porque resolveria a minha parte, em relação à sexualidade, que eu estava sofrendo já com isso, né? Por causa do negócio de cobrança de namorada, aquela coisa. Me resolveria essa parte, porque eu ficaria no celibato, né? [...] Eu tinha uma admiração por monges beneditinos, mas sem a religião, entendeu? Só faltava acreditar em Deus, mais nada. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial).

O mesmo entrevistado, Vladimir, após superar a fase de querer ser padre, chegou a pensar na hipótese de que possuía superioridade moral em relação aos colegas, superioridade que comprovaria seu interesse pelo conhecimento científico, sua paixão pelas artes e filosofia, e também seu desinteresse por sexo, interpretando-o como sentimento inferior. Experiência similar foi descrita pelo jovem Sidney, entrevistado por e-mail:

Eu condenava muito o sexo, falava sempre em tom pejorativo de sexo, que era... uma relação carnal, sabe? Tinha tipo um discurso meio moralista, acho que para me justificar, entendeu? Que a concupiscência carnal, que era meio baixaria, sabe? Tentava rebaixar o sexo. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Já havia cogitado a possibilidade de ser homossexual, bissexual, e até mesmo “heterossexual moralmente evoluído”, que foi um conceito que criei na busca de uma explicação lógica da minha sexualidade. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

A ideia de que é preciso encontrar a *pessoa certa*, aquela que vai despertar um suposto desejo latente, também é citada por alguns/mas entrevistados/as como explicação para seu desinteresse. Muitos/as deles/as já ouviram de outras pessoas que é comum que alguns/mas adolescentes demorem mais para iniciar a vida afetivo-sexual por levar mais tempo para encontrar esta pessoa: “*Eu tenho que achar a pessoa certa. A ideia da pessoa certa me percorreu durante anos; só que eu nunca achei*” (Caetano, 24 anos, entrevista presencial). A suposição de que é necessário encontrar a *pessoa certa* para o sucesso de um relacionamento também fez parte da experiência de Clara - mesmo após diversos relacionamentos e até um casamento – e também de Selma. Esta era também indagação importante para Cristiano:

Eu pensei que o casamento não tinha dado certo porque foi uma coisa forçada, obrigada, imposta, e não uma coisa do coração por querer, por desejar. Então, eu pensava que não surgiu a pessoa certa. (Clara, 32 anos, entrevista presencial)

O que sempre ouvi sobre meu modo de ser é que era coisa de fase, que eu não tinha encontrado ninguém que eu gostasse e, quando isso ocorresse, eu mudaria de opinião. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Durante esse tempo, é claro, eu não me considerava assexual, e muitas explicações surgiram na minha cabeça, a mais forte de todas era a de que eu não havia conhecido a pessoa certa ainda, e que por isso eu ainda não havia sentido o

desejo que tanto já na minha idade outras pessoas haviam sentido. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Devido à percepção de que os discursos sexo-normativos apresentavam a falta de interesse por sexo como uma possível patologia, quase 20% entrevistados/as relatara ter procurado médicos, psicólogos, psiquiatras e terapeutas para consultas e exames, a fim de constatar um possível problema fisiológico ou psicológico para sua falta de interesse sexual e/ou amoroso. Dos/as 7 entrevistados/as que declararam ter buscado ajuda médica ou psicológica, como forma de compreender sua sexualidade, 4 são homens. A pressão social sofrida pelos homens para conformar-se ao padrão de heterossexualidade masculina exigido socialmente - moldado pelas relações de gênero e caracterizado pelo interesse sexual compulsório, intenso e frequente - pode gerar um sofrimento que impulsiona alguns a buscar diagnóstico, tratamento e cura para seu desinteresse por sexo. Como exemplo, temos as experiências compartilhadas por Vladimir e Evandro, e até mesmo por entrevistados muito jovens, como Cristiano e Sidney:

Por volta dos 17 anos, cheguei a consultar um médico urologista, pra ver se tava tudo bem comigo. Eu falei para checar se eu tinha algum problema, porque eu não sentia muito desejo sexual, se tinha algum problema com os órgãos genitais, com a parte urológica. Então, tava tudo bem, tudo normal, fui checado normal. Aí, que eu fiquei mais confuso ainda. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Eu fui a um psiquiatra [...] e teci comentários a respeito da minha indisposição à atividade sexual – que era antiga. [...] Ele perguntou, indiscretamente, se não seria porque eu não queria assumir uma possível homossexualidade. Eu disse que a falta de interesse sexual era direcionada a mulheres e também a homens. [...] Foi nesse momento, então, que ele disse que eu tinha, com certeza, ANOREXIA SEXUAL⁴³. Depois, procurei um psicólogo, e este confirmou o diagnóstico do psiquiatra: eu era “portador” de ANOREXIA SEXUAL. A palavra me incomodou profundamente. (Evandro, 29 anos, entrevistado por e-mail)

Ao conhecer o conceito de assexualidade, fui a uma psicóloga a fim de conversar mais sobre o tema. Ela falou que essa seria uma possibilidade, além de simplesmente não ter conhecido a pessoa certa, possibilidade que se sustenta até hoje, por sinal. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Como os exames que fiz com um urologista tiveram um resultado normal, não acredito que possuo um problema hormonal. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Das três mulheres que declararam ter consultado profissionais da área de saúde na tentativa de compreender sua sexualidade - Irene, Anita e Gilda - uma foi levada a um psicoterapeuta pela mãe, na juventude. A segunda procurou um médico clínico e um

⁴³ Transtorno da aversão sexual, conforme o Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM), COD 302.79.

psiquiatra, além de buscar respostas também no campo das religiões e crenças espirituais. A terceira, a entrevistada Gilda, já consultava um terapeuta devido à sua identificação como transexual, mas também foi um terapeuta que a ajudou a compreender seu desinteresse por sexo. Importante notar que essas três mulheres fazem parte do grupo de mais idade entre as pessoas entrevistadas:

Quando tinha uns 18 ou 19 anos, me vi numa situação meio "encomendada" pela minha mãe a um psicoterapeuta. [...] Então, me vi dentro de um discurso sobre a minha "anormalidade", disfarçadamente, onde o terapeuta me comparava à filha dele, ao comportamento dela, tão diferente do meu, e que pelo visto, deixava o pai feliz. Ele me indicou um livro, A arte de amar, como se eu fosse incapaz disso. (Irene, 48 anos, entrevista por e-mail)

Eu cheguei a fazer doseamento de hormônios, procurei várias crenças religiosas e espiritualistas para pesquisar alguma desordem espiritual e consultei um psiquiatra. (Anita, 51 anos, entrevista por e-mail)

Conversando com meu terapeuta [sobre a assexualidade], a gente percebeu que foi o primeiro momento que veio uma espécie de comprovação, que até então, a gente só tinha uma mínima noção; saber que não era doente por causa disso foi muito bom. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

A hipótese da possível homossexualidade faz parte da experiência de muitos/as entrevistados/as, seja como parte da construção de explicações para a diferença em relação aos pares, ou do questionamento motivado por comentários de outras pessoas de seu convívio. Nos *scripts* sexo-normativos, que estabelecem a compulsoriedade do interesse sexual, a falta desse interesse significa, necessariamente, ou patologia, ou a dissimulação de um possível interesse sexual não normativo, talvez “inconfessável.” No contexto da heterossexualidade compulsória, a masculinidade deve ser constantemente reafirmada socialmente. Nesse sentido, a atividade sexual masculina, seja no namoro, ou seja na versão mais informal, o *ficar*, tem o papel de ratificar as masculinidades:

Na representação dos rapazes, o exercício da sexualidade com a parceira figura como um ganho de aprendizagem técnica e afirmação de virilidade. Os rapazes já iniciados sexualmente dizem transar quando ficam, embora essa decisão esteja na dependência da parceira. Consideram inevitável, na relação de namoro, que o casal mantenha relações sexuais, que resultam da troca de intimidades. (RIETH, 2002, p. 80)

Por causa desses *scripts* masculinos, nas experiências de muitos entrevistados, sua falta de interesse sexual foi interpretada - por eles próprios, ou por pessoas de seu círculo social - como *homossexualidade reprimida*. A heterossexualidade compulsória pressupõe o interesse sexual compulsório. Na inexistência desse interesse, os pares masculinos podem desconfiar de uma possível homossexualidade. Nas palavras do

entrevistado Vladimir: “*Quando você não tem o comportamento tido, entre aspas, como normal, você é sempre homossexual, né?*” (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial). Gilberto passou muito tempo pensando ser homossexual, tendo mesmo até tentado relacionar-se com homens, pois não tinha interesse sexual por garotas. Diogo e Sidney também cogitaram esta possibilidade:

Imaginava ser um homossexual, apesar de nunca sentir atração alguma ou ter interesse por homens. Passei bastante tempo pensando ser homossexual, pelo simples fato de não ter vontade de ter relações sexuais com mulheres. Uma época, até tentei ter algumas relações com homens, porém, não sentia atração alguma por eles, nem sexual, nem romântica. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Eu cheguei a achar que era homossexual ou misantropo, mas com o tempo eu percebi que eu simplesmente não tinha atração por ninguém e a ideia de sexo pra mim... Eu não consigo aceitar por causa da invasão de privacidade. Eu não suporto contatos físicos. (Diogo, 22 anos, entrevista por e-mail)

Neste período de pré-adolescência, lembro de já ter cogitado a possibilidade de ser homossexual, mas descartei-a brevemente. Como já disse anteriormente, sabia que era diferente, mas continuei não compreendendo o sentido em que se constituía esta diferença. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Para esses entrevistados, a homossexualidade é a alternativa “natural” à heterossexualidade, por não conhecerem outras possibilidades fora deste sistema binário – mesmo a bissexualidade encontra-se dentro deste espectro. A experiência de definir a homossexualidade após a eliminação de outras possibilidades também fez parte do processo de autoidentificação do jovem entrevistado Tiago, já relatado neste tópico. O conhecimento da assexualidade como possibilidade identitária veio a apresentar para alguns/mas entrevistados/as o desinteresse sexual fora do contexto patológico estabelecido nos *scripts* sexo-normativos.

O pressuposto da homossexualidade – por si própria ou por amigos/as e família - também faz parte da experiência de algumas mulheres entrevistadas. No entanto, a percepção da homossexualidade feminina está mais relacionada à ausência de envolvimento amoroso e do interesse em “ficar”, e não necessariamente à falta de interesse sexual, como ocorre com os rapazes. Diante da pressão social e da falta de conhecimento sobre si - especialmente devido à falta de informação das instâncias socializadoras - algumas mulheres relatam o questionamento da própria sexualidade, como Denise e Liliane. No caso de Celina e Ludmila, o pressuposto da homossexualidade surgiu na forma de acusação pelos pares na escola:

Um pouco antes de descobrir a assexualidade, eu já estava questionando se era heterossexual mesmo, ou bissexual, por estar apresentando interesse romântico em relação a uma amiga na época. Isso foi antes de entender que interesse

romântico não tem nada a ver com a história... (Denise, 24 anos, entrevista por e-mail)

De fato, na época do colegial já que nunca tive interesse em “pegar” garotos já que não sentia atração física, muitas pessoas na época de escola começaram a soltar maldades do tipo me chamar de lésbica. [...] Por um tempo, de fato acreditei que tinha algo errado, mas depois deixei de dar bola. (Liliane, 22, entrevista por e-mail)

As pessoas da minha sala começaram a me chamar de lésbica e disseram até que eu queria namorar com uma menina da minha sala. Mas como eu poderia ser lésbica se eu nunca tive atração sexual por garotos e nem por garotas? (Celina, 19 anos, entrevista por e-mail)

E também teve uma vez que eu ouvi uma colega de turma na adolescência falando para outra: “Será que a Ludmila é lésbica? Ela nunca fica com ninguém.” Eu fingi que não escutei. (Ludmila, 29 anos, entrevista por e-mail)

Apesar da formulação das hipóteses mais comuns relatadas anteriormente, alguns/mas de entrevistadas/os declararam que nunca se sentiram demasiadamente incomodados/as, mesmo percebendo que eram diferentes. Na percepção destes/as entrevistados/as, seu modo de ser é diferente, podendo ser pouco comum, mas não necessariamente “anormal.” Giovana, Loreta, Simone, Carolina e Selma pensam que seu modo de viver a sexualidade não apresenta conflito com o modo como outras pessoas vivem, sendo apenas diferente. Guilherme acredita que seu modo de ser é inato, lembrando a pressão sofrida pelos homens para conformar-se aos padrões valorizados de masculinidade. A entrevistada Selma conta que, apesar de já ter questionado seu modo de ser, acredita que não precisa se conformar às expectativas sociais. Por último, Fernando afirma que o problema não estava em seu modo de ser, mas no modo como era percebido socialmente:

Nunca pensei que tinha alguma coisa de errado comigo. Se é normal sentir desejo, por que não é normal não sentir? (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Eu nunca me senti diferente por não ter feito sexo, minha mãe sempre me ensinou que eu só devo fazer o que eu quero, não o que os outros fazem. (Loreta, 19 anos, entrevista por e-mail)

Assim como tem gente que gosta, tem gente que não gosta. Eu não gosto e ponto. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

Me questionei bastante, mas com o tempo passei a aceitar que eu simplesmente era assim. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Descobri, então, que esse é meu jeito de ser e que não preciso seguir um padrão pra ser feliz. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Eu simplesmente nasci com essa característica. Não foi algo que eu aprendi. Mesmo porque, existe uma forte pressão social, principalmente se o indivíduo em questão for homem, para que tenha uma vida sexual ativa. (Guilherme, 22 anos, entrevista por e-mail)

Nunca senti nada de anormal comigo, mas tinha algum problema com a forma como eu era percebido pela família e amigos. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Conforme narrado ao longo desse tópico, os/as entrevistados/as da presente pesquisa relataram a percepção de uma diferença em relação aos pares, o que os/as levou à formulação de hipóteses explicativas. Como parte do processo de autoidentificação, a busca ativa por informações os/as trouxe o conhecimento da assexualidade, conforme será explorado no tópico a seguir.

5.1.2 Enfim, o encontro: “Existem outros como eu!”

Este tópico tratará das experiências dos/as entrevistados/as com a busca da pela compreensão de seu desinteresse sexual e/ou amoroso, bem como das mudanças promovidas pelo conhecimento do conceito de assexualidade em suas vidas, com destaque para as possibilidades e limites apresentados pelo conceito no processo de autoidentificação. Por último, alguns/mas informantes relatam suas experiências com a revelação de sua identidade assexual em seus círculos sociais, ou os motivos que os/as levaram à decisão pela não revelação.

Enquanto a escola foi o principal cenário no qual ocorreu a percepção dos *scripts* sexo-normativos e de sua diferença em relação aos pares por quase a totalidade de entrevistados/as nesta pesquisa, a instituição mostrou-se completamente ausente no acolhimento da angústia e das dúvidas dos/as participantes sobre sua sexualidade, independente da época em que ocorreu a escolarização. A omissão da escola – mas também da família e de outras instâncias socializadoras – levou muitos/as os/as informantes à investigação em outras fontes, iniciando um processo de busca identitária.

Nas sociedades pré-modernas, as identidades sociais eram praticamente determinadas no nascimento, definidas pela classe, meio social, entre outros fatores, sendo automática e compulsória a identificação dos indivíduos com os valores da comunidade (MARTUCCELLI, 2002). A religião, por exemplo, não era somente um conjunto de crenças do indivíduo, mas um conjunto de crenças que se fortalecia no compartilhamento com a comunidade. Portanto, havia uma dimensão pública das crenças e tradições privadas de cada um. A modernização traz ao indivíduo uma

abundância de diferentes pontos de vista, forçando-o a fazer escolhas, que já não têm tanto o caráter público que tinham na pré-modernidade (BERGER, BERGER e KELLNER, 1983). Esta busca de si enquanto indivíduo distinto da sociedade é uma característica da modernidade:

A busca da autoidentidade é um problema moderno, talvez originado no individualismo ocidental. [...] A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o status social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo, neles, era relativamente passivo. (GIDDENS, 2002, p. 74)

Por meio do processo denominado por Martuccelli (2002) de desinstitucionalização, a construção da identidade na contemporaneidade tornou-se tarefa do próprio indivíduo, que deverá agir como um verdadeiro *bricoleur*, o consumidor de sinais do mundo, o construtor da própria identidade. Isso mostra a força das novas configurações dos processos de socialização da contemporaneidade, conforme tratado por Maria da Graça J. Setton (2002; 2005). O indivíduo assexual é, acima de tudo, um *bricoleur*.

Neste ponto, é importante retomar a discussão sobre o surgimento das comunidades virtuais de base identitária desenvolvida no Capítulo 2 e acrescentar que as diversas transformações sociais ocorridas ao longo das três últimas décadas do século XX também trouxeram mudanças aos processos de socialização. Segundo Setton (2005), em lugar das instâncias socializadoras tradicionais, as transformações sociais trouxeram, adicionalmente, novas configurações ao processo de socialização, observando que “família e escola, tradicionalmente detentoras do monopólio de formação de personalidades, aos poucos perdem seu poder na construção das identidades sociais e individuais dos sujeitos” (SETTON, 2005, p. 346). A pesquisadora se refere ao fenômeno da cultura de massa, o qual tem se expandido e se solidificado no Brasil desde os anos 1970, promovendo transformações significativas e profundas na educação das massas e dos indivíduos (SETTON, 2002). A mídia se coloca, na contemporaneidade, como “importante agência socializadora ou educadora” (SETTON, 2005, p. 337).

As transformações ressaltadas por Setton são especialmente importantes para a reflexão sobre o impacto das novas configurações de socialização que permitiram aos/às

entrevistados/as da presente pesquisa a autoidentificação como assexuais. O indivíduo da contemporaneidade encontra-se imerso em uma profusão de informações, conhecimentos, discursos e modelos e *scripts* culturais disponibilizados por diversos canais da mídia - como a televisão e a internet - que facilita sua busca identitária. Conforme observa Gagnon, até mesmo a pesquisa científica é disponibilizada por diferentes meios de comunicação, contribuindo para a produção discursiva sobre o sexo:

Os jovens de hoje crescem num mundo pós-freudiano, pós-kinseyano e quase pós-Masters e Johnson, no qual as descobertas da pesquisa sobre sexualidade transmudam-se em cultura popular, mediante a alquimia das revistas de grande circulação, das colunas de aconselhamento, dos livros de divulgação científica e dos manuais de psicologia das anormalidades, sociologia, fisiologia e economia doméstica. (GAGNON, 2006, p. 68)

E foi pelo caminho da circulação de discursos sobre a assexualidade, disseminados pelas tecnologias midiáticas da contemporaneidade - e não pela família ou pela escola - que as pessoas entrevistadas nesta pesquisa articularam sua autoidentificação assexual. Foi pelas diversas interações sociais desenvolvidas na internet – seja nas comunidades virtuais ou em grupos nas redes sociais – que esses indivíduos conheceram o conceito de assexualidade, compartilharam suas histórias, estabelecendo trocas com outras pessoas com experiências semelhantes.

Apesar da diferença geracional dos/as informantes da pesquisa - que contavam entre 15 e 59 anos de idade nas datas das entrevistas - o modo como chegaram ao conceito de assexualidade - ou buscaram aprofundamento de seus conhecimentos - foi basicamente o mesmo: a internet. Quanto mais jovem, mais cedo o indivíduo tomou conhecimento desta possibilidade da identificação como assexual. Isso ocorre porque, como já mencionado antes, a ideia do desinteresse por sexo na perspectiva de sexualidade legítima só se tornou conhecida no início do século XXI, com a popularização do acesso às tecnologias de informação e comunicação, o que tornou possível a formação de comunidades em torno da identidade assexual. Como exemplos, temos o entrevistado mais jovem, Tiago - com 15 anos na data da entrevista - que desde os 12 anos buscava, na internet, compreensão para as particularidades de sua sexualidade. Por outro lado, temos a entrevistada de mais idade, Gilda - com 59 anos na época da entrevista – que só conheceu a assexualidade depois dos 50 anos.

Portanto, a maioria das pessoas entrevistadas nesta pesquisa chegou ao conhecimento do conceito de assexualidade pela internet - sobretudo, por acesso às

comunidades assexuais estrangeiras ou brasileiras - além de outros canais de comunicação, como televisão, jornais e revistas. Constatei, nesta pesquisa, que nem todos os/as entrevistados/as buscavam ativamente explicações para seu desinteresse por sexo e/ou relacionamentos amorosos. Alguns/mas foram alcançados/as por esta discussão por acaso - seja pela televisão, jornal, revistas, comentários de pessoas conhecidas, ou pesquisando algum outro tema na internet - e começaram a explorar o conceito a partir desta eventualidade. Outros/as, incomodados/as com seu sentimento de inadequação na sociedade sexo-normativa, conheceram a concepção de assexualidade em suas buscas por compreensão de si.

Aqueles/as que conheceram o conceito por novelas, programas de televisão, jornais e revistas, fizeram, em seguida, a busca na internet para acessar *blogs*, comunidades e materiais da mídia sobre o assunto. A ferramenta de busca mais citada para explorar o conceito foi o *Google*, sendo que a partir daí, os/as participantes afirmam ter chegado a outros recursos como a *Wikipedia*⁴⁴ e *Youtube*⁴⁵, entre outros. Aqueles que conheceram o conceito há mais tempo, indicam as comunidades da rede social *Orkut* como fontes de discussão. São poucos/as os/as que nunca ouviram falar da *Asexual Visibility and Education Network* (AVEN); mesmo aqueles/as que desconhecem a comunidade norte-americana, conhecem suas ideias, apropriadas e divulgadas por diferentes canais na internet brasileira. Alguns/mas citaram o *Google Tradutor* como instrumento para entendimento dos conteúdos em inglês disponível na rede virtual.

Cerca de 10% dos/as participantes mencionou ter assistido a alguma entrevista ou palestra concedida por mim a redes de televisão ou a programas na internet. Também 10% revela ter se deparado com o conceito de assexualidade pela primeira vez ao assistir a novela *Malhação ID*, da Rede Globo, temporada de 2010, a qual explorou a trajetória de um jovem assexual. Praticamente a totalidade dos/as participantes tomou conhecimento sobre a realização da pesquisa pelo *Blog Assexualidades*, criado por mim em 2010, tendo respondido ao convite postado no *blog* para participar da investigação.

Segundo os/as informantes, o conhecimento do conceito de assexualidade serviu para nomear um conjunto de sentimentos que os/as acompanhava ao longo a vida: o de

⁴⁴ Enciclopédia virtual, interativa, de acesso livre, lançada em 2001. http://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page

⁴⁵ Site de compartilhamento de vídeos, lançado em 2005, sendo propriedade do *Google* desde 2006. <https://www.youtube.com>

não ter interesse por relacionamentos sexuais e/ou amorosos e de se sentirem oprimidos por uma sociedade construída sobre o pressuposto da compulsoriedade desse interesse. Ressalto que, embora a chamada de participantes para a pesquisa tenha sido feita para “pessoas que se identifiquem como assexuais”, alguns/mas participantes revelaram, na entrevista, que não adotam o rótulo, apesar da identificação com o conceito. Isto ocorre, seja pelo entendimento de que alguns aspectos das definições mais disseminadas de assexualidade não contemplam integralmente suas experiências; seja por julgar desnecessária a filiação a um rótulo; seja por entender que sua sexualidade é mais bem definida como uma forma de viver a sexualidade, em lugar de orientação sexual; seja por ainda estar no processo de autoidentificação e não ter certeza. Tais posicionamentos serão apresentados mais adiante.

Alguns/mas respondentes afirmaram que, por falta de conhecimento da existência de uma palavra descrevesse seu modo de ser, fizeram buscas intuitivas na internet, “testando” a palavras *assexualidade*, *assexuado/a*, entre outras possibilidades. Aqui, conteúdos escolares de língua portuguesa, ciências e biologia os/as ajudaram na tarefa. O depoimento de Marcelo indica que o que sabia sobre assexualidade referia-se aos conteúdos das aulas de ciências, e por si só, não estabeleciam uma ligação direta com sua sexualidade, o que só veio a ocorrer por meio de pesquisas posteriores:

Conheci esse termo na escola durante o 7º ano, quando estudávamos os seres sexuais e assexuais. No entanto, esse termo nunca teve nenhum vínculo com a minha definição sexual. A primeira impressão que tive foi de que eu era uma “planária” que iria se reproduzir por bipartição. [...] Me sentia como um garoto que ainda não havia descoberto do que gostava. Li que essa palavra aplicava-se aos seres humanos que não tinham desejo sexual. (Marcelo, 19 anos, entrevista por e-mail)

Alguns/mas participantes relatam ter acrescentado o prefixo negativo de origem grega *a-* à palavra *sexual* – obtendo, *asexual*, ou ajustando-a para *assexual*, esperando que a ferramenta de busca os/as levasse a fontes de referência. Ambas as palavras – *asexual* ou *assexual*, respectivamente inglês e português – levavam a fontes de informação no campo da biologia – sobretudo sobre organismos unicelulares, como as amebas - mas também a recursos sobre a assexualidade humana, como *blogs*, comunidades e fóruns de discussão:

*Eu sempre tive muito apego por conhecimento científico e eu cheguei a forjar o termo *assexual*, pois eu sabia que “a” significa não. [...] Antes de conhecer o termo *assexualidade*, eu não tinha uma classificação propriamente dita para a minha situação. Só sabia que eu era uma pessoa não-hétero e não-gay. (Diogo, 22 anos, entrevista por e-mail)*

Por intuição, procurei a palavra. Acho que estava procurando algo sobre diversidade sexual, para ver onde eu me encaixava. (Jorge, 21 anos, entrevista por e-mail)

Uns dias antes de mandar um e-mail para a senhora, eu estava no site do Google procurando uma forma de me entender e digitei a palavra “pessoa assexual” para ver se isso existia, se existiam pessoas assim num mundo tão sexual. (Laura, 35 anos, entrevista por e-mail)

Deparei-me com a palavra assexualidade há uns quatro anos atrás. Isto aconteceu quando, em um dia onde eu estava me sentindo mal e confusa, eu comecei a pesquisar na internet para ver se o meu modo de ser tinha explicação; se eu era normal; se outras pessoas eram assim. Assim, como há a reprodução assexuada, pensei: “Porque não pesquisar por assexualidade?” Foi assim que cheguei a uma comunidade no Orkut. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Eu já tinha essa ideia de que eu não ligava para sexo, eu não sabia da palavra assexual também, mas um dia eu resolvi pesquisar. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

O processo de forjar termos para fazer pesquisas na internet - por desconhecimento de uma palavra que caracterizasse o desinteresse por sexo - constitui experiência bastante comum compartilhada nos fóruns de discussão sobre assexualidade, seja no Brasil ou exterior. Aqui, é possível constatar, mais uma vez, a impossibilidade deste procedimento antes do advento da internet e de suas ferramentas de busca, bem como inviável em contextos nos quais o acesso à internet é inexistente. Esta constatação reforça a compreensão de que a assexualidade é fruto das formas de construção, organização e acesso ao conhecimento - bem como modos de associação comunitária- características da contemporaneidade, na qual ocorreu a popularização do acesso à internet no mundo globalizado, bem como o desenvolvimento das tecnologias necessárias.

Antes de conhecer o conceito de assexualidade, alguns/mas participantes mencionaram seu sentimento de desidentificação social, por meio do uso de algumas comparações figuradas – como, por exemplo, *peixe fora d’água*, *passarinho fora do ninho*, sendo a mais comum, o *ET (Extra-Terrestre)*, bem como a palavra *alienígena*. É possível que o uso tão frequente do extraterrestre como personificação do sentimento de inadequação social vivido pela pessoa assexual deva-se às trocas entre assexuais nas comunidades virtuais. O sentimento de ser a “única pessoa do planeta” que não se interessa por sexo, ou de ter vindo de *outro planeta*, mostra o estranhamento às regras sexuais da sociedade sexo-normativa:

Eu sempre me achei um ET no meio de todo mundo. Então, vendo isso, eu já não me senti uma estranha. Na época, já me satisfez saber que eu não era a única. (Clara, 32 anos, entrevista presencial)

Eu me identificava como alienígena. No começo eu estava super entusiasmada. Finalmente, eu pensei que iria me encaixar, que eu iria ter um monte de amigos e que todos gostariam de mim. (Celina, 19 anos, entrevista por e-mail)

O conceito se aplica a mim, pois me “encontrei”, fiquei mais tranquila, não me achando um “ET”. Quando fiquei sabendo que existiam pessoas com eu, que eu não era a única no mundo que não ligava para sexo, pude entender muitas coisas que eu passei na minha vida, mas não entendia. (Laura, 35 anos, entrevista por e-mail)

Como muitos assexuais, eu também me sentia um “ET”. Depois de descobrir que do planeta de onde eu vim outros vieram comigo, me senti melhor, parece que encontrei minha identidade e uma explicação pra tudo o que eu sentia (no caso, para o que eu não sentia). É um conceito muito amplo, e até hoje não encontrei outro conceito que descrevesse tão bem a forma como sou. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

Finalmente eu tinha encontrado pessoas com as quais eu me identificava. Até então, achava que eu era a única pessoa do planeta que não tinha interesse em sexo, e isso me deixava um pouco triste. Saber que existem pessoas como eu, foi um grande alívio. (Guilherme, 22 anos, entrevista por e-mail)

O fato de ser ao mesmo tempo ateu e assexuado me torna praticamente um ET, pois eu vivo em um país muito religioso e que considera o sexo algo sagrado junto com o futebol. (Diogo, 22 anos, entrevista por e-mail)

A metáfora fantasiosa do alienígena que chega à Terra, vindo de um planeta no qual a compreensão da realidade ocorre de forma diferente - sentindo-se sozinho, isolado e completamente estranho numa sociedade que não o compreende, rejeita e hostiliza - é bastante utilizada nas comunidades assexuais brasileiras e estrangeiras. Esta alegoria explica a sensação de *voltar para a casa*, sugerida por alguns/mas participantes com a “descoberta” do conceito de assexualidade e, portanto, do conhecimento da existência de outras pessoas com características semelhantes.

Quando conhecem o conceito de assexualidade e leem os depoimentos de pessoas assexuais nas comunidades virtuais, os/as entrevistados/as relatam sentimentos de identificação, alívio, felicidade, pertencimento, encontro de si, passando a reinterpretar suas experiências passadas sob a nova ótica. Antigos sentimentos de patologia, parecem ter sido esclarecidos para a entrevistada Amanda e os entrevistados Vladimir e Guilherme. Para Rafaela, a descoberta trouxe a compreensão do sentimento de baixa autoestima que a acompanhava, colocando um fim à sensação de isolamento que sentia:

Me identifiquei muito, me senti aliviada. Pois me culpava muito, cheguei a achar que eu era frígida, mas nunca tive interesse em fazer tratamentos, por isso que me enquadrei neste grupo. (Amanda, 29 anos, entrevista por e-mail)

Percebi que não estava sozinho nessa jornada, e principalmente, cheguei à conclusão de que eu não tinha uma patologia pelo fato de não ter interesse em

sexo, porque sempre me senti bem desse jeito. (Guilherme, 22 anos, entrevista por e-mail)

Quando eu comecei a ler, já pra mim... poxa, para mim foi fantástico. Quando eu entendi que existem pessoas assim mesmo, e que isso é normal, poxa, pra mim foi como se eu tivesse uma doença e conseguisse o diagnóstico, pra entender o que é que eu tinha. Eu fiquei apaziguado, acendeu uma luz pra mim. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Antes eu achava que era somente uma “azarada”, uma combinação de pessoa feia e desinteressante, desprovida de “sex appeal”, romanticamente falando, e às vezes achava que fosse celibatária. Quando fui descobrindo - o que ainda está acontecendo - o que senti primeiro foi alívio, por saber que não estava só, que havia outros com aspectos em suas vidas parecidas com as minhas. (Rafaela, 25 anos, entrevista por e-mail)

O sentimento positivo de pertencimento a um grupo foi citado por diversos/as participantes como fator que os/as tirou do isolamento de ter passado a vida sentindo-se sozinho/as em suas experiências. Recorrendo à metáfora do ET, é como descobrir que outros/as alienígenas também vieram do mesmo planeta distante, estando geograficamente dispersos na Terra, desconhecendo a existência uns dos outros. Nas palavras de Catarina, Selma, Simone e Tereza:

Descobri que existem outras pessoas como eu, que estão lutando para serem aceitas. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

Existem pessoas como eu! Fiquei muito feliz. Agora me sinto muito aliviada. Sei que não preciso seguir o padrão social/cultural para me sentir bem. Agora sei disso! (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Foi bom saber que há outras pessoas como eu e principalmente, me ascendeu a esperança que conseguir ter um relacionamento amoroso sem sexo com alguém. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

O fato de saber que há muitas pessoas como eu, me fez pensar que, se eu tivesse consciência disso antes, não teria passado por episódios em que me senti diferente, em que me senti uma pessoa faltando alguma coisa, em que me senti uma mulher infeliz. (Tereza, 44 anos, entrevista por e-mail)

A experiência do conhecimento sobre a assexualidade levou alguns/mas entrevistados ao sentimento de terem descoberto uma “verdade” sobre si, que estava oculta e só veio à tona com a constatação de que não eram os/as único/as. Esta percepção de ter finalmente se “encontrado” é relatada pelos/as entrevistados/as como o fator que os/as conduziu à aceitação de si, conforme os depoimentos de Carolina, Catarina, Gilberto Irene e Loreta:

Senti como se houvesse me encontrado. Eu não era mais um problema, um caso único, era só diferente da maioria, assim como aparentemente muitas outras pessoas também eram. E eu senti uma felicidade imensa ao descobrir isso, como se eu finalmente tivesse descoberto quem eu sou. (Carolina, 25anos, entrevista por e-mail)

As pessoas normalmente não entendem, e parece que estar em um relacionamento amoroso é obrigatório nesta sociedade. [...] Depois que eu conheci o conceito de assexualidade, acho que ficou mais fácil aceitar quem eu sou. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

De fato, me senti bastante satisfeito em conhecer melhor sobre quem eu sou. Antes, ficava constantemente em dúvida se era hetero, homo, ou até bi. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Antes disso eu me classificava externamente como esquisita, anormal, inadaptada; por dentro, sabia que não havia nada de errado comigo. [...] O que mudou?... Uma maior aceitação, um relaxamento, uma luz do lado de fora. (Irene, 48 anos, entrevista por e-mail)

Era essa a minha ideia, de que eu deveria fazer sexo, que me livre. E com ela veio uma sensação de aceitação (não sei explicar), é como se eu descobrisse quem eu realmente sou. (Loreta, 19 anos, entrevista por e-mail)

Algumas narrativas deixam clara a familiaridade dos/as participantes com o ideário sobre assexualidade discutido nas comunidades virtuais, como por exemplo, a desvinculação entre amor e sexo, portanto, a possibilidade de um interesse amoroso que caminhe independente do interesse sexual. O vocabulário criado pela AVEN para nomear e classificar as diferentes orientações afetivas/amorosas/românticas das pessoas assexuais pontua os relatos dos/as entrevistados/as:

Logo que li os conceitos, vi uma descrição de mim, não tendo dúvidas de que sou assexual. Acredito que esse conceito se aplica a mim como assexual heterorromântica, pois já me apaixonei duas vezes e em nenhuma senti atração sexual. (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail)

Eu diria que estaria na classificação de heterorromântica. Pude notar que tinha mais pessoas iguais (no sentido de orientação) na escolha, e que nem por isso eram padres ou coisa do tipo (sim, escutei muito disso, já que não quer ir para cama, vira padre/freira etc). [...] Nem a ideia do sexo me agrada, imagina então, fazer, deve ser pior ainda. (Liliane, 22 anos, entrevista por e-mail)

Sempre fui muito racional, mas me vejo numa relação afetiva, seja com homem ou mulher - desde que sem relações sexuais. Em verdade, sou um assexual birromântico. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Acredito que o conceito de assexualidade se aplica a mim por eu nunca ter sentido atração sexual, física, ou mesmo romântica por outra pessoa. Por isso, acredito que sou um assexual arromântico. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Me identifico com o conceito porque, para mim, falta interesse por sexo, mas não pelo amor romântico. (Helena, 34 anos, entrevista por e-mail)

Como mencionado no início deste tópico, embora a maioria dos/as entrevistados/as declare que o conceito de assexualidade, de certa forma, mudou suas vidas para melhor, nem todos/as adotam o rótulo, seja por se identificarem parcialmente com a definição, por ainda não terem conhecimento suficiente para se assumirem, ou não estarem seguros de que a assexualidade, de fato, caracterize suas experiências. Os

entrevistados Eduardo, Edson e a entrevistada Kelly acreditam que o conhecimento da assexualidade não promoveu mudanças perceptíveis em suas vidas:

Para mim, não mudou nada, continuo sendo o mesmo. Cá entre nós, sexo é só para reprodução. A ciência comprova que sentimos orgasmos, eu sinto orgasmo, mas para mim é chato, não me convence essas coisas de orgasmo. Para mim, sexo é só para reprodução. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

Creio que, na prática, nada mudou. Somente quando eu me afirmar (e terei que fazer isso repetidas vezes) é que algo resultado pode advir. As pessoas não sabem que não quero fazer sexo com elas. [...] Quanto à aplicação do conceito a mim, não tenho certeza sobre isso. (Edson, 35 anos, entrevista por e-mail)

Considerava esta falta de desinteresse apenas um traço de personalidade. Sinceramente, eu não sei se algo realmente mudou na minha vida depois que eu descobri a assexualidade. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

Alguns/mas participantes declararam não sentir-se totalmente à vontade em se rotular como assexuais por ainda estarem descobrindo e explorando esta categoria. Mesmo assim, existe certo grau de identificação, pois, a convicção de que eram elegíveis os/as motivou a participar da pesquisa. Seguem alguns exemplos:

Depois de ler alguns artigos sobre o assunto comecei a assimilar a ideia, mas atualmente me sinto um pouco desconfortável com essa palavra. (Marcelo, 19 anos, entrevista por e-mail)

Não sei se o conceito se aplica a mim, sei pouco sobre o assunto. (Alice, 39 anos, entrevista por e-mail)

Eu sabia que existiam pessoas como eu que não faziam sexo, mas não sabia que isso tinha nome. Agora me sinto um pouco menos anormal, mas não tenho certeza se esse conceito se aplica a mim. (Miriam, 28 anos, entrevista por e-mail)

A entrevistada por e-mail Rafaela identifica-se com o conceito de assexualidade, porém, sua inclinação a sentir algum tipo de atração por rapazes e sua aversão à masturbação - experiências que variam no espectro da assexualidade discutidas nas comunidades assexuais - fazem-na cogitar se tais particularidades a impediriam de classificar-se como assexual:

Eu consigo ver e admirar um belo homem. Acho que consigo me excitar fisicamente, mas não tenho o menor interesse em tentar me estimular, nunca me toquei. Não sei se isso me faz uma “verdadeira” assexual, mas é assim que sinto que me encaixei! (Rafaela, 25 anos, entrevista por e-mail)

Embora as discussões mais comuns sobre a assexualidade no mundo virtual girem ao redor do desinteresse pela atividade sexual com parceiro, é comum que também abarquem o desinteresse amoroso de alguns/mas, que se identificam como *assexuais aromânticos*, conforme o vocabulário da AVEN. Porém, na reflexão do

entrevistado por *e-mail* Guilherme, e da entrevistada presencial Giovana – os quais não têm interesse por relacionamentos amorosos – este entendimento não está claro:

Esse conceito sobre assexualidade se aplica bem a mim, mas não de maneira 100% satisfatória, pois o conceito diz apenas que assexual é aquele que não sente atração sexual. No entanto, no meu caso em especial, eu também não sinto atração romântica (sou aromântico). Logo, o conceito não abrange por completo a minha situação. (Guilherme, 22 anos, entrevista por e-mail)

Vi nas comunidades pessoas que se apresentaram como assexuais, mas com algum interesse afetivo ou romântico, né? E eu não tenho isso. Aí, voltei para a minha escuridão para refletir: o que é afeto? O que é gostar? Tive que refletir novamente porque eu não tive isso. Será que eu sou melhor ou pior, porque eu não sinto atração afetiva por ninguém? Será que eu vou conseguir sobreviver na sociedade sendo assim? Me identifiquei com o conceito, mas tem esta diferença. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Adicionalmente, o fato de que algumas pessoas que, mesmo se identificando como assexuais, ainda sentem algum tipo de atração sexual – mesmo que em níveis baixos e não completamente compreendidos – também pode gerar dúvidas naqueles/as que são confrontados com as definições mais comuns de assexualidade, que apregoam total desinteresse sexual:

Eu agora sei quem eu sou e que não há nenhum problema comigo. Acho que eu tenho um baixíssimo interesse sexual, mesmo que não totalmente nulo. Certamente é a orientação sexual que mais se aproxima do que eu sou. (Jorge, 21 anos, entrevista por e-mail)

Existe um resquício de heterossexualidade. Mas esse resquício é fraco, sabe? Ele não toma corpo, não vem à tona. É um resquício assim, como se fosse uma lembrança, uma coisa bem tênue. Então, existe isso, entendeu? (Vladimir, 46 anos entrevista presencial)

A entrevistada Rebeca, que teve apenas um relacionamento amoroso/sexual significativo e duradouro na vida – entre alguns poucos passageiros – declarou que não se filia à categoria dos assexuais, apesar de reconhecer semelhanças de sua conduta com as descrições de outras pessoas que assim se identificam. Rebeca diz que, mais do que o simples comportamento, ela percebe a assexualidade como uma forma de ver o mundo, fora da ótica sexual, uma perspectiva que confere equilíbrio aos vários aspectos da vida, não situando as relações amorosas e sexuais como prioridade:

Me identifico com o conceito porque não vejo o mundo com o óculos da sexualidade, mas não preciso de rótulo. Eu sou sexualizada, o sexo pode ser bom quando o relacionamento é bom. Acredito que tenho comportamento sexual mais civilizado, só isso. (Rebeca, 49 anos, entrevista presencial)

Os meios de comunicação - sobretudo, a internet - foram apontados pelos/as entrevistados como o canal pelo qual chegaram ao conceito de assexualidade, ou nele

aprofundaram seus conhecimentos. O conhecimento do conceito de assexualidade - conforme os relatos - afastou o medo da patologia, trouxe a sensação de normalidade, conferindo-lhes o sentimento de pertencimento a um grupo maior de iguais. Importante também observar a ausência de outras instâncias socializadoras – como a família e a escola - no processo de busca identitária dos/as entrevistados/as. Seria importante investigar, em outro momento, a magnitude da internet como recurso na busca de informações sobre sexualidade, e até que ponto esta tem concorrido ou substituído a família e a escola na educação sexual de adolescentes e jovens.

Uma constatação interessante trazida pelos resultados de campo, e que mereceria averiguação mais aprofundada, é o fato de que entre os 40 entrevistados/as, somente cerca de 15% participa ativamente de comunidades assexuais. Para os demais, parece ter sido suficiente conhecer o conceito e se identificar com ele, não havendo a necessidade de envolvimento comunitário, ou da promoção de encontros no cenário público. Acredito que esse resultado reflita a forma de chamada de participantes para a pesquisa, que foi feita pelo *Blog Assexualidades*. Se a pesquisa tivesse sido divulgada por mim diretamente nas comunidades assexuais, é possível que houvesse um número mais significativo de entrevistados/as envolvidos/as no ativismo assexual. Por outro lado, embora os/as informantes não tenham mencionado participação em comunidades, é possível que participem, ocasionalmente, em discussões promovidas por grupos assexuais em redes sociais como o *Facebook*, os quais não requerem o envolvimento e o comprometimento característicos das comunidades.

5.1.3 O processo de (não) revelação: decisões e contingências

Uma vez que as pessoas entrevistadas nesta pesquisa identificaram-se - total ou parcialmente - com o conceito de assexualidade, de que modo isso mudou suas relações sociais? Identificam-se abertamente como assexuais, ou continuam a viver “no armário”? Revelam sua nova autoidentificação para alguém, ou estão satisfeitos somente com o conhecimento de que existem outras pessoas como elas? Esta foi uma pergunta colocada aos/às participantes, mas que nem todos/as responderam. Entre os/as que o fizeram, grande parte afirma não ter revelado sua nova autoidentificação em seus círculos sociais. É notável, também, que a maioria dos/as entrevistados/as que optou pela revelação são os/as mais jovens, abaixo de 30 anos.

A principal dificuldade da revelação da assexualidade, segundo os/as entrevistados, é o desconhecimento sobre esta possibilidade de identificação sexual por parte das pessoas de seu convívio. Ao passo que outras formas de sexualidade - como a homossexualidade, a bissexualidade, a transexualidade - são mais conhecidas, a assexualidade ainda não conta com a mesma visibilidade. Portanto, a revelação requer também a explicação do significado do conceito, o que costuma gerar descrença nos interlocutores. Entre os/as entrevistados/as existem alguns que não contaram para ninguém - nem mesmo para a família - por entenderem que esta autoidentificação não diz respeito a ninguém mais, ou por não sofrerem pressão da família para que estejam em relacionamentos amorosos e/ou sexuais, ou ainda, por avaliarem que suas famílias não entenderiam, como exemplificam estas falas:

Não contei para ninguém e não pretendo contar. Sei que minha família não entenderia. Só falaria a respeito com quem eu quisesse namorar. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

No caso da minha família, ainda não tive coragem de me abrir. Infelizmente, minha família é pouco aberta a orientações sexuais diferentes. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Não me identifico como assexual para minha família, nem para ninguém. Eles nunca entenderiam isso e com certeza me questionariam muito e iriam tentar, de todas as formas, mudar meu jeito de ser. Com certeza pensariam que estou ficando louca e continuariam com a ideia de que ainda não encontrei alguém que me deixasse apaixonada. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Não falei para minha família mais próxima porque não vejo a necessidade, já que não há cobrança. Claro que devem achar estranho, mas não comentam, não me tratam diferente, não tentam me mudar; então, tudo bem. E por já haver essa aceitação, falar não mudaria nada, seria apenas dar um nome pro que já é visto. Então, pra quê? (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Alguns/mas entrevistados/as decidiram contar sua identificação sexual para a família, recebendo apoio para seu modo de viver. O entrevistado Cristiano, por exemplo, sente que, apesar de sua mãe ter manifestado aceitação, não tem certeza de que a compreensão tenha sido genuína. O estranhamento, aliás, costuma ocorrer mesmo nos casos de aceitação familiar, conforme ilustram os seguintes relatos:

A minha família sabe que eu sou assexual e realmente me apoia. Principalmente minha mãe. (Celina, 19 anos, entrevista por e-mail)

Eu disse a minha mãe que era assim que eu me sentia e claro, ela pareceu aceitar normalmente, apesar de a reação inicial dela, ao meu ver, ser muito semelhante a de alguém que não sabe o que pensar direito mas que camufla para simplesmente não me gerar nenhum incômodo. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Para alguns familiares com quem posso conversar assuntos mais específicos sobre mim - que são poucos - eu fiz alusão ao fato, mas a cara de todos é de estranhamento, porque poucos conhecem sobre o assunto. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Recentemente senti a vontade de contar aos meus pais sobre a minha sexualidade, e, apesar do desconhecimento do tema, eles foram bastante receptivos com a notícia, apesar de acreditarem que a situação pode se alterar e pedirem para que eu fizesse exames para confirmar se não há nenhum problema orgânico comigo. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Em outro tipo de reação familiar também relatada, as famílias mostram sua descrença, questionando a possibilidade da assexualidade como identidade sexual plausível, levantando outras possibilidades para a falta de interesse sexual e/ou amoroso. Em alguns casos, não falar mais sobre o assunto parece ser a opção de algumas famílias após a revelação da assexualidade:

Uma vez tentei conversar com minha mãe sobre o assunto e a resposta dela foi a seguinte: “Quem não gosta de uma coisa, gosta de outra”, respondi que isso não tinha nada a ver e deixei pra lá. Resolvi não falar mais sobre o assunto. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

Já falei pra minha mãe, mas ela não quis acreditar, pensou ser uma doença e atualmente não se fala mais nesse assunto. Ela age como se eu nunca tivesse dito nada. [...] Há a pressão da sociedade. Eu sofro mais pressão da minha mãe (Jorge, 21 anos, entrevista por e-mail)

Em seus depoimentos, alguns/mas entrevistados/as declararam ter revelado sua sexualidade a alguns amigos/as mais próximos, sendo que as reações foram diversas. A maioria dos amigos mostrou-se receptiva à revelação, reafirmando sua amizade, oferecendo apoio – apesar de muitos/as não conhecerem o conceito. Em outros casos, os/as amigos/as ofereceram seu suporte, mas não parecem ter compreendido ou acreditado na possibilidade do desinteresse sexual nomeado como identidade. Alguns/mas amigos/as, apesar da aparente aceitação, sugeriram ao/à entrevistado/a verificar outras possibilidades antes de assumir a identidade assexual:

Contei também para outra amiga que inicialmente achou que pudesse ser algum problema hormonal ou trauma de infância, mas falei que não. Ela me perguntou se eu me sentia bem assim, respondi que sim, que perfeitamente bem, e aí ela aceitou bem. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Eu digo para amigos mais próximos – mas nenhum considera viável, possível ou lógico. Creem que eu tenho problema em me assumir homossexual. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Alguns amigos também sabem, e eles apesar de respeitarem também não me parecem que botam muita “fé.” Em alguns, isso é mais perceptível, outros são mais sutis. Uma amiga, em especial, vive oferecendo possibilidades, hormônios, experiências desagradáveis, medo de eu não ter encontrado a pessoa certa... (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Outra reação também relatada por alguns entrevistados/as por parte dos amigos é o questionamento desta identificação sexual, considerando sua falta de experiência

sexual. Em alguns casos, tais amigos/as sugerem a prática sexual como forma de ter certeza sobre o desinteresse por sexo, ou ainda, oferecem “ajuda” para a confirmação:

Uns aceitaram de boa; já outros, tive que escutar a famosa frase “se nunca experimentou não sabe se gosta ou não.” Acho errado isso. (Liliane, 22 anos, entrevista por e-mail)

Existem ainda aqueles que deixam claro a sua descrença e até se ofereceram para, bem... tirar isso a limpo, fazer um “teste” digamos. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Ainda hoje escuto coisas do tipo: “Mas você tem certeza de que é isso mesmo?” ou “Quando você provar vai deixar de ser assexual rapidinho”. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

A descrença na assexualidade como possibilidade legítima de sexualidade por meio da sugestão a prática do sexo “só para confirmar,” é uma experiência bastante comum relatada nas comunidades assexuais. É notável que a prática sexual – seja com pessoa do outro ou do mesmo sexo - nunca seja oferecida a pessoas heterossexuais como forma de confirmar sua heterossexualidade. O fato de a heterossexualidade nunca ser questionada, nunca demandar justificativas ou explicações, reafirma a heteronormatividade.

Nas experiências dos/as participantes, duas situações específicas, tornam a revelação pública da assexualidade desnecessária. A primeira, quando o indivíduo encontra-se em um relacionamento amoroso - principalmente o casamento - no qual a prática da atividade sexual é socialmente presumida. O entrevistado Vladimir, por exemplo, revelou sua sexualidade à esposa e ao filho, após conhecer o conceito, porém, não vê a necessidade da revelação a seus amigos e familiares, uma vez que sua situação conjugal não suscita dúvidas quanto à atividade sexual, não havendo, portanto, pressão social pelo sexo. Apesar disso, mesmo antes de revelar sua assexualidade à esposa, a recusa de Vladimir ao sexo frequente fazia com que sua esposa tivesse suas próprias teorias em relação ao desinteresse do marido, em especial, suspeitando de uma possível homossexualidade. A entrevistada Amanda, confirma que a revelação social da assexualidade torna-se desnecessária quando a pessoa assexual está em um relacionamento amoroso, sobretudo, o relacionamento conjugal:

Eu nunca falei com ninguém sobre isso. Como as pessoas só falaria bobagens a respeito, prefiro não tocar no assunto, mas se um dia for necessário não tenho medo, é só para evitar chateações. Como sou casada, as pessoas nem imaginam. (Amanda, 29 anos, entrevista por e-mail)

Mesmo a revelação da assexualidade a um/a parceiro/a amoroso só se faz necessária quando o/a parceiro/a assexual se mostra avesso à atividade sexual. Alguns/mas entrevistados/as estão em relacionamentos amorosos, mas, apesar de não apreciarem a atividade sexual, aceitam-na para preservar o relacionamento e por perceberem que o sexo é importante para o parceiro não assexual. Outros - como a entrevistada presencial Rebeca - apreciam o sexo no contexto do relacionamento amoroso. A entrevistada Laura, ao revelar sua nova autoidentificação ao marido, foi acusada de infidelidade conjugal:

Só me revelei ser assexual para três pessoas: você, minha mãe e meu marido. [...] Com meu marido não foi nada bom... Ele achou que eu estava arrumando desculpa para me separar dele, que isso não existia, que no início no relacionamento nós transávamos mais, que eu não transava muito com ele porque tinha um amante. (Laura, 35 anos, entrevista por e-mail)

A situação enfrentada por Laura com o marido é fruto típico dos *scripts* de gênero patriarcais, nos quais o corpo da esposa é de posse do marido, no qual, a recusa ao sexo pode ser interpretada como satisfação sexual da necessidade sexual/amorosa compulsória com outros parceiros.

A segunda situação mencionada, que tornaria desnecessária a revelação da assexualidade, é o envelhecimento. Nesta perspectiva, existiria pouca expectativa social de atividade sexual compulsória para o indivíduo de mais idade, sendo compreensível seu desinteresse. É o que relata a entrevistada Gilda:

Eu já estou entrando na faixa da terceira idade, estou com quase 60. [...] Então, talvez seja um momento que já não tenha assim esse fogo. Mesmo se eu fosse, uma pessoa que não tivesse nesse tipo de situação, já estivesse numa situação de quase num sentido de declínio, princípio de declínio, né? Então, que é meio natural, é até uma coisa biológica. Talvez, como eu esteja nessa faixa, e pelo fato de não ter nada, isso não me traz constrangimento. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

5.2 Assexuais na escola: entre a invisibilidade e a incompreensão

Este tópico explorará as experiências dos/as entrevistados/as com a escola – com o objetivo de captar, em suas percepções, seu sentimento de inclusão ou exclusão no contexto das iniciativas escolares no campo da sexualidade, caso estas tenham ocorrido durante sua escolarização. Já foi aqui mencionada a importância da instituição escolar para a afirmação dos padrões de gênero e sexualidade que, ao cancelarem os *scripts* sexo-normativos, dão visibilidade para a não identificação do grupo de assexuais aqui

entrevistado. Ao relatar sobre suas experiências na escola, a maior parte das narrativas deu destaque à chamada *educação sexual*.

Para os fins desta pesquisa, utilizo a expressão *educação sexual*, por ser aquela mais difundida e, portanto, de compreensão imediata pelos/as entrevistados/as. No entanto, conforme explicitarei mais adiante, embora haja uma compreensão geral do significado de educação sexual – considerando que nenhum/a entrevistado/a pediu esclarecimentos sobre essa expressão - existem diferentes percepções sobre sua aplicação no contexto escolar.

De acordo com Sérgio Carrara (1997; 2009) a menção à *educação em sexualidade* pode englobar, de modo mais articulado, os direitos sexuais e reprodutivos, a discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero, uma vez que o termo *educação sexual* está mais comumente relacionado às informações de caráter biológico sobre a sexualidade enquanto ato sexual, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. A expressão *educação em sexualidade*

envolve, em sua definição, toda a complexidade relacionada às questões sociais, culturais e econômicas ligadas à sexualidade [...] vai além de discussões sobre saúde sexual e reprodutiva, propondo uma reflexão acerca de direitos sexuais e reprodutivos, [...] propõe ainda, o questionamento de valores que sustentam e reproduzem hierarquias, desigualdades e relações de poder na sociedade, de forma a ampliar o escopo de ação para além daquele definido pela educação sexual que, tradicionalmente, tem um espectro preventivista e higienista. (GAVA, 2013, p. 33)

Em minha perspectiva, esta seria uma definição abrangente do tema da sexualidade aplicado à educação, independente de sua nomenclatura, porém utilizo a expressão (e não o conceito) de *educação sexual* por ser aquela mencionada por meus/minhas entrevistados/as em suas opiniões sobre a educação em sexualidade presente no ambiente escolar e sobre o modo esta poderia incluir as particularidades da assexualidade.

Entre as idas e vindas da educação sexual no espaço escolar brasileiro, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1997, foi um marco importante para a entrada da sexualidade de forma transversal no sistema educacional, embora, conforme Célia Rossi et al. (2012a), questões importantes deixaram de ser incluídas, outras, foram incluídas em perspectivas ainda essencialistas:

O primeiro documento oficial que abriu possibilidades para essas temáticas serem levadas à escola foram os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997). Estes ainda estavam “recheados” de concepções biologizantes,

naturalizantes e normativas tanto da sexualidade quanto das relações de gênero. Os PCNs excluíram uma problematização adequada acerca da diversidade sexual, embora tenham dado o primeiro impulso para os avanços na discussão e apresentação da temática da sexualidade. (ROSSI et al., 2012a, p. 9)

Outro ponto importante e polêmico sobre os PCN foi a adoção da expressão *orientação sexual*, com o significado de *educação sexual*, a partir da compreensão de que a educação sexual acontece predominantemente na família, na transmissão de valores e das primeiras noções sobre sexualidade, cabendo à escola, a orientação sexual, que seria um processo planejado e sistemático, o qual ampliaria os horizontes da educação sexual familiar (SAYÃO, 1997). Jimena Furlani (2009) destaca que essa mudança de nomenclatura espalhou-se rapidamente no cenário educacional brasileiro, sem muita reflexão sobre seu real significado, sobretudo por fazer parte de um documento federal oficial. Opinião semelhante é compartilhada por Constantina Xavier Filha:

Na medida em que o Ministério da Educação publica um documento oficial privilegiando esse termo, ele passa a ser privilegiado em relação aos demais. Nessas relações de poder-saber, esse conceito passou a ser adotado e utilizado como correto, em detrimento do termo “educação sexual”, que passou a ser questionado, por seu próprio desgaste conceitual.” (XAVIER FILHA, 2009, p. 87)

Entre os muitos problemas apresentados por ambas as pesquisadoras para a imposição do termo *orientação sexual* como sinônimo de educação sexual, destaca-se sua ambiguidade, uma vez que pode ser interpretado como a *orientação do desejo sexual*, empregado para referência à heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade, conforme tradicionalmente tem sido utilizado (FURLANI, 2009; XAVIER FILHA, 2009). Furlani aponta uma série de questões e contradições conceituais e práticas que cercam a mudança de nomenclatura, considerando a nova expressão inadequada, reiterando, assim, o uso da expressão *educação sexual* “para todo trabalho de discussão da sexualidade com crianças, jovens e adultos, em todos os níveis de escolarização” (FURLANI, 2009, p.43). Tal trabalho, segundo Furlani, deve ser realizado de modo abrangente, começar na infância, fundamentar-se tanto no conhecimento científico quanto nos saberes populares, contemplar as questões relacionadas às desigualdades de gênero, diversidade sexual, bem como incluir a discussão de valores.

Xavier Filha afirma que tem se referido à educação sexual utilizando o termo *educação para a sexualidade*, considerado “fértil, especialmente para se pensar na ampliação do que se convencionou chamar de ‘educação sexual’, cujo foco esteve calcado nas questões biológicas essencializadas e generalizantes” (XAVIER FILHA, 2009, p. 96).

Portanto, a educação sexual escolar ainda é um campo em disputa, que tem enfrentado os desafios colocados pela emergência de novas questões. Com a ampliação do acesso ao ensino público, a escola passou a receber uma maior diversidade de alunos/as, e também de educadores/as, conforme ressalta Fernando Seffner:

O regime de acesso universal ao ensino fundamental, por força da obrigatoriedade constitucional conquistada em 1988, também colaborou para a visibilidade de novos públicos na escola, como alunos e alunas que se reconhecem homossexuais, professores e professoras que se assumem travestis e transexuais, gerando novos embates. Esta é a diretriz da escola republicana: um espaço público de negociação das diferenças. (SEFFNER, 2013, p. 148)

Essas diferenças nem sempre são discutidas e trabalhadas pedagogicamente pela escola, que não tem conseguido combater o preconceito e a discriminação às diferenças, sejam elas sexuais, raciais, de gênero, entre outras. Embora os efeitos nocivos da homofobia estejam em expansão nos espaços escolares no Brasil, Rossi Freitas e Chagas destacam que ainda existe resistência por parte da escola na inclusão da discussão da diversidade sexual tanto no currículo como em sua rotina (ROSSI, FREITAS e CHAGAS, 2012b). O Brasil vem assistindo - sobretudo a partir das duas últimas décadas do século XX - ao surgimento, crescimento e fortalecimento de instituições religiosas evangélicas, algumas das quais têm adentrado a esfera política pública, e com isso, promovido retrocessos no campo dos direitos humanos. Essas transformações sociais podem impactar o modo pelo qual a sexualidade entra na instituição escolar, como aponta Rossi:

Consideramos importante destacar que, em muitos casos, os assuntos relativos à sexualidade e relações de gênero, quando discutidos na escola, “entram” por um viés de caráter religioso, com cunho moralista; pelas mídias, com um cunho mercantilista ou ainda através da disciplina de ciências e biologia, com cunho meramente biológico, sem considerar as questões sociais, políticas, históricas, culturais que envolvem a sexualidade e a educação sexual. (ROSSI, FREITAS e CHAGAS, 2012b, p. 36)

Com a ascensão do conservadorismo no cenário público, cresce a estagnação nas conquistas de direitos da população LGBT, enquanto os crimes contra essa população

não param de crescer, incluindo assassinatos (DINIZ e OLIVEIRA, 2014). Em levantamento realizado com o apoio da UNESCO, Mary Castro, Miriam Abramovay e Lorena Silva (2004) constatam o problema da homofobia nas escolas, quando ¼ dos alunos/as entrevistados/as em 14 capitais brasileiras revelaram que não gostariam de ter um colega homossexual. Segundo as autoras:

A discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo, sexismo, é não somente mais abertamente assumida, em particular por jovens alunos, além de ser valorizada entre eles, o que sugere um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro que não deve ser confundido consigo. (CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004, p. 279-280)

Portanto, o preconceito à diversidade sexual – sobretudo à homossexualidade e à transexualidade - é não somente significativo numericamente nas escolas brasileiras, mas também é explícito. As relações assimétricas de gênero – bem como a expectativa de *scripts* masculinos e femininos com base nas diferenças percebidas entre os sexos, como diz Scott – fundamentam e legitimam a desigualdade. Conforme aponta Daniel Borrillo:

A homofobia não pode ser considerada de forma desassociada da ordem sexual que organiza relações entre os sexos e as sexualidades. A naturalização da diferença entre homens e mulheres está na origem da legitimação social dos papéis atribuídos a cada um. A ordem dos sexos - considerada natural - determina uma ordem social na qual o feminino deve ser complementar ao masculino, mediante a subordinação psicológica e cultural a este último. (BORRILLO, 2001, p. 31, tradução minha)

A ausência da discussão sobre a diversidade sexual nos programas de educação sexual desenvolvidos pela instituição escolar foi apontada por muitos/as entrevistados/as na presente pesquisa como o aspecto mais notável dessas ações.

5.2.1 Educação sexual escolar: a ausência da diversidade

É importante lembrar que as pessoas entrevistadas para esta pesquisa viveram sua escolarização em diferentes épocas: enquanto os/as mais velhos/as falam de experiências que viveram há muitas décadas, outros/as, mais jovens, falam de experiências mais recentes; outros/as, ainda, falam de experiências que estavam vivenciando no momento da entrevista. Assim como a sociedade muda, a escola

também muda, o modo como a escola trata as sexualidades também tem sofrido muitas transformações ao longo dos anos. Uma vez que a adolescência dos/as entrevistados/as será o momento de vida privilegiado na parte inicial deste tópico, esta deverá ser compreendida como fase inicial da categoria juventude, cujos atributos e expectativas sociais transformam-se histórica, cultural e geograficamente, sendo atravessadas por outras variáveis igualmente importantes como gênero, raça, classe social, entre outras.

Um aspecto importante que será evidenciado na análise das experiências de entrevistado/as de diferentes gerações diz respeito às profundas transformações sociais que atravessaram as gerações aqui representadas, especialmente no tocante aos processos de socialização, como o enfraquecimento de algumas instâncias socializadoras, o fortalecimento de outras, bem como o aumento da autonomia individual na busca identitária, conforme apontado por Setton (2005). Como nos adverte Marília Sposito: “As instituições tradicionalmente encarregadas da socialização das novas gerações sofrem os efeitos dos processos de mudança que alteraram as relações entre adultos e jovens nos últimos 50 anos” (SPOSITO, 2009, p. 17). Sem dúvida, entre as instituições às quais Sposito se refere, estão a família e a escola.

Além das experiências formativas no convívio com os/as colegas, professores/as, e funcionários/as da escola, foi solicitado aos/às entrevistados/as que relatassem suas experiências com a educação sexual escolar, de modo a verificar de que forma tais ações contemplavam ou não suas necessidades. Diante das respostas, percebi que a compreensão do significado da expressão *educação sexual* não é consensual. Alguns/mas afirmaram que suas escolas nunca ofereceram educação sexual, mas depois se lembraram de algum conteúdo nas aulas de ciências ou biologia, que poderia ser qualificado como tal. Outros/as revelaram a inexistência de programas da escola, mas lembram-se de uma ou duas palestras proferidas por profissionais convidados/as.

Portanto, existe uma disparidade na compreensão do que consideram educação sexual – ações planejadas e periódicas específicas para este fim, seja por profissionais da escola ou convidados/as, ou conteúdos de sexualidade inseridos em determinadas disciplinas. No final, cerca de 20% dos/as entrevistados/as afirmou nunca ter tido nenhum tipo de educação sexual na escola. Porém, dos 80% que relataram ter participado de algum tipo de ação – não importa a época histórica em que cursaram a educação básica – o conteúdo *reprodução humana* foi o único que todos/as se lembram de ter sido discutido pela escola, sobretudo em aulas de ciências ou biologia.

Alguns/mas mais jovens se lembram de conteúdos relativos a doenças sexualmente transmissíveis, em especial, demonstrações do uso de preservativo masculino. Quase a totalidade dos que tiveram algum tipo de educação sexual afirmou que não houve discussão da diversidade sexual, portanto, as particularidades da assexualidade não foram abordadas.

Considerando que os/as entrevistados/as tinham de 15 a 59 anos de idade nas datas das entrevistas - portanto, nascidos entre 1952 e 1997 - concluí que seria interessante, neste tópico, organizar as experiências conforme os grupos etários, a partir daqueles com mais idade até os mais jovens, com o objetivo de captar as transformações no modo como o papel da escola é percebido em suas experiências com a educação sexual. Durante os 45 anos que separam o nascimento da entrevistada com mais idade para o entrevistado mais jovem, numerosos eventos e processos históricos marcaram a história mundial e a história brasileira, os quais promoveram mudanças na estrutura social, sobretudo, a estrutura de gênero. No campo da sexualidade, podemos citar como exemplos importantes, no período, o avanço dos movimentos feministas e LGBT, o advento de métodos contraceptivos, o surgimento da Aids, o desenvolvimento de tecnologias que desvinculam o sexo da reprodução, de medicamentos para “tratar” distúrbios sexuais, entre muitos outros avanços. A emergência da Aids no início dos anos 1980 - bem como aumento nos índices de fecundidade adolescente nos anos 1990 - obrigou a educação sexual a se adaptar, passando a abranger a proteção às DST e métodos contraceptivos. Não poderia deixar de citar aqui o elemento mais determinante, que transformou de forma definitiva os processos de construção e acesso ao conhecimento nos últimos 35 anos: a internet. Considero importante verificar de que modo todas estas mudanças afetaram a educação sexual escolar, na percepção dos entrevistados/as.

Adicionalmente ao momento histórico no qual a educação sexual dos/as informantes foi desenvolvida, existem diferenças em relação ao tipo de escola - pública ou particular, religiosa ou laica, se está localizada em zona urbana ou rural, em grandes metrópoles ou cidades pequenas, em regiões centrais ou periféricas. Estas variáveis - indicadoras de classe social e pertencimento étnico e racial - não serão exploradas nesta pesquisa, pois as mesmas somente foram abordadas nas entrevistas presenciais aprofundadas, as quais constituem somente 8% do total de participantes, além de não

indicarem diferenças marcantes quanto ao relato sobre as experiências de educação sexual, foco deste tópico.

Outro ponto importante que deve ser considerado é o fato de que todos os/as entrevistados/as - independente do ano de nascimento e de suas experiências - só passaram a identificar-se como assexuais, no mínimo, a partir da segunda metade dos anos 2000, quando o conceito de assexualidade começou a ser disseminado nas comunidades assexuais e na mídia no Brasil. Portanto, alguns/mas entrevistados/as passaram a identificar-se desta forma já na idade adulta, depois dos 40 anos; outros, durante a juventude; outros, ainda, na adolescência. Porém, o conhecimento do conceito só nomeou uma forma de sexualidade que sempre foi sentida por eles e elas, caracterizada pelo desinteresse por relacionamentos sexuais e/ou amorosos.

Começando pelos/as informantes de mais idade, para a entrevistada Gilda - que viveu a adolescência a partir da segunda metade dos anos 1960 - tendo cursado a educação básica na escola pública durante o regime ditatorial brasileiro, a educação sexual escolar era inexistente, pois havia outras preocupações do governo da época, focado em consolidar disciplinas escolares mais condizentes com o regime, como por exemplo, a Educação Moral e Cívica. Na indisponibilidade de programas de educação sexual escolar, outros recursos eram utilizados/as pelos/as jovens:

No período que eu fiz o ensino primário era os anos 60, período da ditadura, era um período que ninguém se preocupava com isso. O meu 4º ano primário terminou em 64. Com as preocupações da época da ditadura, educação sexual para quê? Eu não tive esse ensino. O que eu fui aprendendo foi a trancos e barrancos, experimenta daqui, experimenta ali. Muitas vezes, era ver em revista, livro, alguns filmes. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

O entrevistado Vladimir, que cursou o ensino fundamental em colégio particular católico durante os anos 1970 e meados de 1980, revela que os poucos conteúdos de educação sexual desenvolvidos na escola eram filtrados pela ótica religiosa e focados no processo reprodutivo. A entrevistada por e-mail Irene, que fez a educação básica na mesma época, também relata os limites da abordagem escolar:

Foi no primeiro grau, acho que eu tinha 14 anos. [...] Eu tive educação sexual heterossexual. Essa foi a minha educação, mais biológica. Eu achava interessante, e tal. A parte da concepção, biologicamente, achava interessante isso. Mas era tão técnico, sabe? Tão cientificista a coisa, ficava só nesse aspecto mesmo. Eu sempre gostei de ciências e achei interessante. Porque imagina, um colégio católico salesiano, não tinha nada, só reprodução, conhecer os órgãos e como funciona a reprodução. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Na sétima série, explicaram como funcionava o aparelho reprodutor, só isso. (Irene, 48 anos, entrevista por e-mail)

Nas experiências com a educação sexual relatadas por duas entrevistadas por e-mail, Anita e Tereza - ocorridas nos anos 1970 e 1980 - suas escolas promoviam a separação de meninos e meninas para tratar de conteúdos relativos à sexualidade. Tereza destaca que, na época, sua escola não abordou as DST, os métodos contraceptivos, nem a diversidade sexual, experiência também vivida pela entrevistada Alice. Na percepção das entrevistadas, a abordagem da escola pouco lhes acrescentou:

Durante as aulas, os meninos se retiravam para ter o mesmo assunto com um professor em outra sala. Lembro que minhas colegas gostavam dos assuntos e sempre faziam muitas perguntas para a professora. Eu não me interessava, pois achava que tudo era uma grande bobagem. (Anita, 51 anos, entrevista por e-mail)

Recordo-me de a professora ter conversado, uma vez, com as meninas sobre orientações gerais, porém mais voltadas para o assunto menstruação, sem aprofundamento. Nunca recebi orientação escolar para usar camisinha, pílula, sobre homossexualidade, doenças venéreas, etc. Mas como eu era muito inocente e tímida, na época, nem me afetou, nem me acrescentou nada. (Tereza, 44 anos, entrevista por e-mail)

As escolas não falavam muito. Apenas falavam sobre as diferenças entre meninos e meninas e sobre anatomia e fisiologia, mas nunca houve nenhuma abordagem sobre a diversidade sexual. Mas eu frequentei a Ed. Básica em plena Ditadura, né, nos anos 70 e 80. (Alice, 39 anos, entrevista por e-mail)

Enquanto para as gerações mais contemporâneas vamos perceber a ênfase na prevenção de DTS/Aids nos programas de educação sexual escolar, essa não parecia ser uma preocupação antes dos anos 1980. Os/as entrevistados/as que foram adolescentes a partir de meados dos anos 1990 constituem a primeira geração que chega à adolescência durante o processo de expansão e popularização da internet, da televisão a cabo, dos celulares, vídeo, CD, DVD, entre outras tecnologias que facilitaram o acesso à informação e ao conhecimento no Brasil, bem como da disseminação das diversas culturas. Esta também é uma geração nascida concomitantemente à emergência da epidemia da aids, portanto, no centro de condições adversas ao exercício da sexualidade, as quais tornaram necessárias medidas educativas de prevenção na área de saúde e de educação. Adicionalmente, observou-se do início a meados dos anos 1990, o crescimento dos índices nacionais de fecundidade no grupo etário 15-19 anos (OLIVEIRA, 2007), o que fez crescer, também, as ações de prevenção à gravidez na adolescência nos espaços educativos da área de educação e também no campo da saúde pública. A descrição da educação sexual dos/as participantes que viveram neste período,

destaca o enfoque nas DST/aids e gravidez. A discussão sobre a diversidade, com algumas raras exceções, não era incluída nos programas.

Os/as entrevistados/as de 27 a 35 anos nas datas de entrevista - nascidos entre meados de 1970 a meados de 1980 - ressaltaram que a educação sexual escolar que tiveram, mais uma vez, estava centrada nos aspectos biológicos da sexualidade, sobretudo, a reprodução, contracepção e proteção às DST/aids. Alguns/mas participantes afirmaram que não tinham interesse nos conteúdos de educação sexual apresentados pela escola, ou tinham interesse restrito, conforme os seguintes depoimentos:

Teve palestra falando sobre o uso da camisinha. Para mim não fazia sentido nenhum porque eu nunca havia ouvido nem falar em sexo. Fica um negócio estranho porque você está em uma idade que não está pensando em nada disso. Mesmo que eu não fosse assexual, eu não estaria pensando em nada disso. No primeiro colegial teve biologia falando sobre corpo humano. Nada sobre prazer, desejo, nada disso. (Clara, 32 anos, entrevista presencial)

Estudei sempre em escola pública e você sabe como as aulas, nessa modalidade, são pouco produtivas, não é? De qualquer forma, eu não pensava nessas coisas de sexualidade. (Edson, 35 anos, entrevista por e-mail)

Estudava em escola pública e em uma época, parece que foram obrigados a ter educação sexual, mas durou só duas aulas. Falaram sobre o uso da camisinha. É só o que lembro. Eu não tinha interesse em saber mais que o básico sobre sexo. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

Eu não me lembro de nada voltado para isso. Mas eu tive aulas sobre isso em biologia. Lembro até que, ao contrário dos meus colegas, o assunto não me interessou muito. Nunca tive programas na escola que falassem sobre orientação sexual. (Ludmila, 29 anos, entrevista por e-mail)

A entrevistada Giovana reconhece a utilidade dos conteúdos que aprendeu nas ações voltadas à educação sexual escolar, uma vez que tais informações a ajudaram a compreender o desejo e o interesse por sexo, já que esses sentimentos não faziam parte de suas experiências. No entanto, a jovem também aponta as limitações desses programas, ao não incluírem a discussão sobre a diversidade sexual. As entrevistadas Laura e Miriam ressaltam o caráter básico e não inclusivo de tais programas:

Me trouxe informações relevantes que até me ajudou a ser menos... cismada com relação a entender que é natural ter desejos sexuais, pra quem tem desejos sexuais. Mas eu ficava ali, esperando dessas palestras alguma informação que me desse algum respaldo como lidar, como lidar comigo mesma. Isso eu nunca tive, mas pelo menos me agregava informações a respeito das sexualidades vigentes, estabelecidas, normativas, né? Se falavam de falta de desejo, falavam no sentido patológico da coisa, ou biológico. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Não me lembro de educação sexual na escola, lembro vagamente, de feiras sobre prevenção para gravidez e DST/AIDS. (Laura, 35 anos, entrevista por e-mail)

Só tive algumas aulas, assim, quando estava na 5ª série. Basicamente, só falava em reprodução e métodos contraceptivos. Achei útil, mas podia ser melhor se ensinassem também o respeito à diversidade. (Miriam, 28 anos, entrevista por e-mail)

Fui estudante de escola pública durante toda a minha vida. Durante o Ensino Médio, apenas, tive aulas vinculadas diretamente a discussões sobre: sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, aparelho reprodutor, ou seja, uma educação sexual rudimentar. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Os/as participantes que tinham de 20 a 25 anos nas datas de entrevista - portanto, nascidos entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 - relatam, basicamente, as mesmas experiências que as gerações anteriores com a educação sexual escolar: foco na biologia, prevenção de doenças, reprodução e contracepção, ausência da diversidade. O tema, em geral, era inserido em aulas de ciências ou biologia, ou em alguma atividade pontual com convidados:

Eu me lembro de uma palestra que ensinavam a por camisinha na 6ª série, eles davam uma banana pra gente por. E aulas de reprodução humana, na aula de biologia, no ensino médio. Não curtia, não me sentia bem, não sentia curiosidade. (Caetano, 24 anos, entrevista presencial)

Na escola só tinha palestras sobre o mesmo, o de sempre, usar camisinha, blá blá blá, no segundo ano do segundo grau. Eu participei de um trabalho que reunia todas as escolas e se encontravam no posto de saúde para debater gravidez na adolescência. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

A única coisa que tive na escola sobre educação sexual foi a explicação sobre sexo, doenças sexualmente transmissíveis, formas de preveni-las, métodos contraceptivos e coisas do tipo. Não que isso não seja importante. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

A única experiência que tive com educação sexual foi em algumas aulas de ciências. Lembro-me bem que odiava. E focava minha atenção em outras coisas pra não prestar atenção ao que o professor falava sobre isso. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

O entrevistado Fernando, conforme relatado anteriormente, buscou informações sobre a homossexualidade na internet antes da assexualidade, pois acreditava ser homossexual. Como a educação sexual escolar era muito limitada nos conteúdos oferecidos, grande parte da busca de Fernando se dava pela internet e outros meios de comunicação. A autonomia na busca de informações sobre sexualidade também foi mencionada pela entrevistada Kelly:

Eu sempre fui curioso, sempre gostei dessa área da biologia desde pequeno. Então, eu buscava, eu via na internet, TV, todos os conhecimentos básicos sobre anatomia humana eu já sabia. Na escola, lembro daqueles vídeos que as professoras de ciências passam para a gente, de DST e reprodução, bem bobos, assim. Só falavam coisas básicas, como colocar a camisinha, como evitar

doenças, anatomia da mulher, anatomia do homem. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Na 4ª. série, na disciplina de ciências, nós tivemos um primeiro conhecimento sobre fisiologia básica masculina e feminina e reprodução. Já no ensino médio, no 1º ano nós tivemos uma série de aulas com debates sobre gravidez na adolescência e DSTs, foi interessante, mas não me trouxe nada de novo, já que desde muito cedo eu tinha a autonomia de buscar tais conhecimentos por conta própria. (Kelly, 24 anos, entrevista por e-mail)

A entrevistada por *e-mail* Catarina destaca que, apesar da ausência da diversidade sexual na discussão sobre sexualidade - a assexualidade jamais foi discutida - a homossexualidade foi mencionada ao menos uma vez em sua escola. Outro ponto colocado pela entrevistada é que, em sua percepção, os conteúdos da educação sexual são apresentados a adolescentes e jovens como algo compulsório, apesar da menção aos ritmos diversos de desenvolvimento. As entrevistadas Carolina e Rafaela também mencionam a ausência da diversidade sexual e da assexualidade nos programas:

Tínhamos algumas palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis, mas nada relacionado à orientação sexual das pessoas. Em nenhum momento se falou sobre a assexualidade (apesar da homossexualidade ter sido comentada), e sexo sempre foi colocado como algo obrigatório, mas que as pessoas tinham diferentes ritmos de amadurecimento. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

Lembro-me de uma palestra que teve uma vez e uma aula de ciências dedicada a isso [gravidez e DST] e foi basicamente só isso no tempo todo que estudei lá (minha vida toda). Não chegaram a mencionar nada nem próximo da assexualidade, mas foram deficitárias em todos os sentidos. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Eu estudei praticamente toda minha vida escolar em uma escola de freiras. Não havia aulas de educação sexual, o que se falava era nas aulas de biologia, muito superficial, nada orientado para orientação sexual, então, se não se falava em hetero ou homossexualidade, imagine assexualidade? (Rafaela, 25 anos, entrevista por e-mail)

A compulsoriedade do interesse afetivo-sexual - ou pelo menos sua naturalização - foi apontado pelos entrevistados Gilberto e Jorge como parte das ações direcionadas à educação sexual escolar. As iniciativas tendem a uniformizar adolescentes e jovens, não considerando as particularidades da diversidade:

Na verdade, quando tinha 12 anos, numa das reuniões de pais, acabaram nos entregando um pequeno livrinho que contava sobre o desenvolvimento sexual tanto dos meninos, quanto das meninas. Entretanto, esse livro abordava apenas a orientação hétero, pois comentava que meninas passariam a sentir atração por meninos e vice-versa. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Eu lembro só falaram sobre sexo uma vez, e era ensinando alguma coisa sobre colocar camisinha e etc. achei aquilo muito precoce e desnecessário. Certamente, esses programas não atendiam minhas necessidades. Parece que eles querem é

ensinar os outros a fazer sexo e só sabem falar de AIDS, DSTs, camisinha e gravidez precoce. Falam como se todos fossem iguais. (Jorge, 21 anos, entrevista por e-mail)

A educação sexual escolar dos/as entrevistados/as mais jovens - que ainda eram adolescentes, ou que tinham acabado de sair da adolescência na época da entrevista - concorre com outros meios de informação mais abrangentes e acessíveis, principalmente a internet. Esta geração de participantes, nascida no começo e em meados dos anos 1990, são fluentes nas novas tecnologias, além de terem sido socializados em uma época em que a internet constitui o recurso principal para a busca de informações sobre qualquer assunto, não seria diferente em relação à sexualidade. Contudo, conforme é possível perceber pelos relatos dos/as jovens entrevistados/as Sidney Celina, Loreta e Ricardo, a escola continua enfatizar aspectos biológicos da sexualidade, deixando de lado dimensões importantes, como a diversidade sexual e, portanto, pouco contemplando os aspectos contidos na defesa do conceito de *educação em sexualidade*:

Minha educação sexual foi responsabilidade da internet, pois todas as dúvidas que tinha sobre o sexo eram tiradas pelo Google. As escolas em que estudei ofereceram pouquíssimas aulas de educação sexual, e praticamente todas elas focavam nas doenças sexualmente transmissíveis. Então, devido à minha assexualidade, estas poucas aulas não atendiam às minhas necessidades. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

Bom, tinha matéria como ciências bilógicas que ensinavam essa parte da sexualidade. (Celina, 19 anos, entrevista por e-mail)

Na minha escola, nós tínhamos palestras sobre educação sexual, uma a cada dois anos, mais ou menos, mas elas não eram educativas nem pra quem era sexual. (Loreta, 19 anos, entrevista por e-mail)

Teve uma palestra na minha escola, acho que foi na 6ª. série, não lembro, falaram de gravidez e doenças sexuais. (Ricardo, 18 anos, entrevista por e-mail)

Os entrevistados Cristiano e Marcelo afirmaram que as iniciativas de educação sexual escolar das quais participaram trouxeram informações importantes, ainda que mais focada na atividade sexual. Marcelo destaca que, na escola na qual estudou, uma das ações abordou parte da diversidade sexual - ao incluir a possibilidade de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo - porém, ainda excluindo a assexualidade:

As escolas ofereciam, mas claramente era sempre no espectro sexual, e jamais no assexual. [...] Pra mim, era até que interessante essas aulas, porque como eu não tinha a noção que tenho hoje sobre a minha condição, qualquer possibilidade de pegar informações era útil, e até mesmo desejada. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Na minha escola essa questão da educação sexual nunca foi independente, sempre está atrelada à disciplina de ciências, às vezes costumam oferecer palestras referentes às DSTs. Lembro-me de uma em que estive presente, o palestrante falava sobre as relações tanto entre homens e mulheres como do mesmo sexo, mas nunca se pensou na possibilidade da existência de pessoas assexuais. (Marcelo, 19 anos, entrevista por e-mail)

Neste sentido, Tiago também ressalta que a educação sexual presente nas escolas é totalmente voltada para a atividade sexual, colocando esta como parte inevitável das trajetórias juvenis, excluindo a diversidade e totalmente ignorando a assexualidade. Tiago também aponta que alguns programas de educação sexual tratam de determinados temas de forma muito precoce. Já a entrevistada Lenita acredita que o recurso ao medo é uma tática utilizada nos programas, sendo que, em sua opinião, a participação nas ações de educação sexual escolar deveria ser facultativa:

Era só uma preparação pra quando você fosse fazer. [...] Começaram a falar desse negócio de camisinha, gravidez e tudo mais, só abordando o tema sexualidade, só hétero. Nunca falaram sobre se você fosse sentir por alguém do mesmo sexo. [...] Uma mulher da palestra tirou uma camisinha e ensinou colocar, e a gente tinha 12 anos. Como assim? Isso é uma coisa muito desnecessária. (Tiago, 15 anos, entrevista presencial)

As escolas colocaram os programas de educação sexual como obrigatórios. Eles ensinavam sobre DSTs, mostrando imagens de doenças para assustar os pré-adolescentes, e também falavam sobre métodos de prevenção e como usá-los. Eu pedia para sair, dizendo que não estava interessada nisso, mas nunca tive a opção. Eu ficava revoltada por ser obrigada a assistir aquelas aulas, já que o argumento deles era de que “todo o mundo um dia precisaria saber aquilo.” (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail)

De modo geral, as pessoas entrevistadas não faziam perguntas durante as ações direcionadas à educação sexual escolar, para não expor sua diferença ao grupo e também por não perceber receptividade e/ou conhecimento dos/as palestrantes para acolher suas dúvidas em relação ao desinteresse sexual. Apesar disso, uma entrevistada e um entrevistado mencionaram algum tipo de interlocução com a educação sexual escolar. A entrevistada Giovana, apesar de não conhecer ainda o conceito de assexualidade - mas estar ciente de seu desinteresse por sexo e relacionamentos - costumava fazer perguntas ao/à ministrante da palestra na escola:

Eu perguntava assim: “E a pessoa que não tem vontade sexual e se sente bem?” Não sabiam responder. A segunda pergunta que eu sempre fazia é: “Você não acha possível que existam pessoas que se sintam bem sem vontade de fazer sexo?” Aí, os palestrantes respondiam: “Sexo é natural, é da natureza do indivíduo, o córtex é complexo, a biologia dos mamíferos é assim, o corpo é constituído assim, ele funciona de tal forma, eu não entendo como é que alguém vai se sentir bem vivendo sem sexo.” [...] Eu nunca tive uma resposta, mas eu sempre tive coragem

de fazer as perguntas, embora houvesse deboches depois da minha pergunta. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Com suas colocações, Giovana evidenciou a visão naturalizada do interesse sexual do/a palestrante e a patologização do desinteresse, uma vez que a resposta dada mostra uma representação de ser humano como produto de uma natureza que dota os corpos biológicos de uma carga de desejo sexual, independente de sua vontade. Esta concepção essencialista faz parte dos *scripts* sexo-normativos sobre desejo sexual, presentes nas construções das sexualidades na cultura, e mesmo na ciência. O entrevistado Tiago relata uma situação na qual teve a oportunidade de desafiar um professor a repensar seu discurso sobre iniciação sexual adolescente:

Tinha um professor de ciências que falava abertamente e sexo, contava experiências próprias, mas ele também nunca falou sobre assexualidade. Pela primeira vez tive coragem de falar. [...] Ele falou: “Vocês, que são moças, cedo ou tarde vocês vão fazer.” Eu falei: “Não, eu não vou fazer.” Aí, ele falou: “É, tem alguns que não vão fazer.” Ele nem perguntou o que era, mas ele aceitou. (Tiago, 15 anos, entrevista presencial)

O tópico seguinte tratará das percepções dos/as entrevistados/as sobre formas de incluir a assexualidade, bem como a diversidade sexual como parte das ações escolares no campo da educação sexual.

5.2.2 Perspectivas de inclusão: discutindo as diferentes formas de amar

Neste tópico, apresento as opiniões e ideias dos/as entrevistados/as desta pesquisa em relação ao modo como a educação sexual escolar poderia ser inclusiva às pessoas que sentem desinteresse pelo sexo, com base em suas experiências. Embora as experiências amorosas dos entrevistados não tenham constituído um dos focos da pesquisa, muitos/as relataram suas experiências e perspectivas do amor romântico no contexto da assexualidade. Portanto, decidi encerrar o capítulo trazendo algumas dessas visões românticas assexuais para que possam ser refletidas no âmbito da educação sexual escolar.

Todos/as participantes – mesmo aqueles/as que não tiveram a experiência da educação sexual escolar - concordam que os programas deveriam incluir a diversidade sexual, para que a assexualidade pudesse ser discutida no âmbito da diversidade sexual

humana. Neste sentido, grande parte das falas revela a compreensão da assexualidade como orientação sexual legítima, ao colocá-la no mesmo patamar que as demais orientações sexuais. Portanto, para o conjunto dos/as entrevistados/as, a inclusão da diversidade sexual - bem como a problematização das sexualidades normativas - deveria estar na base da elaboração dos programas:

Quanto aos programas em geral, certamente o foco deve ser na DIVERSIDADE e RESPEITO. Ressaltar que existe não somente a heterossexualidade, mas assexualidade é importante. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Eu defendo que deve haver educação sexual completa nas escolas ensinando sobre como ter uma vida sexual com responsabilidade e inclusive ensinando a respeitar as diferenças entre orientações sexuais. (Diogo, 22 anos, entrevista por e-mail)

Eu acho que todo programa de educação sexual na escola tem que incluir hétero, homo, trans. Só se fala de sexo hétero. (Caetano, 24 anos, entrevista presencial)

Mostrando essa contingência de diversidade, onde ela deveria ser incluída desde sempre. (Irene, 48 anos, entrevista por e-mail)

Tinham que falar que nem todo mundo é igual, né? Mas nunca falam. (Ricardo, 18 anos, entrevista por e-mail)

Para a entrevistada Liliane, a educação sexual escolar deveria priorizar a discussão sobre a diversidade antes de abordar os aspectos práticos da atividade sexual, lembrando, também, a importância da neutralidade dos programas em relação a crenças religiosas ou tabus relativos ao sexo. Ludmila e Diogo consideram importante que os programas não apresentem julgamentos morais, como forma de evitar a patologização das formas não normativas de sexualidade. Gina ressalta que a educação sexual inclusiva de toda a diversidade sexual humana poderia colaborar para a redução do preconceito social à diferença. Nas falas dos/as entrevistados/as:

Primeiramente, para ter um programa desse tipo seria o ideal apresentar todas a orientações sexuais que tem [...] para depois falar sobre o ato sexual e suas formas de prevenção a doenças e etc. Sem apresentar os tipos de orientação, sempre vai causar um incômodo em alguém, seja homossexual assexual ou mesmo panssexual. E nunca ocultar informações por conta de religião ou tabu social. (Liliane, 22 anos, entrevista por e-mail)

Um programa ideal para mim seria falar sobre cada orientação sexual sem afirmar que uma é certa ou errada, mas são variações da espécie humana. Porque ninguém é igual a ninguém e as diferenças devem ser respeitadas. (Ludmila, 29 anos, entrevista por e-mail)

Sinto falta de programas sobre diferenças sexuais. [...] Mas que não se restrinja à homossexualidade, que fale também da assexualidade, bissexualidade, transexualidade, etc. Isso ajudaria na diminuição do preconceito e também no bem-estar de quem se sente diferente por ter uma condição sexual que não a hétero. (Gina, 20 anos, entrevista por e-mail)

Evandro e Marcelo destacam que, para que a assexualidade possa fazer parte da discussão sobre diversidade sexual na escola, a abordagem deve ser ampla e reflexiva, de modo que suscite a abertura ao novo conceito dentro de uma visão plural, que considere as diversas dimensões do ser humano, além da dimensão sexual:

Um programa de educação sexual deveria [...] criar espaços de debates dentro e fora de sala de aula, apontar as múltiplas visões sobre a sexualidade, desfazer a preponderante visão homofóbica que perpassa todos os âmbitos sociais, promover palestras, desenvolver projetos vinculados ao assunto e, sobre a assexualidade, fazer com que esta orientação – ou não orientação? – seja compreendida e, sobretudo, respeitada. (Evandro, 29 anos, entrevista por e-mail)

Seria necessária uma educação mais reflexiva, que atentasse não só às necessidades físicas do indivíduo, mas também todos os aspectos cognitivos, culturais e sociais, fornecendo uma base mais adaptável ao novo derrubando todo e qualquer tipo de preconceito; assim o assexual teria mais chances de se afirmar como tal. (Marcelo, 19 anos, entrevista por e-mail)

Um aspecto apresentado por alguns/mas entrevistados/as, que justifica a inclusão da discussão sobre a assexualidade em programas de educação sexual escolar, é a problematização do interesse compulsório pelo sexo. Segundo parte dos/as informantes, o interesse sexual é apresentado nos programas como inerente ao ser humano, completamente naturalizado, nunca sendo questionado ou relativizado, excluindo os indivíduos que não sintam esse interesse. A falta de problematização do interesse sexual compulsório afeta não somente as pessoas assexuais, mas também qualquer pessoa que não considere o interesse por sexo como prioridade, seja porque optaram pela virgindade, celibato, ou pelo adiamento da iniciação afetivo-sexual, conforme apontam Tiago, Helena e Lenita:

Não tem que impor o sexo como obrigação, não tem que colocar isso como prioridade. Fazem como se fosse uma lei: “você vai fazer.” Tem pessoas que vão fazer, mas tem gente que considera o sexo só depois do casamento. [...] Seria legal as pessoas saberem que não é todo mundo que considera sexo como prioridade na vida. Eu me sentiria incluído se falassem que existem pessoas que fazem menos questão. (Tiago, 15 anos, entrevista presencial)

Acham que sexo tem que vir em primeiro lugar em um relacionamento. Para mim, a cumplicidade, fidelidade e outros aspectos contam mais. Eu sei que sexo é importante, mas não é tudo! (Helena, 34 anos, entrevista por e-mail)

Acredito que as escolas deveriam ser informadas sobre a assexualidade e informar os alunos sobre sua existência, não colocando o sexo como algo que todos um dia terão que fazer. (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail)

Alguns informantes fizeram críticas mais diretas à educação sexual escolar, argumentando que percebem nos programas escolares uma valorização exacerbada da atividade sexual, como se esta devesse ser priorizada em detrimento de outras esferas da

vida adolescente. Segundo alguns/mas, os programas focam demasiadamente no sexo genital - com destaque para reprodução e DST - não destacando outras dimensões importantes como as relações amorosas, a vida escolar, as amizades, a família, os planos para o futuro, entre outras, como importantes na construção da experiência juvenil. Para a entrevistada Rebeca, se os programas de educação sexual não enfatizassem o sexo como essencial na vida dos/as jovens - e a iniciação sexual como fundamental na transição para uma fase mais madura - adolescentes e jovens poderiam descobrir outras formas de satisfação pessoal:

Ter a visão de que a sexualidade não é o carro-chefe do relacionamento com o outro, é isso que a molecada precisa entender. Mas, eles só vão se dispor a tentar fazer isso, quando perceberem que conseguem obter satisfação com outras coisas que não a sexualidade. Então, esse foco de obter satisfação, você obtém se desenvolvendo como pessoa através de situações que não são apenas o sexo. Eu acho que a educação sexual deve nascer aí. (Rebeca, 49 anos, entrevista presencial)

Na visão de Laura, a escola deveria discutir a pressão social pela iniciação afetivo-sexual e sua priorização, pois isto afeta todos os jovens e adolescentes - inclusive heterossexuais - não somente assexuais, celibatários e virgens. Miriam acredita ser necessária a discussão sobre a escolha pela virgindade por jovens como ela, e Selma pensa que somente o aspecto reprodutivo da sexualidade deveria ser discutido nos programas sobre sexo na escola, porém, deixando clara a liberdade de cada um/a para tomar decisões sobre sua sexualidade:

Na minha opinião, deveria ser mostrado para todos, não só para os assexuais, que ninguém é obrigado a gostar de sexo ou tê-lo como prioridade, e que quem não gosta ou não quer fazer sexo por não estar com vontade, não pode ser tratado de forma diferente. (Laura, 35 anos, entrevista por e-mail)

Podia ser melhor se ensinassem também o respeito à diversidade. No nosso caso, até o respeito por nossa condição e não tornar alvos aqueles que, como eu, são virgens. (Miriam, 28 anos, entrevista por e-mail)

Eu acho que deveriam ensinar, na escola, a parte sexual apenas com fins reprodutivos, deixando claro que isso não é algo fundamental e que as pessoas têm liberdade de escolher se desejam ter uma vida sexual ativa ou não. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Outro motivo apontado para a inclusão da assexualidade nos programas de educação sexual escolar é visibilidade desta forma de viver a sexualidade. Esta visibilidade seria importante, primeiramente, para promover a compreensão e aceitação social da assexualidade como sexualidade legítima entre outras - o que diminuiria a opressão a indivíduos assexuais - e também para alcançar adolescentes e jovens que se

sentem fora do quadro da normalidade, mas desconhecem o conceito. Conforme exemplificado nas falas de Anita, Amanda e Fernando:

Acho que se eu tivesse recebido orientação através de programas de educação sexual para “assexuados” ou no mínimo, que a assexualidade fosse reconhecida e inserida nesses programas, eu não precisaria passar por tantas dificuldades e por tantas buscas. Eu não teria receio de me integrar porque a sociedade também teria conhecimento sobre o assunto. (Anita, 51 anos, entrevista por e-mail)

Na escola, acho que mesmo que tenha informações, os assexuais ainda sofrerão muito bullying e não se revelarão, mas é bom para que a sociedade se familiarize. (Amanda, 29 anos, entrevista por e-mail)

Nem tanto para a sociedade reconhecer, mas para outros assexuados saberem que existe. Para ajudar os assexuados, e não a sociedade. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Diversos/as entrevistados/as destacaram a importância da educação sexual escolar para a promoção da despatologização do desinteresse sexual – bem como a desnaturalização do interesse sexual compulsório - de modo que a assexualidade possa ser inserida no quadro da “normalidade” sexual. Nas falas desses/as participantes, o binômio *normal/anormal* e o par *doença/doente* são frequentes, como mostram os exemplos a seguir. A fala de Rafaela revela uma percepção “animalesca” nos discursos sobre desejo sexual que circulam nos espaços sociais; a referência da jovem ao “cio” demonstra isto:

Acho que a assexualidade deve ser vista primeiramente como algo normal, o que ainda não ocorre, ainda somos “patologizados.” Amor, desejo, e atração são coisas tão plurais e devem ser vistos como tal, e que é normal não querer ou fazer sexo ou algo assim. Isso não faz de ninguém doente, nem no corpo, nem na mente. Não somos tão animalescos para ficarmos loucos, no cio, que é o que parece que acontece com alguns, e que acham que todos outros tem que ser assim também. (Rafaela, 25 anos, entrevista por e-mail)

Um programa de educação sexual ideal para pessoas assexuais deveria ensinar que é perfeitamente normal uma pessoa não sentir atração sexual, e que nem sempre a falta de interesse em sexo caracteriza uma patologia. (Guilherme, 22 anos, entrevista por e-mail)

O entrevistado Vladimir, de 46 anos, que só chegou ao conceito de assexualidade depois dos 40 anos, quando já estava casado e com filho, afirma que se a assexualidade tivesse sido abordada na escola, possivelmente, sua trajetória de vida teria sido diferente. Os entrevistados/as Fernando e Catarina também sugerem que a abordagem da assexualidade no período escolar também teria conferido maior “normalidade” e aceitação às suas experiências na adolescência:

Eu gostaria de ter ouvido, exatamente, claramente o que é o assexualidade. [...] Gostaria que tivessem dito: “Olha, se você não tem esses desejos, essas inclinações, não se sinta doente, não se sinta uma pessoa anormal, entendeu? Você é um assexuado ou assexual, não é nada mais do que isso.” Se eu tivesse ouvido isso na escola, minha vida seria totalmente diferente. (Vladimir, 46 anos, entrevista presencial)

Ia me ajudar bastante porque eu ia me encaixar em alguma coisa, se falassem que tinha essa possibilidade. Eu acho que se as pessoas, desde pequenas, soubessem que existe a possibilidade de ser assexual, que você não é obrigado a sentir interesse sexual por uma pessoa, ia aliviar muita gente. (Fernando, 23 anos, entrevista presencial)

Acho que o simples fato de mencionarem que a assexualidade existe, e que não ter desejo sexual também é normal, já ajudaria bastante. Eu só quero que as pessoas me aceitem como eu sou. Eu não tento mudar ninguém, então só quero que ninguém tente mudar a maneira como eu sou. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

A partir da proliferação das comunidades virtuais, discursos sobre a assexualidade chegaram à mídia, sendo que este foi o caminho de alguns/mas entrevistados/a para chegar ao conceito. Sidney, entrevistado por *e-mail*, destaca a importância da televisão na disseminação sobre a assexualidade, expondo a omissão da escola no trato com a diversidade sexual em seus programas:

Acredito que o programa escolar deve deixar claro que, entre as orientações sexuais existentes, há a assexualidade e que ela não é uma doença. Se não fosse a novela “Malhação” com um personagem assexual, talvez até hoje eu não conhecesse a orientação e estivesse vivendo uma situação desesperadora, o que não aconteceria caso, dentro da situação hipotética, eu tivesse participado de um programa educacional sobre a assexualidade. (Sidney, 18 anos, entrevista por e-mail)

A entrevistada Carolina reconhece a importância dos conteúdos sobre gravidez e DST nos programas de educação sexual escolar, pois, grande parte de adolescentes e jovens provavelmente se engajarão em relacionamentos afetivo-sexuais; porém, ressalta a relevância de esclarecer que escolher não iniciar vida sexual deve ser opção dada aos/às jovens. Cristiano lembra que a assexualidade deve ser discutida também porque existe a possibilidade da presença de alunos/as assexuais nestes programas:

Acho que deveriam explicar que, se você quer fazer, é assim que funciona, esses são os métodos de proteção e tudo mais; mas se não quiser fazer, tudo bem, é seu direito e não tem nada de errado com isso. (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail)

Eu acho que os programas deveriam incluir a assexualidade como uma possibilidade de orientação sexual. Apesar de sermos estatisticamente pequenos, nunca se sabe quando numa turma pode ter alguém com esses sentimentos, além do que, poderia ajudar na conscientização social sobre o tema. (Cristiano, 19 anos, entrevista por e-mail)

Os discursos sexo-normativos que pressupõem a atividade sexual como compulsória nos relacionamentos amorosos dificultam a compreensão de que pessoas assexuais podem viver relacionamentos amorosos, seja com outras pessoas assexuais ou não. Neste sentido, a falta da discussão sobre relacionamentos amorosos afeta particularmente estes/as jovens e adolescentes assexuais, considerando que para estes e estas, a atração romântica acontece de forma desvinculada da atração sexual. Duas entrevistadas chamaram a atenção para este importante aspecto dos relacionamentos amorosos assexuais - desconhecido nos discursos sexo-normativos - que devem fazer parte dos conteúdos de educação sexual:

O viver da pessoa assexual numa sociedade que é intensamente condicionada pelo sexo é muito diferente. É um outro paradigma de relacionamento e precisa ser orientado e respeitado. A pessoa assexual não se relaciona afetivamente como as pessoas sexuais. Não é uma questão de moral, acho que existe outra ética comportamental. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Na verdade, as pessoas acham que os assexuais não têm relacionamentos. Existem alguns assexuais que namoram e até casam. Talvez a escola deveria levar isso mais a sério. (Celina, 19 anos, entrevista por e-mail)

Para encerrar a exposição das opiniões dos/as entrevistados/as sobre de que modo os programas de educação sexual escolar poderiam incluir as pessoas assexuais, transcrevo as falas das entrevistadas Simone, Anita e Gilda, as quais chamam a atenção para a importância da formação de professores/as para o trabalho com a diversidade na escola. As poucas vezes que professores/as foram mencionados/as pelos/as participantes, foi para exemplificar seu despreparo para lidar com os desafios colocados pelo tema da sexualidade na escola, de modo geral, e da diversidade, em particular. Portanto, a formação torna-se essencial na construção de uma educação sexual inclusiva:

Deveriam falar sobre a diversidade sexual. Porém, acredito que os próprios profissionais desta área devem desconhecer, ou conhecer pouquíssimo sobre a assexualidade. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

Percebo que muitos profissionais desconhecem o termo “assexuado” e insistem na frase: “o sexo está presente em todos os seres vivos” e encerram o assunto. (Anita, 51 anos, entrevista por e-mail)

Eu vejo que os próprios professores não são capacitados pra isso, porque eles têm uma coisa que eu chamo de CVC, que é crenças, valores e costumes que limitam eles a perceber. Então, eles precisam passar por esse processo educativo, pra ele primeiramente, aceitar a pluralidade. (Gilda, 59 anos, entrevista presencial)

A formação de professores/as para o trabalho com a sexualidade no espaço escolar constitui-se em um dos desafios para ações nesse sentido. Em artigo comparativo entre a formação de professores no Brasil e em Portugal, Rossi, Freitas e Chagas ressaltam que os efeitos da falta da inclusão da sexualidade e relações de gênero na formação inicial de professores/as se refletem posteriormente em sala de aula, pois somente a educação continuada não consegue atender as demandas sociais nesse sentido:

Entendemos que muitas das dificuldades relacionadas com a inclusão destes temas dentro da escola têm sua origem na formação inicial dos(as) professores(as). Isto porque, tanto no Brasil quanto em Portugal, a maioria das Universidades que os(as) formam ainda resiste à inclusão, nos seus currículos oficiais, das temáticas referentes às questões anteriormente mencionadas. Razão pela qual fica por conta da formação continuada a responsabilidade de preencher esta lacuna deixada na formação inicial. (ROSSI, FREITAS e CHAGAS, 2012b, p. 35)

Até fazer esta pesquisa, nunca tinha me ocorrido a importância da discussão dos sentimentos amorosos em iniciativas voltadas à educação sexual no contexto da diversidade. Mesmo entendendo o amor romântico como uma construção social, cultural e histórica - conforme discorreu Giddens (1993) - os sentimentos amorosos, como experiências subjetivas, dificilmente podem ser explicados ou problematizados racionalmente, sendo o resultado de uma combinação complexa de afinidade, atração, e aquele elemento “mágico” incompreensível que faz as pessoas se apaixonarem! Tendo sido socializada dentro dos preceitos da sociedade sexo-normativa - apesar de acreditar que o interesse sexual pudesse ocorrer independente de sentimentos amorosos – acreditava, igualmente, que este constituísse componente inexorável de todo relacionamento amoroso. Em minha compreensão, este elemento seria, em grande parte, responsável por aproximar ainda mais os amantes, criando a intimidade necessária para que pudessem continuar juntos.

Porém, depois de entrevistar 40 pessoas, as quais, unanimemente, reafirmaram sua crença na possibilidade do amor sem sexo - bem como na viabilidade do desinteresse por ambos - definitivamente, acredito que esta perspectiva merece ser aprofundada pela investigação científica. Para os propósitos desta pesquisa, considero importante chamar a atenção para a falta de problematização e relativização do amor romântico em programas de educação sexual escolar. A naturalização do amor romântico – bem como o pressuposto da atividade sexual compulsória nas relações amorosas – é tão estruturante nos *scripts* sexo-normativos, que é sequer questionada ou

discutida. A ausência desta discussão pelas instâncias socializadoras contribui para a patologização a assexualidade, uma vez que jovens e adolescentes poderão acreditar que são portadores de algum transtorno fisiológico ou psicológico por não terem esses sentimentos. Fernando, de 23 anos, entrevistado presencialmente, declarou: *“Em relação à experiência afetiva com outras pessoas, nunca tive esta conversa com ninguém.”* Este jovem, cuja biografia foi relatada no Capítulo 4, não conseguia compreender que a atração que sentia por rapazes era puramente amorosa, pois jamais pensou nessa possibilidade. Como nos *scripts* sexo-normativos o sentimento amoroso necessariamente faz despertar o desejo sexual – embora a possibilidade do desejo sexual sem amor seja naturalizada, principalmente para os homens - Fernando vivia em conflito em relação a seus sentimentos.

Neste sentido, acredito que os programas de educação sexual escolar tenham muito a contribuir para a diminuição do sofrimento de adolescentes e jovens que se sentem pressionados/as pelos pares para formação de parcerias amorosas e iniciação sexual. Esses/as adolescentes e jovens não são necessariamente assexuais. Neste grupo, podem ser também incluídos/as jovens que decidiram iniciar a vida sexual após casamento – seja por crenças religiosas ou preceitos morais familiares; jovens celibatários que não desejam engajar-se em relações amorosas e/ou sexuais, por terem outras prioridades; ou simplesmente, jovens virgens. Em outras palavras, estamos falando aqui, por exemplo, dos 588 jovens de 18 a 24 anos que se declararam virgens na pesquisa GRAVAD (BOZON e HEILBORN, 2006), mencionada no Capítulo 2 desta tese.

A expectativa e a demanda dos pares pela iniciação da vida sexual na adolescência afligem, principalmente, os rapazes, que são constantemente desafiados a provar sua masculinidade. Embora a pressão sobre as jovens para início da vida sexual seja menos intensa do que para os rapazes, existe a demanda pelo *gostar de alguém*, - como afirmaram algumas entrevistadas - que pode ser igualmente opressora. A entrevistada Lenita, assim como outras entrevistadas, decidiram “inventar” relacionamentos fictícios para fugir da insistência das amigas: *“Com a pressão, escolhi dizer que gostava de alguém, mesmo não gostando”* (Lenita, 17 anos, entrevista por e-mail). A mesma estratégia foi utilizada por Catarina: *“Cheguei ao ponto de inventar que eu gostava de um ex-colega meu de pré-escola, que estava estudando no mesmo*

colégio que eu, porém, no turno inverso, só para pararem de me perguntar.” (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

Conforme relatado por alguns/mas entrevistados/as, os programas de educação sexual escolar dos quais participaram eram demasiadamente focados em aspectos da atividade sexual, abordando-a como inevitável nas trajetórias juvenis, portanto, não atendendo às necessidades dos/as informantes da pesquisa. Não havendo problematização e relativização da atividade sexual na vivência adolescente, bem como a discussão sobre possibilidades diversas de relacionamentos amorosos, que podem incluir ou não o sexo, os programas não atingem a totalidade das demandas.

Mas afinal, o que significa amar uma pessoa romanticamente, mas não desejá-la sexualmente, conforme argumentação das pessoas assexuais? Como seria este relacionamento? Estas não foram perguntas feitas de forma direta aos/às entrevistados/as, porém, alguns relatos oferecem algumas pistas. Caetano, de 24 anos, entrevistado presencialmente, declara ter tido suas paixões platônicas ao longo dos anos escolares, descreve o tipo ideal de amor que espera encontrar um dia: *“Sabe paixão de 3ª. série? Que é dar a mão, estar com a pessoa? Eu gostava de estar com a pessoa, só isso.”*

Os/as entrevistados/as que declararam seu desejo por um elo amoroso sugerem que o sexo não faria parte de seu relacionamento ideal, porém, tal relacionamento teria todos os outros ingredientes dos demais relacionamentos: carinho, atenção, cuidado, romantismo. Em minha percepção, a observação de Caetano sobre a “paixão de 3ª. série” faz todo o sentido na tentativa de compreensão do relacionamento amoroso desejado pelos/as participantes. O entrevistado Gilberto descreve o que seria, em sua concepção, este tipo de amor, ao narrar um relacionamento que teve na adolescência:

Minhas fantasias eram ligadas a estar junto com ela, dar abraço, talvez um beijo (mas não na boca), fazer ela se sentir bem. Ao mesmo tempo, a atração que sentia por ela não tinha como ser confundida com amizade. É aquela coisa: quando se está apaixonado, você sabe, simplesmente sabe que está. Você fica muito feliz ao ver pessoa amada, quer estar tempo todo com ela, quer o bem dela. São coisas ‘comuns’, acredito, a todas as pessoas que estão apaixonadas. [...] Gostava dela, queria estar junto com ela, porém, a oportunidade de beijar ela, ou até de ter um contato corporal um pouco mais íntimo, não me causava atração alguma. Preferia muito mais dar um abraço nela, dar um beijo na testa, ficar conversando do que me envolver em alguma atividade “sexual”, mesmo que um beijo. (Gilberto, 24 anos, entrevista por e-mail)

Pela descrição de Gilberto, fica claro que não se trata de uma amizade. Trata-se da proximidade, do compromisso, da troca de sentimentos e ideias e não de envolvimento físico. Vale a pena enfatizar que os tipos de carícias físicas aceitáveis ou não nos relacionamentos amorosos, conforme os/as informantes, são muito diversos. Alguns/mas acreditam que andar de mãos dadas é o máximo que estão dispostos a fazer; outros/as, aceitariam beijos, abraços e alguns tipos de carícias; outros/a, ainda, estariam dispostos/as ao ato sexual, caso fosse importante para o/a parceiro/a. A entrevistada Catarina menciona que o começo do namoro – quando o sexo ainda não faz parte do relacionamento – apresenta as características de um relacionamento ideal para ela. Porém, existe a expectativa – temida por muitos/as entrevistados/as – de que em algum momento, o sexo não poderá mais ser adiado:

Eu pensava nele o tempo todo, e adorava estar com ele, porém, nunca tive vontade de beijá-lo. Durante duas semanas, vivi o relacionamento ideal para mim: ele era meu namorado, passava muito tempo comigo, era carinhoso, passeávamos de mãos dadas, mas sem beijo. Porém, duas semanas depois, eu tive que ceder. Quatro anos depois, ainda estamos juntos, e eu tenho certeza que ele é o amor da minha vida, mesmo nunca tendo sentido desejo sexual por ele. (Catarina, 23 anos, entrevista por e-mail)

A perspectiva do ato sexual como compulsório em algum momento do relacionamento amoroso – parte dos *scripts* sexo-normativos - faz com que algumas pessoas não assumam o risco, preferindo não buscar este tipo de relacionamento, conforme explica a entrevistada Selma. A ideia de que todo homem espera sexo e não aceitaria relacionar-se sem ele, faz com que Selma acredite que não deixar clara sua posição, seria “enganar” um possível parceiro. Liliane também não acredita na capacidade masculina de ter um relacionamento amoroso sem sexo:

Na minha idade, os homens sempre esperam um relacionamento afetivo ligado a relações sexuais e eu não queria (e não quero), de forma alguma, me dispor a isso pra manter um relacionamento. E comecei a pensar muito sobre isso. Até passou pela minha cabeça namorar e, para não chegar a ter relações sexuais, dizer que queria manter a castidade até o casamento. Mas, o que faria após o casamento? Com certeza ele estaria fadado ao fracasso e não achei justo enganar ninguém. (Selma, 22 anos, entrevista por e-mail)

Dificuldade mesmo é no campo de relacionamento porque homem não aceita a ideia de ter um relacionamento sem sexo e os que falam que aguentam, é mentira, já que acaba por trair a parceira. Quanto à pressão, já nem sinto mais pois deixei de ligar para a sociedade, e fico no meu canto mesmo. (Liliane, 22 anos, entrevista por e-mail)

Ao mesmo tempo, algumas entrevistadas, como Loreta e Simone, disseram que têm medo de jamais encontrar um homem que as aceitem como são, sem esperar que elas façam sexo para legitimar o relacionamento. Algumas percebem falta de interesse em relacionamentos amorosos mesmo nas comunidades assexuais. O entrevistado Eduardo afirma que, caso não consiga encontrar uma mulher que o aceite como assexual, prefere não se relacionar:

Eu tenho medo de não achar alguém que saiba me aceitar. Ou ainda conhecer alguém que diga que me aceita mas depois me pressione pra fazer sexo, ou me traia. Não acho que eu tentaria um relacionamento com alguém que não fosse assexual neste momento, quem sabe eu possa mudar de ideia. (Loreta, 19 anos, entrevista por e-mail)

A única coisa que realmente me incomoda em ser assexual é a dificuldade que se conseguir um companheiro. Mesmo com as comunidades assexuais, ainda é complicado, pois a maioria usa nomes falsos, não fornecem nenhum contato e muitos não querem um relacionamento. (Simone, 28 anos, entrevista por e-mail)

Embora eu queria alguém para conviver como namorada, esposa assexual, não ligo se eu ficar sozinho para sempre e tal. (Eduardo, 25 anos, entrevista por e-mail)

Se as instâncias socializadoras - sobretudo a escola - não incorporarem a discussão sobre os diferentes modos de amar e viver a sexualidade, a compulsoriedade do sexo nos relacionamentos amorosos continuará a produzir sujeitos que, por se sentirem fora da normatividade - e pior, abaixo dela - conduzirão suas trajetórias no sentido de conformar-se às regras sociais da sexo-normatividade, como bem exemplificam as entrevistadas Denise e Amanda:

Quando eu tinha 14 anos, eu dei meu primeiro beijo porque é isso que as pessoas fazem... E depois, quando eu já tinha idade para sair à noite, eu saía à noite também porque é isso que as pessoas fazem. E se é o comum ou normal das pessoas “ficarem” com outras, então eu também fazia isso. Entretanto, eu nunca senti nada e na verdade sempre achei tudo meio tedioso e não compatível comigo, mas como era o “normal e comum” de se fazer, então eu esperava que eventualmente teria o sentimento e reação certos a respeito. (Denise, 24 anos, entrevista por e-mail)

Foi aos 21 anos que conheci meu atual marido, que foi meu primeiro namorado e tive minha primeira relação sexual depois de 2 meses que estávamos juntos, pois assim era o normal. [...] Acho que casei para fazer o que era certo, mas eu não me adaptei em ser esposa. No casamento, eu me esforçava para sentir desejo por ele e mantinha o relacionamento sexual, pois percebia que ficávamos mais harmoniosos. (Amanda, 29 anos, entrevista por e-mail)

A entrevistada Giovana - que afirma não ter interesse em relacionamentos nem amorosos e nem sexuais - acredita que os relacionamentos amorosos se tornaram produtos de consumo na sociedade contemporânea, nos quais ocorre um “uso do

outro.” Este tipo de banalização dos relacionamentos, segundo a entrevistada, acaba por tirar da normalidade todo/a aquele/a que se recusa a se relacionar neste padrão:

Vamos supor que eu fosse gostar de alguém. Eu jamais banalizaria esta pessoa, eu veria a pessoa como um todo, jamais me relacionaria com essa pessoa esperando uma coisa sexual, ou afirmando que o relacionamento só é estabelecido porque tem alguma coisa sexual. Sexo é só um aspecto das experiências do ser humano. E as pessoas ficam só, sexo, sexo, sexo; ou faz tudo em nome de sexo, sexo, sexo; ou legitima as coisas em cima de sexo. (Giovana, 27 anos, entrevista presencial)

Neste tópico, foram apresentadas as opiniões das pessoas entrevistadas em relação ao modelo de educação sexual escolar que poderia incluir as particularidades da assexualidade. Todas afirmaram que o maior problema das ações na escola é a falta da discussão sobre a diversidade sexual. Para serem inclusivos, os programas deveriam apresentar a assexualidade como parte do espectro da sexualidade humana, explanando suas especificidades e problematizando a naturalização do interesse sexual. Adicionalmente, as ações deveriam incluir a discussão sobre relações amorosas, uma vez que para pessoas assexuais, esta acontece de forma desassociada da atividade sexual. A discussão da assexualidade na escola também cumpriria a tarefa de sensibilizar a sociedade para a existência de pessoas que se identificam com esta sexualidade, bem como acolher adolescentes e jovens que se sentem oprimidos/as pelas sexualidades heteronormativas e sexo-normativas. Por fim, também foi citada a importância da formação de profissionais da educação para o trabalho com a diversidade sexual, incluindo a assexualidade na instituição escolar.

O direito à diferença e à vivência de sua sexualidade dentro da diversidade foi enfatizado pelos/as entrevistados/as como pontos relevantes a serem destacados nos programas de educação sexual que pretendem ser inclusivos, a fim de garantir a liberdade de escolha. Como bem colocou uma entrevistada: *“Vi recentemente uma frase que dizia, basicamente, que liberdade sexual é ter quantos parceiros quiser, inclusive nenhum”* (Carolina, 25 anos, entrevista por e-mail).

Para encerrar este capítulo, transcrevo, a seguir, a fala da entrevistada por e-mail Denise, a qual considero especialmente elucidativa na compreensão do significado da “descoberta” do conceito de assexualidade para as vidas das pessoas entrevistadas. Acredito que o modo com que Denise descreve as mudanças em sua vida - enfatizando que o aprendizado mais precioso foi ser capaz de deslocar o foco das expectativas

sociais para seus próprios sentimentos - constitui uma lição relevante para a elaboração de programas de educação sexual na escola:

Eu nunca tinha prestado muita atenção no que eu queria ou sentia, e jurava que rótulos e definições não eram importantes porque cada indivíduo é um indivíduo. Descobrir a assexualidade mudou a minha vida de várias formas. Primeiro, abriu meus olhos para meus próprios sinais. Passei a prestar mais atenção no que eu queria, e principalmente no que eu não queria. [...] Sempre fugi dos meus relacionamentos, sem saber exatamente o motivo, era uma ansiedade e uma vontade de dizer para a outra pessoa, por favor, não encoste em mim. [...] Eu sei que isso pode não ter nada a ver com a assexualidade, mas a descoberta me fez aprender sobre outro tipo de relacionamento afetivo romântico, o tipo que tem tudo que eu sempre quis, como a cumplicidade, o amor, alguém sempre presente, mas não exigia nada físico em troca. [...] Eu entendia que sexo fazia parte de relacionamentos amorosos e que todo mundo fazia. (Denise, 24 anos, entrevista por e-mail)

A consciência de que somos todos/as indivíduos singulares - dentro da diversidade - e de que é mais importante a busca pela realização pessoal do que a procura pela conformação a padrões pré-estabelecidos deveria fundamentar as ações da escola para a promoção do respeito e combate ao preconceito e à discriminação. Essa foi uma das grandes lições que esta pesquisadora aprendeu a partir da experiência de ter realizado esta pesquisa.

Considerações finais

Quando chegares ao fim do que deves saber, estarás no começo do que deves sentir.

Gibran Khalil Gibran, *A areia e a espuma*

Chegando ao fim do caminho, antes de sintetizar as principais conclusões deste estudo, retomo resumidamente seu objetivo. Esta pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica buscou contribuir com a produção acadêmica sobre a diversidade sexual na escola, ao estudar as trajetórias de autoidentificação da assexualidade, categoria nascida e disseminada na internet no início do século XXI, a partir de intensa produção discursiva. A assexualidade é entendida, neste trabalho, como uma forma de sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela atividade sexual, podendo ser ou não acompanhada pelo desinteresse por relações amorosas. Nesse sentido, foram entrevistadas 40 pessoas autoidentificadas como assexuais, as quais trouxeram sua contribuição para ajudar a iluminar este fenômeno social, sendo que suas experiências foram examinadas à luz de literatura de base construcionista social, com destaque para a Teoria dos *Scripts* Sociais, de John Gagnon e William Simon, em articulação com a teoria de gênero de Joan Scott.

Uma das conclusões mais importantes deste trabalho foi a constatação de que a assexualidade traz questões importantes para os estudos das sexualidades nas próximas décadas por desafiar pelo menos três postulados históricos que têm permeado as construções sociais de sexualidade e gênero. O primeiro é o pressuposto do interesse sexual – sobretudo para os homens - e do interesse amoroso – principalmente para as mulheres - como universais e inquestionáveis. Este pressuposto atravessa os *scripts* sexo-normativos presentes nos modelos e discursos das instâncias socializadoras, como a família, a escola, a mídia, as religiões, as instituições e demais agentes que contribuem para a educação de crianças, adolescentes, jovens. O segundo pressuposto histórico presente nos *scripts* sexo-normativos – e que a assexualidade ajuda a desconstruir - é a compulsoriedade da atividade sexual nas relações amorosas, não sendo possível, neste pensamento, a possibilidade de relações baseadas no amor romântico e desvinculadas do sexo. O terceiro pilar histórico que o conceito de assexualidade ajuda a repensar diz respeito à ideia naturalizada da centralidade das relações afetivo-sexuais na experiência

humana. A desestabilização desses três postulados contribui para enfraquecer as teorias essencialistas sobre as sexualidades que ainda permeiam boa parte da ciência, da cultura e das relações sociais.

Este estudo também evidenciou o fortalecimento das tecnologias de informação e comunicação - sobretudo a expansão do acesso à internet – como instâncias socializadoras que competem com a família e a escola no processo de busca identitária na contemporaneidade. Os/as entrevistados/as conheceram o conceito de assexualidade e se identificaram com o mesmo em suas interações na internet, e não em suas interações sociais, embora estas tenham contribuído para a percepção da diferença. Ao passo que a internet mostrou-se importante nesse processo, é importante lembrar que pessoas que poderiam se identificar como assexuais nunca ouviram falar de assexualidade, por não terem acesso à internet. Este constitui um dos limites das comunidades virtuais: o acesso às tecnologias de informação e comunicação ainda não é universal; os grupos que têm acesso pertencem a determinadas categorias de nacionalidade, classe, raça, idade, gênero, escolaridade, entre outras. O sujeito assexual que interage no mundo virtual é, quase por definição, o indivíduo *bricoleur*, conforme definição de Martuccelli (2002), pois mostra-se autônomo e ativo em sua busca identitária. Graças ao surgimento das comunidades virtuais, assexuais do mundo todo passam a situar seu modo de viver a sexualidade como uma característica de si, não mais relacionada à patologia.

Assim como as pessoas assexuais dos fóruns norte-americanos, estudadas por Carrigan (2011), os/as assexuais brasileiros/as percebem a distinção de sua sexualidade em relação às demais pessoas de seu convívio, em geral, por volta da adolescência, nas interações com os pares na instituição escolar, o que evidencia a escola como lócus privilegiado na discussão da diversidade sexual. Os/as entrevistados/as percebem que os pares, de forma “súbita”, abandonam práticas e atividades consideradas da esfera infantil em prol de interesse por relações amorosas e sexuais.

O processo é fortemente marcado pelas diferenças de *scripts* de gênero: nas rodas masculinas, na adolescência, passa-se a falar de sexo e dos corpos femininos, adicionalmente, fazendo-se o compartilhamento de materiais eróticos - como revistas de nudez feminina - e pornografia, por meio de fotografias e vídeos. Nos grupos femininos, passa-se a falar sobre atração física e emocional por meninos, namoro e também pelo *gostar* de alguém, que se torna sinal de normalidade no desenvolvimento nos *scripts*

sexo-normativos. As interações com os pares são citadas pelos/as entrevistados/as como a maior fonte de pressão à sua diferença. Embora essa percepção da diferença geralmente ocorra na observação dos pares na escola, alguns/mas relatam que já percebiam uma desidentificação com a sexualidade ou com os tradicionais arranjos familiares desde a infância. Para aqueles e aquelas que possuem orientação afetiva destoante da heterossexualidade, ou identidade transexual, essas questões parecem ter sido identificadas antes da falta de interesse sexual, conforme apontam os relatos.

A escola – entre outras instâncias socializadoras - mostrou-se ausente no acolhimento das dúvidas nas experiências das pessoas entrevistadas sobre suas diferenças, o que as levou a explorar sua identidade em interações na internet. A “descoberta” do conceito de assexualidade pelas pessoas entrevistadas trouxe o alívio de revelar uma “verdade” sobre si, em suas palavras, colocando uma resolução – não necessariamente definitiva – ao processo de construção identitária, afastando a patologia e construindo um senso de normalidade. A apropriação do conceito de assexualidade é feita de distintas formas em diversos graus. Alguns/mas entrevistados afirmaram identificar-se totalmente com o conceito, enquanto outros/as identificam-se parcialmente, ou identificam-se somente com alguns aspectos; outros, ainda, não adotaram o rótulo da assexualidade, apesar de sua identificação com o conceito.

Muitas pessoas entrevistadas revelaram que, antes de conhecer o conceito de assexualidade, sentiam-se “alienígenas” no planeta, pois a visibilidade da assexualidade ainda é limitada. Portanto, enfrentam uma dupla tarefa identitária: em primeiro lugar, conhecer a si mesmo/a; em segundo lugar, mostrar para a sociedade que sua sexualidade é compartilhada por muitas outras pessoas no mundo, tratando-se, portanto, de uma sexualidade legítima. Como bem coloca Alberto Melucci (2004), é necessário que os /as outros/as nos vejam como nós mesmos nos vemos para que nossa identidade seja reconhecida e legitimada, ou seja, o reconhecimento intersubjetivo de nossa identidade é que permite a continuidade do sujeito no tempo e no espaço, estabelecendo a fronteira entre o *eu* e o *outro*. Essa é uma preocupação que apareceu nas falas de muitos/as entrevistados/as e que motivou muitos/as deles/as a participarem da pesquisa.

Em suas trajetórias, os/as entrevistados/as - assim como outras pessoas que se identificam com sexualidades não normativas - precisam decidir pela ocultação ou revelação, ou não discussão de sua sexualidade, ou seja, viver dentro ou fora do “armário.” Se optarem por viver “no armário”, as pessoas de seu convívio – família,

amigos, colegas de trabalho, etc. - passam a elaborar hipóteses para seu estilo de vida, como por exemplo, podem concluir que eles/as sejam homossexuais, que não tenham coragem de assumir publicamente essa sexualidade. Se optarem por “sair do armário” e revelar sua assexualidade, correm o risco de, ainda assim, serem estigmatizadas como homossexuais enrustidos/as, pois a possibilidade da assexualidade ainda não é cogitada socialmente como alternativa possível. O binarismo heterossexualidade/homossexualidade ainda prevalece nas representações sociais de sexualidades. A hipótese da homossexualidade pode ser cogitada também pelas próprias pessoas assexuais em sua busca por construção de hipóteses para sua diferença em relação aos demais, como mostram as experiências das pessoas entrevistadas. Outras hipóteses levantadas para a percepção da diferença – fundamentadas em pressupostos sexo-normativos e heteronormativos - principalmente na adolescência, são a imaturidade, a timidez, a religiosidade, elevação moral, não ter encontrado a pessoa certa, a possibilidade de problema fisiológico ou psicológico e, como já mencionado, o pressuposto da homossexualidade, esta última experimentada por grande parte deles/as. Por outro lado, alguns/mas entrevistados não percebem sua falta de interesse sexual e/ou amoroso como problema, aceitando-se dessa forma, porém, reconhecendo que seu desinteresse parece incomodar outras pessoas de seu convívio social.

As experiências em sociedade das pessoas entrevistadas mostram que sua sexualidade é determinante em suas relações com família, amigos/a, colegas de trabalho e nas relações amorosas. A hipótese da homossexualidade – juntamente com seu estranhamento, rejeição e discriminação - está sempre presente como possibilidade para as pessoas assexuais, na perspectiva da família, amigos e demais membros de seu convívio social. Os/as entrevistados/as declararam perceber certa exigência social em relação às parcerias amorosas, tanto por parte da família como de amigos/as. Para os homens, mais do que parceria amorosa, existe a expectativa da atividade sexual e compartilhamento dos detalhes nos círculos masculinos, sendo que os mais jovens experimentam mais pressão do que os mais velhos; os solteiros sofrem mais pressão do que os casados, pois há o pressuposto de que os/as casados/as tenham vida sexual ativa. As mulheres sofrem também a expectativa pela constituição de uma família com marido e filhos, principalmente por parte da família de origem.

Em relação às relações amorosas, alguns/mas entrevistados/as declararam não ter interesse na formação de parcerias românticas. As entrevistadas que esperam

engajar-se em relacionamentos amorosos manifestaram seu temor em nunca encontrar homens que aceitem um relacionamento sem sexo, o que evidencia um pressuposto do desejo sexual masculino como um fato. Três dos entrevistados - autodeclarados como heterorromânticos ou heteroafetivos - também manifestaram seu medo em nunca encontrar mulheres que os aceitem e tenham que viver de forma solitária. A disposição de algumas pessoas assexuais para o chamado *arromantismo* merece ser aprofundada. Declaram-se arromânticos por não demonstrarem, de fato, um desejo pela formação de parcerias amorosas, ou por perceberem a baixa probabilidade em encontrar parceiros/as que aceitariam uma relação amorosa sem sexo? O entrevistado transexual Tiago, em alguns momentos da entrevista declarou-se arromântico; em outros momentos afirmou sentir atração amorosa por algumas meninas; por fim, disse que não faz questão de relações amorosas, mas estaria disposto a viver um romance dentro dos padrões de sua assexualidade.

De um modo geral, as pessoas entrevistadas percebem a escola como espaço importante na sua formação para a vida em sociedade, mas também como cenário de exclusão, preconceito e discriminação de sua diferença. Pelos relatos, essa discriminação – principalmente para os homens - vinha majoritariamente dos/as colegas de escola. Aparentemente, o fato de a assexualidade ser pouco conhecida, nunca chegou a ser uma questão com outros atores escolares, como professores/as, diretores/as, funcionários/as. O preconceito e a discriminação não estavam propriamente associados à assexualidade, mas à homossexualidade presumida, ou à percepção de “estranheza” ou “esquisitice” por parte de colegas. Alguns/mas relatam ter sofrido discriminação na escola por causa de sua diferença em relação aos/às demais, não necessariamente por causa da assexualidade, mas devido ao comportamento destoante das expectativas sexonormativas e heteronormativas. Esse sentimento é bastante citado pelos homens, devido às expectativas sociais em relação às masculinidades, as quais devem ser constantemente reafirmadas por meio das interações afetivo-sexuais heterossexuais.

As experiências com a educação sexual escolar também revelam a exclusão sentida pelas pessoas assexuais entrevistadas. Os conteúdos dos programas de educação sexual escolar estão voltados às necessidades das pessoas sexualmente ativas – ou com pretensão de serem sexualmente ativas - concentrando-se em anticoncepção, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras. Os/as entrevistados/as reconhecem que tais conteúdos são importantes, porém, percebem que o interesse sexual compulsório está na

base de todos os programas, o que patologiza a falta desse interesse. A diversidade sexual humana raramente é incluída; no máximo, fala-se de homossexualidade, mas a assexualidade – ou pelo menos a falta de desejo/atração sexual e/ou amorosa - nunca foi abordada por nenhum programa nas experiências dos/as entrevistados/as. Os/as participantes apontam para a necessidade de que os programas de educação sexual escolar incluam a discussão sobre todas as sexualidades para que se desenvolva o respeito às diferenças e à diversidade. Esse posicionamento, praticamente unânime entre as pessoas entrevistadas, mostra que a grande maioria percebe a assexualidade como sexualidade tão legítima como a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade.

Os/as assexuais constituem uma categoria que não afronta a sociedade com um comportamento sexual considerado ofensivo e não estão politicamente organizados/as para lutar por direitos reivindicados por outras minorias sexuais. No entanto, três constatações desta pesquisa indicam a necessidade da inclusão da discussão da assexualidade no cenário público brasileiro e sua inclusão em políticas de proteção às minorias sexuais e de gênero. Em primeiro lugar, diversas pessoas entrevistadas – sobretudo os homens - relatam ter sofrido algum tipo de exclusão social motivada pela homofobia, apesar de não serem homossexuais, mas por serem percebidos/as como tal. É importante ressaltar que essa discriminação para os/as assexuais assume mais a forma de pressão social – principalmente dos pares – na tentativa de impor condutas sociais consideradas normativas. Entre meus entrevistados não houve queixas de violência física em função de sua assexualidade, mas uma vez que alguns/mas são percebidos/as como homossexuais, esse risco não pode ser descartado. O binarismo *heterossexualidade-homossexualidade* (com a bissexualidade ocupando um pequeno espaço entre essas sexualidades) modela a percepção social sobre as sexualidades. Sendo a assexualidade uma categoria ainda pouco conhecida, não é cogitada como possibilidade legítima, o que situa os/as assexuais no polo homossexual, por eliminação.

Em segundo lugar, como para os/as assexuais existe uma separação clara entre amor e sexo, existem pessoas assexuais que sentem interesse amoroso por pessoas do mesmo sexo; isso as coloca como alvo dos mesmos preconceitos que as pessoas homossexuais não assexuais, pois os relacionamentos amorosos costumam ser públicos, enquanto o sexo é privado. Além disso, existem pessoas assexuais que são também transexuais, grupo estigmatizado e discriminado por divergir das expectativas sociais de

gênero. Por último, o postulado do desejo sexual obrigatório patologiza as pessoas assexuais e também afeta o respeito às pessoas virgens e/ou celibatárias. O questionamento desse postulado, sobretudo nos programas escolares de educação sexual, deve contribuir para a diminuição do preconceito e da discriminação no espaço educacional.

Embora no Brasil ainda não haja movimentos organizados de assexuais na luta por direitos, a visibilidade desse grupo torna-se importante considerando que políticas direcionadas à equidade de gênero e direitos sexuais e reprodutivos - principalmente os programas de educação em sexualidade nas escolas e unidades de saúde - devem incluí-los/las em sua especificidade. Para que haja o reconhecimento e a inclusão dos/as assexuais – bem como a despatologização da falta de interesse por sexo - torna-se necessário o estudo dessa categoria sexual, para que seja dada visibilidade à sua existência e suas experiências. O estudo dos/as assexuais também pode contribuir para a redução do preconceito e discriminação a outros indivíduos que não se identificam com as sexualidades mais visíveis na sociedade, optando por abster-se de vida sexual ativa, sejam quais forem seus motivos. A falta de visibilidade assexual também constitui uma barreira para sua inclusão em outros grupos de ação política, dificultando reivindicação de direitos específicos a esta população. A assexualidade faz parte do espectro da diversidade sexual, tema que tem sido alvo de diversas políticas públicas em todas as esferas do governo brasileiro nos últimos anos, especialmente no que se refere ao enfrentamento e combate à violência que a intolerância à diversidade sexual pode fazer emergir.

Portanto, existem diversas questões relativas às vivências das pessoas que se identificam como assexuais que merecem ser pesquisadas com maior profundidade e por áreas do conhecimento que têm muito contribuir, como a psicologia, as ciências sociais, o direito e demais ciências humanas. Espero que esta pesquisa contribua no sentido de fomentar a discussão social desse tema, bem como estimule a realização de outras investigações que possam também colaborar para iluminar os muitos aspectos ainda não conhecidos sobre as vivências de pessoas que se identificam como assexuais.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Míriam. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, **14**, jun. 2000, p. 163-171

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**, 2º. Semestre de 2001, p. 575-585

ALTMANN, Helena. Diversidade Sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Revista Latino-Americana. n.13, abr. 2013, p.69-82

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.). Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010. Disponível em: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>
Acesso em: 24/04/2013

BARBIERI, T. Sobre la categoría de género – una producción teórico-metodológica, In: AZEREDO, S.; STOLCKE, V. (org.) **Direitos Reprodutivos**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991, p. 25-47

BAUER, G. R.; HAMMOND, R.; TRAVERS, R.; KAAAY, M.; HOHENADEL, K. M.; BOYCE, M. “I Don’t Think This Is Theoretical; This Is Our Lives”: How Erasure Impacts Health Care for Transgender People. **Journal of the Association of Nurses in Aids Care**, Vol. 20, No. 5, September/October 2009, p. 348-361

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

BEDLEY, Crystal. (A)Sexuality: challenging what it means to be sexual. Trabalho apresentado na reunião anual da **American Sociological Association**, Hilton, San Francisco, CA, Aug/08/2009. Disponível em: http://www.allacademic.com/meta/p309698_index.html. Acesso em: 12/08/2010

BELLENZANI, Renata; BLESSA, Cely; PAIVA, Vera. *Scripts em cena: HIV e mercado sexual no contexto turístico*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, out./dez., 2008, p. 653-662

BERGER, P.; BERGER, B.; KELLNER, H. La pluralizzazione dei mondi della vita. In: SCIOCCA, L. *Identità: percorsi di analisis in sociologia*. Torini: Rosenberg e Sellier, 1983, p. 169-184

BERKEY, B. R.; PERELMAN-HALL, T.; KURDEK, L. A. The multidimensional scale of sexuality. **Journal of Homosexuality**, vol. 19 (4), 1990, pp. 67-87

BHATTACHERJEE, Anol. **Social Science Research: Principles, Methods, and Practices**. Tampa: University of South Florida, 2012 , Tampa Library Open Access Collections 2a. edição. *Textbooks Collection*. Book 3. Disponível em: http://scholarcommons.usf.edu/oa_textbooks/3, Acesso em: 14/04/2013

BOGAERT, Anthony F. Asexuality: prevalence and associated factors in a national probability sample. **The Journal of Sex Research**, volume 41, number 3, 2004, p. 279-287

_____. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, Vol. 10, No. 3, 2006, p. 241-250

_____. Asexuality: dysfunction or variation? In: CARROLL, J.M.; ALENA, M. K. (org.). **Psychological Sexual Dysfunctions**. New York: Nova Biomedical Books, 2009, p. 9-13

_____. **Understanding asexuality**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2012

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002

BOZON, M.; HEILBORN, M. L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (orgs.) **O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, 2006

BRINKMANN, Svend. History and Epistemologies of Interviewing. In: GIVEN, Lisa M. (org.) **The Sage Encyclopedia of qualitative research methods**. Volumes 1 & 2, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: 2008, p. 471-472

BRODSKY, Anne E. Researcher as instrument. In: GIVEN, Lisa M. (org.) **The Sage Encyclopedia of qualitative research methods**. Volumes 1 & 2, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: 2008, p. 766

BROTTO, L. A. The DSM Diagnostic Criteria for Hypoactive Sexual Desire Disorder in Women. **Arch Sex Behav**, 2009, p. 221-239

BROTTO, KNUDSON, G.; INSKIP, J.; RHODES, K.; ERSKINE, Y. Asexuality: a mixed methods approach. **Arch Sex Behav**, No. 39, 2010, p. 599-618

BROTTO, L. A., & Yule, M. A. Physiological and subjective sexual arousal in self-identified asexual women, **Arch Sex Behav** 40, 2011, p. 699–712

BURNS, Edgar. Developing Email Interview Practices in Qualitative Research. **Sociological Research Online**, 15 (4) 8, 2010. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/15/4/8.html>> 10.5153/sro.2232 Acesso em 20/07/2014

CARRARA, Sérgio. Sexualidade e sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: notas preliminares de pesquisa. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, n.08, 1997, p. 113-128

_____. Sexuality education in Brazil: An e-learning experience. Annual Congress - Society for the Scientific Study of Sexuality - Sexual Literacy: Health and Rights in Cultural Contexts, 2009

CARRIGAN, M. There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. **Sexualities**, 4(4), 2011, p. 426-478

CARRIGAN, M.; GUPTA, K.; MORRISON, T. G. (orgs.). **Asexuality and sexual normativity: an anthology**. London and New York: Routledge, 2014

CASTELLS, Manuel. A era da Informação: economia, sociedade e cultura – Volume II: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CASTRO, Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam.; SILVA, Lorena B. Juventudes e sexualidades. Brasília: UNESCO, 2004

CARVALHO, Marília P.; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete R. B. Jovens, sexualidade e gênero. In: SPOSITO, M. P. (org.) **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 229-274

CAVALEIRO, Maria Cristina. **Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas**. 218p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

CERANKOWSKI, K. J.; MILKS, M. New orientations: asexuality and its implications for theory and practice. **Feminist Studies**, No. 36, Fall 2010, p. 650-664

CERANKOWSKI, K. J.; MILKS, M. (org.) **Asexualities – Feminist and Queer perspectives**. New York: Routledge, 2014

CHASIN, CJ D. Amoeba in their habitat - the asexual community: an ecological and discursive perspective. 2009. Disponível em www.asexuality.org. Acesso em: 10/10/2010

CONRAD, Peter. Medicalization and Social Control. **Annual Review of Sociology**. Vol. 18, 1992, p. 209-232

COOK, Kay E. In-depth interview. In: GIVEN, Lisa M. (org.) **The Sage Encyclopedia of qualitative research methods**. Volumes 1 & 2, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: 2008, p.422-423

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface** (Botucatu), vol.9 n.17, Mar./Ago. 2005, p. 235-248. Disponível em: <http://www.scielo.org> Acesso em 23/07/2012

COUTO, W. G. S; MENANDRO, P. R. M. Imagens da adolescência feminina na Revista Capricho. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 13(1): jan.-jul. 2003, p. 63-78

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: LINCOLN, Y. (org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2008, Capítulo 1, p. 15-47

DIAMOND, Lisa M.. **Sexual fluidity: understanding women's love and desire**. Cambridge: Harvard University Press, 2008

DINIZ, Debora; OLIVEIRA, Rosana M. (organizadoras.) **Notícias de Homofobia no Brasil**. Brasília: Letras Livres, 2014

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, março/2002, p. 139-154

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, 2004, p. 213-225

EGAN, Jennifer. E-mail interview. In: GIVEN, Lisa M. (org.) **The Sage Encyclopedia of qualitative research methods**. Volumes 1 & 2, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: 2008, p. 244

ESCOFFIER, Jeffrey. Introdução. In: **Uma interpretação do desejo – ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p.13-30

FAHS, Breanne. Radical refusals: on the anarchist politics of women choosing asexuality. **Sexualities**, 13(4), 2010, p. 445-46

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02: p.9-79

FINLEY, Linda. Negotiating the swamp: the opportunity and challenge of reflexivity in research practice. **Qualitative Research**, 2002 2: 209, p. 209-230. Disponível em: <http://qrj.sagepub.com/content/2/2/209>, Acesso em: 10/01/2013

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilon Albuquerque. 16ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005

_____. Herculine Barbin: being the recently discovered memoirs of a nineteenth-century French Hermaphrodite. **Introduction**. Tradução Richard McDougall. Nova Iorque: Pantheon Books, 1980, p. vii-xvii

FRASER, Márcia T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 14 (28), 2004, p.139 -152

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: SANTOS, Dayana B. C.; ARAÚJO, Débora C. (orgs.) **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 37-48

GAGNON, John; SIMON, William. **Sexual conduct - the social sources of human sexuality**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1973

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo – ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

GAVA, Thais M. **Concepções sobre Educação em Sexualidade de Profissionais da Rede Municipal de Educação em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade Federal de São Paulo, 2013

GAZZOLA, S. B.; MORRISON, M.A. Asexuality: an emerging sexual orientation. In: MORRISON, T.G.; MORRISON, M.A; CARRIGAN, M.; McDERMOTT, D. T. (org.). **Sexual Minority Research in the New Millennium**. New York: Nova Science Publishers, Inc., 2012, p. 21-44

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1991

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008

GOMES, Elias Evangelista. **Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “vem, você vai gostar.” 190p**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

HAEFNER, Carol. **Asexual scripts: A grounded theory inquiry into the intrapsychic scripts asexuals use to negotiate romantic relationships**. 186p. Tese (Doutorado em Psicologia Transpessoal). Institute of Transpersonal Psychology, Palo Alto, 2011

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (orgs.) **O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, 2006

HINDERLITER, Andrew. Asexuality: the history of a definition. [S.l:s.n]. Disponível em: www.asexualexplorations.net. Acesso em: 15/12/2011

HUNT, Nigel; McHALE, Sue. **A Practical Guide to the E-Mail Interview. Qualitative Health Research.** Sage Publications, Volume 17, Number 10, December 2007. Disponível em: <http://qhr.sagepub.com> Acesso em 20/03/2011

JACKSON, S. The sexual self in late modernity. In: KIMMEL, Michael (org.). **The sexual self – the construction of sexual scripts.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2007, p. 3-15

JOHNSON, Myra T. Asexual and Autoerotic Women: two Invisible Groups. In: Gochros, H.L.; J.S. Gochros (org.). **The Sexually Oppressed.** New York: Associated Press, 1977, p. 96-109

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** UNESCO/MEC: Brasília, 2009, p. 13-51

KIM, E. How much sex is healthy? The pleasures of asexuality. In: METZL, J.; KIRKLAND (orgs.). **Against Health: how health became the new morality.** New York and London: New York University Press, 2010, p. 157-169

KIM, E. Asexuality in disability narratives. **Sexualities**, 4(4), 2011, p. 479-493

KIMMEL, Michael. Introduction: John Gagnon and the sexual self. In: KIMMEL, Michael (org.). **The sexual self – the construction of sexual scripts.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2007, p. VII-XVI

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LIRA, Luciane C. E. **Como se constrói um mulher: análise dos discursos nas revistas brasileiras para adolescentes.** 179p. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-34

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** UNESCO/MEC: Brasília, 2009, p. 85-93

MARTINS, Heloísa H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, maio/ago. 2004, p. 289-300

MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. Mesnil-Sur-L'Estrée, France, Éditions Gallimard, 2002, p. 343-386

MEHO, Raymond. E-Mail Interviewing in Qualitative Research: A Methodological Discussion. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, 57(10), 2006, p. 1284–1295

MELUCCI, Alberto. **O jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004

MIRANDA-RIBEIRO, Paula; MOORE, Ann. Já nas bancas: a saúde reprodutiva das adolescentes vista através das revistas Querida e Capricho. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. 2002, p. 263-276

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. Salvador, 17 set. 2010. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/N%C3%A3o-Somos-queremosRichardMiskolci.pdf>>. Acesso em: 10/01/2013

MUNÁRRIZ, Luis Álvares. La identidad asexual. **Gazeta de Antropologia** no. 26/2, 2010, Artigo 40. Disponível em <HTTP://hdl.handle.net/10481/6777>. Acesso em: 13/08/2012

NURIUS, Paula S. Mental Health implications of sexual orientation. **The Journal of Sex Research**, Vol 19, No. 2, 1983, p. 119-136

OLIVEIRA, Elisabete R. B. **Sexualidade, maternidade e gênero: experiências de socialização de mulheres jovens de estratos populares**. 232p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007

OLIVEIRA, Elisabete R. B. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana In: VIEIRA, T. R. (org) **Minorias Sexuais: direitos e preconceitos**. 1 ed. Brasília : Editora Consulex, 2012, p. 69-82

OLIVEIRA, Elisabete R. B. Saindo do armário: a assexualidade na perspectiva da AVEN – Asexual Visibility and Education Network. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384778146_ARQUIVO_ElisabeteReginaBaptistadeOliveira.pdf, acesso em 04/05/2014

OPDENAKKER, Raymond. Advantages and disadvantages of four interview techniques in qualitative research. **FQS Forum: Qualitative Social Research**. Volume

7, Nr. 4, Art 11 – September, 2006. Disponível em www.qualitative-research.net. Acesso em: 30/11/2012

PAIVA, Vera. Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: CACERES, Carlos; CAREAGA, Glória; FRASCA, Tim e PECHENY, Mario (orgs.). **Sexualidad, estigma y derechos humanos - desafios para el acceso a la salud en America Latina**. Lima, Peru: FASPA/UPCH, v. 1, 2006. p. 23-52

_____. A psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n.4, out./dez., 2008, p. 641-651

POSTON JR., D. L.; BAUMLE, A. Patterns of asexuality in the United States. **Demographic Research**: Volume 23, Article 18, 2010, p. 509-530

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero, 2007. Disponível em: http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf

PRZYBYLO, Ela. Crisis and safety: the asexual in sexusociety. **Sexualities**, 14(4), 2011, p. 444-461

_____. Producing facts: empirical asexuality and the scientific study of sex **Feminism & Psychology**, 0 (0) p. 1-19, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/3275604/Producing_facts_Empirical_asexuality_and_the_scientific_study_of_sex Acesso em: 30/09/2013

_____. Some thoughts on asexuality as an interdisciplinary method **Psychology & Sexuality**, Volume 4, Issue 2, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19419899.2013.774167> Acesso em: 23/03/2014

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho de 2002, p. 77-91

ROHDEN, Fabíola. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009, p. 89-109,

ROSSI, C.; VILARONGA, C. A.; GARCIA, O. A.; LIMA, M. T.). Gênero e Diversidade na escola: reflexões acerca da formação continuada sobre assuntos da diversidade sexual. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí, Ano 27 nº 88 Jul./Dez. 2012a, p. 6-34

ROSSI, Célia R.; FREITAS, Dhilma L.; CHAGAS, Isabel. A formação continuada de professores(as) no Brasil e em Portugal: reflexões acerca da educação sexual nas instituições escolares. **A educação sexual na escola**. ELO 19 – Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda, Guimarães, p. 35-40, junho/2012b

ROTHBLUM, E. D.; BREHONY, K. A. **Boston Marriages – Romantic but asexual relationships among contemporary lesbians**. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1993

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality. In: **Culture, Society and Sexuality**. London: University College, 1999

RUSSO, Jane Araújo. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 95-109

SANTOS, Daniela B.; SILVA, Rosalina C. Sexualidade e Normas de Gênero em Revistas para Adolescentes Brasileiros. **Saúde Soc.** São Paulo, v.17, n.2, 2008, p.22-34

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio G. (org) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117

SCHERRER, K. S. Coming to an asexual identity: negotiating identity, negotiating desire. **Sexualities**, Vol 11(5), 2008, p. 621–641

_____. What asexuality contributes to the same-sex marriage discussion? **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, Volume 22, Issue 1 & 2, 2010, p. 56–73

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n.2, jul/dez, 1995, p. 71-99

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. 260 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003

_____. *Sigam-me os bons*: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, jan./mar. 2013, p. 145-159

SELWYN, N. ROBSON, K. Using e-mail as a research tool. **Social Research Update**. Issue 21, Summer 1998. Disponível em [HTTP://sru.soc.surrey.c.uk/SRU21.html](http://sru.soc.surrey.c.uk/SRU21.html), Acesso em: 09/12/2012

SETTON, Maria da Graça J.. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. v.28 n.1, São Paulo jan./jun. 2002, p. 107-116

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.17, n.2, 2005, p. 335-350

SHIVELY, M. G.; DE CECCO, J. P. Components of sexual identity. **Journal of Homosexuality**, Vol. 3 (1), 1977, p. 41-48

SIMÕES NETO, J. P.; ZUCCO, L.; MACHADO, M. D.; PICCOLO, F. A produção acadêmica sobre diversidade sexual. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, Dez/2011, p. 65-81

SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris – Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009

SPOSITO, M. P. (org.) **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009

SPOSITO, M. P. A pesquisa sobre jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, M. P. (org.) **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 17-56

STORMS, M. D. Theories of Sexual Orientation. **Journal of Personality and Social Psychology**, Vol. 38, No. 5, 1980, p. 783-792

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verónica. Socialização de gênero e adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1):216, janeiro-abril/2005, p. 147-162

VIANNA, Cláudia. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001/02, p.81-103

VIANNA, Cláudia.; CARVALHO; M. P.; SCHILLING, F. I.; MOREIRA, M. F. S. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise da produção acadêmica

entre 1990 e 2006. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 115, abr.-jun. 2011, p. 525-545. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 15/08/2012

VIANNA, Cláudia.; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** (33), julho-dezembro de 2009, p. 265-283

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82

WIEDERMAN, Michael W. The gendered nature of sexual scripts. **The family journal: counseling and therapy for couples and families**, Vol 13, No. 4, October, 2005, p. 496-502

YULE, M. A; BROTTTO, L. A.; GORZALKA, B. B. Mental health and interpersonal functioning in self-identified asexual men and women. **Psychology & Sexuality**, Routledge Taylor and Francis Group, 2013, p.136-151. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19419899.2013.774162> Acesso em: 10/12/2013

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, P. R. C; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. (orgs.) **Corpo, Gênero, Sexualidade – Composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: FURG, 2009, p. 85-103

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro de perguntas para entrevistas semiestruturadas por *e-mail*

Prezado/a entrevistado/a,

Muito obrigada por aceitar o convite para fazer parte desta pesquisa. O objetivo geral dessa entrevista é conhecer um pouco mais sobre a assexualidade, com foco na sua trajetória, as suas experiências, suas percepções sobre a vida das pessoas assexuais na sociedade. Estou interessada em conhecer o seu percurso, para entender como se dá esse processo de autoidentificação como assexual. Destaco que não há respostas certas ou erradas, suas respostas não serão julgadas ou avaliadas. As perguntas abrangem três focos principais. Primeiramente, o seu processo de autoidentificação como assexual; em segundo, como sua identificação como assexual é percebida por outras pessoas; por último, suas vivências como assexual nos diversos espaços sociais, com destaque para as experiências escolares.

- 1) Conte-me a história da “descoberta” da sua assexualidade, passando por todas as etapas (infância, adolescência, juventude, etc.). O objetivo aqui é conhecer as experiências que o/a levaram a identificar-se como assexual. Poderia descrever essas experiências?
- 2) Como, onde, quando, em que circunstâncias ouviu/leu a palavra *assexualidade* pela primeira vez? Antes disso, como você se identificava? O que mudou em sua vida quando conheceu o conceito de assexualidade? Por que acha que esse conceito se aplica a você?
- 3) Você se identifica abertamente como assexual para família, amigos? Em caso positivo, qual foi/é a reação das pessoas quando você revelou/a que é assexual? Pode contar algumas experiências? Se você nunca contou para ninguém que é assexual, como é viver dessa forma? Sente que um dia será necessário revelar para alguém? Como isso mudaria sua vida?
- 4) Agora vamos falar sobre suas experiências vivendo como assexual nos diversos espaços sociais. Você já foi discriminado/a por ser assexual (na família, na escola, na igreja, entre amigos, no trabalho, nos espaços de lazer)? Pode me contar como foi? Quais as principais dificuldades que você encontra como assexual nesses espaços? Sente alguma pressão da sociedade para ser diferente? Pode relatar essas experiências?
- 5) Agora, estou interessada em conhecer suas experiências com a educação sexual principalmente durante os anos escolares. As escolas que você estudou ofereciam programas de educação sexual? Como eram esses programas? De que modo esses programas atendiam (ou não) às suas necessidades como pessoa assexual? Como você acha que deveria ser um programa de educação sexual para atender pessoas assexuais?

Muito obrigada!

Apêndice 2 - Roteiro de perguntas para entrevistas semiestruturadas presenciais

FALA DE ABORDAGEM: Muito obrigada por aceitar o convite para fazer parte desta pesquisa. O objetivo geral dessa entrevista é entender como ocorre o processo de autoidentificação como assexual e como esta identificação impacta a vida de pessoas assexuais nos diversos espaços sociais. Em outras palavras, estou interessada na sua trajetória para conhecer as experiências que levaram você a se identificar como assexual e em que medida esta autoidentificação é determinante nas suas relações sociais com a família, escola, pares, religião, relacionamentos amorosos, trabalho, lazer, etc. Destaco que não há respostas certas ou erradas; suas respostas não serão julgadas ou avaliadas, o objetivo é somente conhecer suas percepções sobre os temas discutidos.

FOCO CENTRAL: O processo de autoidentificação como assexual e as experiências na vivência da assexualidade nos diferentes espaços sociais, com destaque para a escola.

- 1 Conte-me a história da sua autoidentificação como assexual.
- 2 Como, quando e onde ouviu a palavra assexualidade pela primeira vez? De que modo o conceito se aplica a você?

IN OFF: Qual o papel das comunidades virtuais de assexuais no conhecimento e construção do conceito de assexualidade para o/a entrevistado/a? Antes de conhecer o conceito de assexualidade, como o/a entrevistado/a se identificava?

- 3 Se você se identifica abertamente como assexual para outras pessoas (família, amigos/as, escola, trabalho, religião, relações amorosas, etc.) qual tem sido a reação delas?
- 4 Você já sofreu alguma discriminação por ser assexual? Em caso positivo, conte-me como foi. Quais as principais dificuldades em ser assexual na sociedade?
- 5 Quais foram suas experiências – sobretudo as escolares - com a educação sexual e de que modo a assexualidade estava (ou não) inserida? De que modo você pensa que a escola poderia incluir as pessoas assexuais em seus programas de educação sexual?

IN OFF: Se o/a entrevistado/a vive sua assexualidade em segredo, de que modo isso afeta suas relações sociais? O/A entrevistado/a já sofreu algum tipo de discriminação em relação à sua (as)sexualidade? De que forma a assexualidade interferiu/interfere em suas experiências juvenis – sobretudo nas experiências de lazer - com os pares? De que modo o/a entrevistado/a pensa que a escola pode ajudar jovens assexuais?

Apêndice 3 - Ficha de Cadastro

1. Sexo: _____
2. Idade: _____
3. Cidade onde mora: _____ Estado _____
4. Nível de Escolaridade: _____
5. Área de formação superior, se aplicável: _____
6. Profissão/ocupação: _____
7. Estado civil: _____
8. Tem filhos? _____ Quantos? _____ Idades: _____
9. Religião de criação: _____ Religião Atual: _____
10. Entre as opções abaixo, qual você considera sua cor/raça?
 Branca () Preta () Parda () Amarela/Asiática () Indígena ()
11. Incluindo você, quantas pessoas moram em sua casa? _____
12. Somando o ganho de toda a sua família, qual a renda mensal familiar?
 () Até R\$ 350,00
 () De R\$ 350,00 até R\$ 1.500,00
 () De R\$ 1.500,00 até R\$ 3 mil
 () Mais de R\$ 3 mil
13. Quais dos seguintes meios de informação você acessa?
 jornais ()
 revistas ()
 televisão ()
 internet ()
 Outros/quais? _____
14. Se usa a internet, qual o conteúdo acessado?
 Redes Sociais ()
 e-mails ()
 sítios de pesquisa ()
 comunidades ()
 Outros/ Quais? _____
15. Com que frequência você se dedica a estas atividades?
 () Cinema () sempre () raramente () nunca
 () Teatro () sempre () raramente () nunca
 () Viagens () sempre () raramente () nunca
 () “Baladas” () sempre () raramente () nunca
 () Prática de esportes () sempre () raramente () nunca
 () Outro/s Qual/ais? _____
16. Que conteúdos de televisão costuma assistir?
 Novelas () Filmes () Noticiários () Programas de entrevistas ()
 Programas de auditório () Esportes ()
 Outros/Quais? _____

Apêndice 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, nascido/a em _____/_____/_____ concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa para a elaboração da tese de doutorado intitulada “Trajetórias assexuais na sociedade do desejo sexual compulsório” que tem como pesquisadora responsável **Elisabete Regina Baptista de Oliveira**, aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientada pela **Professora Doutora Cláudia Pereira Vianna**, as quais podem ser contatadas pelos *e-mails* elisabete.regina.oliveira@usp.br e cpvianna@usp.br ou telefones (11) 2737-7556/ (11) 97129-1790 ou (11) 3091-3342.

Fui informado/a de que a pesquisa tem como objetivo conhecer as trajetórias e experiências que me levaram à autoidentificação como assexual para fins de estudo e análise dos aspectos do processo de autoidentificação. Minha participação consistirá em conceder entrevista sobre esses temas à pesquisadora. Entendo que as entrevistas realizadas pessoalmente, por telefone, ou por Skype serão gravadas para fins de estudo, o material será transcrito e seu conteúdo utilizado para análise pela pesquisadora. As entrevistas realizadas por *e-mail* terão seu conteúdo textual analisados da mesma forma.

Todas as informações obtidas terão tratamento confidencial e sigiloso e não será fornecido o nome verdadeiro da/o entrevistada/o, bem como nenhuma informação que possa levar à identificação direta da/o mesma/o, seja na tese ou em artigos, publicações e apresentações que possam advir da pesquisa.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas de pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Estou ciente de que posso retirar meu consentimento quando quiser, e que não receberei nenhuma remuneração em decorrência de minha participação.

Local: _____ **Data:** _____/_____/_____

Assinatura da/o entrevistada/o: _____

Autorização do/a Responsável (para entrevistados/as menores de 18 anos)

NOME DO/A RESPONSÁVEL:

ASSINATURA DO/A RESPONSÁVEL:

Pesquisadora: Elisabete Regina Baptista de Oliveira, Nr. USP 3669926, RG 12.462.770-5

Assinatura da pesquisadora: _____

Apêndice 5 - Entrevistas concedidas pela pesquisadora à mídia

Televisão

- *Jornal da Cultura*, TV Cultura, 2012 e 2014
- *Gabi Quase Proibida*, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), 2013
- *Amaury Júnior*, RedeTV, 2012

Jornais

- *Assexualidade não é transtorno*, Folha de Londrina, 2012
- *Amor sem sexo não é amizade*, Jornal Correio da Bahia - Revista Nove, 2012
- *Os assexuados - a diversidade dentro da diversidade*, Folha de São Paulo, 2012
- *Sexo? Nunca!*, Diário do Grande ABC, 2011
- *Bolo é melhor que sexo?*, Correio Braziliense, 2011
- *Sem tesão, há solução*, Jornal Zero Hora (Porto Alegre), 2011
- *Revolução Assexual*, Folha de São Paulo - Folhateen, 2011

Revistas

- *Virginité tardive: quelles sont les vraies raisons?*, Revista Marie Claire, 2013
- *Eles não pensam naquilo!*, Revista Malú, publicado em 2012
- *Assexuais fora do armário*, Revista Bianchini, 2012
- *Vida sem sexo*, Revista MetrÓpole, Jornal Correio Popular (Campinas), 2012
- *O sexo dos Anjos*, Revista Dia Melhor, 2011
- *Os assexuados: conheça a tribo que defende o direito de não transar*, Revista Marie Claire, 2010

Portais On-line

- *Assexuais vivem bem sem sexo, mas podem ter um relacionamento*, UOL, 2014
- *Trajatória de jovens assexuais é tema de doutorado na USP*, Agência Universitária de Notícias, 2012
- *Por que precisamos falar de assexualidade*, Blogueiras Feministas, 2011